

MARIA ZELMA MENESES DE SANTANA MATOS

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO SUJEITO
PRONOMINAL NA FALA URBANA ITABIENSE**



ARARAQUARA
2009

MARIA ZELMA MENESES DE SANTANA MATOS

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA URBANA ITABIENSE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara-SP, como requisito para obtenção do título de Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck.

ARARAQUARA
2009

Matos, Maria Zelma Meneses de Santana

A realização variável do sujeito pronominal na fala urbana
itabiense / Maria Zelma Meneses de Santana Matos – 2009

269 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,

Campus de Araraquara

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Lingüística. 2. Sociolingüística.

3. Português brasileiro -- Língua falada -- Brasil. I. Título.

MARIA ZELMA MENESES DE SANTANA MATOS

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA URBANA ITABIENSE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara-SP, como requisito para obtenção do título de Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck.

Data da Defesa: 01/06/2009

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck (UNESP)

Membro Titular:

Prof^a Dr^a Ângela Cecília de Souza Rodrigues (USP)

Membro Titular:

Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Membro Titular:

Prof^a Dr^a Beatriz Nunes de Oliveira Longo (UNESP)

Membro Titular:

Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva (UNESP)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

**Ao meu esposo Nelson
e aos meus filhos Rodolfo,
Mariana, Marina e Rafael,
pela compreensão
da minha ausência em
alguns momentos de suas vidas.**

AGRADECIMENTOS

Considero a elaboração de uma tese de Doutorado um produto coletivo, embora seja predominantemente individual a sua redação. A todos aqueles que contribuíram para que este trabalho fosse realizado, registro o meu agradecimento.

Primeiramente, a Deus, pela suficiente energia que me foi doada para mover a produção desta pesquisa.

À prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck, minha orientadora, pela sua competência científica, além de ser uma pessoa dotada de um espírito humanístico que a qualifica como um ser humano especial; pelo voto de confiança que proporcionou o meu crescimento enquanto pesquisadora; pela sua disponibilidade irrestrita, que me permitiu chegar à conclusão deste estudo.

Aos moradores da cidade de Itabi-SE que contribuíram com sua FALA, ferramenta indispensável para a realização desta pesquisa, como também, pelo tempo disponível que dedicaram a mim e pela presteza com que fui recebida em seus lares.

Ao programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Araraquara - SP, representado pela coordenadora Prof^a Dr^a Renata Maria Facuri Coelho Marchezan, pela oportunidade de concretizar o meu crescimento científico e profissional.

Ao corpo docente do programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara - SP, Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck; Prof^a Dr^a Marymarcia Guedes; Prof^a Dr^a Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin; Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari; Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari, e, Prof^a Dr^a Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora – Portugal), pela amizade desfrutada e pelos conhecimentos recebidos durante o curso de Doutorado.

Aos senhores membros da banca de Qualificação, Prof^a Dr^a Beatriz Nunes de Oliveira Longo (UNESP) e Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva (UNESP), pelo tratamento gentil e pelas sugestões significativas transmitidas.

Aos professores da banca de Doutorado Prof^a Dr^a Ângela Cecília de Souza Rodrigues (USP), Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Prof^a Dr^a Beatriz Nunes de Oliveira Longo (UNESP) e Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva (UNESP), pela participação que, com certeza, contribuirá para ampliar a qualidade desta tese.

Aos meus filhos Rodolfo, Mariana, Marina e Rafael, pela compreensão de não poder compartilhar de alguns momentos em suas vidas; pelo ambiente harmonioso que me propiciaram para a realização deste estudo.

Ao meu esposo Nelson, que sempre me incentivou à busca de qualificação profissional, mesmo que, para este objetivo ser atingido, assumisse, durante a minha ausência, toda a responsabilidade do nosso lar; pela sua dedicação aos nossos filhos; pelo seu carinho e compreensão a mim dispensados durante este estudo.

À minha mãe, Mariana Meneses de Santana (*in memorian*), que não teve o prazer de estar ao meu lado na minha vida acadêmica, mas, acreditando, mesmo em outro plano, na continuidade da vida, creio que, de onde se encontra, pôde me acompanhar e me orientar, ao iluminar o meu pensamento nas análises e redação desta tese.

Ao meu pai, José Bernardino de Santana, por transmitir sempre força e coragem para superar qualquer obstáculo.

À Irmã Maria de Deus, a minha “titia freira”(*in memorian*), que muito me incentivou em meus estudos.

Aos colegas e amigos, Alexandre Monte, Sabrina Balsalobre, William Ramos, Juliana Bertucci, Talita Marine, Gislaine Carvalho, Niguelme Arruda, pela convivência e troca de experiências marcadas por discordâncias, convergências e debates ao longo do curso, motor essencial da dinâmica acadêmica.

Aos parentes, amigos, alunos, e a todos os demais que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha irmã, Ângela Cristina, que cooperou entusiasmadamente no registro de algumas fotos.

À dona Leila, pela sua companhia carinhosa ao lado dos meus filhos.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação da UNESP - Campus de Araraquara (SP), pelo atendimento respeitoso que sempre me dispensaram durante a realização do curso.

À SEED-Secretaria de Estado da Educação (SE), por ter-me concedido a liberação das atividades educacionais para a realização do curso de Doutorado, fato este que muito contribuiu para a viabilização desta tese.

RESUMO

Este estudo analisa a realização variável do sujeito pronominal na fala dos moradores da cidade de Itabi-Sergipe-Brasil. O *corpus* é constituído de 1223 ocorrências de sujeito pronominal de doze homens e doze mulheres, falantes analfabetos e universitários, com idade a partir de 20 anos. Para esta análise, adota-se como embasamento teórico a Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas. Os resultados gerais revelam que o sujeito nulo, independentemente de sua especificidade, é a variante predominante, confirmando assim, na fala urbana itabiense, a existência de uma das propriedades que caracterizam as línguas *pro-drop*. Ao distribuir os dados de acordo com a escolaridade, o sexo e a idade dos informantes como também em relação aos fatores lingüísticos, verifica-se que há contextos em que já prenunciam a direção da mudança.

Palavras-chave: Sujeito pronominal. Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas. Língua falada. Português brasileiro.

ABSTRACT

This paper examines the variable realization of pronominal subject in the speech of the inhabitants from the Brazilian town of Itabi, in the state of Sergipe. The *corpus* is comprised of 1.223 occurrences of pronominal subjects produced by twelve men and twelve women aged 20 and over, sixteen of them illiterate and eight of them educated at college level. The analysis is based on The Theory of the Linguistic Variation and Change and the results show that the null subject, regardless of its specificity, is the predominant variant in the *corpus*. Since the null subject is one of the properties which characterize *pro-drop* languages, and according to variables such as education, gender and age of the informants, besides linguistic factors, the results indicate change in the realization of the subject.

Keywords: Pronominal subject. Theory of the Linguistic Variation and Change. Spoken language. Brazilian Portuguese.

LISTA DE FOTOS E MAPAS

Foto 1 – Vista parcial da cidade de Itabi-Sergipe	35
Foto 2 – A feira da cidade de Itabi-SE	38
Foto 3 – Comidas típicas: pés-de-moleque, “má-casada”	39
Foto 4 – Comidas típicas (da frente para o interior da foto): puba, queijadas, sequilhas, bolos	39
Foto 5 – Pedra da Paciência, Itabi-SE	40
Mapa 1 – Mapa do Estado de Sergipe	41
Mapa 2 - O Município de Itabi e seus Limites Geográficos	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocorrência de sujeito nulo, no PB, por período analisado	34
Gráfico 2 - Sujeito pronominal empregado pelos homens segundo a escolaridade	82
Gráfico 3 - Sujeito pronominal empregado pelas mulheres segundo a escolaridade	82
Gráfico 4 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	83
Gráfico 5 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	84
Gráfico 6 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres jovens universitários ...	84
Gráfico 7 - Sujeito pronominal empregado por homens analfabetos segundo a idade	85
Gráfico 8 - Sujeito pronominal empregado por mulheres analfabetas segundo a idade	85
Gráfico 9 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado pelos homens jovens	93
Gráfico 10 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado pelas mulheres jovens ..	94
Gráfico 11 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	95
Gráfico 12 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	96
Gráfico 13 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres jovens universitários	96
Gráfico 14 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens analfabetos	97
Gráfico 15 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por mulheres analfabetas	97
Gráfico 16 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado pelos homens jovens	107
Gráfico 17 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado pelas mulheres jovens ...	108
Gráfico 18 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	108
Gráfico 19 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	109
Gráfico 20 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres jovens universitários	109
Gráfico 21 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens analfabetos	110
Gráfico 22 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por mulheres analfabetas	110
Gráfico 23 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado pelos homens jovens	118
Gráfico 24 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado pelas mulheres jovens	119
Gráfico 25 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	119
Gráfico 26 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	120
Gráfico 27 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres jovens universitários	120
Gráfico 28 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens analfabetos	121
Gráfico 29 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por mulheres analfabetas ...	121
Gráfico 30 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado pelos homens jovens	130
Gráfico 31 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado pelas mulheres jovens	131
Gráfico 32 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	132

Gráfico 33 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	133
Gráfico 34 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres jovens universitários	133
Gráfico 35 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens analfabetos	134
Gráfico 36 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por mulheres analfabetas	134
Gráfico 37 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado pelos homens jovens	141
Gráfico 38 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado pelas mulheres jovens	142
Gráfico 39 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	143
Gráfico 40 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	144
Gráfico 41 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres jovens universitários	144
Gráfico 42 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens analfabetos	145
Gráfico 43 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por mulheres analfabetas	146
Gráfico 44 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado pelos homens jovens	158
Gráfico 45 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado pelas mulheres jovens	159
Gráfico 46 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	160
Gráfico 47 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	160
Gráfico 48 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres jovens universitários	161
Gráfico 49 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens analfabetos ...	162
Gráfico 50 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por mulheres analfabetas .	162
Gráfico 51 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado pelos homens jovens	182
Gráfico 52 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado pelas mulheres jovens	183
Gráfico 53 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres jovens analfabetos	184
Gráfico 54 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos	184
Gráfico 55 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres jovens universitários	185
Gráfico 56 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens analfabetos ...	186
Gráfico 57 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por mulheres analfabetas .	186
Gráfico 58 - Porcentagem da retenção pronominal no sujeito e objeto direto - Tarallo (1996)	217
Gráfico 59 - Percentuais da retenção pronominal na fala de Itabi-SE	218
Gráfico 60 - Percentuais das categorias vazias sujeito e objeto na fala de Itabi-SE	218
Gráfico 61 - Percentuais de sujeito nulo em pequenas comunidades	220
Gráfico 62 - Estratégias preferidas de indeterminação do sujeito nas comunidades rurais da Bahia	234
Gráfico 63 - Estratégias preferidas de indeterminação do sujeito na fala urbana itabiense .	236

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Emprego geral do sujeito pronominal na fala urbana itabiense	70
Tabela 2 - Realização do sujeito pronominal segundo a especificidade do sujeito em Estados brasileiros	71
Tabela 3 - Distribuição das ocorrências segundo a especificidade do sujeito na fala urbana itabiense	73
Tabela 4 - Especificidade do sujeito em pesos relativos	74
Tabela 5 - Frequência do sujeito específico em alguns Estados brasileiros	79
Tabela 6 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito específico de referência definida	80
Tabela 7 - Emprego geral do sujeito específico de referência definida segundo a pessoa gramatical	86
Tabela 8 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	88
Tabela 9 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	89
Tabela 10 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	90
Tabela 11 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	90
Tabela 12 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	91
Tabela 13 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Homens universitários [20 – 49 anos])	91
Tabela 14 - Desinência verbal e pessoas gramaticais NÓS - VOCÊS - ELES/ELAS	99
Tabela 15 - Desinência verbal e pessoa gramatical ELES/ELAS	100
Tabela 16 - Emprego geral do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente	103
Tabela 17 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	104
Tabela 18 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	104
Tabela 19 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	105
Tabela 20 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	105
Tabela 21 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	105
Tabela 22 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens universitários [20 – 49 anos])	106
Tabela 23 - Sujeito pronominal em língua falada segundo o referente da oração anterior ..	111
Tabela 24 - Sujeito pronominal em língua escrita segundo o referente da oração anterior .	111
Tabela 25 - Realização geral do sujeito específico em relação ao referente da oração anterior	114
Tabela 26 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	115
Tabela 27 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	115

Tabela 28 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	116
Tabela 29 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	116
Tabela 30 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	117
Tabela 31 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens universitários [20 – 49 anos])	117
Tabela 32 - Ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos falantes urbanos itabienses e a distância de seu antecedente	125
Tabela 33 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens analfabetos [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente	126
Tabela 34 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens analfabetos [acima de 65 anos] e a distância de seu antecedente.....	126
Tabela 35 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres analfabetas [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente	127
Tabela 36 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres analfabetas [acima de 65 anos] e a distância de seu antecedente	127
Tabela 37 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres universitárias [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente	128
Tabela 38 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens universitários [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente	128
Tabela 39 - Realização geral do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito	136
Tabela 40 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	137
Tabela 41 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	137
Tabela 42 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	138
Tabela 43 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	138
Tabela 44 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	139
Tabela 45 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito (Homens universitários [20 – 49 anos])	139
Tabela 46 - Expressão geral do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração ..	152
Tabela 47 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	153
Tabela 48 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	154
Tabela 49 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	155
Tabela 50 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	155

Tabela 51 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	156
Tabela 52 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração (Homens universitários [20 – 49 anos])	156
Tabela 53 - Cruzamento de correferência com o tipo de oração	163
Tabela 54 - Emprego geral do sujeito pronominal específico indefinido	165
Tabela 55 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito específico indefinido	166
Tabela 56 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	167
Tabela 57 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	167
Tabela 58 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	168
Tabela 59 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	168
Tabela 60 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	169
Tabela 61 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Homens universitários [20 – 49 anos])	169
Tabela 62 - Cruzamento de correferência de sujeito específico indefinido com o tipo de oração	171
Tabela 63 - Emprego geral do sujeito pronominal genérico	173
Tabela 64 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito genérico	175
Tabela 65 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [20 – 49 anos])	176
Tabela 66 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [acima de 65 anos])	176
Tabela 67 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])	177
Tabela 68 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])	177
Tabela 69 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])	178
Tabela 70 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos segundo a pessoa gramatical (Homens universitários [20 – 49 anos])	178
Tabela 71 - Cruzamento de correferência de sujeito genérico com o tipo de oração	181
Tabela 72 - Distribuição do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o grupo de pessoas.....	197
Tabela 73 - Percentuais de uso do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o grupo de pessoas.....	197
Tabela 74 - Percentuais de uso do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o tipo de retomada.....	198
Tabela 75 - As pessoas gramaticais empregadas na retomada do SN na fala urbana itabiense.....	199
Tabela 76 - Duplo sujeito <i>versus</i> pessoas gramaticais e a faixa etária na fala urbana itabiense.....	199
Tabela 77 - Distribuição do duplo sujeito segundo o tipo de retomada e o uso da pausa/não-pausa na fala urbana itabiense.....	200

Tabela 78 - Percentuais de sujeito nulo quando o verbo está na 3ª pessoa do singular independentemente do sujeito e com o verbo e sujeito na 3ª pessoa do singular – nas três amostras	211
Tabela 79 - Sujeito pronominal específico: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal	213
Tabela 80 - Sujeito pronominal específico indefinido: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal	214
Tabela 81 - Sujeito pronominal genérico: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal	215

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Paradigmas pronominais e flexionais em PB - Duarte (1995)	32
Quadro 2 - Demonstração do perfil extralingüístico dos vinte e quatro informantes	48
Quadro 3 – Síntese dos fatores lingüísticos e sociais favorecedores do sujeito nulo	68
Quadro 4 – Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> pessoa gramatical	75
Quadro 5 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> correferência	76
Quadro 6 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> elementos antepostos	76
Quadro 7 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> animacidade	76
Quadro 8 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> sexo	77
Quadro 9 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> escolaridade	77
Quadro 10 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> forma verbal (desinências)	77
Quadro 11 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> especificidade	78
Quadro 12 - Peso relativo: sujeito nulo <i>versus</i> tipo de oração	78
Quadro 13 - Sujeito nulo segundo o traço semântico do referente – Duarte (1995)	102
Quadro 14 - Sujeito pronominal segundo o tipo de oração - Averbug (2000)	151
Quadro 15 - Duplo sujeito <i>versus</i> referência e faixa etária - Duarte (1995)	190
Quadro 16 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Duarte (1995) – RJ	207
Quadro 17 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Duarte (1995) – PE	207
Quadro 18 - Sujeito nulo nas três comunidades rurais – pesquisa de Almeida (2005) – BA	207
Quadro 19 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C1)	208
Quadro 20 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C2)	208
Quadro 21 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C3)	208
Quadro 22 - Percentuais de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular na fala dos moradores mais jovens da cidade de Itabi-SE	209
Quadro 23 - Percentuais de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular na fala dos moradores mais velhos da cidade de Itabi-SE	210
Quadro 24 - Porcentagem da retenção pronominal no sujeito e objeto direto - Tarallo (1996)	216
Quadro 25 - Frequência do sujeito nulo de referência definida em alguns estudos segundo a animacidade	223
Quadro 26 - Percentuais do sujeito nulo de referência definida segundo o tipo de oração – nas três amostras das comunidades rurais	227
Quadro 27 - Percentuais de sujeito nulo de referência arbitrária de acordo com as pessoas gramaticais nas três amostras das comunidades rurais	229
Quadro 28 - Formas pronominais lexicalizadas empregadas como sujeito genérico alguns Estados brasileiros	231
Quadro 29 - Pessoas gramaticais que atuam como sujeito arbitrário em cada faixa etária nas três comunidades rurais	232
Quadro 30 - Formas plenas que atuam como sujeito arbitrário em cada faixa etária nas três comunidades rurais	233
Quadro 31 - Formas plenas que atuam como sujeito arbitrário na fala dos moradores da cidade de Itabi-SE	235

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. APRESENTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL	22
1.1 Formas Pronominais na Função de Sujeito	22
1.2 Definição e Emprego do Sujeito Pronominal segundo a Tradição Gramatical	23
1.3 Posição dos Lingüistas em relação ao Sujeito Pronominal	26
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE DE ITABI-SERGIPE	35
2.1 Considerações Históricas	35
2.2 Considerações Atuais (2009)	37
2.3 Considerações sobre a Localização Geográfica	40
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	43
3.1 Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas	43
3.2 Constituição do <i>Corpus</i>	46
3.3 Seleção dos Dados para a Análise	48
3.3.1 Variantes de Sujeitos Pronominais na Fala Urbana Itabiense dos seis Grupos	48
3.3.2 Critérios para Levantamento dos Dados	51
3.4 Grupos de Fatores para a Análise	55
3.4.1 Grupos de Fatores, especificamente, para Investigação do Duplo Sujeito	58
3.5 O Papel da Especificidade na Realização Variável do Sujeito Pronominal	59
4. RESULTADOS GERAIS DA FALA URBANA ITABIENSE	68
4.1. Grupos de Fatores Considerados Relevantes para o Sujeito Nulo	74
4.2 Sujeito Específico Definido no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense	79
4.2.1 Resultados Gerais sobre o Uso do Sujeito Pronominal Específico Definido e Condicionamentos Sociais	81
4.2.2 Pessoa Gramatical	86
4.2.2.1 Pessoa Gramatical e Condicionamentos Sociais	93
4.2.3 Emprego das Formas Verbais correspondentes às Pessoas Gramaticais NÓS - VOCÊS - ELES/ELAS e a Ausência/Presença de Sujeito Específico Lexicalizado	98

4.2.4 Emprego do Sujeito Pronominal de 3ª Pessoa (singular e plural) segundo o Traço Semântico do Antecedente	102
4.2.4.1 Traço Semântico do Antecedente e Condicionamentos Sociais	107
4.2.5 Emprego do Sujeito Pronominal segundo o Referente da Oração Anterior: igual ou diferente.....	111
4.2.5.1 Correferencialidade do Sujeito e Condicionamentos Sociais	118
4.2.6 Emprego do Sujeito Pronominal de 3ª Pessoa (singular e plural) segundo a Distância entre o Elemento Anafórico e o seu Antecedente	122
4.2.6.1 Distância entre o Elemento Anafórico e o seu Antecedente e Condicionamentos Sociais	130
4.2.7 Emprego do Sujeito Pronominal segundo a Presença ou a Ausência de Elementos Antepostos ao Sujeito	135
4.2.7.1 Presença ou Ausência de Elementos Antepostos ao Sujeito e Condicionamentos Sociais	141
4.2.8 Emprego do Sujeito Pronominal segundo o Tipo de Oração	146
4.2.8.1 Tipo de Oração e Condicionamentos Sociais	158
4.2.8.2 Emprego do Sujeito Pronominal <i>versus</i> Tipo de Oração e Correferência	163
4.3 Sujeito Específico Indefinido no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense ..	165
4.3.1 Pessoa Gramatical	167
4.3.2 Emprego do Sujeito Pronominal Indefinido <i>versus</i> Tipo de Oração e Correferência ..	171
4.4 Sujeito Genérico no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense	172
4.4.1 Pessoa Gramatical	176
4.4.2 Emprego do Sujeito Genérico <i>versus</i> Tipo de Oração e Correferência	181
4.5 Especificidade e Condicionamentos Sociais	182
4.6 Duplo Sujeito no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense	187
4.6.1 Resultado de Duplo Sujeito na Cidade de Itabi – SE	192
4.6.1.1 Tipos de retomadas do SN encontrados na fala da cidade de Itabi – SE	198
 5. A FALA URBANA ITABIENSE DIALOGANDO COM A FALA DE TRÊS COMUNIDADES RURAIS	 203
 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 241
 REFERÊNCIAS	 243

ANEXO A - Ficha social sobre o informante	248
ANEXO B - Proposta de Roteiro da Entrevista Espontânea	250
ANEXO C - Sujeito específico definido: resultados referentes a grupos de fatores não selecionados pelo VARBRUL	251

INTRODUÇÃO

Este estudo, de caráter descritivo, visa à análise do uso do *sujeito pronominal* na fala de doze homens e doze mulheres, moradores da cidade de Itabi – Sergipe, falantes analfabetos e escolarizados (formação universitária), com idade a partir de 20 anos. A perspectiva teórica em que se insere este estudo é a Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas, postulada por Labov (1972, 2008), que pressupõe a heterogeneidade da língua, estando esta sujeita à variação e mudança, mas sendo possível, por meio da relação entre estruturas lingüísticas e sociais, a análise sistemática das variações. Para tal análise, levam-se em consideração fatores sociais ou extralingüísticos como idade, sexo, nível de escolaridade, classe social etc. e os fatores lingüísticos como estrutura sintática, morfológica, fonético-fonológica, semântica, lexical etc.

O modelo variacionista criado por Labov tem por objetivo responder como ocorre a mudança lingüística, que se explica por meio das variações que se observam em relação a fatores lingüísticos e sociais. E, para explicitar essa mudança, parte de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema lingüístico que serve à comunidade de fala, plural e heterogênea, deve ser, também, plural e heterogêneo para desempenhar plenamente as suas funções; (ii) os processos de mudança lingüística se atualizam na variação observada nos padrões de comportamento lingüístico na comunidade de fala, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, esta não implica necessariamente mudança em curso (LABOV, 1966, 1972, 2008 e 1982, e, WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

A variação lingüística faz parte da natureza humana, já que a sociedade é heterogênea. São as diferenças sociais, refletidas na língua, que impulsionam a variação e/ou mudança. Com base nisto, buscou-se verificar o que as estruturas lingüísticas e sociais da comunidade de fala itabiense revelam em relação ao sujeito pronominal.

E, para que o fenômeno lingüístico apresentado - *sujeito pronominal* na fala urbana itabiense - seja analisado de uma maneira mais exaustiva, este estudo se propõe, especificamente, a:

- 1) Observar qual é a variante de *sujeito pronominal* mais produtiva.
- 2) Verificar o uso dessas variantes sintáticas correlacionado a fatores lingüísticos de natureza morfológica, semântica, sintática, e, de natureza textual-discursiva.

- 3) Observar, também, o uso dessas variantes sintáticas correlacionado a fatores extralingüísticos, tais como: sexo, idade e nível de escolaridade.

Sendo assim, espera-se que a variação entre *sujeito pronominal nulo* e *lexicalizado* seja determinada por fatores lingüísticos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos e por fatores sociais como escolaridade, sexo e idade. O conjunto de fatores lingüísticos no âmbito morfológico, sintático, semântico e discursivo está distribuído nos seguintes grupos: pessoa gramatical, tempo verbal, forma verbal flexionada ou não-flexionada das pessoas gramaticais do plural, tipo de verbo, elementos antepostos ao sujeito, elementos entre o sujeito e o verbo, tipo de oração, especificidade, animacidade, correferencialidade, e distância entre o elemento anafórico e o seu antecedente.

E, quais são as HIPÓTESES que norteiam esta investigação?

A hipótese geral é que, se a língua pertence ao grupo das línguas chamadas *pro-drop*¹, então, espera-se um percentual mais elevado de *sujeitos pronominais nulos* do que lexicalizados.

Mas, como estudos (TARALLO, 1983; DUARTE, 1995; MATTOS e SILVA, 2004) têm revelado resultados que o Português do Brasil (doravante PB) está se tornando uma língua de sujeito preenchido, relacionando a mudança do estatuto do sujeito nulo no PB à redução de seu paradigma verbal, então, considera-se como hipótese deste estudo, também, o enfraquecimento da flexão verbal, investigando, para isto, as pessoas gramaticais, na tentativa de se obter como resposta ou uma desinência verbal suficientemente, ainda, ‘rica’, que permita a identificação do sujeito ou uma desinência enfraquecida, tendo ao seu atrelamento o sujeito preenchido.

Assim, é diante desse embate teórico que emerge este estudo, cujo objetivo geral é investigar como se dá a realização do *sujeito pronominal*, objeto de estudo este que se refere aos elementos da língua que atualizam as várias pessoas gramaticais, seja na forma nula ou lexicalizada. Ou seja, quais são os contextos lingüísticos e sociais que inibem ou favorecem o uso do sujeito nulo ou do sujeito lexicalizado. As pessoas gramaticais, na referência de 3ª

¹ Roberts (1996) ressalta que a língua portuguesa pertence ao grupo das línguas chamadas *pro-drop*, ou seja, que permitem sujeito nulo (ou não-lexicalizado), por apresentarem uma desinência verbal suficientemente ‘rica’ que licencia a identificação do sujeito.

pessoa, têm função anafórica, ou seja, remetem a uma cadeia de referência, podendo o referente ser identificado quando se estabelece a relação entre a forma anafórica e um antecedente.

Cumprir registrar que a ausência de estudos no Estado de Sergipe, especificamente, na cidade de Itabi-SE, sobre o *sujeito pronominal* é um dos motivos justificáveis para a pesquisa. Para chegar a uma caracterização, de fato, do português brasileiro, é preciso que o maior número possível de variedades regionais seja descrito. No que se refere ao fenômeno em questão, apenas a comparação das variedades levará a conclusões sobre a extensão do processo no território brasileiro. Assim, espera-se que o presente estudo possa contribuir para ampliar o conhecimento científico na medida em que traga, não apenas resultados que representem acréscimos de evidências acerca da variação do sujeito pronominal como, também, outras apreensões que possam elucidar a relação sujeito pronominal e representação do sujeito.

Esta tese está organizada em cinco seções. A primeira será dedicada a uma apresentação do sujeito pronominal, mostrando, as formas pronominais na função de sujeito, como também o emprego do sujeito pronominal segundo a tradição gramatical, e a posição dos linguistas em relação à atuação do fenômeno linguístico referido.

Na segunda seção, será feita uma breve apresentação de Itabi-SE, cidade onde residem os informantes que forneceram a ferramenta indispensável para a realização desta pesquisa.

Na terceira, além da apresentação dos pressupostos teóricos, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados que orientarão o desenvolvimento da pesquisa.

As análises dos contextos favorecedores do sujeito nulo, como também do sujeito preenchido serão apresentadas na quarta seção.

Finalmente, na quinta seção, a fala urbana itabiense dialogará com a fala de três comunidades rurais da Bahia, na busca de algumas semelhanças entre os resultados.

1. APRESENTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

Nesta seção, apresenta-se o sujeito pronominal em relação (i) à representação semântica das formas pronominais, (ii) à definição e ao emprego segundo os gramáticos normativistas, (iii) à posição dos lingüistas.

1.1 Formas Pronominais na Função de Sujeito

Considerando que esta pesquisa trata do sujeito *pronominal*, antes de abordar o sujeito na perspectiva da gramática tradicional, faz-se necessário discutir um pouco sobre a realidade à qual o pronome se refere, apresentando algumas considerações sobre a representação semântica de um pronome.

Benveniste (1995 [1966]) afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (p. 286). O autor, observando que a noção de pessoa é própria somente de *eu/tu*, e falta em *ele*, afirma que “a ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. (...) na classe formal dos pronomes, os chamados de ‘terceira pessoa’ são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza” (p. 282). Ou seja, os pronomes de 3ª pessoa apresentam uma diferença fundamental em relação aos de 1ª e 2ª. Enquanto estes se caracterizam por seu valor dêitico², isto é, tomam referência a partir do sujeito da enunciação, tendo o valor fixo de *pessoa que fala* e *pessoa com quem se fala*, aqueles apresentam como característica específica um traço anafórico, no sentido de que não têm uma referência determinada, fixa, mas podem tomar como referente quaisquer seres presentes no contexto lingüístico ou pragmático da enunciação ou mesmo algum ser inferível no discurso.

Ratificando tais idéias, Câmara Jr. (1972) afirma que o pronome da terceira pessoa está ligado aos nomes, dos quais *ele* é um substituto. E, os pronomes da primeira e da segunda pessoa se referem às pessoas do discurso. Portanto, para Câmara Jr. (1972), o funcionamento do pronome *ele* difere dos demais no seu aspecto semântico e morfológico, e, “o que se vê, então, é apenas um demonstrativo, como em latim. A criação do pronome da terceira pessoa resulta de um tão grande enfraquecimento do valor dêitico, que passamos a nele ver uma forma separada do sistema dos demonstrativos” (p.50).

² Contrariando um pouco a posição de Benveniste, ressalta-se que o *ele* também não tem referência fixa, pode ser dêitico.

Fiorin (2004) contribui com a discussão, ressaltando que “enquanto *eu* e *tu* são sempre os participantes da comunicação, o *ele* designa qualquer ser ou não designa ser nenhum” (p. 164).

Benveniste (1995 [1966]) observa que *eu* e *tu* se referem a uma ‘realidade de discurso’. As instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há ‘objeto’ definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal. *Eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal. Benveniste (1995 [1966], p. 279) salienta que

A forma *eu* só tem existência lingüística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de *eu* como referente, e instância de discurso contendo *eu*, como referido. A definição pode, então, precisar-se assim: *eu* é o ‘indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*’. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de ‘alocução’, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o ‘indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*’. Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem.

É identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’ na situação de discurso.

1.2 Definição e Emprego do Sujeito Pronominal segundo a Tradição Gramatical

Bechara (2006) define *sujeito* como a unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação prediativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. O autor diz que, na verdade, é uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. O referido autor comenta o seu exemplo (1), a seguir:

(1) Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube.

No exemplo acima, os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud–o*) e *–mos* (*brinca–mos*), que indicam os sujeitos gramaticais “1ª pessoa do singular” e “1ª pessoa do plural”, respectivamente. Bechara (2006, p. 409) afirma que

estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1ª pessoa do singular no presente do indicativo:

Eu estudo.

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical “1ª pessoa do plural” está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho

Eu e minha colega

Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1ª, 2ª e 3ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Bechara (2006, p. 592) também afirma que

não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da “elipse” do sujeito, mas do “acrécimo de expressão que identifique ou explicita a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. **Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural**³:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu sairei ...*)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu foste ...*)

Mas:

Eu sairei, e tu ficarás.

Ignácio (2002), atendo-se ao critério gramatical da concordância, ressalta que o *sujeito* é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa.

Kury (2006) define *sujeito* como o termo que exprime o ser de quem se diz alguma coisa. Ex.: “A chuva cai”.

O referido autor (2006, p. 22) adverte que

nem sempre há necessidade de explicitar o sujeito de uma oração, seja porque já figura numa oração contígua, seja porque a desinência do verbo claramente o indica. Diz-se, então, que o sujeito está elíptico, ou oculto por “elipse”:

“Estou sozinho”. (O sujeito é o pron. *eu*, implícito na forma verbal *estou*);

“A empregada que D. Alice me arranhou traz-me o café e as refeições. É discreta e alheia”. (Corção, *LA*, 14.) – (O sujeito dos predicativos *discreta* e *alheia*, no 2º período, é o pron. *ela*, substituto de *a empregada que D. Alice me arranhou*, que não se repete por já ter aparecido no 1º período).

³ Grifo meu.

Outra observação de Kury (2006), em relação à sua posição favorável à omissão do sujeito: “caso muito comum de elipse é o do pronome pessoal sujeito, quando implícito na desinência verbal: *estou* = eu *estou*; *fizestes* = vós *fizestes*” (p. 18).

Rocha Lima (2006, p. 323), abordando a elipse do sujeito pronominal, afirma:

Por serem explícitas nossas desinências verbais, é comum a elipse do sujeito pronominal:

“-Queres talvez que vá acordar Carlos, para que me faça o favor de aceitar minhas prendas?” (JÚLIO DINIS)

Quando o sentido não distingue, evite-se a ambigüidade, pela expressão do sujeito; tal se dá entre as formas da 1ª e 3ª pessoas do singular do imperfeito, e do mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; presente, imperfeito e futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal: *lia*, *lera*, *leria*, *leia*, *lesse*, *ler*.

A ênfase, o vigor da expressão, freqüentemente querem o sujeito exposto:

“Religião divina, misteriosa e encantadora, *tu*, que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquência, *tu*, a quem devo todas as minhas aspirações, *tu*, minha estrela, minha consolação, meu único refúgio, toma esta coroa ...” (MONT’ALVERNE)

Cunha (1986) observa que os pronomes *eu*, *tu*, *ele (ela)*, *nós*, *vós*, *eles (elas)* são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, assim como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa, como mostram os exemplos meus (2), (3), (4) e (5).

- (2) ϕ Estudei muito para o concurso.
- (3) ϕ Vendeu toda a mercadoria.
- (4) ϕ Fizemos uma excelente viagem.
- (5) ϕ Chegamam atrasados na reunião.

1.3 Posição dos Lingüistas em relação ao Sujeito Pronominal

Nesta subseção, além de serem apresentadas algumas posições de lingüistas em relação ao uso do sujeito pronominal no PB, descreve-se o percurso histórico da forma *vós*

cujo desaparecimento, associado ao surgimento de outras formas - *você* e *a gente* como pronomes pessoais –, levou à simplificação nos paradigmas flexionais do PB (DUARTE, 1995; 1996; MATTOS e SILVA, 2004). Os mencionados autores alegam que este fato pode ter contribuído no processo crescente de lexicalização do sujeito.

Estudos sociolingüísticos mostram que o português do Brasil estaria se tornando, cf. (6), uma “língua de sujeito obrigatório” como o francês, deixando de ser uma “língua de sujeito nulo” como o Português Europeu (PE) e as demais línguas românicas (TARALLO, 1983; DUARTE, 1995; MATTOS e SILVA, 2004). Estes estudos mostram uma correlação entre a perda da propriedade *pro-drop*, que caracteriza as línguas de sujeito nulo e o enfraquecimento da flexão verbal.

(6) **Nós** fizemos uma excelente viagem. (Exemplo meu)

Como a realização do sujeito pronominal em uma situação comunicativa real, concreta, se apresenta na fala dos itabienses?

- (7) Doc. a senhora tem quantos anos ?
 Inf. ϕ nasci no dia parece...parece que ϕ nasci no dia onze de dezembro de mil novecentos e cinco
 Doc. mil novecentos e cinco...né?...ah::
 Inf. hun... ϕ já tenho noventa e cinco de ano...né?
 Doc. tem...mas tá aí né ainda...ainda vai viver ainda um pouco né a senhora...e a senhora nasceu onde...dona A⁴?
 Inf. ϕ nasci aqui no meu Itabi mesmo e aqui mesmo ϕ me criei e aqui ϕ morro... ϕ inda não morri mas ϕ tou pra isso
 Doc. a senhora nasceu aqui em Itabi?
 Inf. ϕ nasci aqui e ϕ me criei aqui e aqui ϕ vivi toda vida
 Doc. a senhora já estudou assim alguma vez?
 Inf. não
 Doc. não?
 Inf. ϕ num estudei nada... ϕ estudei muito foi enxada
 (Mulher de 95 anos, analfabeta)

⁴ A – letra inicial do nome da informante.

- (8) Doc. o que que você acha do mensalão que foi descoberto recentemente?...você acha que esse mensalão é coisa de agora ou já vem de muito tempo?...fale um pouco sobre isso aí
- Inf. o mensalão/...o mensalão éh/éh uma/...é uma ferida que infelizmente ϕ não/não não poderíamos éh/éh precisar...quando ϕ teve começo e jamais ϕ precisaremos quando ϕ terá fim
- Doc. hun
- Inf. porque...é uma coisa/...é uma práxis política...certo?...infelizmente...os políticos brasileiros...e por que não dizer da grande maior/maioria dos países do mundo...eles não entram éh/éh...na política visando o bem-estar do outro e sim o bem-estar de si próprio...eles só estão preocupados com o eu...a partir do momento que ϕ estou no poder...eu vou fazer meios de criar um caixa...DOis... ϕ vou fazer meio de juntar alguma coisa para no futuro próximo e numa próxima eleição eu ter como investir na minha próxima candidatura e assim vai aí...mensalões e mensalinhos o que vem/o que vem acontecendo é a corrupção...né?
- (Homem de 48 anos, universitário)

- (9) Doc. hun...e quando você era solteira...qual era a sua distração?
- Inf. minha distração...minha filha...era roça
- Doc. roça?
- Inf. sim
- Doc. trabalhava na roça ()
- Inf. olha...pra **você** ver... a distração da gente era roça...éh quando minha mãe vinha pra.../pra missa... ϕ trazia a gente pra igreja...né?
- Doc. hun
- Inf. éh onde **nós** vinha pra uma Via-Sacra...que **nós** só vinha mais ela...e:: quando ϕ chegava da roça...seis hora...aí...nós ia era...nó/ nó/nós ia era/... ϕ tomava café...só era ϕ tomar café...e diz ϕ fazia como os pinto...né?... ϕ subia pro poleiro pra ϕ ir dormir ((sorriu))...pra no outro dia... ϕ ir pra roça...catar algodão...catar fava
- Doc. e era... era?
- Inf. limpar a roça...era...a distração da gente era essa...nera dizer que ϕ ia passear não...mulher...é difícil...viu?
- (Mulher de 48 anos, analfabeta)

Como se observa nos exemplos apresentados, não há uma homogeneidade de usos do *sujeito pronominal* na comunidade de fala itabiense. Registram-se a ausência e a presença de formas lexicalizadas. A heterogeneidade que se evidencia será analisada de acordo com a Teoria da Variação e Mudança lingüísticas ou Sociolingüística Quantitativa, já que este modelo teórico fornece um aparato teórico-metodológico adequado para analisar as diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade - as variantes lingüísticas (LABOV, 1972, 2008). Cumpre ressaltar que a esse conjunto de variantes citado pelo autor dá-se o nome de variável lingüística. Recebe esta denominação,

porque o sujeito pronominal varia de acordo com o uso em cada contexto nos grupos de fatores lingüísticos e sociais.

E, quais são *as diversas maneiras de dizer a mesma coisa* em se tratando de sujeito pronominal?

Nos exemplos (7), (8) e (9), é evidente que os falantes ora usam uma forma pronominal, o sujeito nulo, ora usam outra, o sujeito preenchido. No exemplo (10), são descritas quatro possibilidades de se empregar o mesmo enunciado, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade, explicitando, desta maneira, a variação lingüística em relação ao sujeito pronominal.

- (10) a. Sei que vou ser escolhido.
 b. *Eu* sei que *eu* vou ser escolhido.
 c. _ Sei que *eu* vou ser escolhido.
 d. *Eu* sei que _ vou ser escolhido.

Em (10a), o falante emprega o sujeito nulo, que é determinado pela norma padrão⁵. Em (10b), os sujeitos pronominais são lexicalizados pelo falante. Tanto em (10c) quanto em (10d), há uma alternância entre nulo e lexicalizado, em relação ao emprego do sujeito de 1ª pessoa do singular.

As formas marcadas nos enunciados (10b), (10c) e (10d), em relação à forma padrão (10a), demonstram uma forma de *variação* presente, entre tantas, na fala brasileira. Os exemplos de 10a-d ilustram a variação no nível sintático, ou seja, a variação no uso do sujeito pronominal.

Duarte (1995) ressalta que, no Brasil, a perda do Princípio “Evite Pronome” tem como causa a sobrecarga da forma verbal correspondente à terceira pessoa em função da perda, em quase todo o território nacional, do uso do *tu* e do *vós* e sua substituição pelas formas *você* e *vocês*. Este processo só veio contribuir para que a mudança se acelerasse, ou seja, para que ocorresse o preenchimento do sujeito. A autora também faz referência ao paulatino desaparecimento do pronome *nós*, substituído pela expressão *a gente*, que usa igualmente a forma verbal de terceira pessoa do singular.

⁵ Conforme foi apresentado sobre o emprego do sujeito pronominal segundo a tradição gramatical.

A grande maioria das Gramáticas Normativas (CUNHA, 1986; ROCHA LIMA, 2006) apresenta o paradigma dos sujeitos pronominais como constituído das formas eu – tu – ele, nós – vós – eles, respectivamente pessoas do singular e do plural. No entanto, Menon (1995), ao descrever o percurso histórico da forma *vós*, ressalta que o que se observa na realização da língua, no PB, é o desaparecimento desse pronome, tanto na modalidade da língua falada quanto da escrita. O mesmo não acontece com o seu correlato do singular *tu*, pois o seu uso, restrito a algumas áreas, mais ou menos definidas, ainda ocorre. Assim, fatos histórico-sociais, econômicos e políticos levaram ao surgimento de novas expressões verbais, adequadas às relações e situações da sociedade.

Para Menon (1995), as modificações na representação da 2ª pessoa começaram pela forma plural *vós*, por ser a menos marcada. No português medieval, até o século XIV, empregava-se a forma *vós* tanto para se referir a mais de um interlocutor (correspondendo à noção de 2ª pessoa do plural) como a apenas um interlocutor, de posição social ou hierárquica mais elevada ou por razões de idade, pois as convenções sociais vigentes exigiam do falante a utilização de uma forma de tratamento respeitoso. Assim, o *vós* era a forma polida de se dirigir ao interlocutor. O tratamento com a forma *tu* era reservado para os iguais ou de superior para inferior, sendo, então, bem marcado. Menon (1995, p. 93) explicita a noção de “marca”, revelando que

uma pessoa não podia empregar *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida. Isso seria violar as regras de conduta da sociedade da época, por ter a forma *tu* um uso bem específico, em casos bem determinados. Ao contrário, a forma *vós* podia ser empregada mais largamente por não ter restrições de uso, sendo assim menos marcada: não se transgride nenhuma regra social, não se ofende ninguém com um tratamento respeitoso.

No século XIV e, sobretudo, no século XV, houve a introdução de formas mais respeitosas para se dirigir ao rei: Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência e Vossa Majestade. A referida autora chama a atenção para o emprego de “vossa = de vós”, forma respeitosa de tratamento que se mantém associada a um nome. Menon (1995) expõe a ordem cronológica de surgimento dessas construções respeitosas, a saber, *Vossa*

Mercê, forma documentada em 1331; *Vossa Senhoria*, em 1434; *Vossa Majestade*, em 1442; *Vossa Alteza*, em 1450, e, *Vossa Excelência*, em 1455.

A autora ressalta que a forma *você*, oriunda da forma honorífica *Vossa Mercê*, sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro, numa relação de inferior para superior; em seguida, numa relação de igual para igual, e, de superior para inferior.

No Brasil, a forma *você(s)* é empregada, praticamente, em quase todo o país, entre pessoas íntimas ou de superior para inferior, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa. Menon (1995) lembra que, quando o Brasil foi colonizado, em Portugal, o processo de arcaização do *vós* já estava avançado, assim como o da mutação fonética de *Vossa Mercê*, na época, utilizado entre os não-nobres, em Portugal.

Com a introdução do novo par – *você/vocês* – para se dirigir ao(s) interlocutor(es), evidencia-se, na língua, uma assimetria no paradigma das formas do sujeito pronominal: o *vós* já havia desaparecido e o *tu* passou a conviver com as novas formas – *você/vocês*. Na forma *vocês*, que se integrou no paradigma dos sujeitos pronominais, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa, os falantes percebem, ali, a marca de plural, o que não acontecia com o outro par, constituído de pessoas diferentes – *tu/vós*. Porém, como argumenta Menon (1995), o antigo uso respeitoso do plural continua a existir, em situações como, por exemplo, quando alguém se dirige a uma única pessoa, que exerce uma função de gerente, e pergunta: *vocês* produzem tal produto?, ou, *vocês* prometem a entrega imediata do produto x? No singular, as formas *tu/você* coocorrem, em algumas regiões do país (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, algumas áreas do Norte e do Nordeste, ainda não bem delimitadas), e concorrem com uma nítida predominância no uso de *você*.

No quadro 1, Duarte (1995) resume a mudança sofrida no paradigma pronominal e flexional do PB.

Quadro 1 - Paradigmas pronominais e flexionais em PB - Duarte (1995)

PESSOAS/Nº	PRONOME	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	PARADIGMA 3
1ª sing.	Eu	am o	am o	am o
2ª sing.	Tu	am a s	-	-
	Você	am a	am a	am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plur.	Nós	am a mos	am a mos	-
	A gente	-	am a	am a
2ª plur.	Vós	am a is	-	-
	Vocês	am a m	am a m	am a m
3ª plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

Adaptado de Duarte (1995: 32)

Como mostra o quadro acima, Duarte (1995) assegura que o PB evoluiu de um sistema com seis formas flexionais distintas (acrescidas de duas “formas extras” de segunda pessoa), o mesmo que ainda é usado no PE⁶, para um paradigma com quatro formas distintas (Paradigma 2), hoje restrito à fala de grupos pertencentes a uma faixa etária mais alta; de quatro, passou para três flexões distintas (Paradigma 3), que, de acordo com a autora, é o preferido pelos falantes mais jovens. Sendo assim, Duarte (1995) argumenta que o quadro flexional do PB ficou extremamente empobrecido em relação ao que existia, comprometendo a função de identificar um sujeito pronominal vazio desempenhada pela desinência verbal.

Prosseguindo com a discussão sobre o paradigma flexional do PB, Mattos e Silva (2004) ressalta que, com a expansão de *você* e do *a gente* como pronomes pessoais e com a redução do uso do *tu* e do *vós*, a terceira pessoa verbal se generaliza: tem-se em convivência, no Brasil, paradigmas verbais de (i) quatro posições: eu falo; ele, você, a gente fala; nós falamos; eles, vocês falam; (ii) três posições: eu falo; ele, você, a gente fala; eles⁷ falam; (iii) outro de duas posições (dos menos escolarizados, ou não-escolarizados): eu falo; ele, você, a gente, eles, vocês fala.

Mattos e Silva (2004) sugere que “quanto mais reduzido o paradigma flexional número-pessoa do verbo, mais necessário se faz o preenchimento do sujeito pronominal, perdendo assim o português brasileiro o chamado parâmetro *pro-drop*, possível no português europeu, em que essas reduções não ocorrem tal como no português brasileiro” (p.144).

⁶ Cf. dados da amostra analisada pela autora (1995).

⁷ Cumpre informar que, como consta na página 144, Mattos e Silva (2004) não incluiu o pronome *vocês*.

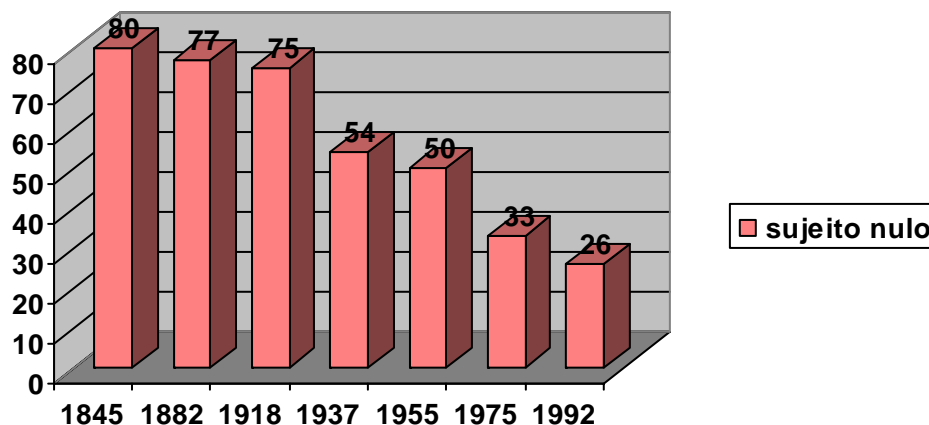
Alguns estudos sociolingüísticos (TARALLO, 1983; DUARTE, 1995) mostram o gradativo aumento do preenchimento do sujeito, por pessoas escolarizadas ou não. Ou seja, o Português do Brasil, como afirma Duarte (1995), “perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente ‘rica’ para tal processo” (p. 141).

A descoberta crucial de que o PB está se tornando uma língua de sujeito lexicalizado foi feita, inicialmente, por Tarallo (1983), tendo sido detalhada, posteriormente, em outros trabalhos (por exemplo, Duarte 1996): o PB vem, desde o século XIX, usando cada vez menos sujeitos pronominais nulos, e preenche cada vez mais a posição de sujeito com os pronomes plenos correspondentes.

A conclusão que Kato & Tarallo (1988) e muitos trabalhos subseqüentes (por exemplo, Duarte 1996 e Figueiredo Silva 1996) tiraram desta descoberta foi a de que o PB está se tornando uma língua *não-pro-drop*. E isso parece ser corroborado justamente pelas restrições impostas pelo PB à ordem VS (BERLINCK, 1989, 2000a): a literatura sobre o parâmetro do sujeito nulo enfatiza o fato de que uma das principais propriedades de uma língua de sujeitos obrigatórios é precisamente a de impor severas restrições à ordem VS. Em particular, línguas como o inglês e o francês.

Duarte (1996) mostra quão significativo tem sido este processo de mudança na expressão dos sujeitos pronominais referenciais em PB: até aproximadamente *o fim do século XIX*, o uso de “*sujeitos nulos*” tinha frequência de cerca de 80%, e pronomes plenos de 20%. *No final do século XX*, o padrão praticamente se inverteu – 75% dos casos são de *pronomes plenos*, e apenas 25% de nulos.

A autora realiza uma pesquisa diacrônica sobre o sujeito nulo, no PB, em textos escritos para o teatro, em sete períodos, a saber, 1845, 1882, 1918, 1937, 1955, 1975 e 1992. O intuito desta pesquisa é observar os efeitos da simplificação nos paradigmas flexionais do PB, provocada pela perda (em, praticamente, todas as regiões do Brasil) das formas pronominais *tu* e *vós*, substituídas por *você(s)* e *o(s) senhor(es)*. A autora obtém os seguintes resultados:

Gráfico 1 - Ocorrência de sujeito nulo, no PB, por período analisado

Adaptado de Duarte (1996: 112)

Duarte atesta que, nos três primeiros períodos, quando os índices de ocorrência de sujeitos nulos ficam entre 75% e 80%, está em vigor um paradigma pronominal semelhante ao que ainda opera no PE. A partir do texto de 1937, perde-se a segunda pessoa direta, e, no último período, a forma *a gente* é concorrente do pronome *nós*.

Como foi visto, vários autores relacionam a mudança do estatuto do sujeito nulo no PB à redução de seu paradigma verbal. No entanto, De Oliveira (2001) não vê essa relação e diz que se a redução do sujeito nulo estivesse relacionada ao processo de redução morfológica era de se esperar um grande número de sujeitos preenchidos na 2ª e 3ª pessoa e não na 1ª que ainda apresenta morfologia específica. Porém, o que ocorre é um número ainda razoável de sujeito nulo na 3ª pessoa e preenchimento do sujeito na 1ª e 2ª pessoa. Já Galves (1987) afirma que o enfraquecimento da concordância não levou a um total abandono do sujeito nulo, mas a uma reorganização em torno do tópico, aspecto já apontado por Pontes (1987).

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE DE ITABI-SERGIPE

Antes de apresentar, na seção 3. *Pressupostos teórico-metodológicos*, a teoria sobre a qual esta pesquisa se fundamenta e os procedimentos metodológicos adotados, faz-se uma breve apresentação da cidade de Itabi-SE, na qual residem os vinte e quatro informantes que forneceram os dados que compuseram o estudo - *a realização variável do sujeito pronominal na fala urbana itabiense*.



Foto 1 – Vista parcial da cidade de Itabi - Sergipe

A 138 quilômetros da capital, Aracaju, a cidade de Itabi tem uma população, descendente de portugueses, de 2.638 habitantes (cf. CENSO do IBGE, 2000).

O município de Itabi está situado na região do semi-árido sertão, possuindo (cf. CENSO do IBGE, 2000) uma população de 5.174 habitantes.

2.1 Considerações Históricas

No ano 1821, oriundos da Fazenda Sítios Novos (hoje município de Canhoba), dois caçadores, em seus desbravamentos, chegaram a descobrir uma lagoa nas proximidades da Pedra da Paciência. Eles a denominaram de Pannels, nome que foi dado posteriormente à povoação, por terem encontrado diversas pannels de origem indígena nas proximidades.

Os dois desbravadores por nome de José Ferreira de Góis e Antônio José dos Santos, por serem freqüentadores da feira pública de Propriá-SE, espalharam a notícia da localização da Lagoa das Panelas, chegando, então, aos ouvidos do senhor de engenho no povoado Cutia, município de Capela-SE, Manuel Quinca Palatém (meu tataravô), o qual, para chegar até o local, tomou como ponto de orientação a Serra da Melancia.

O comerciante e senhor de engenho Manoel Quinca Palatém, traçando um percurso cansativo, saindo da Cutia, acompanhado de sua família, de escravos e zabumbas, que serviam para espantar as onças que habitavam a região, fixou-se no local construindo o seu sobrado no alto da atual rua Boa Vista.

Em 1884, o lugarejo é denominado de Lagoa das Panelas e, na fazenda Bela Vista, de propriedade de João Correa Palatém (meu bisavô), onde foi construído um Cruzeiro, foi celebrada a primeira missa pelo padre Francisco Gonçalves de Lima.

Em 1886, tornava-se concluída a pequena capela do lugarejo e, em 8 de setembro de 1897, a denominação de Lagoa das Panelas foi substituída por Nossa Senhora da Providência, por sugestão do padre Francisco Gonçalves de Lima.

No dia 7 de janeiro de 1891, o precursor da política, Pedro Vieira de Menezes, chegou à localidade (Lagoa das Panelas), vindo de Jacaré dos Homens-AL. Fixou-se no local, onde constituiu família e foi o incentivador da cultura do algodão, construindo uma fábrica de descaroçar o tal produto. De 1899 a 1920, a povoação chegou a liderar a produção de algodão em Sergipe.

Em 1922, Pedro Vieira de Menezes começou a luta pela emancipação política da localidade que, em 1944, alcançou a categoria de vila, com o nome Paz de Providência. A emancipação política do município só foi realizada em 25 de novembro de 1953, quando o seu idealizador já havia falecido. O seu filho, Francisco Vieira de Menezes, foi o primeiro prefeito do município.

Dois fatos marcantes acontecidos na cidade de Itabi merecem destaque:

1) Em 1936, os moradores se assustaram com a entrada dos Cangaceiros de Lampião que levaram dinheiro, ouro e queimaram duas casas;

2) Em 1950, ocorre a queima de uma urna na eleição em que os candidatos Leandro Maciel e Arnaldo Garcez disputavam o governo de Sergipe. Este fato marcou a política no município, ganhando destaque na imprensa nacional. Neste mesmo ano, houve três eleições: a primeira foi anulada, a segunda teve uma urna queimada e, na terceira, Arnaldo Garcez foi

eleito governador de Sergipe, lembra o senhor Antônio Menezes de Souza, mesário nesta eleição.

Na cidade de Itabi, a iluminação pública, luz elétrica, e a rede de encanamento de água, procedente do rio São Francisco, foram inauguradas em 20 de abril de 1968 e em (??) de (?) de 1974, respectivamente.

2.2 Considerações Atuais (2009)

Pode-se fazer uma breve descrição da cidade, registrando a existência de dois estabelecimentos de ensino público, *Escola Municipal Profª Mariana Meneses de Santana* (minha já falecida mãe) e *Colégio Estadual Profª Maria da Graça Menezes Moura*, quatro creches municipais, prefeitura, câmara de vereadores, um fórum, um cartório, uma agência do Banco do Estado de Sergipe S/A – BANESE, uma igreja da religião católica e duas igrejas da evangélica, recém instaladas, uma delegacia policial, um cemitério, um correio, uma farmácia, uma pequena pizzaria, duas padarias, Mercado Municipal, que é aberto à comunidade apenas aos sábados pelo fato de, nele, alguns feirantes exporem os seus produtos à venda; barzinhos, uma loja de móveis, uma loja de tecidos (remanescente das quatro que existiam), duas boutiques, um mercadinho, um clube para as eventuais festas, um posto médico, uma maternidade, na qual, geralmente, não há médicos, mas apenas atendentes de enfermagem. Há três praças e, aproximadamente, umas quinze ruas, todas elas revestidas com paralelepípedos oriundos da própria cidade. Como atividades lúdicas, há duas casas de video-games, três *lan houses* e uma quadra esportiva. Na cidade de Itabi, não há o que, normalmente, são considerados como elementos caracterizadores de região urbana, semáforos, táxis, nem rodoviária.

As atividades econômicas desenvolvidas no município são: pecuária de leite e corte, agricultura de subsistência (milho, feijão e mandioca), comércio, olarias, pedreiras e fábrica de queijo coalho.

A renda responsável pela sobrevivência dos moradores da cidade de Itabi é procedente de atividades de agricultores, pequenos e médios fazendeiros, comerciantes, como também de funcionários da administração pública municipal e/ou estadual.

As manifestações culturais mais difundidas são: as festas juninas, a corrida de jegue, vaquejada, a feira e o Natal (Natal do Cruzeiro e Natal da Rua).

Em Itabi, normalmente, os moradores adquirem os seus produtos para a sua sobrevivência na feira, como mostra a foto⁸ 2, que acontece aos sábados. Aproximadamente, a partir das 05h00 da manhã, a cidade se acorda e começa a se movimentar, pois a feira da cidade está sendo montada. Os botecos de roupas, calçados, panelas, discos, de comidas típicas, cf. foto 3 e 4, como arroz-doce, mungunzá, bolo de ovos, de puba, de macaxeira, de arroz, bom-bocado, cocadas como queijadas, cocada baiana, cocada branca, escura, pé-de-moleque⁹, mal-casado, popularmente conhecido como “má-casada”, beiju, saroio, quebra-queixo, já estão sendo armados. A carne bovina e suína já é transportada do matadouro, via carroça, ao Mercado Municipal, onde há um açougue. Além disto, as frutas e verduras estão sendo expostas em lonas nas imediações da igreja.



Foto 2 – A feira da cidade de Itabi-SE

⁸ A foto foi tirada em 28/02/2009, sábado.

⁹ Não o pé-de-moleque de amendoim, como há, por exemplo, em São Paulo, mas o de puba, feito da mandioca na palha de bananeira.



Foto 3 – Comidas típicas: pés-de-moleque, “má-casada”



Foto 4 – Comidas típicas (da frente para o interior da foto): puba, queijadas, sequilhas, bolos

O ponto turístico da cidade é a Pedra da Paciência, cf. foto 5 abaixo, que deu origem ao nome de Itabi, pois, em tupi-guarani, Ita = pedra e, em latim, bi = dois, duplicidade.



Foto 5 – Pedra da Paciência, Itabi-SE

2.3 Considerações sobre a Localização Geográfica

A seguir, serão apresentados dois mapas que mostram (i) a localização geográfica do município de Itabi em relação ao Estado de Sergipe e, (ii) em relação aos municípios com os quais Itabi se limita.

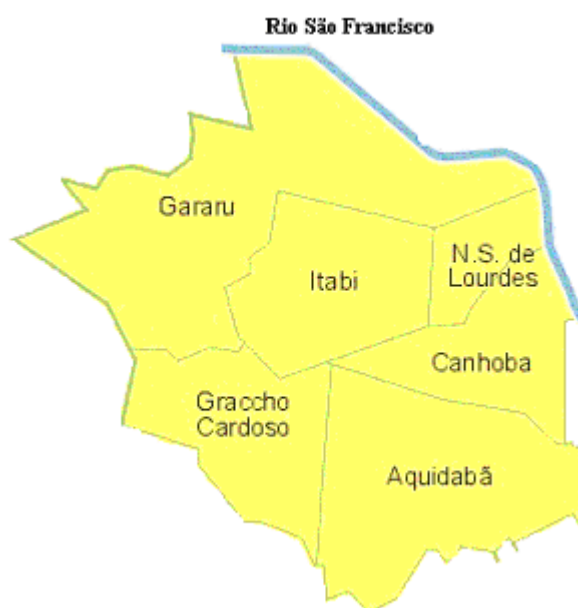
O mapa 1¹⁰, localizado via *internet*, além de possibilitar a visão geral da localização do município de Itabi no Estado de Sergipe, possibilita, também, a visão das fronteiras com as quais o Estado de Sergipe se limita. Ao norte, com o Estado de Alagoas, separado em toda a sua extensão pelo rio São Francisco; a leste, com o Oceano Atlântico, e, ao sul e a oeste, com o Estado da Bahia.



Mapa 1 – Mapa do Estado de Sergipe

¹⁰ **Mapa de Sergipe.** Disponível em: <<http://www.viagemdeferias.com/mapa/sergipe.gif>>. Acesso em: 28 fev. 2009.

Já o mapa 2¹¹, localizado via *internet*, permite a visão, com maior nitidez, da localização geográfica do município de Itabi/SE, espaço territorial este onde os falantes deste estudo se encontram. Além disto, também possibilita a visão dos cinco municípios com os quais Itabi faz fronteira: ao norte e oeste, com o município de Gararu, ao sul, com Aquidabã e Graccho Cardoso e ao leste, com Nossa Senhora de Lourdes e Canhoba.



Mapa 2 - O Município de Itabi e seus Limites Geográficos

¹¹ **Mapa de Sergipe.** Disponível em: <<http://www.sergipegas.com.br/mapas.asp>> . Acesso em: 13 dez. 2003.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os pressupostos teóricos como também os procedimentos metodológicos que orientarão a análise dos dados serão apresentados aqui nesta seção.

3.1 Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas

William Labov, lingüista norte-americano, desenvolveu, a partir de 1963, o modelo teórico-metodológico denominado de “Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas” com o objetivo de entender o funcionamento da língua no contexto social. Assim, o objeto de estudo da Sociolingüística é a fala de uma comunidade. Denomina-se então “comunidade de fala” ao grupo de pessoas que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; as pessoas pertencentes a esse grupo se comunicam relativamente mais entre si do que com os outros grupos e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da língua (LABOV, 1972, 2008). E, nas comunidades de fala, freqüentemente, existirão formas lingüísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência - que podem ocorrer ao mesmo tempo, e, em concorrência – quando uma das formas é predominante quanto ao uso (LUCCHESI, 1998).

A análise sociolingüística iniciada por Labov, em 1963, na ilha de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusetts, EUA, apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Assim, partindo do pressuposto de que o falante-ouvinte-ideal, citado por Noam Chomsky, não é aquele que pode, de fato, revelar o real funcionamento da língua, Labov verificou a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria do inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard.

Cumprе ressaltar que, segundo Labov (1972, 2008), somente se atribuem valores sociais às regras lingüísticas quando existe variação. O autor observa que as variantes são idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística. Havendo duas ou mais formas de se transmitir uma informação, poderá haver um conflito entre o seu uso. Geralmente, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e a que goza de maior prestígio sociolingüístico. A variante inovadora, por sua vez, é, quase sempre, não-padrão e estigmatizada, ou seja, não aceita.

Em Martha’s Vineyard, as observações de Labov revelaram que a comunidade sofreu influências sociais dramáticas provocadas por veranistas vindos do continente. A variação encontrada por Labov apresentou duas maneiras predominantes de pronúncia da vogal-

núcleo dos ditongos /aw/, como em *out* e *house*, e /ay/, como em *white* e *right*, havendo uma oposição entre presença e ausência de centralização. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada, tinha a pronúncia da vogal-núcleo centralizada. A variante inovadora – aos falantes nativos da ilha – e de prestígio, pois se assemelhava à pronúncia do inglês-padrão, era a forma trazida pelos veranistas. Labov verificou que a variante conservadora, não-padrão e estigmatizada, como em *house*, era a forma mais forte dentro da comunidade.

A conclusão do autor foi a de que os habitantes da ilha de Martha's Vineyard, ressentindo-se da invasão cultural e econômica dos veranistas, exageravam na pronúncia centralizada da vogal-núcleo como forma de demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, seu perfil de comunidade e de grupo social.

Portanto, a Sociolinguística laboviana é entendida como a disciplina que busca identificar o estado das correlações sistemáticas entre formas linguísticas em variação e determinados fatores sociais tais como, a classe socioeconômica, escolaridade, sexo, etnia etc. Havendo variação linguística, é possível que se observe que ela não se dá aleatoriamente, mas, sim, sistematicamente, por meio de uma organização correlacionada a fatores sociais.

Toda a análise sociolinguística é orientada para as variações sistemáticas, inerentes à fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Silva-Corvalán (1989) evidencia que os estudos quantitativos têm o objetivo de explicar, basicamente, a variabilidade inerente aos sistemas linguísticos. Estes estudos comprovam que “a homogeneidade da língua é uma falácia e que é possível incorporar a descrição de fenômenos variáveis como parte da descrição de uma língua que se concebe como um sistema cuja heterogeneidade não é arbitrária, mas, submetida a regras” (p. 59). Não existe, dessa maneira, um caos linguístico que impossibilite o estudo sistematizado dessas variações. Pelo contrário, há uma organização por trás da heterogeneidade da fala na comunidade. Essa heterogeneidade da fala, ou formas linguísticas em variação, recebe o nome de *variantes linguísticas*, que são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (LABOV, 1972, 2008). E, a um conjunto de variantes relativas a um mesmo fenômeno (como aquele que Labov descreveu em Martha's Vineyard) dá-se o nome de “*variável linguística*”. Neste sentido, a variável sob investigação, no presente estudo, é o *sujeito pronominal* e a essa variável correspondem duas variantes linguísticas: a variante (1) é a *ausência* do pronome lexical, e a variante (2), em contrapartida, é a *presença* do pronome lexical. O fenômeno que se objetiva estudar é uma *variável dependente*, por exemplo, a regra de realização do *sujeito pronominal*. É dependente porque o uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos, que constituem as *variáveis independentes*.

Quanto aos fatores extralingüísticos, considerados as variáveis externas à língua, como *escolarização*, *sexo* e *idade*, os estudos pertinentes à Sociolingüística Variacionista mostram evidências do efeito do condicionamento social nas variações lingüísticas. Estes efeitos revelam, como afirmam Silva e Paiva (1996), “a existência de padrões sociais que se repetem independentemente do tipo de fenômeno estudado e da língua investigada” (p.377-378).

Na correlação entre determinados tipos de variantes lingüísticas e a **variável escolarização**, a literatura pertinente tem apresentado resultados que mostram o nível de escolaridade condicionando a variação lingüística. Deve-se ressaltar que o estudo pioneiro de Labov (1966) sobre o inglês de Nova Iorque, *The Social Stratification of English in New York*, também investiga variações fonológicas correlacionando-as ao fator escolarização. Nesse sentido, os resultados mostram que falantes com nível de escolaridade mais alto privilegiam a variante padrão e os menos escolarizados, a variante não-padrão.

No mesmo estudo de 1966 sobre a fala de Nova Iorque, Labov analisa, entre outros, o efeito da **variável sexo**, e constata que as mulheres empregam mais a forma padrão do que os homens. Este resultado tornou-se evidente em dois dos fenômenos estudados: em relação à presença ou ausência de /r/ pós-vocálico - as mulheres empregam o /r/ pós-vocálico - e, quanto à variação entre fricativas interdentais e africadas ou oclusivas – as mulheres usam mais freqüentemente as fricativas, forma padrão.

Paiva (2003) ressalta que, embora diversos estudos de orientação sociovariacionista tenham mostrado “um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas” (p. 34), pode ocorrer a situação inversa, em que o uso da variante padrão seja liderado pelos homens.

Quanto à **variável idade**, no trabalho de Labov (1963) intitulado *The Social Motivation of a Sound Change* foi constatada a mudança na realização fonética do núcleo vocálico dos ditongos /ay/ e /aw/ entre os falantes de Martha’s Vineyard, em Massachussets, Estados Unidos. O núcleo vocálico não centralizado - forma inovadora - predomina entre os falantes mais jovens e o núcleo vocálico centralizado, entre os falantes mais velhos.

No estudo sobre o inglês de Nova Iorque, Labov (1966) observou que os falantes mais jovens privilegiam a pronúncia retroflexa do /r/ pós-vocálico - forma nova-iorquina inovadora.

Nos dois exemplos mencionados, verificou-se a influência da variável idade na mudança da língua, reforçando o pressuposto de que o fator extralingüístico idade condiciona o uso lingüístico.

Cumprе observar que os fatores lingüísticos que podem atuar sobre a variação dependem do fenômeno específico em estudo. Aqueles pertinentes à análise da realização variável do sujeito pronominal serão apresentados a seguir.

3.2 Constituição do *Corpus*

O método adotado para o desenvolvimento deste estudo será explicitado, aqui, nesta subseção.

Para a realização desta pesquisa, o *corpus* foi constituído de 1200 ocorrências de sujeito pronominal, de vinte e quatro moradores da cidade de Itabi-SE, que aí tenham nascido ou passado a maior parte de suas vidas (no máximo, cinco anos em outra cidade). Os dados dos analfabetos foram coletados em 2001, para a realização da pesquisa de Mestrado e os dos universitários, em 2005, para complementar o *corpus* analisado neste estudo (Doutorado).

Os informantes foram selecionados de acordo com um plano prévio, segundo idade, sexo e nível de escolaridade.

Para cada informante, foram levantadas 50 ocorrências consecutivas, na entrevista, de sujeito pronominal que corresponde ao fenômeno variável. Além dessas 50 ocorrências, todos os duplos sujeitos encontrados foram computados à parte.

Com a inclusão de 23 ocorrências de duplo sujeito, que foram analisados à parte, a amostra total foi de 1.223 dados.

Cumprе destacar que, entre os residentes da cidade de Itabi-SE, quando os dados dos oito informantes que possuem nível universitário foram coletados, entre 14 e 15 de julho de 2005, não havia pessoas escolarizadas (com formação universitária) pertencentes à faixa etária [acima de 65 anos]. Só foi possível coletar dados dos moradores escolarizados (formação universitária) pertencentes à faixa etária [20 – 49 anos]. O estudo referente a este grupo será feito separadamente, seguindo o método adotado por Duarte (1995), e será comparado com os resultados dos demais grupos. A opção pela inserção desses dados do grupo composto por escolarizados (formação universitária) dá-se com o intuito de verificar a implementação do uso do sujeito pronominal e o possível papel da escolaridade nesse processo.

A coleta de dados foi auxiliada por uma *ficha social*¹² sobre o informante, contendo 25 perguntas; por uma *proposta de roteiro da entrevista espontânea*; por um gravador portátil e fitas cassetes. A entrevista foi realizada no domicílio do informante, o mais informalmente possível, após um contato prévio. Com isto, procurou-se deixá-lo descontraído para responder às questões.

A transcrição (das gravações) adotada neste estudo espelhou-se nas ‘Normas para Transcrição’ do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo) as quais abrangem um conjunto de sinais convencionais usados para representar fenômenos característicos da fala como: pausas, elevações da voz, truncamentos etc... (PRETI, 1997).

O tipo de inquérito utilizado na coleta de dados foi o DID (Diálogo entre um Informante e o Documentador).

Obteve-se, para a realização deste trabalho, o auxílio do programa estatístico VARBRUL (Variable Rule), que é um programa computacional especializado em análises estatísticas de variáveis lingüísticas.

Os moradores foram distribuídos da seguinte maneira:

a) **SEXO:**

feminino: 12;

masculino: 12, perfazendo o total de 24 informantes.

b) **NÍVEL DE ESCOLARIDADE:**

analfabetos (sexo feminino): 08;

(sexo masculino): 08, perfazendo o total de 16 informantes.

escolarizados (formação universitária) (sexo feminino): 04;

(sexo masculino): 04, perfazendo o total de 08 informantes.

c) **FAIXA ETÁRIA:**

(20 - 49 anos) (mulheres analfabetas): 04;

(homens analfabetos): 04;

(mulheres escolarizadas): 04;

¹² Conforme anexo.

(homens escolarizados): 04; perfazendo o total de 16 informantes.

(Acima de 65 anos) (mulheres analfabetas): 04; (homens analfabetos): 04; perfazendo o total de 08 informantes.

No quadro 2, a seguir, demonstra-se o perfil extralingüístico dos vinte e quatro informantes deste estudo:

Quadro 2 - Demonstração do perfil extralingüístico dos vinte e quatro informantes

SEXO MASCULINO (12)	ANALFABETOS (8)	4(20 - 49): 35, 36, 48, 48 4(acima de 65 anos): 68, 70, 91, 94
	ESCOLARIZADOS (Formação universitária) (4)	4(20 - 49): 29, 29, 39, 48
SEXO FEMININO (12)	ANALFABETAS (8)	4(20 - 49): 23, 26, 33, 48 4(acima de 65 anos): 81, 90, 91, 95
	ESCOLARIZADAS (Formação universitária) (4)	4(20 - 49): 32, 37, 38, 47

Os grupos de fatores selecionados como possivelmente relevantes para a descrição do fenômeno variável em estudo são apresentados a seguir. Esses grupos de fatores serão investigados em correlação com o sujeito pronominal, com o objetivo de verificar a atuação desses fatores em relação às variantes *sujeito nulo* e *sujeito preenchido*.

3.3 Seleção dos Dados para a Análise

Serão apresentados, nesta subseção, os dados considerados para a análise e aqueles que foram excluídos.

3.3.1 Variantes de Sujeitos Pronominais na Fala Urbana Itabiense dos seis Grupos

No envelope de variação do sujeito pronominal, a seguir, tem-se uma visão panorâmica do emprego, por pessoa gramatical, do sujeito nulo e preenchido tanto específico quanto genérico. Vale ressaltar que, em cada pessoa gramatical, o primeiro ou os primeiros

exemplo(s) corresponde(m) ao sujeito específico de referência definida e o último, ao sujeito de referência genérica.

Envelope de Variação do *Sujeito Pronominal*

Segundo Tarallo (1986), o *envelope de variação* é a descrição detalhada das variantes lingüísticas, incluindo, neste envelope de variação, o “elencamento das adversárias de um campo de batalha” (p. 34).

1ª p. s.

- (11) Inf. é... ϕ fiz MUIto...hoje num ϕ tou fazendo mais não...porque o...cavalo
que ϕ tinha morreu queimado
(Homem de 70 anos, analfabeto)
- (12) Inf. agora **eu** tenho inveja de quem sabe ler
(Mulher de 81 anos, analfabeta)
- (13) Inf. a partir do momento que ϕ estou no poder...**eu** vou fazer meios de criar
um caixa...DOis... ϕ vou fazer meio de juntar alguma coisa para no futuro
próximo e numa próxima eleição **eu** ter como investir na minha próxima
candidatura e assim vai aí...mensalões e mensalinhos o que vem/o que
vem acontecendo é a corrupção né?
(Homem de 48 anos, universitário)

2ª p. s. - pessoa gramatical: você

- (14) Inf. também ϕ trabalho com frutas de parafina...como **você** tá vendo ali...
(Mulher de 32 anos, universitária)
- (15) Doc¹³. e quando que você percebe que a pessoa não tá falando a verdade?
Inf. quando começa a rir ((sorriu)) ói... ϕ percebe pela maneira de falar...já
dá pra perceber
(Mulher de 38 anos, universitária)

3ª p. s. – pessoa gramatical: ele/ela

- (16) Inf. pois... ϕ é primo do irmão dela...que **ele** é doente... ϕ vive ϕ morre ϕ vive...
(Homem de 91 anos, analfabeto)
- (17) Doc. você acha que nós temos direito de tirar a vida do outro?
Inf. e porque a pessoa tirou...também eu acho que deveria fazer isso...por
que **ela** tirou?...então ϕ indo pra penitenciária
(Mulher de 38 anos, universitária)

¹³ Documentador ou entrevistador.

1ª p. p. – pessoa gramatical: nós

- (18) Inf. mas aí já tem quatro anos que a tevê quebrou...e aí eu entrei/...con/φconversei com mamãe...mamãe...φnão vamos mais comprar...porque::quase/só quem assistia era eu
(Rapaz de 29 anos, universitário)
- (19) Inf. ...dentro de/de uma/uma linha...éh/éh de vida em que...o sempre pobre e trabalhando para sustentar aqueles mais ricos...num é?...inclusive...φpodemos ver isso na/na/...no que pregava...éh...a igreja...na/na Idade Média
(Homem de 48 anos, universitário)

1ª p. p. - pessoa gramatical: a gente

- (20) Inf. agora tá difícil porque...**a gente** tem um menino pequeno ainda...**a gente** trabalha num tem/...chega no final de semana às vezes φtá tão...cansada...φprefere ficar em casa...mesmo
(Mulher de 37 anos, universitária)
- (21) Inf. na verdade a atitude seria mais assim...ver melhor os políticos...né?...que vai se votar...né?...apesar que **a gente** num conhece...ao certo...φacha que alguém...é bom...
(Mulher de 32 anos, universitária)

2ª p. p. - pessoa gramatical: vocês¹⁴

- (22) Inf. quando eu cheguei logo...aí...**vocês** ainda tão parado? (...) φtão longe daquelas máquina lá...ali né pra trabalhar não?
(Homem de 35 anos, analfabeto)

3ª p. p. - pessoa gramatical: eles/elas

- (23) Inf. que alguém simples...como eram os discípulos...tenham/...φtiveram a inteligência a sapiência de escrever aqueles textos como φescreveram...mas a maioria da/da/da/dos ensinamentos da Bíblia são todos através de parábolas...
(Rapaz de 29 anos, universitário)
- (24) Inf. a formação de classe social vem desde a Antigüidade...quer dizer...à proporção que vão/vão se formando...os núcleos sociais...éh...UNS...éh...vão/vão adquirindo o poder...**eles** vão/vão formando a/as suas riquezas
(Homem de 48 anos, universitário)

Os exemplos ilustrados representam a variação existente na comunidade de fala itabiense, que se realiza por meio da ausência ou presença do sujeito pronominal.

¹⁴ Não houve nenhuma ocorrência de sujeito genérico com a pessoa gramatical *vocês*.

3.3.2 Critérios para Levantamento dos Dados

Na seleção dos dados, foram excluídos os casos de hesitação, reformulação; casos em que a oração está interrompida (o que pode levar à reformulação); casos de repetição; casos de imperativo, como, também, foram excluídas as respostas afirmativas, ou seja, as sentenças que retomam, na íntegra, o enunciado do entrevistador e aquelas em que o sujeito é focalizado como se vê nos exemplos abaixo.

- a) **CASOS DE EXCLUSÃO** (Foram desconsiderados todos os casos de sujeito pronominal como os que estão sublinhados e em *itálico*)

Casos de hesitação, reformulação;

Inf. e ali/...ali é/...eu num acho que/...ói...o Açude...a Pedra da Paciência...a Pedra do Urubu...ali eu acho que num pode destruir...né?

Casos em que a oração está interrompida (o que pode levar à reformulação);

Doc. ele é que nunca...teve essa iniciativa... é?
 Inf. {não... não...ele nunca/...
 Doc. {pensava que era porque você
 Inf. não quisesse...fazer uma refeição aqui
 {não...não

Inf. ~~φ~~fui trabalhar/...~~φ~~trabalhamos alugado...dois ano...

Casos de repetição;

Doc. hun...certo
 Inf. {certo...~~φ~~não bebo
 Doc. hun
 Inf. ~~φ~~não bebo

Doc. hun...pra não morrer de fome
 Inf. pra ~~φ~~não morrer de fome né?

Doc. éh...os discursos geralmente são falsos/...
 Inf. {~~φ~~são falsos e falsos...é

Casos em que o sujeito está focalizado, por meio de estrutura *clivada*, *entonação* ou da presença de elementos como *mesmo*, *próprio*, pois sempre vai ocorrer o pronome. Não são casos de variação.

Estrutura clivada

De acordo com Mateus *et al* (2003), as construções de clivagem assemelham-se às orações relativas. Trata-se de uma construção em que participa o verbo **ser** com pronomes relativos ou a expressão **é que** e que permite pôr em destaque a maior parte dos constituintes de uma frase, a saber, sujeito, complementos e adjuntos do verbo (exceto advérbios como provavelmente e orações adverbiais condicionais e concessivas). Sendo assim, se o sujeito pronominal for destacado, a tendência, neste contexto, *é que* o sujeito seja lexicalizado.

- Inf. é... ϕ passo... ϕ lavo a minha roupa... ϕ passo... ϕ lavo a dele... ϕ passo...depende...
de roupa suja... essas coisa...destá que...eu *é quem* tem que fazer...
- Doc. e ele não fala... pra você... ficar aqui direto... pra tomar café... pra fazer todas as refeições com ele... ele não fala?
- Inf. não... não...eu *é que* tenho vontade de falar... mas...
- Doc. {ah... você quer fazer isso?...
- Inf. o que eu costume mais a fazer *é* ir ao baile...

Entonação

Se a ênfase está no sujeito, este motivo já propicia o seu preenchimento.

- Inf. mas aí...quando é na...quinta-feira até no domingo...EU...fico continuando com ele...
- Inf. ...aí...EU...durmo mais ele pa fazer companhia...
- Inf. {na (ponta) de partido...que até o Chico/o velho/...o velho Nachi/o diacho/...o velho Pedro Vieira dizia...EU...não quero família minha...casada com raça de Nachica...
- Doc. { (((sorriu))
- Inf. agora EU...já penso diferente...né?

Presença de *mesmo*

A presença de *mesmo* em sentenças conduz ao emprego categórico do sujeito preenchido, pelo fato de o item lexical *mesmo* enfatizar o sujeito.

Inf. ...eu *mesmo* fico muito/fico muito preocupado...conversas que num/...num agrada a gente...tudo é preocupação

Inf. você *mesmo* foi uma delas

Casos em que o sujeito está diante de um verbo no imperativo e de estruturas impessoais

Casos de imperativo

Sentenças com o sujeito pronominal diante de um verbo no imperativo não foram computadas no *corpus* deste trabalho, por pertencerem a um contexto de favorecimento categórico ao sujeito nulo.

Inf. mas ϕ judia ((judêa)) muito...dois faz mas ϕ judêa muito...a carrada/...é uma diferença é grande...na carrada de SEIS passar pra quatro...de quatro passar pra dois... ϕ repare que é uma diferença...

Inf. não...por semana...aí ϕ passei a ganhar oito e oitocentos...aí foi quando me deu aquela vontade de vim pra aqui ...o engenheiro...não...rapaz... ϕ num vá não... ϕ vá não...eu com aquela cabeça dura ... ϕ jogaro até praga...daqui **nós** tora uma perna sua...mas daqui **você** num sai...aí **eu** trabalhei nela...o que?... ϕ trabalhei nove mês... ϕ jogaram uma praga...ainda ϕ cortei meu pé ainda...o médico ainda/...

Doc. {((sorriu)) a praga peGOU...foi?

Estruturas impessoais (Como o título já diz, não há pessoa.)

Doc. hun...o senhor trabalhou pra seu Monteiro...então?

Inf. também

Doc. durante dois anos?

Inf. não...um/ ϕ foi um ano...

b) **COMPUTAÇÃO À PARTE** (Foram computados, à parte, os casos como os que estão sublinhados e em *itálico*)

Foram analisadas, à parte, as formas verbais cristalizadas na língua – os Marcadores Discursivos (MD) - que funcionam na interação entre os interlocutores. Caso seja identificado o sujeito lexicalizado, nesse contexto, é um indício de que o processo de lexicalização do sujeito está avançando. Além dos MD, foram investigadas, com o mesmo objetivo, as estruturas pergunta-resposta (como *sim/não*), as estruturas de anti-tópico, e, as estruturas de duplo sujeito.

Verbos que funcionam como **marcadores discursivos** (entendeu?, sabe?, (eu) acho, sei lá...);

- Inf. a verdade...pra falar ((sorriu)) eu nem sei bem ao certo o que dizer sobre verdade...porque hoje...
- Doc. hun
- Inf. porque...eu acho assim...há tanta coisa/há mais coisas ruins acontecendo do que coisas boas...né?...e hoje em dia...~~phi~~num sei::sinceramente eu num sei o que dizer sobre verdade eu acho que o que existe eu acho que a única coisa que existe de verdade...eu acredito ainda éh/éh o amor entre mãe e filho...e o restante...~~phi~~sabe?...eu/...((sorriu))eu acho que num existe mais...verdade do que essa
- Inf. não...eu sou muito ingênua nesse sentido assim...eu nunca percebo quando eu/...por exemplo...se alguém tá mentindo pra mim eu só vou perceber quando eu recebo o golpe...~~phi~~entendeu?
- Doc. depois que já aconteceu
- Doc. uhn hun...o que é que você acha desse mensalão que foi descoberto...recentemente?
- Inf. eu pra mim...é uma vergonha...~~phi~~sabe?...
- Inf. Zelma...na minha opinião porque existe ri/rico e pobres...são/é uma opinião que eu acho que...quem nasceu pra ter/prá ter alguma coisa...~~phi~~sempre tem...quem num nasceu::eu acho que não pode ter nada porque poder ter...só ~~phi~~sabe o que quer dizer...tanto rico como pobre têm as graças de Deus...o rico tem as graças de Deus e tem mais com que viver melhor...do que o pobre...né?
- Inf. ou foi ~~phi~~acho que no Própria...quando chegou meia-noite...que o doutor chegou...Dona Deuzinha aí se espremendo o dia todo...e as parteira/o doutor PElejou pra tirar o menino...o menino era eu acho que morto...

Inf. preocupação...Zelma...éh...quando às vez a pessoa dizer uma coisa que me agrave...né?...aí **eu** já num gosto...aí ~~o~~ fico preocupado com aquilo ali...a gente/...~~o~~ sei lá...

Estruturas pergunta-resposta (como *sim/não*)

Doc. o senhor gosta...é?

Inf. ~~o~~ gosto

Doc. ah::eles eram adversários?

Inf. TÁ...~~o~~ eram...

Estruturas de anti-tópico

Inf. Pedro Vieira mais o velho Nachica era assim

Doc. hun

Inf. num tinha medo um do outro...que ele era do partido do MDB...o velho Nachica

Doc. hun

Inf. e o velho Pedro Vieira era do PSD

Doc. ah::eles eram adversários?

Estruturas de duplo sujeito

Doc. mas por que o homem sem a religião?...se você está sem e tá aí o homem aí::

Inf. porque o homem...ele é/ele é...domesticado...domesticado não...adestrado pela religião...a religião tem um poder...importantíssimo na história da religião

Doc. {não...eu sei esse é o poder da religião...mas por que que um homem não vive sem religião se você vive sem?

3.4 Grupos de Fatores para a Análise

A seleção dos grupos de fatores foi feita a partir de informações obtidas no conjunto de estudos desenvolvidos sobre o tema e na observação dos dados. As hipóteses subjacentes a cada grupo de fatores serão apresentadas na seção dedicada à discussão dos resultados, estabelecendo um diálogo com a análise desenvolvida.

1) Variável Dependente:

Sujeito nulo

Sujeito lexicalizado

2) Especificidade do Sujeito:

Específico definido
Específico indefinido
Genérico

3) Pessoa Gramatical:

(1ª p. s. - **eu**)
(2ª p. s. - sujeito pronominal: **tu**)
(2ª p. s. - sujeito pronominal: **você**)
(3ª p. s. – pessoa gramatical: **ele/ela**)

(1ª p. p. – pessoa gramatical: **nós**)
(1ª p. p. – pessoa gramatical: **a gente**)
(2ª p. p. – pessoa gramatical: **vós**)
(2ª p. p. – pessoa gramatical: **vocês**)
(3ª p. p. – pessoa gramatical: **eles/elas**)

4) Traço Semântico do referente do sujeito pronominal, nulo ou lexicalizado, de terceira pessoa (singular e plural):

[+ animado]
[- animado]

5) Elementos Antepostos ao Sujeito Pronominal nulo/lexicalizado

Presença de adjuntos adverbiais
Presença de elementos topicalizados
Outros elementos (aí; e; e aí; só; olha (MD); mas (MD); que (MD); parece que; quer dizer que; também; vocativo; graças a Deus; isso)
Ausência de elementos antepostos
[não-se-aplica] (conjunção; pronome relativo)¹⁵

6) Elementos entre o Sujeito e o Verbo

Negação
Pronomes átonos
Negação + Pronomes átonos
Advérbios
Palavras denotativas como, *já, só, apenas, também, ainda* etc.
Ausência

7) Tipo de Verbo e sujeito pronominal nulo/lexicalizado

Intransitivo
Transitivo
Ligação

¹⁵ Neste grupo de fatores, a conjunção e o pronome relativo não foram considerados porque foram contemplados em *tipos de oração*.

8) Correferência do Sujeito

Sujeito correferente ao da oração anterior

Sujeito não-correferente ao da oração anterior

9) Tempo Verbal

Presente do indicativo

Pretérito perfeito

Pretérito imperfeito do indicativo

Pretérito mais-que-perfeito

Futuro do presente

Futuro do pretérito

Presente do subjuntivo

Pretérito imperfeito do subjuntivo

Futuro do subjuntivo

Infinitivo Pessoal

Gerúndio

Locução verbal com gerúndio

Locução verbal com infinitivo

Locução verbal com particípio

10) Forma verbal flexionada ou não-flexionada das pessoas gramaticais do plural (Desinências verbais)

1ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: **nós**)

1ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: **nós**)

2ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: **vocês**)

2ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: **vocês**)

3ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: **eles/elas**)

3ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: **eles/elas**)

11) A Distância entre o Elemento Anafórico (o sujeito pronominal nulo e lexicalizado de 3ª pessoa do singular e do plural) e seu antecedente.

Oração imediatamente anterior

2ª oração anterior

3ª oração anterior

4 – 7 orações anteriores

8 – 11 orações anteriores

12) Tipos de Oração

- Principal
- Subordinada adverbial
- Subordinada substantiva
- Subordinada adjetiva
- 1ª coordenada
- 2ª coordenada
- Oração absoluta

13) Sexo:

- Homem
- Mulher

14) Idade:

- 20 – 49 anos
- Acima de 65 anos

15) Nível de Escolaridade:

- Analfabetos
- Escolarizados (formação universitária)

3.4.1 Grupos de Fatores, especificamente, para Investigação do Duplo Sujeito

O duplo sujeito, que é a retomada de um sintagma nominal pelo pronome pessoal, foi computado à parte. Além dos fatores extralingüísticos, a saber, sexo, idade e nível de escolaridade, foram analisados, também, os fatores abaixo descritos.

16) Investigação de natureza prosódica

- Presença de pausa entre os sujeitos
- Ausência de pausa entre os sujeitos

17) Tipos de duplo sujeito

- Retomada do SN pelo pronome pessoal
- Presença de elementos intervenientes entre o SN e o pronome
- Sujeito duplicado em oração relativa

18) Natureza do sujeito deslocado

(Pessoa gramatical empregada na retomada do SN)

1ª pessoa do singular

2ª pessoa do singular

3ª pessoa do singular

1ª pessoa do plural

2ª pessoa do plural

3ª pessoa do plural

A seguir, serão fornecidos os princípios teóricos nos quais o estudo da referência do sujeito se embasa.

3.5 O Papel da Especificidade na Realização Variável do Sujeito Pronominal

Este estudo analisa o papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal em um *corpus* de língua falada da cidade de Itabi-SE. São analisados os referentes do sujeito pronominal, considerando não só se a referência é específica (definida ou indefinida) ou genérica, mas também, se o tipo de especificidade influencia na ausência ou presença de formas lexicalizadas. Essa variável tem sido sempre incluída em estudos sobre o sujeito pronominal, revelando-se pertinente para a compreensão da variação, o que justifica avaliar essa propriedade nos dados de Itabi-SE. Além disso, o presente estudo propõe uma análise mais refinada da variável especificidade. Este estudo se apóia nas postulações teóricas de Quirk, Greenbaum *et al* (1985), sobre a referência, em pressupostos teóricos de Halliday & Hassan (1976), como também, de Neves (2007).

Neves (2007), ao fazer menção a Dik (1997), ressalta que a primeira noção de referência é a de *construção de referentes*. O falante, em uma interação lingüística, ou constrói ou ajuda o ouvinte a encontrar um referente para colocá-lo em uma predicação, e, assim, outras representações mentais se acrescem de modo a serem recuperáveis pelos subseqüentes elementos anafóricos. Assim, no modo construtivo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para esse termo e introduza esse referente em seu modelo mental. Os objetos de discurso, instituídos pelo falante, vão montar, no texto, a rede referencial que constitui uma das marcas da textualidade, levando a uma segunda noção de referência, que é a de *identificação de referentes*. Desta maneira, no modo identificador, o

falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já, de algum modo, esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte para a identificação.

Quirk, Greenbaum *et al* (1985) classificam a referência em Específica e Genérica, e, subdividem a Específica em Definida e Indefinida.

Referência Específica [Definida]

Para Quirk, Greenbaum *et al* (1985), a referência é considerada específica [definida] quando o referente pode ser identificado no contexto ou no conhecimento compartilhado do falante/escritor e ouvinte/leitor.

(25) ¹⁶ A lion and *two tigers* are sleeping in the cage. (Exemplo dos autores)

Em (25), o termo destacado possui referência específica, pelo fato de se ter em mente espécies particulares da classe ‘tigre’.

Referência Específica [Indefinida]

A referência é considerada específica [indefinida] quando o referente não é identificável no conhecimento compartilhado do falante/escritor e ouvinte/leitor. No contexto, o referente não foi mencionado antes, assim, é considerado como não familiar ao falante/escritor ou ao ouvinte/leitor, como ilustra (26).

(26) ¹⁷ *An intruder* has stolen a vase. *The intruder* stole the vase from a locked case. *The case* was smashed open. (Exemplo dos autores)

No exemplo acima, o artigo indefinido, em contraste com o artigo definido, não faz nenhuma suposição sobre uma menção anterior. Mas no uso real a distinção pode ser menos evidente. Por exemplo, uma conversa pode começar como (27) ou como (27a):

(27) ¹⁸ A house on the corner is for sale.

¹⁶ Um leão e dois tigres estão dormindo na jaula. (Tradução minha)

¹⁷ Um intruso roubou um vaso. O intruso roubou o vaso de um armário de louças fechado. O armário foi aberto à força. (Tradução minha)

(27a) ¹⁹*The house* on the corner is for sale. (Exemplos dos autores)

A única diferença de significado é que, em (27a), o falante pressupõe que o ouvinte saberá a que casa está se referindo (talvez porque exista somente a tal casa), entretanto, em (27), nenhuma suposição é implicada. Sendo assim, em (27), a referência dos termos em itálico é específica [indefinida], e, em (27a), específica [definida].

Referência Genérica

A referência genérica é usada para denotar a classe ou espécie de um modo geral.

(28) ²⁰*Tigers* are dangerous animals. (Exemplo dos autores)

Em (28), a referência do termo em itálico é genérica, pois se pensa na classe ‘tigre’ sem referência específica a tigres particulares, fato este que o distingue do exemplo (25).

Quirk, Greenbaum *et al* (1985) reforçam que as distinções entre definido e indefinido, e, entre singular e plural são irrelevantes para a concepção genérica, pois, as distinções de número que se aplicam a este ou aquele membro, ou grupo de membros, da classe são neutralizados. Singular ou plural, definido ou indefinido podem freqüentemente ser usados sem diferença apreciável de significado em contextos genéricos.

(29) a. *A Tiger* can be dangerous.

b. *Tigers* can be dangerous.

c. *The Tiger* can be dangerous.

Neves (2007) destaca que a referência genérica refere-se a todos os indivíduos da classe, e observa que, embora a referência não remeta a indivíduos de um tipo, refere-se ao próprio tipo. Acrescenta que o uso genérico abrange objetos em geral (referência universal), não uma entidade particular.

¹⁸ Uma casa da esquina está à venda. (Tradução minha)

¹⁹ A casa da esquina está à venda. (Tradução minha)

²⁰ Tigres são animais perigosos. (Tradução minha)

Assumindo, neste estudo, como ponto de partida, o modelo de referência proposto em Quirk, Greenbaum *et al* (1985), mencionado anteriormente, foram analisados os referentes do sujeito pronominal, e, detectou-se que este pode representar três tipos de sujeito, a saber: a) **Específico [referência definida]**; b) **Específico [referência indefinida]**, e, c) **Genérico**.

Cumpre salientar que, pelo fato de os referentes apresentarem comportamentos semânticos distintos, o sujeito **Específico [referência indefinida]** foi subdividido em: (i) **Falante incluso**, e, (ii) **Falante não-incluso**. Cada um destes tipos é ilustrado a seguir.

a) **Específico [referência definida]**

O *sujeito pronominal* é **Específico [referência definida]** quando se tratar de um pronome dêitico definido, ou seja, quando houver uma identificação entre pronome e pessoa referida, como mostra (30).

- (30) Doc. hun...artesanato lhe distrai?
 Inf. {uhn hun...exatamente...porque **eu** faço pintura...né?...em
 tecido...também ϕ trabalho com frutas de parafina...como **você** tá vendo
 ali...falta/...
- Doc. hun
 Inf. **eu** faço ímã...né?...geladeira...com meias de seda
 Doc. que quer isso...meias de seda?
 Inf. éh...um material que **eu** compro na capital...né?...em Aracaju...né?
 (Mulher de 32 anos, universitária)

E, em se tratando de um sujeito anafórico, ou seja, de 3ª pessoa, é **Específico [referência definida]** quando o seu referente estiver previamente estabelecido no discurso, sendo, assim, acessível ao falante e ouvinte por meio de uma remissão anafórica, como ilustra o exemplo (31).

- (31) Doc. você sabe fazer feijão tropeiro?
 Inf. não...meu esposo é que sabe
 Doc. você nunca viu assim como é que ele faz?
 Inf. já
 Doc. e como é que ele faz?
 Inf. ϕ cozinha o feijão
 Doc. hun
 Inf. cozinha o feijão...éh...depois ali ϕ prepara... ϕ coloca charque
 Doc. hun
 Inf. ϕ escorre depois o/o caldo do feijão...né?
 Doc. ah joga o caldo?
 Inf. é
 Doc. nunca fiz feijão tropeiro...hun
 Inf. ϕ joga e depois ali o/o...só o caroco...né?...**ele** coloca farinha e ϕ vai
 mexendo e ali fica o feijão tropeiro
 (Mulher de 38 anos, universitária)

b) **Específico [referência indefinida]**

Assume-se, neste estudo, o *sujeito pronominal Específico [referência indefinida]* como aquele que possui, para o ouvinte/leitor, uma referência parcialmente conhecida, cf. (32), ou como aquele que possui uma referência conhecida apenas para o falante/escritor, cf. (33), ou totalmente desconhecida não só para o ouvinte/leitor, mas também, para o próprio falante/escritor, cf. (34). Ou seja, o sujeito refere-se a situações concretas, mas o ouvinte/leitor não tem clareza sobre parte da identidade do referente, como mostra (32), ou sobre a identidade total do referente, como mostram (33) e (34). Cumpre salientar que o exemplo (34) é o único, no *corpus*, em que o falante/escritor não tem acesso ao referente.

Diante da identificação de sentidos diferentes expressos pelo tipo de referente do sujeito **Específico [referência indefinida]**, adota-se a subdivisão: (i) **Falante incluído**, e, (ii) **Falante não-incluído**.

(i) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante incluído** é assim denominado porque, neste tipo de sujeito, há mais de um referente e o falante é o único conhecido. Assim, este tipo de sujeito só pode ser representado por *nós* e *a gente*. A composição complementar deste tipo de sujeito possui referência desconhecida, cf. exemplo (32).

(32) Doc. uma discoteque?

Inf. não...quando a gente quer ir à boat/

Doc. {baile?

Inf. quando **a gente** quer ir à boate...**nós** vamos a Aracaju...já que é o/...o lugar mais próximo que **a gente** pode se divertir...ir à praia...ir ao shopping...ir à boate

Doc. e::e aqui o clube...assim...como que funciona o clube?...tem/tem festas eventualmente?...não...de modo/...

Inf. {não/não/não...infelizmente **nós** não temos festa aí...eventualmente assim...porque/::e sim **nós** temos quando tem no calendário do município...né?

Doc. hun

Inf. que **a gente** faz **a gente** trabalha e ϕ se diverte ao mesmo tempo
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(ii) O sujeito **Específico [referência indefinida] falante não-incluso** é assim denominado porque, neste tipo de sujeito, o falante não faz parte do conteúdo semântico. O referente do sujeito, que pode ser representado por (a) **um conjunto de indivíduos**, como mostra (33), ou por (b) **um indivíduo**, como mostra (34), é totalmente desconhecido do ouvinte/leitor, mas, o referente de (a) é conhecido do falante/escritor. Nem ‘o conjunto de indivíduos’ nem ‘um indivíduo’, pessoas que podem integrar a referência do sujeito pronominal, foram mencionados anteriormente, mas emergem no discurso do falante. Ou seja, não há um antecedente.

O sujeito **Específico [referência indefinida] falante não-incluso** só pode ser representado por *ele/ela*, *eles/elas* e *vocês* (houve apenas uma única ocorrência).

Na referência específica [indefinida] falante não-incluso, o falante tem em mente o grupo de indivíduos, cf. (33), ao qual está se referindo, mas o ouvinte não.

(33) Inf. aí pronto...fiquei trabalhando...trabalhei três mês de experiência...passei...aí... ϕ me colocaram mais três mês de experiência...passei de novo...

Doc. hun

Inf. aí foi quando deu aquela/a vontade de vim pra aqui eu ganhando BEM mesmo...tava ganhando naquele tempo era oito...eu comecei ganhando dois...dois e...dois conto e quarenta...assim por semana ...por dia...né?...

Doc. hun

Inf. não...por semana...aí passei a ganhar oito e oitocentos...aí foi quando me deu aquela vontade de vim pra aqui ...o engenheiro...não...rapaz...num vá não...vá não...eu com aquela cabeça dura ... ϕ jogaro até praga...
(Homem de 35 anos, analfabeto)

- (34) Inf. Aqui mesmo...quando eu cheguei aqui...aí...na festa de Porto da Folha/...foi criado esse negócio de Festa do Mato depois que ϕ botou a festa de Porto da Folha
(Homem de 70 anos, analfabeto)

Ressalta-se que nenhum dos dois tipos de sujeito **Específico [referência indefinida]** assumido neste estudo pode ser substituído por ‘qualquer indivíduo’, condição esta que distingue o sujeito **Específico [referência indefinida]** do sujeito **genérico**, que será apresentado a seguir.

c) Genérico

Considera-se o *sujeito pronominal Genérico* aquele que é usado para denotar a classe ou espécie de um modo geral (QUIRK; GREENBAUM *et al*, 1985), possuindo como referência ‘qualquer indivíduo humano’, ‘as autoridades’, ou ‘um grupo particular de indivíduos com quem o falante deseja identificar-se’ (HALLIDAY e HASSAN, 1976). Ou seja, não há um referente individuado, único, já que ‘qualquer indivíduo humano’ pode servir como referente, como mostram os exemplos (35) e (36).

- (35) Inf. eu acho assim...principalmente...porque a gente vive numa sociedade desigual...principalmente...porque às vezes você/...**você** já NASce com uma condição assim...financeira boa...que dá pra **você** seguir em frente...
(Mulher de 37 anos, universitária)
- (36) Doc. você acha que nós temos direito de tirar a vida do outro?
Inf. e porque a pessoa tirou...também eu acho que deveria fazer isso...por que **ela** tirou?...então ϕ indo pra penitenciária às vezes ϕ vai logo...vem e ϕ solta... ϕ é solto
Doc. hun
Inf. e então... ϕ matou ϕ morreu...pra mim tem que ser assim
(Mulher de 38 anos, universitária)

Nos exemplos (35) e (36), nem o falante nem o ouvinte têm um referente particular em mente.

Partindo do emprego de uma mesma pessoa gramatical – 1ª p. p. – **A GENTE** – que pode representar os três tipos de sujeito **Específico [referência definida]**; **Específico**

[referência indefinida], e, **Genérico** mostram-se exemplos (37-40) para que sejam evidenciadas as diferenças entre os três tipos.

Específico [referência definida]

O sujeito pronominal “**a gente**”, ilustrado em (37), representa as pessoas: “eu”, falante, e “ele”, o esposo.

- (37) Doc. uhn hun...como foi que você conheceu o seu esposo?
 Inf. aqui mesmo
 Doc. mas assim::
 Inf. {no/...num baile
 Doc. ah...tá::olhe o baile aí:: ((sorriu))
 Inf. ((sorriu)) é...o baile sempre dá coisa
 Doc. vocês namoraram quanto tempo?
 Inf. **a gente** namorou...depois ele foi embora pra São Paulo
 (Mulher de 37 anos, universitária)

Específico [referência indefinida]

Nos exemplos (38) e (39), a seguir, o sujeito **Específico [referência indefinida]** **falante incluso** ²¹“**a gente**” possui mais de um referente e o falante é o único conhecido.

- (38) Inf. ah...brincadeira de roda...de esconde-esconde...de/de/de bicho...daquelas
 brincadeiras que **a gente** se escondia pro outro achar
 Doc. hun
 Inf. éh...adivinhações...essas coisinhas...que com isso **a gente** era
 feliz...né?...num existia televisão
 Doc. hun ((sorriu))
 Inf. ((sorriu)) **a gente** se divertia assim
 (Mulher de 47 anos, universitária)
- (39) Inf. ele tomava remédio mas...o médico mandou...
 parar...sabe?...porque...num tinha jeito... (mais)...então ele/...o jeito foi
 parar...porque o remédio...era...mandava/...dava uma receita...**a gente**
 comprava... mas...
 Doc. hun
 Inf. resultado nenhum tinha.
 (Rapaz de 48 anos, analfabeto)

²¹ Cumpre registrar que, como o sujeito **Específico [referência indefinida]** **falante não-incluso** só pode ser representado por *ele/ela*, *eles/elas* e *vocês*, a ilustração com o sujeito pronominal “a gente” fica descartada.

Genérico

No exemplo abaixo, verifica-se que o sujeito “a gente” representa ‘qualquer indivíduo’ que seja especializado em questões sociais ou políticas. Sendo assim, o falante não se inclui. O que distingue o sujeito **a gente** como **Específico [referência indefinida] falante incluso** do **Genérico** é que, no primeiro, há a descrição de um evento situado temporalmente, e, no segundo, fala-se de um fato hipotético, virtual. Desta maneira, no exemplo (40), há uma suposição de investigação de um fato.

- (40) Doc. éh...para você...por que que existem ricos e pobres?...por que que há essa divisão...né?...social?...por que que há classes sociais diferentes?...por que que há uns com tantos e outros sem nada?...qual é a causa disso aí?
- Inf. na verdade isso é um/um fato...um fato histórico né?...**a gente**...se for analisar através de os tempos...vai perceber que...a formação de classe social vem desde a Antigüidade...quer dizer...à proporção que vão/vão se formando...os núcleos sociais..éh...UNS...éh...vão/vão adquirindo o poder...
- (Homem de 48 anos, universitário)

Após a definição dos três tipos de sujeito, faz-se necessário destacar a hipótese que subjaz à análise do papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal. Galves (1987) afirma que, à medida que se preenche o sujeito de referência definida, esvazia-se o sujeito de referência arbitrária, ou seja, o de referência genérica.

Se a especificidade puder ser avaliada como um *continuum*, e levando em conta a afirmação de Galves (1987), espera-se que o preenchimento do sujeito seja mais acentuado com os sujeitos de referência [específica definida] e tenda a diminuir gradualmente quando passa para a referência [específica indefinida] e desta para a referência [genérica]. Assim, espera-se que haja uma maior ocorrência de **sujeito lexicalizado** entre os **específicos definidos**; uma menor entre os **genéricos**, e, uma ocorrência intermediária entre os **específicos indefinidos**.

Antes de apresentar os resultados da análise do sujeito pronominal na fala urbana itabiense, será apresentado, na seção que segue, um quadro sinóptico dos fatores lingüísticos e sociais que atuam no uso do sujeito nulo.

4. RESULTADOS GERAIS DA FALA URBANA ITABIENSE

Esta seção inicia-se com a apresentação de uma síntese dos fatores lingüísticos e sociais que propiciam o uso do sujeito nulo no português do Brasil, com base nas conclusões de estudos desenvolvidos sobre esse fenômeno (LIRA, 1982; 1988; TARALLO, 1983; GALVES, 1987; DUARTE, 1995; 1997; SILVA e PAIVA, 1996; AVERBUG, 2000; PAIVA, 2003; MATTOS e SILVA, 2004).

Cumprе observar que os fatores sociais e lingüísticos, que influenciam no uso de sujeito nulo ou lexicalizado, e que foram levados em conta na análise da fala urbana itabiense, foram expostos na seção 3. *Pressupostos teórico-metodológicos* e na subseção 3.3 *Grupos de fatores para a análise*.

Quadro 3 – Síntese dos fatores lingüísticos e sociais favorecedores do sujeito nulo

<u>FATORES LINGÜÍSTICOS</u>
Sujeito genérico.
3ª pessoa do singular e do plural.
O traço semântico [- animado] do referente de terceira pessoa.
A ausência de elementos antepostos ao sujeito.
A presença de elementos entre o sujeito e o verbo como: a) negação b) pronomes átonos c) advérbios d) palavras denotativas – já, só, apenas, assim (MD), também, ainda.
Sujeito igual ao da oração anterior.
Verbo da oração no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do indicativo.
Elemento anafórico próximo do antecedente: oração imediatamente anterior; 2ª oração anterior.
Com os três tipos de verbo <i>transitivo</i> , <i>de ligação</i> e <i>intransitivo</i> , Duarte (1995) ressalta que o emprego do sujeito nulo não supera o do sujeito preenchido. Mesmo não superando, o <i>intransitivo</i> é o que alcança uma sutil vantagem em relação aos dois outros tipos de verbo.
Forma verbal <i>flexionada</i> ou <i>não-flexionada</i> das pessoas gramaticais do plural: 1ª pessoa do plural (forma verbal flexionada).
Oração substantiva e a 2ª coordenada.
<u>FATORES SOCIAIS</u>
Falantes mais velhos - variante padrão: o sujeito nulo.
Falantes do sexo feminino - variante padrão: o sujeito nulo.
Falantes escolarizados - variante padrão: o sujeito nulo.

Nesta seção, serão expostos e analisados os resultados obtidos de todos os dados de sujeito pronominal da fala urbana itabiense. Primeiramente, apresentam-se os resultados gerais, segundo as pessoas gramaticais e, em seguida, em relação ao fator especificidade, e, por último, serão apresentados os fatores considerados significativos para a caracterização da variação sujeito nulo e sujeito preenchido. A partir da subseção 4.2, os dados de sujeito serão analisados separadamente, ou seja, de acordo com a especificidade: específico definido, específico indefinido e genérico. Em relação aos dois últimos tipos de sujeito, serão investigados (i) a pessoa gramatical; (ii) a correferencialidade e tipo de oração, e (iii) os fatores sociais escolaridade, sexo e idade.

Na tabela 01, está a distribuição das mil e duzentas ocorrências de sujeito pronominal, independentemente de sua especificidade, com o percentual de uso de cada variante, empregado pelos falantes urbanos itabienses.

Antes da apresentação dos resultados gerais, cumpre observar que o *total de ocorrências* (1.187) não coincide com o *total de dados* deste estudo (1.200), porque houve ocorrências de sujeito pronominal, cf. ilustra (41), nas quais não foi possível identificar a pessoa gramatical, aplicando, assim, para este fator lingüístico, o recurso técnico do Programa VARBRUL “não-se-aplica”.

A pessoa gramatical não identificada é a do sujeito nulo que antecede o verbo *deixe*.

- (41) Inf. num é isso que eles pensam...agora EU...já penso diferente...né?...porque as pessoas reclamam e é o que mais a gente pede...os banheiros...pelo menos os banheiros...onde todos irão entrar...que ϕ deixe alguém na porta...éh com a/com/...com a toalha...papel higiênico...
(Rapaz de 29 anos, universitário)

Do conjunto dos dados da fala urbana itabiense, são apresentados os percentuais de ocorrências do sujeito nulo como também do sujeito preenchido, para que se tenha uma visão geral do uso das variantes, independentemente da referência do sujeito.

Tabela 1 - Emprego geral do sujeito pronominal na fala urbana itabiense

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N ²² /%	N/%	
1ª p. s. eu	270/ 51%	261/49%	531
2ª p. s. você	13/27%	36/ 73%	49
3ª p. s. ele/ela	214/ 71%	88/29%	302
1ª p. p. nós	41/ 53%	37/47%	78
1ª p. p. a gente	37/35%	70/ 65%	107
2ª p. p. vocês	1	2	3
3ª p. p. eles/elas	94/ 80%	23/20%	117
Total	670 (56%)	517 (44%)	1.187

Na tabela 01, apresenta-se o resultado geral e constata-se que a comunidade de fala em estudo apresenta variação, em relação ao uso do sujeito pronominal, com predominância de 56% no emprego do sujeito nulo contra 44%, de sujeito lexicalizado.

No total dos dados desta pesquisa, o sujeito pronominal de 3ª pessoa, tanto do singular quanto do plural, é o que oferece maior resistência à lexicalização, prevalecendo a 3ª pessoa do plural (80%) sobre as demais quanto ao uso do sujeito nulo específico definido, específico indefinido e genérico.

O emprego predominante de sujeito nulo na 3ª pessoa do singular e do plural reforça a observação de Duarte (1995) de que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança, “pelo fato de a recuperação do conteúdo do sujeito nulo contar com reforço da referência externa dos SNs” (p. 22).

Apesar de as formas pronominais *você*, *ele/ela* e *a gente* possuírem a mesma forma verbal, a análise revela que há usos diferenciados para cada forma, pois, para as formas *você* e *a gente*, predomina o emprego do sujeito preenchido e, para a forma *ele/ela*, do sujeito nulo. Isto talvez se justifique pela relação dêitica e anafórica das formas.

Em relação à 1ª pessoa do singular *eu* (51%) e à do plural *nós* (53%), com percentuais de uso do sujeito nulo superiores ao do sujeito preenchido, percebe-se que estes percentuais já estão se aproximando do obtido para o sujeito preenchido.

Os resultados gerais mostram que a 2ª pessoa do singular – *você* – com 73%, e a 1ª pessoa do plural – *a gente* – com 65%, são os sujeitos lexicalizados mais usados pelos falantes urbanos itabienses.

Além dessas análises, constata-se, nos resultados expostos na tabela 01, a total ausência dos sujeitos pronominais *tu* e *vós*.

²² N – número de ocorrências.

Como, neste estudo, os sujeitos pronominais não se restringem, apenas, aos de referência específica, mas a todos os sujeitos pronominais identificados nas 50 ocorrências consecutivas de cada falante, faz-se necessário apresentar o total de ocorrências de cada tipo encontrado. Mas, antes de mostrar esses resultados separadamente, far-se-á uma apresentação do uso do sujeito específico e genérico fundamentada em estudos realizados em alguns estados do Brasil.

Foram reunidos, na tabela 2, os resultados de diferentes estudos, no que se refere ao papel da especificidade na realização do sujeito pronominal, para se ter uma visão do processo de lexicalização independentemente do fato de a referência ser específica ou genérica.

Na subseção 4.2, na qual estarão os resultados do sujeito específico definido, serão adicionados, na tabela 5, outros resultados de pesquisas, referentes apenas ao sujeito específico, além dos que já constam na tabela 2, para ampliar a visão do preenchimento do português brasileiro.

Tabela 2 - Realização do sujeito pronominal segundo a especificidade do sujeito em Estados brasileiros

PESQUISAS	SUJ. ESPECÍFICO		Total	SUJ. GENÉRICO		Total
	sujeito nulo	sujeito lex		sujeito nulo	sujeito lex	
DUARTE (1995) – (FU) ²³ – RJ	29%	71%	1.424	35%	65%	322
²⁴ LAPERUTA (2002) – (LF) - Londrina - PR	-	-	-	23%	77%	414
²⁵ CARVALHO (2005) – Fala do Araguaense – (LF) - MT/GO	43%	57%	1.101	34%	66%	292
²⁶ VASCONCELLOS (2005) – SP	86%	14%	337	100%	-	47

Constata-se, pelos índices de ocorrências, que tanto o sujeito genérico quanto o específico [referência definida], com exceção dos resultados de Vasconcellos, apresentam

²³ FU – Falantes Universitários.

²⁴ Laperuta (2002) analisa o sujeito pronominal na fala de pessoas que possuem escolaridade, distribuindo-a em três faixas: a) 1ª – 4ª série; b) 5ª – 8ª série; c) 2º grau. A autora não apresenta os resultados gerais do sujeito específico, mas, em relação ao sexo, afirmando que as mulheres têm sido mais conservadoras em relação à mudança, embora a diferença entre homens e mulheres seja pequena: 63% de sujeito preenchido no uso das mulheres e 68% de sujeito preenchido no uso dos homens.

²⁵ O *corpus* de Carvalho (2005) é constituído de falantes analfabetos e com escolaridade (1º, 2º e 3º graus).

²⁶ Vasconcellos analisa a língua escrita (cartas em jornais da cidade de São Paulo, no século XIX).

uma tendência ao emprego do sujeito lexicalizado. Isto mostra que, em alguns Estados brasileiros, o sujeito pronominal, independentemente da sua especificidade, está em um processo de lexicalização bastante avançado.

Galves (2001) afirma que a interpretação determinada leva ao uso do sujeito preenchido. E, quando a interpretação desejada é a de indeterminação, opta-se pelo esvaziamento do sujeito, isto é, opta-se pelo emprego do sujeito nulo. A referida autora reforça que essa especialização de usos se deu para evitar a ambigüidade entre a interpretação determinada/indeterminada. Contudo, os resultados referentes ao sujeito de referência arbitrária ou indeterminada de Duarte (1995), Laperuta (2002) e de Carvalho (2005) contestam este pressuposto, revelando o elevado índice de 65%, 77% e 66%, respectivamente, de uso do sujeito pronominal preenchido de referência arbitrária. Laperuta (2002) afirma que “se o processo começou no âmbito da referência definida, já está, agora, também bastante avançado no espaço da referência arbitrária” (p.116).

Duarte (1995) ressalta que, em decorrência da perda do Princípio Evite Pronome, que “prevê a ocorrência do sujeito nulo sempre que (ele) for plenamente licenciado e identificado” (p.98), é possível dar interpretação [+ arb] a um sujeito nulo de terceira pessoa que não tem um referente explícito no contexto precedente. Porém, segundo a referida autora, “essa variante se mostra estacionada enquanto aumenta igualmente a tendência ao uso de formas pronominais plenas para expressar a indeterminação do sujeito” (p.99).

A autora destaca, também, que os sujeitos determinados lexicalizados, de ‘referência definida’, acabaram por exercer, ao longo do tempo, uma forte influência nos sujeitos de ‘referência genérica’, fazendo com que estes passem a ser realizados de forma preenchida ou lexicalizada como ‘você’, ‘a gente’, ‘eles’, ‘nós’, e, ‘eu’ – pronomes, como adverte Duarte, apontados por Kato e Tarallo (1986).

O estudo de Vasconcellos (2005), que analisa as cartas escritas por leitores e redatores em jornais da cidade de São Paulo, no século XIX, mostra que, em se tratando do sujeito determinado, o uso do sujeito nulo é maior do que o do sujeito lexicalizado, confirmando, como ressalta o autor, a tendência das línguas de sujeito *pro-drop*. Quanto aos dados de sujeito de referência arbitrária ou genérica, não houve nenhuma ocorrência de sujeito preenchido ou lexicalizado.

Vasconcellos (2005) destaca que (a) em seu *corpus*, predomina o uso do sujeito nulo tanto em relação ao sujeito determinado quanto, ao genérico, o que vem a confirmar que, no século XIX, a tendência de sujeito nulo é maior do que a de sujeito lexicalizado; (b) pela ausência de sujeito genérico preenchido, a influência do sujeito determinado preenchido sobre o genérico nulo, apontada por Duarte (1995), ainda não havia deixado marcas na representação deste sujeito.

Como os resultados da especificidade do sujeito na fala urbana itabiense se colocam em relação às tendências gerais?

Cumprе ressaltar que, das 1.200 ocorrências de sujeito pronominal, 852 foram de sujeito pronominal específico, 199, de sujeito pronominal específico indefinido, e, 149, de sujeito pronominal genérico, como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências segundo a especificidade do sujeito na fala urbana itabiense

ESPECIFICIDADE DO SUJEITO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Sujeito Específico [definido]	482/ 57%	370/43%	852
Sujeito Específico [indefinido]	112/ 56%	87/44%	199
Sujeito Genérico	89/ 60%	60/40%	149
Total	683/ 57%	517/43%	1.200

Os resultados na tabela 3 mostram que tanto o sujeito que possui um referente específico [definido] e [indefinido] quanto o genérico são expressos, predominantemente, por um sujeito nulo, pelos falantes urbanos itabienses. Ou seja, o emprego do sujeito nulo é superior ao do lexicalizado, resultado este que não ratifica os apresentados na tabela 2.

Estabelecendo uma comparação entre os percentuais obtidos para o sujeito nulo nos três tipos de sujeito, cf. tabela 3, percebe-se que o sujeito genérico apresenta um maior percentual de uso, ratificando o que postula Galves (2001). E, comparando o resultado do sujeito específico [referência indefinida] com os outros dois, observa-se que os índices de preenchimento do sujeito não seguem uma escala gradual de diminuição. No entanto, ao efetuar o cálculo dos pesos relativos, observa-se uma leve tendência à comprovação da hipótese.

Tabela 4 - Especificidade do sujeito em pesos relativos

ESPECIFICIDADE DO SUJEITO	VARIANTES	
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO
	Peso relativo	Peso relativo
Sujeito Específico [definido]	0.44	0.56
Sujeito Específico [indefinido]	0.65	0.35
Sujeito Genérico	0.63	0.37

Os resultados em pesos relativos, mostrados na tabela 4, sugerem que, para a hipótese do *continuum* ser confirmada, o peso relativo correspondente ao uso do sujeito nulo de referência genérica deveria apresentar um índice mais elevado do que o do sujeito específico indefinido.

Dos fatores analisados nos dados gerais, ou seja, nas 1.200 ocorrências de sujeito pronominal, o Programa VARBRUL selecionou como relevantes, para a caracterização da variação sujeito nulo e sujeito preenchido, nove fatores, que serão apresentados nos quadros (4-12), a seguir.

4.1. Grupos de Fatores Considerados Relevantes para o Sujeito Nulo

Os dados de sujeito pronominal foram codificados e os resultados foram obtidos com o auxílio do Programa estatístico VARBRUL. Foram realizados cálculos de frequência de uso das variantes, cruzamentos entre os grupos de fatores e, por meio do cálculo do peso relativo, foram identificados os seguintes grupos de fatores mais relevantes para a realização do sujeito nulo: 1º) pessoa gramatical, 2º) correferência, 3º) elementos antepostos ao sujeito pronominal, 4º) animacidade, 5º) sexo, 6º) nível de escolaridade, 7º) forma verbal (desinências), 8º) especificidade, 9º) tipo de oração, cf. pesos relativos, a seguir, nos quadros.

Nos fatores selecionados, como aqueles de maior significância para a ocorrência de sujeito nulo, destacam-se os seguintes contextos: para as pessoas gramaticais, as terceiras, a primeira do plural e do singular (cf. quadro 4); a correferência é um outro contexto propício ao nulo (cf. quadro 5); a ausência de elementos antepostos ao sujeito (cf. quadro 6); o traço semântico do referente [- animado] (cf. quadro 7); o sexo masculino (cf. quadro 8); a não-

escolaridade (cf. quadro 9); a forma verbal de pessoas gramaticais do plural: 2ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: vocês), 3ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: eles/elas), 3ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: eles/elas) (cf. quadro 10); o sujeito específico indefinido e o genérico (cf. quadro 11), e, as orações 2ª coordenada, relativas, substantivas e adverbiais (cf. quadro 12).

Vale ressaltar que o programa VARBRUL selecionou a correferencialidade como o 2º fator mais significativo, que, talvez, traga algumas evidências para as ocorrências significativas de sujeito nulo na 3ª pessoa do singular, como também, para as ocorrências de sujeito nulo na 3ª pessoa do plural com a forma verbal não-flexionada. Sendo assim, é possível que uma das identificações do sujeito nulo das pessoas gramaticais referidas deva ser feita por meio da correferencialidade.

1º Fator selecionado: pessoa gramatical

Quadro 4 – Peso relativo: sujeito nulo *versus* pessoa gramatical

PESSOAS GRAMATICAIIS	PESO RELATIVO
1ª p. s. (eu)	.46
2ª p. s. (você)	.21
3ª p. s. (ele/ela)	.66
1ª p. p. (nós)	.56
1ª p. p. (a gente)	.26
2ª p. p. (vocês)	.03
3ª p. p. (eles/elas)	.60

No quadro 4, os pesos relativos mostram que as terceiras pessoas do singular (.66) e do plural (.60) são as que mais favorecem o uso do sujeito nulo, seguidas da primeira pessoa do plural *nós* (.56) e 1ª pessoa do singular (.46). Uma possível justificativa para as ocorrências significativas nas terceiras pessoas, talvez, seja o fato de o referente do sujeito se encontrar em correferência ou em orações anteriores mais próximas.

2º Fator: correferência**Quadro 5** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* correferência

CORREFERÊNCIA	PESO RELATIVO
Sujeito correferente	.64
Sujeito não-correferente	.35

Percebe-se, no quadro 5, que, quando o sujeito não é correferente, há uma redução bastante acentuada no uso do sujeito nulo.

3º Fator: elementos antepostos**Quadro 6** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* elementos antepostos

ELEMENTOS ANTEPOSTOS	PESO RELATIVO
Presença de adjuntos adverbiais	.45
Presença de elementos topicalizados	.24
Outros casos	.34
Ausência de elementos antepostos	.55

Em relação à ausência de elementos antepostos ao sujeito, os pesos relativos apontam para o prevalecimento do sujeito nulo sobre o sujeito preenchido. Mas também a presença de elementos antepostos ao sujeito, especificamente, os adjuntos adverbiais, ainda possui uma certa relevância na atuação do uso do sujeito nulo.

4º Fator: animacidade**Quadro 7** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* animacidade

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	PESO RELATIVO
[- animado]	.88
[+ animado]	.43

O traço [- animado] mostra-se como um condicionante bastante significativo no emprego do sujeito nulo. Percebe-se que, quando o traço semântico é [+ animado], há uma redução acentuada no uso do sujeito nulo.

5º Fator: sexo**Quadro 8** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* sexo

SEXO	PESO RELATIVO
Masculino	.54
Feminino	.46

O fator social sexo indica que os homens usam mais o sujeito nulo do que as mulheres.

6º Fator: escolaridade**Quadro 9** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PESO RELATIVO
Não - escolarizados	.55
Escolarizados (formação universitária)	.41

Os resultados apresentados no quadro 9 mostram que os falantes não-escolarizados empregam mais o sujeito nulo do que os universitários.

7º Fator: forma verbal de pessoas gramaticais do plural (desinências)**Quadro 10** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* forma verbal (desinências)

FORMA VERBAL (desinências)	PESO RELATIVO
1ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: nós)	.43
1ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: nós)	.12
2ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: vocês)	.92
2ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: vocês)	.10
3ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: eles/elas)	.56
3ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: eles/elas)	.89

A regra variável no uso das variantes associadas às formas verbais de pessoas gramaticais do plural indica que a 2ª pessoa *vocês* (.92) é a que obtém o maior uso de sujeito nulo, quando a forma verbal é flexionada. Seguindo a ordem decrescente no uso do sujeito nulo, aparece a terceira pessoa do plural *eles/elas* (.89), quando a forma verbal não é flexionada, e o peso relativo é reduzido com a mesma pessoa gramatical *eles/elas* (.56), quando a forma verbal é flexionada.

8º Fator: especificidade**Quadro 11** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* especificidade

ESPECIFICIDADE	PESO RELATIVO
Sujeito Específico [definido]	.44
Sujeito Específico [indefinido]	.65
Sujeito Genérico	.63

Como se evidencia no quadro 11, tanto o sujeito específico indefinido (.65) quanto o sujeito genérico (.63) são os que mais condicionam o uso do sujeito nulo.

9º Fator: tipo de oração**Quadro 12** - Peso relativo: sujeito nulo *versus* tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	PESO RELATIVO
Principal	.41
Subordinada adverbial	.52
Subordinada substantiva	.53
Subordinada adjetiva	.56
1ª coordenada	.42
2ª coordenada	.57
Oração absoluta	.43

Os resultados apresentados no quadro 12 mostram que apenas a oração principal, a 1ª coordenada e a oração absoluta não obtiveram pesos relativos superiores ao uso do sujeito preenchido.

Devido ao fato de a especificidade do sujeito ser um critério adotado neste estudo para orientar a análise dos dados, os resultados serão apresentados separadamente, cf. subseções 4.2, 4.3 e 4.4. Ou seja, primeiro, serão apresentados os resultados referentes ao sujeito específico definido, depois, ao sujeito específico indefinido e, por último, ao sujeito genérico (dos dois últimos tipos de sujeito, como já foi dito, serão apresentados apenas os resultados em relação à pessoa gramatical, correferencialidade e tipo de oração, e, aos fatores sociais escolaridade, sexo e idade dos informantes).

4.2 Sujeito Específico Definido no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense

Nesta seção, apresentam-se os resultados de todo o conjunto de dados do sujeito específico definido, em relação a onze grupos de fatores²⁷, dos quais nove foram selecionados como mais relevantes pelo programa estatístico VARBRUL (cf. subseção 4.1): pessoa gramatical, forma verbal (desinências), animacidade, correferência, distância entre o elemento anafórico e o antecedente, elementos antepostos ao sujeito pronominal, tipo de oração, especificidade, sexo, nível de escolaridade, e, idade. Primeiramente, serão expostos os resultados no conjunto dos dados de sujeito específico e, depois, distribuídos pelos seis grupos de pessoas (a) homens analfabetos mais jovens; (b) homens analfabetos mais velhos; (c) mulheres analfabetas mais jovens; (d) mulheres analfabetas mais velhas; (e) mulheres universitárias jovens, e, (f) homens universitários jovens.

Antes de apresentar os resultados referentes ao uso do sujeito específico definido na fala urbana itabiense, são apresentados resultados de estudos realizados em Estados brasileiros para fornecer uma visão panorâmica da realização do sujeito pronominal, variável deste estudo, e estabelecer uma análise comparativa entre os estudos de outras regiões e o da fala de Itabi, com o intuito de verificar como o sujeito pronominal específico na fala urbana itabiense se coloca em relação às tendências gerais (cf. tabela 5).

Tabela 5 - Frequência do sujeito específico em alguns Estados brasileiros

PESQUISAS	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	Total de ocorrências
	%	%	
LIRA (1982) - RJ	(LF) ²⁸ – 44%	56%	8.924
TARALLO (1983) - SP	(LF) – 20,6%	79,4%	780
LIRA (1988) - RJ	(LF) - 42%	58%	1.515
DUARTE (1995) - RJ	(FU) ²⁹ – 29%	71%	1.424
DUARTE (1997) - MT	(FI) ³⁰ - 36%	64%	1.034
CARVALHO (2005) - MT/GO	(FA) ³¹ - 43%	57%	1.101

Como se observa na tabela 5, todos os resultados de pesquisas apresentam o sujeito preenchido como a variante predominante.

²⁷ Não serão apresentados resultados de peso relativo para os mencionados grupos de fatores, pois o cálculo de frequência com sujeitos definidos gerou muitas situações de *knockout*, que impedem uma avaliação adequada do peso dos diversos fatores. Os resultados referentes aos grupos de fatores não selecionados constarão em anexos.

²⁸ LF – Língua Falada.

²⁹ FU – Falantes Universitários.

³⁰ FI – Falantes Indígenas.

³¹ FA - Fala do Araguaense.

Duarte (1995, p. 48-49), justificando o preenchimento do sujeito, afirma que

os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança – graças à sua substituição pelos pronomes de tratamento (você(s), o(s) senhor(es)), que se combinam com formas verbais de terceira pessoa – e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado.

Após se ter apresentado os resultados referentes ao uso do sujeito específico definido de estudos realizados em Estados brasileiros, são apresentados os resultados referentes a todos os dados de sujeito específico da fala urbana itabiense, distribuídos por grupo de pessoas, para se obter uma visão panorâmica do seu uso.

Tabela 6 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito específico de referência definida

GRUPOS DE PESSOAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	120/ 66%	62/34%	182
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	89/ 66%	46/34%	135
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	66/43%	86/ 57%	152
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	88/ 58%	64/42%	152
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	64/48%	68/ 52%	132
Homens universitários [20 – 49 anos]	53/ 55%	44/45%	97
Total	480/ 56%	370/44%	850

Os resultados expostos vão de encontro à hipótese inicial de que os falantes do sexo masculino e analfabetos deveriam apresentar um maior percentual de uso do sujeito lexicalizado, ou seja, da variante não-padrão. No entanto, são estes falantes que lideram o uso do sujeito nulo, ou seja, da variante padrão.

Já as mulheres universitárias, pertencentes à faixa etária [20 – 49 anos], estão na liderança da variante inovadora, o sujeito lexicalizado.

Estabelecendo uma comparação entre as mulheres universitárias e os homens universitários, ambos pertencentes à mesma faixa etária, percebe-se que estes empregam mais o sujeito nulo do que as mulheres. Esperava-se o contrário dessa ocorrência, pois, como foi constatado por Labov (1966) em seu estudo sobre o efeito da *variável sexo*, as mulheres empregam mais a forma padrão do que os homens.

Antes da apresentação do uso da pessoa gramatical pelos seis grupos de pessoas, são comparados os resultados referentes ao sujeito pronominal de referência específica definida dos grupos que se diferenciam por um dos fatores sociais escolaridade, sexo e idade, e, demonstrados conforme gráficos 2-8.

4.2.1 Resultados Gerais sobre o Uso do Sujeito Pronominal Específico Definido e Condicionamentos Sociais

Cumprе lembrar que as hipóteses que foram formuladas para os fatores sociais escolaridade, sexo e idade são:

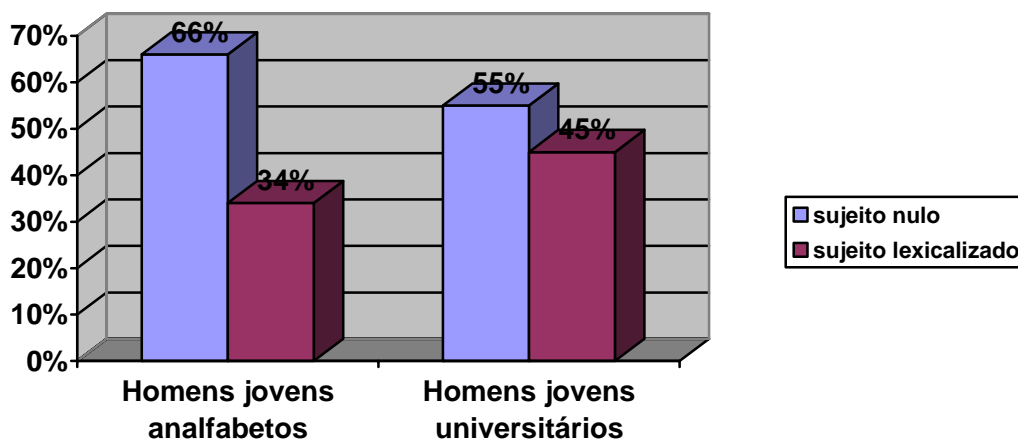
Labov (1966), Silva e Paiva (1996) observam que falantes com **nível de escolaridade mais alto** privilegiam a **variante padrão**. Portanto, espera-se que os falantes com formação universitária empreguem, predominantemente, o sujeito pronominal nulo, e, os analfabetos, o sujeito pronominal lexicalizado.

Estudos realizados sobre o efeito da **variável sexo** (LABOV, 1966; SILVA e PAIVA, 1996) constataм que há uma forte tendência ao emprego de **formas lingüísticas padronizadas pelas mulheres**. Então, espera-se que o sujeito pronominal nulo ocorra com maior frequência entre as mulheres urbanas itabienses.

De acordo com inúmeras pesquisas (LABOV, 1963; SILVA e PAIVA, 1996), **os falantes mais jovens** tendem a empregar, com índices mais elevados, a variante **não-padrão**. Então, espera-se que os falantes pertencentes à faixa etária “acima de 65 anos” empreguem mais a forma padrão e os da faixa etária “20 - 49 anos”, a não-padrão, ou seja, o sujeito pronominal lexicalizado.

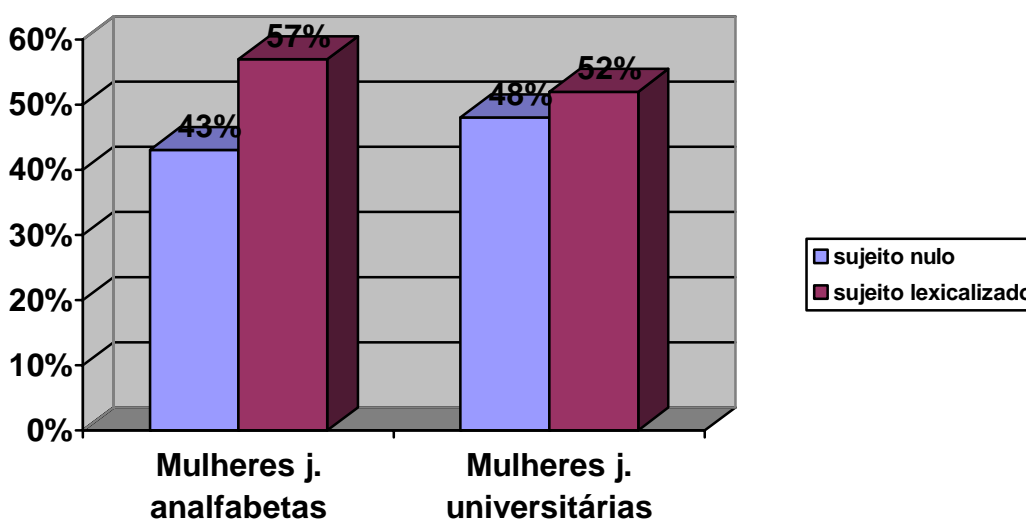
ESCOLARIDADE

Gráfico 2 - Sujeito pronominal empregado pelos homens segundo a escolaridade



Na fala dos homens, apesar de ambos empregarem predominantemente o sujeito nulo, as análises mostram que o fator escolaridade influencia, inversamente, no uso das variantes *sujeito nulo* ou *sujeito preenchido*, pois, cf. gráfico 2, os homens jovens analfabetos empregam mais o sujeito nulo do que os homens jovens universitários, de quem se esperava um uso maior.

Gráfico 3 - Sujeito pronominal empregado pelas mulheres segundo a escolaridade

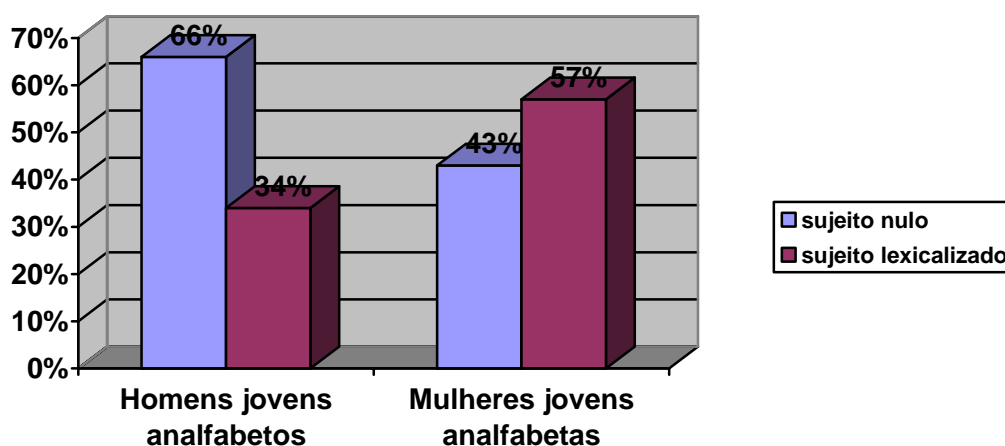


Em relação às mulheres, apesar de ambos os grupos usarem predominantemente, cf. gráfico 3, o sujeito lexicalizado, as analfabetas preenchem mais o sujeito. Conforme as hipóteses lançadas, esperava-se que o sujeito nulo prevalecesse sobre o preenchido entre as

mulheres jovens universitárias, o que não se confirma, e que as mulheres jovens analfabetas obtivessem um uso superior às mulheres jovens universitárias em relação ao sujeito preenchido, hipótese esta que se confirma.

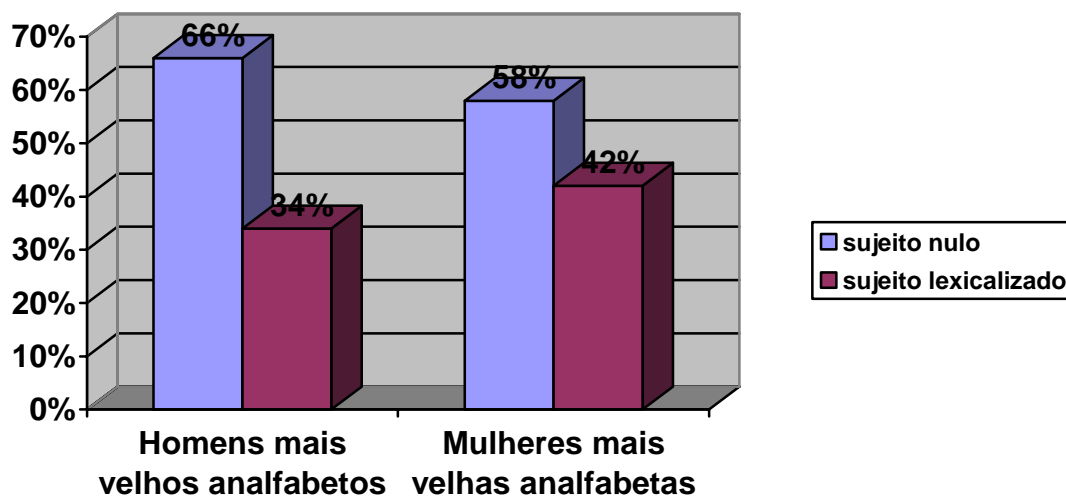
SEXO

Gráfico 4 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



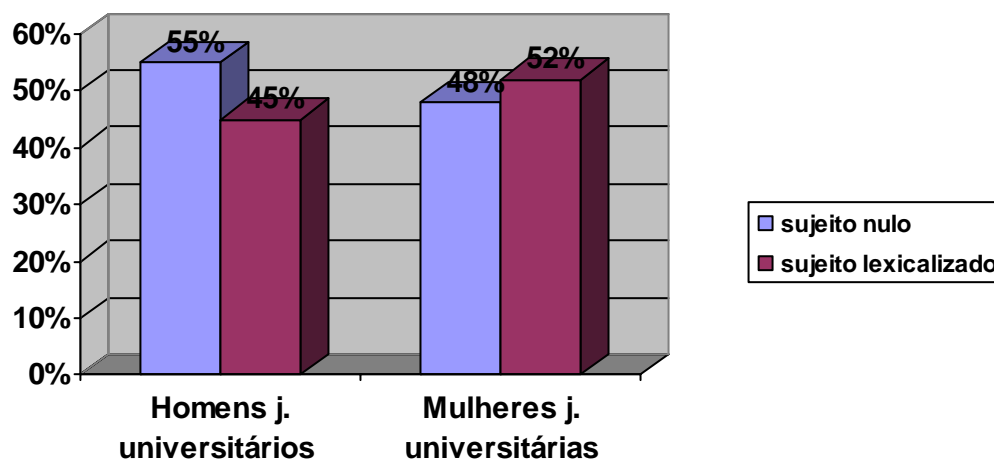
Quanto ao sexo, os resultados revelam que há um uso diferenciado entre homens e mulheres, pois, como se observa no gráfico 4, os homens jovens analfabetos priorizam o emprego do sujeito nulo e as mulheres jovens analfabetas, do sujeito preenchido. Esperava-se o comportamento inverso dos falantes mencionados.

Gráfico 5 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Nos dados apresentados aqui, evidencia-se que os homens usam mais o sujeito nulo do que as mulheres e, comparando, também, os resultados referentes ao sujeito lexicalizado, percebe-se que o uso maior ocorre por parte das mulheres.

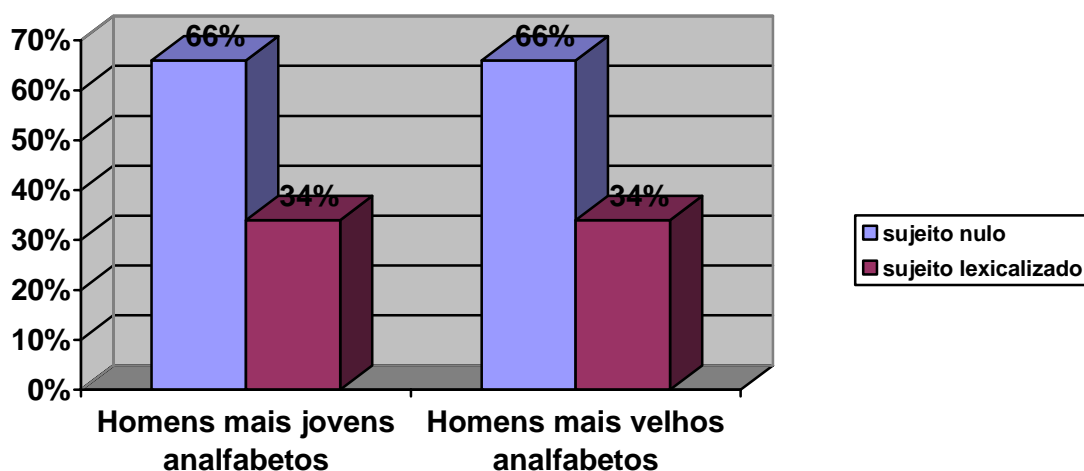
Gráfico 6 – Sujeito pronominal empregado por homens e mulheres jovens universitários



Entre os homens jovens universitários, o emprego do sujeito nulo se sobrepõe ao uso do sujeito preenchido. Mas, entre as mulheres jovens universitárias, o uso do sujeito preenchido é superior ao do sujeito nulo.

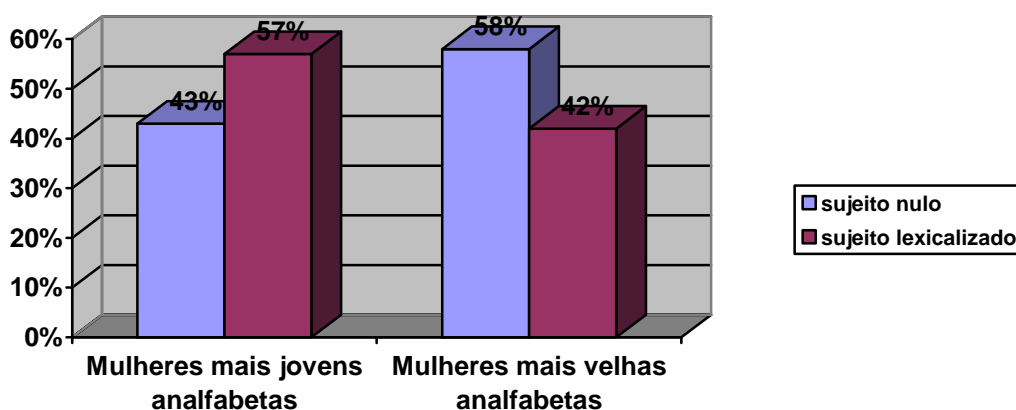
IDADE

Gráfico 7 - Sujeito pronominal empregado por homens analfabetos segundo a idade



Em relação ao uso das variantes *sujeito nulo* ou *sujeito preenchido*, os homens analfabetos expressam o mesmo percentual, independentemente da idade. Esperava-se um percentual menor no uso do sujeito nulo por parte dos homens analfabetos mais jovens, seguindo uma hipótese de mudança. Sendo assim, a idade não influenciou no uso das variantes de sujeito pronominal entre os homens analfabetos, cf. gráfico 7.

Gráfico 8 - Sujeito pronominal empregado por mulheres analfabetas segundo a idade



Quanto às mulheres analfabetas, confirma-se a hipótese que foi elaborada, pois as mais jovens usam predominantemente o sujeito preenchido e as mais velhas, o sujeito nulo, cf. gráfico 8.

4.2.2 Pessoa Gramatical

Lira (1988) ressalta que o sujeito lexicalizado ocorre mais freqüentemente com referentes de 1ª e 2ª pessoas do que com os de 3ª pessoa.

Duarte (1995) justifica que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança, porque conta com um referente externo. Assim, presume-se que “a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes” (p. 21).

A referida autora afirma que “o sujeito nulo deixa, pois, de ser obrigatório para ser opcional, não havendo mais uma relação direta entre flexão distintiva e sujeito nulo. Prova disso é, de um lado, a perda significativa da realização do sujeito nulo na primeira pessoa do singular, que mantém a única desinência exclusiva, e, de outro, o percentual superior na terceira pessoa, cuja forma verbal no singular apresenta desinência número-pessoa zero, e é uma forma polivalente no sistema lingüístico atual” (p.126-127).

Considerando os resultados das pesquisas anteriores, cf. mencionados na tabela 5, a hipótese que subjaz a esta pesquisa em relação a este fator é encontrar uma maior ocorrência de sujeito nulo na 3ª pessoa, seguida, em ordem decrescente, da 1ª e da 2ª.

Tabela 7 - Emprego geral do sujeito específico de referência definida segundo a pessoa gramatical

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. eu	267/ 51%	259/49%	526
2ª p. s. você	10/36%	18/ 64%	28
3ª p. s. ele/ela	170/ 70%	74/30%	244
1ª p. p. nós	2	1	3
1ª p. p. a gente	3/30%	7/ 70%	10
2ª p. p. vocês	1	1	2
3ª p. p. eles/elas	27/ 73%	10/27%	37
Total	480/ 57%	370/43%	850

Comparando os resultados gerais sobre o sujeito específico, realizados em Estados brasileiros (cf. tabela 5), com os da fala urbana itabiense, observa-se que o processo de

lexicalização do sujeito está em um estágio mais avançado³² nas demais regiões do que na fala dos moradores da cidade de Itabi-SE. Os resultados da fala urbana itabiense mostram que o emprego do sujeito nulo é superior ao do lexicalizado, resultado este que vai contra a tendência geral apresentada na tabela 5.

Na cidade de Itabi, as pessoas empregam, obedecendo à ordem decrescente, a 3ª pessoa do plural (73%) com maior percentual de sujeito nulo, seguida da 3ª pessoa do singular (70%), e da 1ª pessoa do singular (51%). O elevado percentual de 51% de sujeito nulo de referência específica na 1ª pessoa do singular indica que a flexão verbal ainda está licenciando a identificação do sujeito.

A pessoal gramatical que apresenta maior percentual de uso de sujeito lexicalizado é a forma *a gente* (70%), seguida de *você* (64%).

Como se observa na tabela 7, a terceira pessoa é a que apresenta o maior índice de uso do sujeito nulo. Duarte (1995) justifica que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança, porque conta com um referente externo. Assim, presume-se que “a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes” (p. 21).

Duarte (1995) ressalta que os percentuais mais baixos de sujeito nulo, obedecendo à ordem crescente, ocorrem na segunda pessoa, primeira e terceira, respectivamente. Assim, os resultados apresentados na tabela 7 corroboram a postulação de Duarte.

Cumprе salientar que as três ocorrências do sujeito pronominal *nós* como específico definido mostram que este pronome parece estar deixando de ser empregado com referência específica definida na fala dos itabienses urbanos. Há uma tendência ao seu maior uso como sujeito específico indefinido (cf. tabela 54) e genérico (cf. tabela 63). Lembrando que Duarte (1995) já chama a atenção para o quase desaparecimento da forma ‘nós’.

Agora, serão apresentados os resultados distribuídos pelos seis grupos de pessoas em relação à pessoa gramatical.

³² Isto é, superando sempre o emprego do sujeito nulo, inclusive, em se tratando de resultados referentes à modalidade escrita (redações), no Rio de Janeiro, como os de Averbug (2000): sujeito nulo: 47%, e, sujeito lexicalizado: 53%.

Comparando os resultados de Averbug com os de Lira (1988), modalidade escrita (cartas familiares), com 78% de sujeito nulo, e, 22% de sujeito lexicalizado, verifica-se que, em doze anos, houve um avanço no processo de lexicalização do sujeito na língua escrita.

Tabela 8 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Homens analfabetos [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	97/ 65%	52/35%	149
2ª p. s. (você)	2	-	2
3ª p. s. (ele/ela)	20/ 71%	8/29%	28
2ª p. p. (vocês)	1	1	2
3ª p. p. (eles/elas)	-	1	1
Total	120/ 66%	62/34%	182

Entre os homens analfabetos, percebe-se que há uma tendência de maior uso do sujeito nulo. Dentre as pessoas gramaticais empregadas, a 3ª pessoa do singular é a que se mostra mais resistente à lexicalização, o que corrobora os resultados de Duarte (1995).

O percentual de 65% de sujeito nulo na 1ª pessoa do singular mostra que a desinência verbal ainda é suficiente para a identificação da pessoa gramatical, ou seja, em termos sintáticos, do sujeito pronominal.

Os homens analfabetos não empregaram as formas *nós* e *a gente* como sujeito específico.

Um dado que merece uma explicação: observa-se que há duas ocorrências do sujeito nulo *você*. Pergunta-se, como este sujeito pôde ser realizado, se não foi expresso nenhum lexicalizado, anteriormente, nem, neste estudo, cf. subseção 3.3.2 *Crítérios para levantamento dos dados*, os sujeitos pronominais associados à forma imperativa foram considerados. A resposta para esta indagação está no tipo de discurso que o falante utilizou: o discurso reportado, como se pode constatar, no exemplo (42), que reúne as duas ocorrências de *você* como sujeito nulo.

- (42) Inf. aí eu cheguei num dia ...no outro dia...já fui lá saber do rapaz
 ...ele::éh...**ϕ**tá precisando?...**ϕ**vai começar quando?...a partir de
 segunda...que era no caso...cheguei na/na...cheguei na sexta...quando foi na
 sexta mesmo já fui procurar trabalho...né?
 (Homem de 35 anos, analfabeto)

vez, no discurso reportado do falante, e, coincidentemente, do mesmo informante da situação mencionada anteriormente.

- (43) Doc. éh...você podia me explicar como é que foram essas suas viagens...foi a trabalho...a passeio...como é que foi?
 Inf. foi...a primeira vez eu fui pra lá e...cheguei lá ...encontrei logo os menino tudo...comé?...esse daí mesmo tava lá...tava parado...aí eu/...
 Doc. {quem?
 Inf. esse rapaz que chegou aí...
 Doc. hun
 Inf. o irmão meu...aí eu cheguei aí...quando eu cheguei logo...aí...**vocês** ainda tão parado?...ele...tou ...aí eu digo...e aquele/...aquele...comé?...vão lá ...**φ**tão longe daquelas máquina lá...ali né pra trabalhar não?...ele disse...rapaz...num sei não...ele já tava com que?/...uns dois a três mês que tava lá já...

(Homem de 35 anos, analfabeto)

Tabela 9 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical
 (Homens analfabetos [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	16/42%	22/ 58%	38
2ª p. s. (você)	5/42%	7/ 58%	12
3ª p. s. (ele/ela)	59/ 78%	17/22%	76
3ª p. p.(eles/elas)	9/ 100%	-	9
Total	89/ 66%	46/34%	135

A tabela 9 apresenta os resultados referentes aos dados dos homens mais velhos analfabetos. Este grupo de pessoas usa, de um modo geral, mais o sujeito nulo (66%) do que o preenchido, destacando-se dentre o emprego do sujeito nulo a 3ª pessoa do singular e plural. Verifica-se que a 3ª pessoa do plural é um contexto em que não há variação para os homens analfabetos mais velhos. O sujeito lexicalizado é empregado, predominantemente, com a 1ª e a 2ª pessoa do singular.

Tabela 10 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	42/46%	49/ 54%	91
2ª p. s. (você)	1/10%	9/ 90%	10
3ª p. s. (ele/ela)	20/45%	24/ 55%	44
1ª p. p. (nós)	1	1	2
1ª p. p. (a gente)	-	2	2
3ª p. p. (eles/elas)	2	1	3
Total	66/43%	86/ 57%	152

Evidencia-se, na tabela 10, o predomínio do sujeito lexicalizado sobre o sujeito nulo nas três pessoas gramaticais 1ª p. s. (eu), 2ª p. s. (você) e 3ª p. s. (ele/ela) que foram mais empregadas na entrevista.

No conjunto dos dados, o percentual de 57% confirma a preferência das mulheres analfabetas mais jovens pelo uso do sujeito preenchido.

Como o pronome *você* é uma forma dêitica, o percentual elevado (90%) no emprego de sujeito preenchido mostra a necessidade do locutor em demarcar a pessoa a que se refere. O mencionado percentual supera, em muito, o geral (64%), para essa pessoa gramatical, cf. tabela 7.

Tabela 11 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	49/48%	54/ 52%	103
2ª p. s. (você)	2	-	2
3ª p. s. (ele/ela)	26/ 72%	10/28%	36
3ª p. p. (eles/elas)	11/ 100%	-	11
Total	88/ 58%	64/42%	152

Na tabela 11, no uso geral, as mulheres analfabetas mais velhas dão preferência ao emprego do sujeito nulo (58%). A única pessoa gramatical que não obteve predominância sobre o sujeito preenchido foi a 1ª pessoa do singular (48%).

Cumprе destacar o uso categórico (100%) de sujeito nulo na 3ª pessoa do plural. Este resultado é interessante por se tratar de falantes analfabetos, com os quais se esperava um percentual mais elevado de sujeito preenchido.

Tabela 12 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAI	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	33/42%	45/ 58%	78
2ª p. s. (você)	-	1	1
3ª p. s. (ele/ela)	27/ 73%	10/27%	37
1ª p. p. (a gente)	3/38%	5/ 63%	8
3ª p. p. (eles/elas)	1/13%	7/ 87%	8
Total	64/48%	68/ 52%	132

Na tabela 12, evidencia-se que as mulheres universitárias, pertencentes à faixa etária [20 – 49 anos], empregam, predominantemente, o sujeito nulo, apenas na 3ª pessoa do singular (73%). Nas demais pessoas gramaticais – 1ª p. s. (eu), 1ª p. p. (a gente) e 3ª p. p. (eles/elas) – os percentuais de uso do sujeito lexicalizado de 58%, 63% e 88%, respectivamente, mostram que as mulheres universitárias usam, de um modo geral, mais o sujeito lexicalizado do que o nulo.

Tabela 13 - Emprego de Sujeito pronominal específico segundo a pessoa gramatical (Homens universitários [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAI	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. (eu)	30/45%	37/ 55%	67
2ª p. s. (você)	-	1	1
3ª p. s. (ele/ela)	18/ 78%	5/22%	23
1ª p. p. (nós)	1	-	1
3ª p. p. (eles/elas)	4	1	5
Total	53/ 55%	44/45%	97

Na tabela 13, os resultados mostram que os homens universitários, pertencentes à faixa etária [20 – 49 anos], empregam, predominantemente, o sujeito nulo, na 3ª pessoa do singular (78%) e o sujeito lexicalizado obtém um emprego superior ao nulo na 1ª pessoa do singular.

E, considerando todas as pessoas gramaticais, os homens universitários empregam mais o sujeito nulo, com o percentual de 55%, do que o preenchido.

Sintetizando os resultados obtidos

No conjunto dos dados de sujeito específico definido, cf. tabela 7, o resultado geral mostra que, na fala urbana itabiense, a variante predominante é o sujeito nulo, com 57% de frequência contra 43% de sujeito preenchido. Das pessoas gramaticais que foram utilizadas pelos informantes nas entrevistas, as que favorecem a manutenção do sujeito nulo são a 3ª pessoa do plural, com 73% de frequência; a 3ª pessoa do singular, com 70%, e, a 1ª pessoa do singular, com 51%, embora este percentual represente, também, praticamente a mesma frequência de uso de sujeito preenchido.

Verificando, agora, o uso das pessoas gramaticais em cada um dos seis grupos de pessoas, conforme metodologia adotada nesta pesquisa, observa-se que a manutenção do sujeito nulo na 3ª pessoa do singular³³ obteve, em cinco grupos, índices de variação que atingiram entre 71% e 78%; na 3ª pessoa do plural³⁴, com **100%** de frequência nos dois grupos: homens analfabetos e mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos; e a 1ª pessoa do singular, com 65% de uso no grupo dos homens analfabetos mais jovens e 48%³⁵ no grupo das mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos.

Os resultados sobre o sujeito específico definido, sem distribuição de uso pelos grupos de pessoas, cf. tabela 7, mostram que as pessoas gramaticais que propiciam o preenchimento do sujeito são a 1ª pessoa do plural (a gente), com 70% de frequência; a 2ª pessoa do singular, com 64%, e, também, a 1ª pessoa do singular, com 49%.

Investigando o uso do sujeito específico definido por grupos de pessoas, verifica-se que o sujeito preenchido ocorreu na 1ª pessoa do singular, com percentuais superiores ao nulo que oscilam entre 52% e 58%, em cinco³⁶ grupos, com exceção dos homens analfabetos mais jovens (65% de nulos); na 2ª pessoa do singular³⁷, entre 58% e 90%, cujo uso ocorreu entre os seguintes grupos de pessoas: homens analfabetos mais velhos e mulheres analfabetas mais

³³ Vale ressaltar que a 3ª pessoa do singular não é um contexto de manutenção do sujeito nulo, apenas, para as mulheres analfabetas mais jovens.

³⁴ Nos seguintes grupos de pessoas homens analfabetos jovens, mulheres analfabetas jovens e homens universitários jovens, houve entre uma e cinco ocorrências na 3ª pessoa do plural.

³⁵ Percentual este considerado próximo ao uso de 52% de sujeito preenchido.

³⁶ Incluindo o grupo das mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos que obteve 52% de uso do sujeito preenchido.

³⁷ Na 2ª pessoa do singular, os outros quatro grupos obtiveram um uso bastante reduzido, entre uma e duas ocorrências.

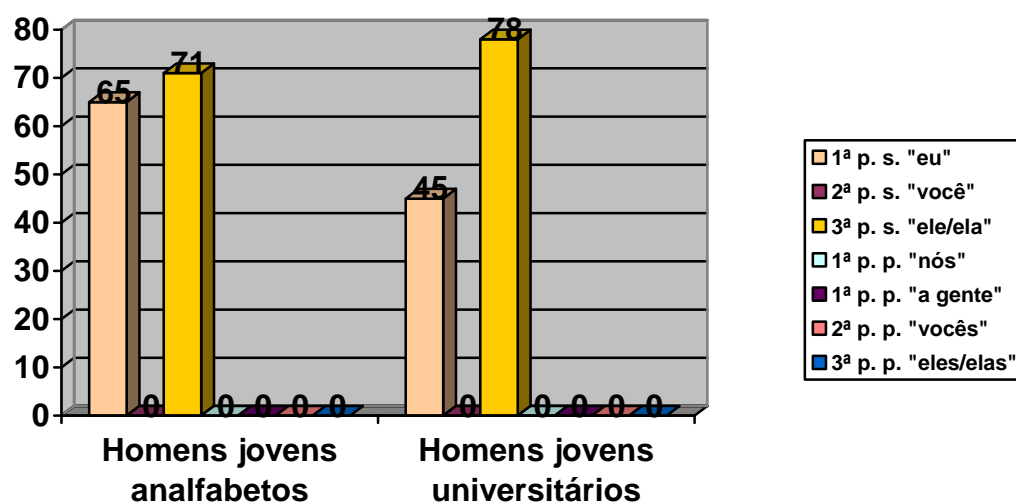
jovens, respectivamente; na 3ª pessoa do singular, com 55% de preenchimento das mulheres analfabetas mais jovens; na 1ª pessoa do plural (a gente), com 63%, no grupo das mulheres universitárias jovens, e, na 3ª pessoa do plural, com 88% de sujeito preenchido no uso das mulheres universitárias jovens.

4.2.2.1 Pessoa Gramatical e Condicionamentos Sociais

Antes da apresentação dos resultados referentes aos demais fatores, nesta subseção, será demonstrado, via gráfico, o papel que exerce cada fator social *escolaridade*, *sexo* e *idade* no uso do sujeito nulo segundo as pessoas gramaticais. Ou seja, o que estes fatores revelam quanto à distribuição das variantes.

ESCOLARIDADE

Gráfico 9³⁸ – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado pelos homens jovens

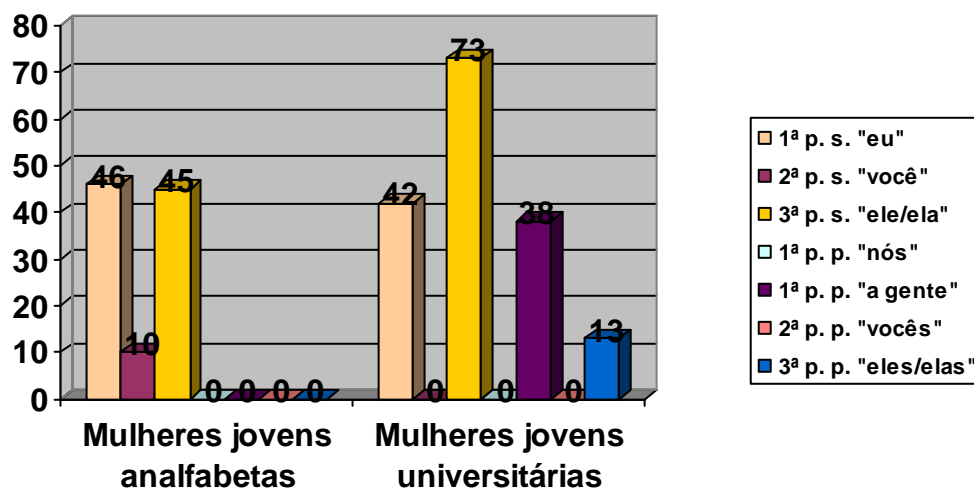


Nos dados apresentados aqui, percebe-se que, em relação à 3ª pessoa do singular, tanto os homens jovens analfabetos quanto os universitários empregam um percentual de sujeito nulo bastante considerável, usando, aqueles que possuem o terceiro grau, sete pontos percentuais a mais do que os analfabetos. No entanto, em relação à 1ª pessoa do singular “eu”,

³⁸ Havendo poucas ocorrências de sujeito pronominal em qualquer contexto, optou-se pelo uso do zero para representar, nos gráficos, que não houve ocorrência de sujeito nulo ou que a ocorrência foi bastante reduzida.

o comportamento é inverso, pois são os analfabetos que usam predominantemente o sujeito nulo (65%).

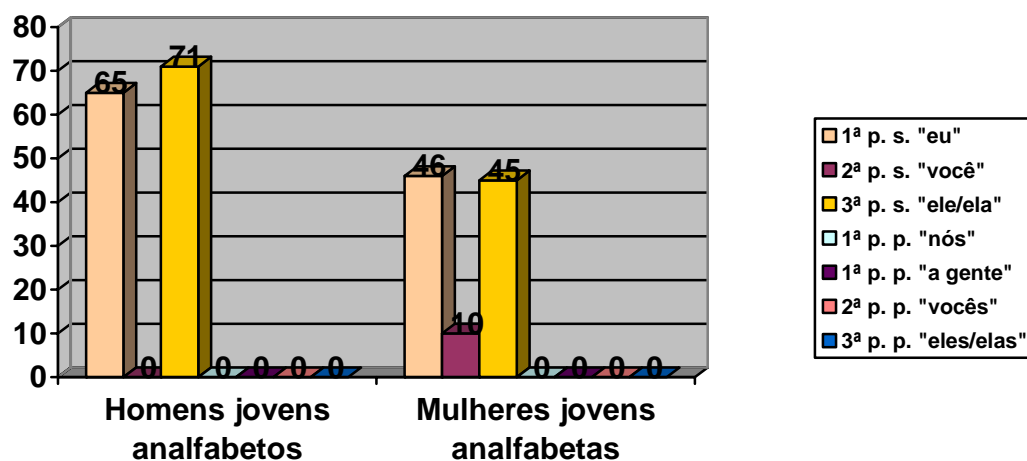
Gráfico 10 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado pelas mulheres jovens



No gráfico 10, evidencia-se que a diferença maior entre as mulheres jovens analfabetas e as universitárias consiste no uso da 3ª pessoa do singular, pois enquanto as analfabetas utilizam 45% de sujeito nulo, as universitárias usam 73%, ou seja, vinte e oito pontos percentuais a mais.

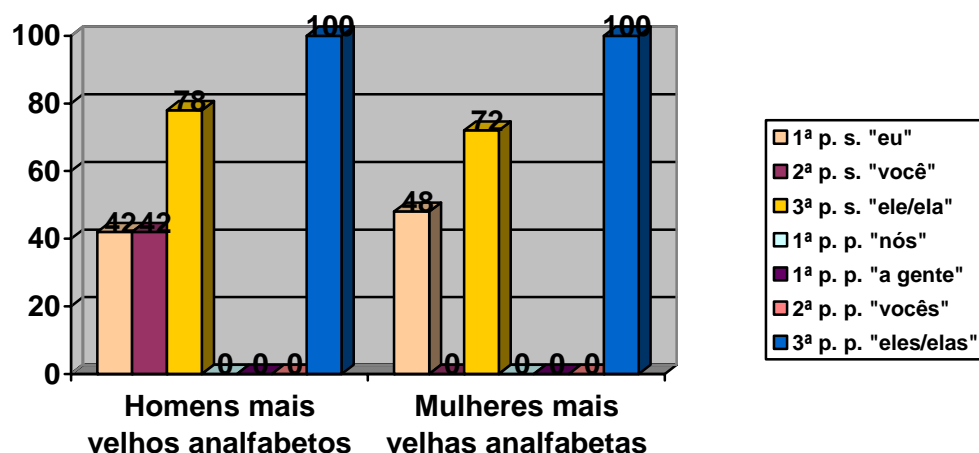
SEXO

Gráfico 11 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



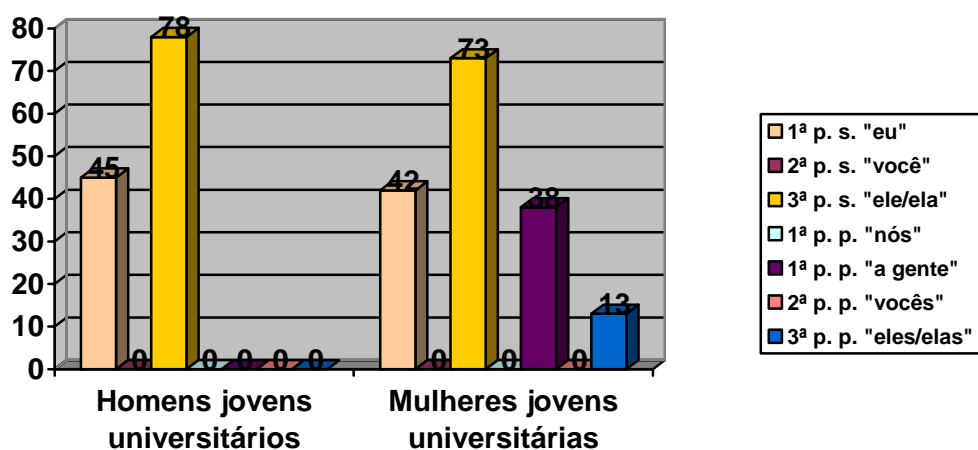
Entre os jovens analfabetos de ambos os sexos, o uso do sujeito nulo parece ser bastante diferenciado, pois enquanto os homens empregam com predominância o sujeito nulo com a 1ª pessoa do singular e com a 3ª pessoa do singular, as mulheres jovens analfabetas usam, predominantemente, com as duas pessoas referidas o sujeito preenchido. No uso do sujeito nulo de 1ª pessoa do singular, dos homens jovens analfabetos, há uma diferença de dezenove pontos percentuais a mais em relação ao uso das mulheres jovens analfabetas. A diferença se torna maior ainda em relação ao uso da 3ª pessoa do singular, com vinte e seis pontos percentuais de diferença.

Gráfico 12 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Os resultados apresentados no gráfico 12 demonstram que o fator sexo entre os mais velhos não é um fator decisivo na atuação das variantes, pois tanto os homens quanto as mulheres têm um uso semelhante. Vale observar que não houve variação na 3ª pessoa do plural, nos dois grupos de pessoas.

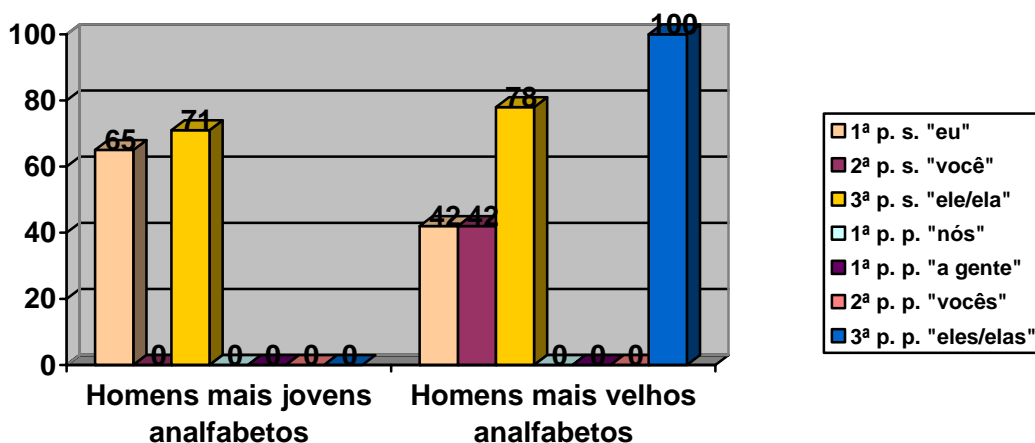
Gráfico 13 – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens e mulheres jovens universitários



No gráfico 13, a 1ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do singular são os dois contextos passíveis de uma comparação entre os homens jovens universitários e as mulheres jovens universitárias. Nos referidos contextos, percebe-se que não há diferença significativa nos usos de ambos os sexos.

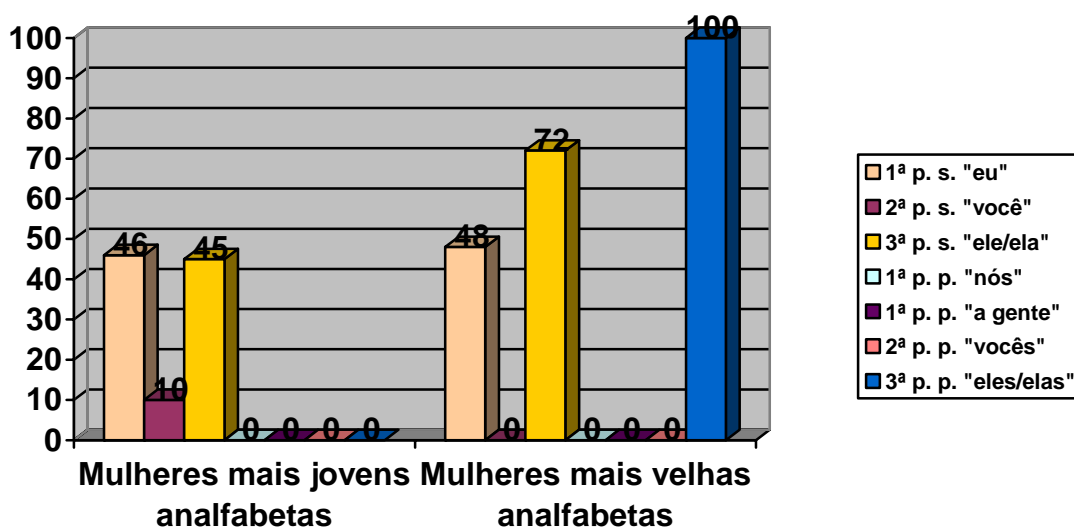
IDADE

Gráfico 14 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por homens analfabetos



Nos resultados apresentados aqui, evidencia-se que os homens mais jovens analfabetos empregam vinte e três pontos percentuais a mais no sujeito nulo de 1ª pessoa do singular do que os homens mais velhos analfabetos. Este resultado vai contra a hipótese formulada, pois se esperava um percentual maior de sujeito nulo na fala dos mais velhos.

Gráfico 15 - Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical empregado por mulheres analfabetas



Os resultados no gráfico 15 mostram que as mulheres analfabetas jovens e as mais velhas empregam praticamente o mesmo percentual de sujeito nulo de 1ª pessoa do singular. Neste contexto, o fator idade não é relevante na atuação das variantes *sujeito nulo* e *sujeito*

preenchido. Porém, se mostra atuante em relação à 3ª pessoa do singular, pois as mulheres analfabetas mais velhas usam vinte e sete pontos percentuais a mais de sujeito nulo do que as mulheres analfabetas jovens. Sendo assim, este resultado referente à 3ª pessoa vai ao sentido de uma hipótese de mudança, com a diminuição no uso do sujeito nulo por parte das mulheres analfabetas mais jovens.

4.2.3 Emprego das Formas Verbais correspondentes às Pessoas Gramaticais NÓS - VOCÊS - ELES/ELAS e a Ausência/Presença de Sujeito Específico Lexicalizado

Cumpramos observar que, com o intuito de investigar se há uma correlação entre a presença ou a ausência da flexão de plural e a lexicalização ou não do sujeito, as tabelas 14 e 15 apresentam os resultados referentes a essa análise das pessoas gramaticais NÓS - VOCÊS - ELES/ELAS, respectivamente.

Duarte (1995) ressalta que o atrelamento da pessoa gramatical lexicalizada à desinência verbal mostra que isso ocorre pela perda de uma riqueza funcional que caracteriza o português do Brasil, pois, antes, quando havia essa riqueza morfológica, a desinência dava informação da pessoa e do número e licenciava o sujeito nulo.

A mencionada autora (1995, p. 41) afirma que pelo

fato de que a desinência **-mos** está desaparecendo, que a desinência **-o** (ou **-i**) se limita a dois tempos verbais: o presente e o pretérito perfeito do indicativo, e que a desinência **-m** é frequentemente omitida nos registros mais informais, particularmente por falantes de baixa escolaridade, vê-se a sobrecarga sobre a desinência **zero**, negativamente marcada para número e pessoa. Estes fatores mostrarão a perda da força da flexão isoladamente.

Considerando estas observações de Duarte, investiga-se qual das desinências apontadas, ainda, licenciaria o sujeito nulo com mais frequência na fala urbana itabiense. E a hipótese que envolve o grupo de fatores *forma verbal flexionada ou não-flexionada das pessoas gramaticais do plural* é encontrar, quando a forma verbal é flexionada, mais sujeito nulo na 1ª pessoa do plural. Se a forma verbal não for flexionada, a ausência da desinência número-pessoa *-mos* possivelmente exija a lexicalização do pronome para que o sujeito seja

identificado. A 2ª e a 3ª pessoas do plural, como possuem a mesma forma verbal para mais de uma pessoa gramatical, ficam vulneráveis ao preenchimento do sujeito.

Primeiramente, apresentam-se os dados gerais, ou seja, das três pessoas gramaticais e, em seguida, dos seis grupos de pessoas.

Tabela 14 - Desinência verbal e pessoas gramaticais NÓS - VOCÊS - ELES/ELAS

FORMA VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Pessoa gramatical NÓS - forma verbal flexionada	1	-	1
Pessoa gramatical NÓS - forma verbal não-flexionada	1	1	2
Pessoa gramatical VOCÊS - forma verbal flexionada	1	-	1
Pessoa gramatical VOCÊS - forma verbal não-flexionada	-	-	-
Pessoa gramatical ELES/ELAS - forma verbal flexionada	14/70%	6/30%	20
Pessoa gramatical ELES/ELAS - forma verbal não-flexionada	11/92%	1/8%	12
Total	28/78%	8/22%	36

Como mostra a tabela 14, houve três ocorrências do sujeito pronominal *nós* como específico, emprego este que impossibilita a análise da correlação entre a presença ou a ausência da flexão de plural e a lexicalização ou não do sujeito.

Considerando que foram encontrados 78 casos de sujeito *nós* no *corpus* analisado (cf. tabela 1), isto indica que este sujeito está tendo um uso mais expressivo como sujeito específico indefinido ou como sujeito genérico.

Observa-se na tabela 14 que houve, apenas, uma ocorrência do sujeito pronominal VOCÊS como específico. A justificativa para tal ocorrência está no tipo de inquérito DID (Diálogo entre Informante e Documentador) utilizado na coleta dos dados, pois o mesmo não permite que o informante, em sua conversa, faça referência ao entrevistador, seu interlocutor, usando a forma VOCÊS.

Em relação à pessoa gramatical ELES/ELAS, a tabela 14 mostra que, independentemente da forma verbal ser flexionada ou não, o sujeito nulo é o predominante. Isto é possível, porque o sujeito possui um antecedente que não deve estar muito distante do

elemento anafórico, podendo estar em correferência ou se encontrar na 2ª oração anterior ou, ainda, na 3ª.

Cumprе ressaltar que, como houve pouca expressividade dos sujeitos específicos NÓS – VOCÊS, será apresentada, na tabela 15, apenas a análise da forma ELES/ELAS dos seis grupos de pessoas.

Tabela 15 - Desinência verbal e pessoa gramatical ELES/ELAS

Grupos de pessoas	Forma verbal	VARIANTES		Total de ocorrências
		SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
		N/%	N/%	
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	<i>Flexionada</i>	-	-	-
	<i>Não-flexionada</i>	-	1	1
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	<i>Flexionada</i>	2	-	2
	<i>Não-flexionada</i>	7/100%	-	7
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	<i>Flexionada</i>	1/17%	5/83%	6
	<i>Não-flexionada</i>	-	-	-
Homens universitários [20 – 49 anos]	<i>Flexionada</i>	4/80%	1/20%	5
	<i>Não-flexionada</i>	-	-	-
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	<i>Flexionada</i>	1	-	1
	<i>Não-flexionada</i>	1	-	1
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	<i>Flexionada</i>	6/100%	-	6
	<i>Não-flexionada</i>	3	-	3
Total		25/78%	7/22%	32

Evidencia-se na tabela 15 que os homens analfabetos [acima de 65 anos] e as mulheres analfabetas [acima de 65 anos] não empregaram o sujeito preenchido mesmo quando a forma verbal é não-flexionada. Mesmo flexionando a forma verbal, são as mulheres universitárias [20 – 49 anos] que tendem ao uso do sujeito preenchido de terceira pessoa do plural.

Sintetizando os resultados obtidos

Formas Verbais correspondentes às Pessoas Gramaticais nós - vocês - eles/elas

Cumprе ressaltar que, como as ocorrências com as pessoas gramaticais *nós*³⁹ – *vocês*⁴⁰ não foram numericamente significativas, cf. tabela 14, faz-se apenas uma síntese dos resultados encontrados referentes à 3ª pessoa do plural *eles/elas*.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 14, o percentual de 78% de manutenção do sujeito nulo contra 22% de sujeito preenchido mostra que os falantes urbanos itabienses priorizam o sujeito nulo mesmo que a forma verbal da 3ª pessoa do plural não esteja flexionada. Quando, na 3ª pessoa do plural, a forma verbal é flexionada, as pessoas usam 70% de sujeito nulo, e 92%, quando a forma verbal é não-flexionada. Ou seja, empregam vinte e dois pontos percentuais a mais quando não há a desinência verbal indicativa de plural, o que mostra que este fator não influencia na escolha entre nulo e preenchido.

Verificando, entre os seis grupos de pessoas, quais são os que empregam o sujeito nulo quando há flexão verbal e, principalmente, quando não há marca de número e pessoa, percebe-se que houve duas ocorrências (100%) com a forma verbal flexionada e sete (100%) com a forma verbal não-flexionada entre os homens analfabetos com idade acima de 65 anos; uma única ocorrência (17%) com a forma verbal flexionada entre as mulheres universitárias jovens; quatro ocorrências (80%) com a forma verbal flexionada entre os homens universitários jovens; uma única ocorrência com a forma verbal flexionada e outra com a forma verbal não-flexionada entre as mulheres analfabetas jovens; seis ocorrências (100%) com a forma verbal flexionada e três, com a forma verbal não-flexionada entre as mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos.

O sujeito preenchido de 3ª pessoa do plural ocorreu entre os universitários jovens (homens e mulheres) com a forma verbal flexionada, sendo cinco ocorrências (83%) entre as mulheres e uma ocorrência (20%) entre os homens. Houve uma única ocorrência de preenchimento do sujeito entre os homens analfabetos jovens com a forma verbal não-flexionada.

³⁹ Houve apenas três ocorrências.

⁴⁰ Houve apenas uma única ocorrência.

4.2.4 Emprego do Sujeito Pronominal de 3ª Pessoa (singular e plural) segundo o Traço Semântico do Antecedente

Investiga-se o traço semântico do antecedente com o objetivo de observar se há uma correlação entre a animacidade e a ausência ou a presença da forma pronominal do sujeito. Estudos (DUARTE, 1995; 1997; AVERBUG, 2000) evidenciam que, quando o traço semântico do antecedente é [- animado]⁴¹, há uma tendência ao sujeito nulo. E, quando é [+ animado]⁴², favorece o sujeito lexicalizado. Sendo assim, quando o antecedente for [- animado], espera-se um percentual mais elevado de sujeito nulo, e, quando o antecedente for [+ animado], de sujeito lexicalizado.

No quadro 13, estão expostos os percentuais de sujeito nulo segundo o traço semântico do referente encontrados por Duarte (1995) na fala espontânea carioca. Os resultados foram apresentados de acordo com as três faixas etárias consideradas no estudo⁴³ da autora, a saber, grupo 1 (25 – 32 anos); grupo 2 (45 – 53 anos) e grupo 3 (59 – 74 anos).

Quadro 13 - Sujeito nulo segundo o traço semântico do referente – Duarte (1995)

	Grupo1	Grupo2	Grupo3
Traço [- animado]	65%	32%	44%
Traço [+ animado]	41%	33%	14%

Adaptado de Duarte (1995: 76)

Duarte, ao comentar os resultados encontrados, afirma que “a mudança está mais adiantada nos sujeitos com o traço [+ a] e progride com velocidade, do grupo 1 ao grupo 3” (p. 76). A mencionada autora também afirma que “o sujeito de traço [+ a] favorece amplamente o sujeito pleno” (p. 76).

Como se vê, os resultados de Duarte revelam um avanço na direção do preenchimento do sujeito tanto em relação ao traço [- animado] dos grupos 2 e 3 quanto, e principalmente, ao traço [+ animado] nos três grupos. Observando a distribuição do uso em uma perspectiva do tempo aparente, ou seja, do uso do grupo dos informantes mais velhos para o grupo dos mais novos, percebe-se claramente a implementação da mudança.

O que os dados da fala urbana itabiense têm a revelar?

⁴¹ Traço [- animado] → destinado a elementos que não têm vida própria, ou seja, destinado a seres não-vivos.

⁴² Traço [+ animado] → é característico dos seres que possuem vida, como os humanos e os animais.

⁴³ O *corpus* provém de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas com formação universitária.

Na tabela 16, a seguir, apresenta-se o resultado de todo o sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação à animacidade do seu antecedente. Esta investigação ocorre sobre um total de 281 dados, distribuídos em 244, de 3ª pessoa do singular e 37, de 3ª pessoa do plural (cf. tabela 7).

As tabelas seguintes mostram os resultados referentes a cada grupo de pessoas, a saber: (a) homens analfabetos mais jovens; (b) homens analfabetos mais velhos; (c) mulheres analfabetas mais jovens; (d) mulheres analfabetas mais velhas; (e) mulheres universitárias jovens, e, (f) homens universitários jovens.

Tabela 16 - Emprego geral do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	Sujeito nulo	Sujeito lexicalizado	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	45/ 92%	4/8%	49
[+ animado]	152/ 66%	80/34%	232
Total	197/70%	84/30%	281

Quanto ao traço semântico de sujeito de 3ª pessoa (do singular e plural), no geral, os falantes urbanos itabienses empregam, preferencialmente, o *sujeito nulo*, quando associado ao traço [- animado], cf. exemplo (44), confirmando a hipótese inicial. E quando possui o traço semântico [+ animado], cf. ilustra (45), apesar da redução no percentual do sujeito nulo em relação ao traço [- animado], ainda o uso do sujeito nulo é predominante.

- (44) Inf. eu acho que *o ensino* é muito importante né?...~~o~~ é um complemento assim na vida da/das pessoas...do ser humano...

(Rapaz de 39 anos, universitário)

- (45) Doc. *o cavalo* o que?

Inf. ~~o~~ morreu queimado...num fogo numa roça...o fogo passou pra capineira...o bichinho

(Homem de 70 anos, analfabeto)

Porém, é perceptível que há uma tendência ao uso do *sujeito lexicalizado*, quando associado ao traço semântico [+ animado], cf. exemplifica (46).

- (46) Inf. eu diria que...**Lula**...éh...ele não/não/...não entrou...para ser o santo milagreiro...quem encontra um país no estado em que **ele** encontrou...não/não/...não poderia...EU...achar que **ele** já deveria ter feito MUItto... mas...tem coisas que **ele** ainda está deixando a desejar...tá?...
(Homem de 48 anos, universitário)

Tabela 17 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens analfabetos [20 – 49 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	6/86%	1/14%	7
[+ animado]	14/64%	8/36%	22
Total	20/69%	9/31%	29

Na tabela 17, os resultados mostram que os homens mais jovens analfabetos empregam, preferencialmente, o sujeito nulo quando o antecedente do sujeito possui o traço semântico [- animado] como, também, o [+ animado]. No entanto, com este traço, percebe-se que há uma diminuição significativa no percentual do sujeito nulo.

Tabela 18 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens analfabetos [acima de 65 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	5/100%	-	5
[+ animado]	63/79%	17/21%	80
Total	68/80%	17/20%	85

Os dados revelam que os homens mais velhos analfabetos usam, predominantemente, o sujeito nulo associado aos dois traços semânticos. Embora haja muito poucos casos de sujeito [- animado] registrados na fala dos homens mais velhos analfabetos, é significativo que todos esses casos tenham ocorrido com o sujeito nulo.

Tabela 19 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	3/ 75%	1/25%	4
[+ animado]	19/44%	24/ 56%	43
Total	22/47%	25/53%	47

Na tabela acima, visualiza-se que as mulheres jovens analfabetas empregam predominantemente o sujeito nulo com o traço [- animado] e, o sujeito preenchido com o traço [+ animado]. Cumpre salientar que foi o único grupo de pessoas cujo uso do sujeito lexicalizado (56%) favoreceu o traço [+ animado] do antecedente.

Tabela 20 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	8/ 89%	1/11%	9
[+ animado]	29/ 76%	9/24%	38
Total	37/79%	10/21%	47

As mulheres acima de 65 anos empregam predominantemente tanto o sujeito anafórico associado ao traço [- animado] quanto ao [+ animado] do antecedente com o sujeito nulo.

Tabela 21 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	9/ 100%	-	9
[+ animado]	19/ 53%	17/47%	36
Total	28/62%	17/38%	45

A tabela 21 mostra que as mulheres jovens universitárias empregam, preferencialmente, o sujeito nulo associado aos dois traços semânticos. Percebe-se que há um decréscimo bastante acentuado do percentual de uso do sujeito nulo, quando associado ao traço semântico [+ animado].

Tabela 22 - Emprego do sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) em relação ao traço semântico do antecedente (Homens universitários [20 – 49 anos])

TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
[- animado]	14/ 93%	1/7%	15
[+ animado]	8/ 62%	5/38%	13
Total	22/79%	6/21%	28

Na tabela 22, os resultados revelam que os homens jovens universitários usam, preferencialmente, o sujeito nulo, quando associado ao traço [- animado] como, também, quando associado ao traço [+ animado]. A redução do percentual de sujeito nulo de 93%, com o traço [- animado] para 62%, com o traço [+ animado] indica que há uma tendência ao uso do sujeito lexicalizado, quando o sujeito possui o traço [+ animado].

Sintetizando os resultados obtidos

Traço Semântico do Antecedente

Nos dados gerais do sujeito específico definido de terceira pessoa (singular e plural), os resultados mostram que tanto quando o antecedente do sujeito possui o traço [- animado] quanto o [+ animado] (cf. tabela 16) o sujeito nulo é o mais produtivo na fala urbana itabiense, com 92% e 66%, respectivamente. Vale ressaltar que o percentual de sujeito nulo diminui quando o antecedente do sujeito possui o traço [+ animado].

Analisando os resultados de cada grupo de pessoas, evidencia-se que o traço [- animado] e o traço [+ animado] do referente do sujeito favorecem o uso do sujeito nulo em cinco grupos, com exceção do grupo das mulheres analfabetas jovens. Neste, o prevalecimento do sujeito nulo sobre o sujeito lexicalizado ocorreu, apenas, em relação ao traço [- animado]. Vale ressaltar que, nos resultados dos seis grupos de pessoas, percebeu-se uma diminuição significativa na frequência do sujeito nulo quando o referente do sujeito possui o traço [+ animado].

O preenchimento do sujeito associado ao traço [+ animado], com 56% de uso, prevaleceu sobre o sujeito nulo apenas entre as mulheres analfabetas jovens.

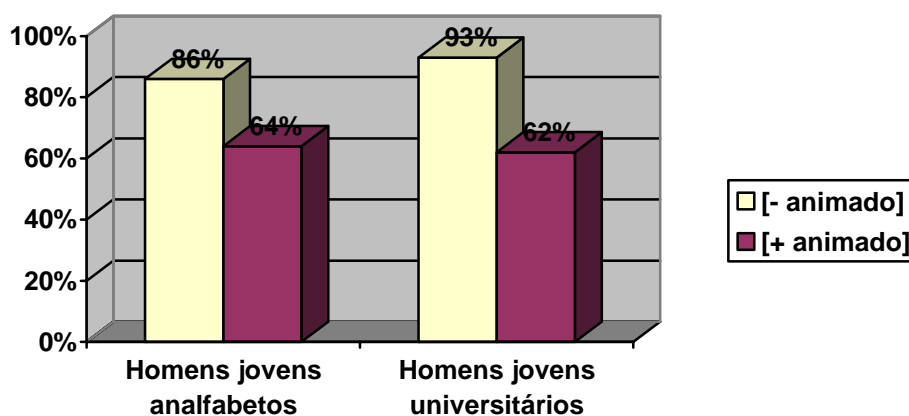
4.2.4.1 Traço Semântico do Antecedente e Condicionamentos Sociais

Nesta seção, apresentam-se, via gráfico, os resultados referentes ao uso do sujeito nulo associado ao traço semântico do antecedente, considerando a escolaridade, o sexo e a idade dos informantes.

Cumprir ressaltar que a hipótese que sustenta este fator lingüístico *o traço semântico do antecedente* é observar se há uma correlação entre a animacidade e a ausência ou presença do sujeito pronominal. Visa-se, então, à idéia de que, quando o traço semântico do antecedente é [- animado], há uma tendência ao sujeito nulo, e, quando é [+ animado], favorece o sujeito preenchido (DUARTE, 1995; 1997; AVERBUG, 2000).

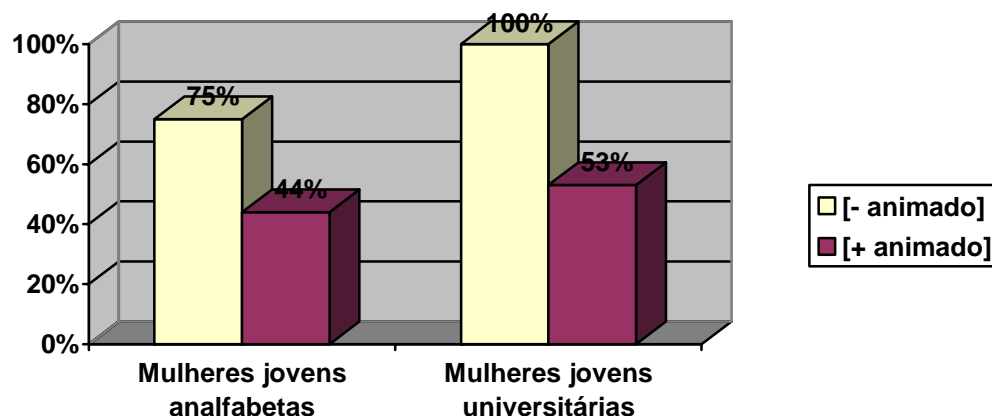
ESCOLARIDADE

Gráfico 16 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado pelos homens jovens



Evidencia-se, no gráfico 16, que o grau de escolaridade não se mostra relevante entre os homens jovens analfabetos e os universitários, pois ambos usam preferencialmente o sujeito nulo com o traço [- animado] e com o traço [+ animado] do antecedente. Mas, observa-se nos dois grupos que o traço [+ animado] leva a uma diminuição significativa no emprego do sujeito nulo.

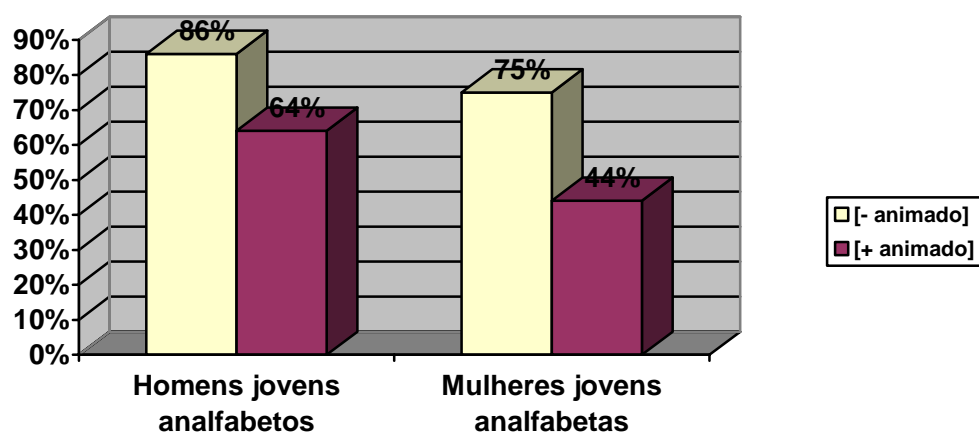
Gráfico 17 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado pelas mulheres jovens



Entre as mulheres jovens, cf. gráfico 17, o grau de escolaridade influencia o uso das variantes, pois as analfabetas empregam predominantemente o sujeito preenchido associado com o traço semântico [+ animado].

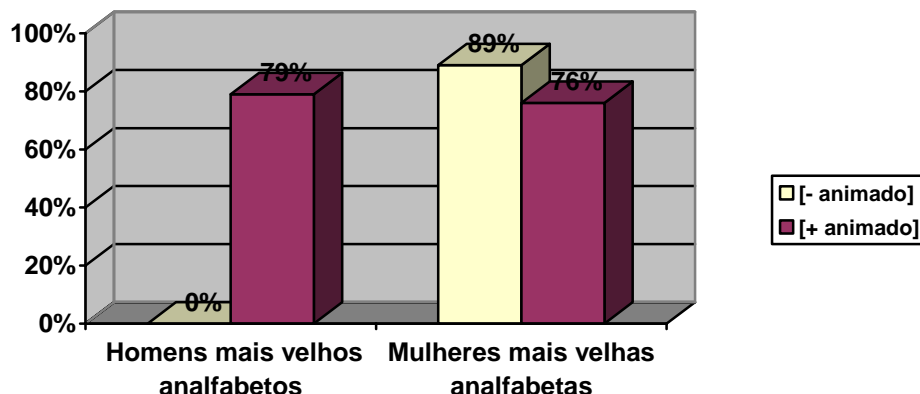
SEXO

Gráfico 18 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



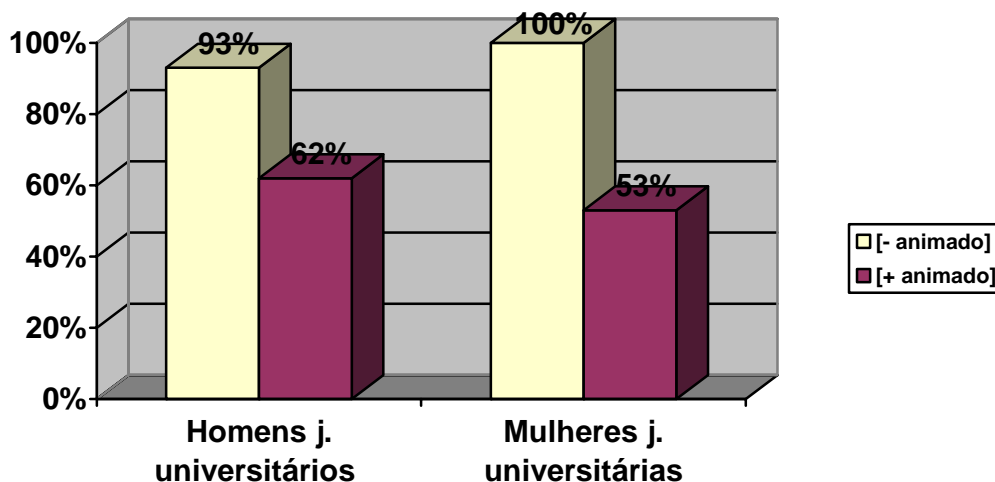
No gráfico 18, percebe-se que há diferença entre homens e mulheres no uso do sujeito nulo associado ao traço [+ animado]: os homens jovens analfabetos usam mais o sujeito nulo do que o preenchido e as mulheres jovens analfabetas empregam mais o lexicalizado do que o sujeito nulo. Isto revela que o fator social *sexo* influencia o uso das variantes entre os jovens analfabetos.

Gráfico 19 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Os resultados apresentados no gráfico 19⁴⁴ evidenciam que tanto os homens analfabetos quanto as mulheres analfabetas usam preferencialmente o sujeito nulo quando associado ao traço [+ animado], com uma sutil diferença no uso dos dois grupos.

Gráfico 20 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens e mulheres jovens universitários

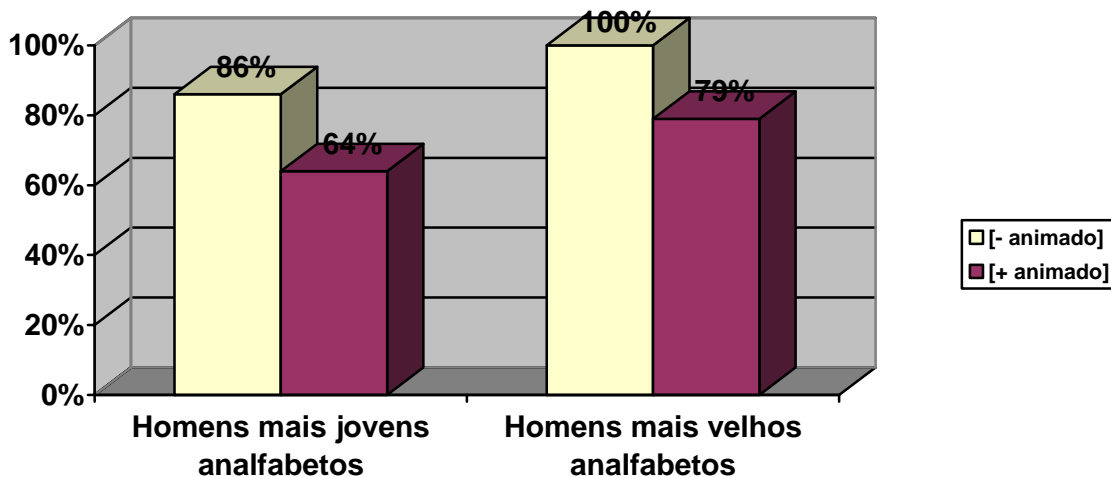


Constata-se, no gráfico 20, que o uso do sujeito nulo associado aos traços [- animado] e [+ animado] tanto dos homens jovens universitários quanto das mulheres jovens universitárias é predominante. O fator sexo não se mostra tão relevante entre os universitários, embora se observe que as mulheres tendem a empregar proporcionalmente mais o sujeito lexicalizado quando o referente tem traço [+ animado] do que os homens.

⁴⁴ Vale informar que houve apenas cinco ocorrências de sujeito nulo (100%) associado ao traço [- animado] no uso dos homens mais velhos analfabetos.

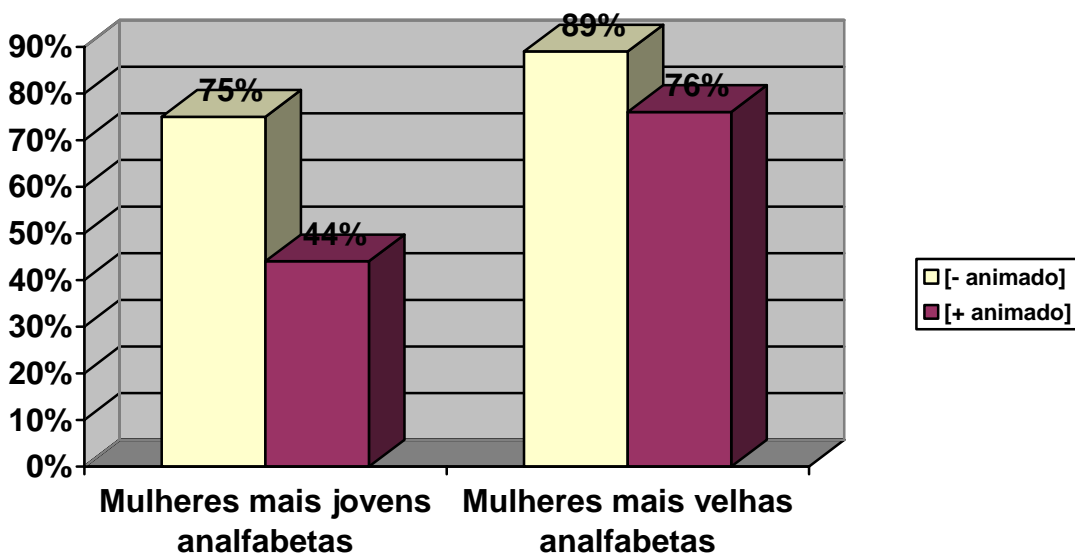
IDADE

Gráfico 21 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por homens analfabetos



Entre os homens analfabetos mais jovens e os mais velhos, cf. gráfico 21, quando o traço semântico do antecedente do sujeito anafórico é [- animado] ou [+ animado], o sujeito nulo prevalece sobre o preenchido.

Gráfico 22 - Sujeito nulo segundo o traço semântico empregado por mulheres analfabetas



Nos dados apresentados aqui, os resultados evidenciam que, entre as mulheres analfabetas mais jovens e as mais velhas, a idade mostra-se relevante para este grupo de fator lingüístico, pois, para as mais jovens, o traço semântico [+ animado] favorece o uso do sujeito preenchido.

Percebe-se, nos dois gráficos 21 e 22, que a idade se mostra relevante, porque sempre os mais jovens usam, comparativamente, mais sujeitos preenchidos que os mais velhos. Isto ocorre tanto quando o sujeito é [+ animado] como quando é [- animado]. Há uma interação muito interessante entre os dois grupos de fatores: traço semântico do antecedente e idade.

4.2.5 Emprego do Sujeito Pronominal segundo o Referente da Oração Anterior: igual ou diferente

Lira (1982; 1988) afirma que, se o referente do sujeito da oração for o mesmo que o do sujeito da anterior, inibirá a presença do sujeito lexicalizado. Ou seja, este será nulo. Se, ao contrário, os referentes forem diferentes, o sujeito pronominal freqüentemente será lexicalizado.

O estudo de Lira (1988) referente a esse grupo de fatores apresenta os seguintes resultados:

Tabela 23 - Sujeito pronominal em língua falada segundo o referente da oração anterior

REFERENTES	VARIANTES		Total de ocorrências
	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	
	N/%	N/%	
Iguais	451/ 52%	428/48%	879
Diferentes	180/29%	456/ 71%	636
<i>Total</i>	631	884	1515

Adaptada de Lira (1988: 40)

Tabela 24 - Sujeito pronominal em língua escrita segundo o referente da oração anterior

REFERENTES	VARIANTES		Total de ocorrências
	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	
	N/%	N/%	
Iguais	180/ 83%	36/17%	216
Diferentes	134/ 73%	50/27%	184
<i>Total</i>	314	86	400

Adaptada de Lira (1988: 40)

A autora afirma que “em ambas as modalidades este grupo de fatores tem a mesma influência: se o referente for o mesmo inibirá a presença do sujeito pronominal, se for diferente causará o aparecimento dele mais freqüentemente” (p. 40).

Assim, a hipótese construída em relação a este fator é encontrar uma maior ocorrência de sujeito nulo quando os referentes forem os mesmos, e, uma menor, quando forem diferentes.

Lira (1982; 1988) observa, ainda, que há correferencialidade do sujeito quando, na oração subsequente, o sujeito é o mesmo que o da oração anterior. Nesse caso, afirma que se o referente for o mesmo que o da oração anterior inibirá a presença do sujeito pronominal.

Explicitando, um pouco mais, as noções de *correferencialidade* e *não-correferencialidade*, pode-se afirmar que:

1. A condição essencial para que haja correferencialidade entre dois sujeitos, na oração anterior e subsequente, é que o referente seja o mesmo, como mostra (47).

(47) se *o banheiro* está sujo ou se ~~o~~ está limpo...entendeu?
(Rapaz de 29 anos, universitário)

No exemplo (47), os sujeitos, nas duas orações, possuem o mesmo referente (*o banheiro*) e pertencem à mesma pessoa gramatical - 3ª pessoa do singular.

Cumprir informar que os sujeitos nas duas orações são específicos de referência definida.

No entanto, neste estudo, também, foram incluídos os sujeitos genéricos e específicos indefinidos na análise do fator *correferencialidade* e *não-correferencialidade*. Se o sujeito genérico for idêntico ao anterior, foi considerado correferente, como mostra (48). A análise procede da mesma maneira, se o sujeito for específico indefinido, como mostra (49).

(48) Inf. se **você** chegar no clube...**você** não vai encontrar esse/esse problema
(Rapaz de 29 anos, universitário)

No exemplo (48), os sujeitos, nas duas orações, são genéricos, e, pertencem à mesma pessoa gramatical - 2ª pessoa do singular.

- (49) Inf. EU...o povo foi...pegando essa moda... ϕ foi criando mais o/os boi...e ϕ achou que dois fazia o mesmo serviço...sabe?
(Homem de 70 anos, analfabeto)

No exemplo (49), os sujeitos, nas duas orações, são específicos indefinidos e, considerados correferentes, porque o primeiro possui o mesmo sujeito que o da oração anterior como, também, o segundo sujeito nulo.

2. Considera-se que não há correferencialidade entre dois sujeitos, quando, nas duas orações, os sujeitos não possuem o mesmo referente, como mostra (50).

- (50) Inf. ϕ mostrei o exame...**ele** me conformou muito
(Mulher de 47 anos, universitária)

Em relação à *não-correferencialidade* entre sujeitos genéricos e específicos indefinidos, os exemplos (51) e (52), a seguir, ilustram essa característica, respectivamente.

- (51) Inf. de certa forma a gente um conhecimento...maior...então **a gente** passar isso pra eles...pra que **eles** possam...tanto ter o conhecimento de conteúdo...né?...
(Mulher de 37 anos, universitária)

- (52) Inf. disse...rapaz...daqui num pode sair do meio de nós...ainda hoje ϕ tá...um tempo desse eu tive lá no/: ϕ tivemos outro dia lá no Aracaju
(Homem de 70 anos, analfabeto)

Em relação à correferência entre sujeitos das estruturas subordinadas, Duarte (1997) ressalta que, nas chamadas línguas *pro-drop*, a segunda oração exhibe, obrigatoriamente, um sujeito nulo (cf. mostram 53, 54, 55, exemplos de DUARTE), a menos que o falante queira focalizar o sujeito.

- (53) *Ele* tremeu quando ϕ foi tirar a foto lá do cara.

- (54) *Ele* sentiu que ϕ era o único novo ali.

- (55) Se *eu* via um homem no elevador, ϕ baixava os olhos.

No entanto, a autora (1997) revela que, nos dados do PB examinados, de norma culta, a regra se tornou variável, (cf. mostram 56, 57, 58, exemplos de Duarte). Embora este ainda

seja “um dos mais significativos contextos de resistência do sujeito nulo de referência definida” (p. 49).

(56) De repente *ela* sabe que **ela** quando criança ficava meio triste por isso.

(57) *A casa* virou um filme quando **ela** teve de ir abaixo.

(58) *Nova Trento* é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela** é desse tamanho. **Ela** não tem paralelas.⁴⁵

Na tabela 25, apresentam-se os resultados gerais, ou seja, referentes aos seis grupos de falantes urbanos itabienses.

Tabela 25 - Realização geral do sujeito específico em relação ao referente da oração anterior

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	132/ 77%	40/23%	172
Sujeito não-correferente	70/ 61%	45/39%	115
Total	202/70%	85/30%	287

Os falantes urbanos itabienses empregam, preferencialmente, o **sujeito nulo** (77%), **quando o sujeito é o mesmo que o da oração anterior**, e, **usam, também, o sujeito nulo** (61%), **quando o sujeito na oração subsequente é diferente**, como mostram (59) e (60).

(59) Inf. se o *banheiro* está sujo ou se ~~o~~ está limpo...entendeu?
(há correferencialidade entre os dois sujeitos)
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(60) Inf. ~~o~~mostrei o exame...*ele* me conformou muito (não há correferencialidade)
(Mulher de 47 anos, universitária)

Cumprе salientar que, na comparação entre as duas variantes, constata-se que há uma tendência à redução ao emprego do sujeito nulo em contexto não-correferente. Ou seja, a hipótese de Lira se confirma.

⁴⁵ Os sujeitos contidos nestas orações não estão inseridos em estruturas subordinadas e sim, em coordenadas. O princípio discutido por Duarte parece, então, ter uma aplicação mais ampla, não estando circunscrito a uma determinada configuração estrutural.

Tabela 26 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens analfabetos [20 – 49 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	13/ 81%	3/19%	16
Sujeito não-correferente	8/ 57%	6/43%	14
Total	21/70%	9/30%	30

Na tabela 26, os resultados mostram que, quando o referente do sujeito da oração é o mesmo que o da anterior, como também, quando o referente da oração subsequente é diferente do da anterior há uma tendência ao sujeito nulo. No entanto, percebe-se a diminuição de frequência do sujeito nulo quando não há correferência, corroborando a hipótese que subjaz a esse grupo de fatores.

Tabela 27 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens analfabetos [acima de 65 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	42/ 84%	8/16%	50
Sujeito não-correferente	27/ 75%	9/25%	36
Total	69/80%	17/20%	86

Os resultados mostram, na tabela 27, que independentemente do sujeito ser correferente ou não-correferente, os homens mais velhos analfabetos empregam, predominantemente, o sujeito nulo. Mas, o índice de nulos diminui quando não há correferência. Sendo assim, a hipótese do grupo de fatores, em análise, se confirma para os falantes deste grupo.

Tabela 28 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	16/ 52%	15/48%	31
Sujeito não-correferente	7/39%	11/ 61%	18
Total	23/47%	26/53%	49

Quando o sujeito é correferente, apesar da sutil diferença no uso do sujeito nulo e do preenchido, as mulheres jovens analfabetas usam mais o sujeito nulo. E empregam, predominantemente, o preenchido quando o sujeito é não-correferente. O uso das mulheres jovens analfabetas ratifica a hipótese projetada. Vale ressaltar que a proximidade do índice de 50% indica muito mais que o fator não é relevante na atuação das variantes. Ao contrário do que se vê quando o sujeito é não-correferente.

Tabela 29 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	23/ 79%	6/21%	29
Sujeito não-correferente	16/ 80%	4/20%	20
Total	39/80%	10/20%	49

A tabela 29 mostra que quando o sujeito é correferente ou não-correferente o sujeito nulo é o favorecedor das mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos. Esperava-se que, quando o sujeito fosse não-correferente, houvesse um percentual mais elevado no uso do sujeito preenchido ou, se isto não ocorresse, pelo menos, uma diminuição no percentual de uso do sujeito nulo em relação ao sujeito correferente.

Tabela 30 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	22/ 76%	7/24%	29
Sujeito não-correferente	6/38%	10/ 63%	16
Total	28/62%	17/38%	45

Os resultados apresentados na tabela 30 mostram que as mulheres universitárias empregam, preferencialmente, o sujeito nulo quando há sujeito correferente e, usam, predominantemente, o sujeito lexicalizado quando o sujeito é não-correferente.

Tabela 31 - Realização do sujeito pronominal específico em relação ao referente da oração anterior (Homens universitários [20 – 49 anos])

CORREFERÊNCIA DO SUJEITO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Sujeito correferente	16/ 94%	1/6%	17
Sujeito não-correferente	6/ 55%	5/45%	11
Total	22/79%	6/21%	28

A tabela 31 mostra que, independentemente de o sujeito ser correferente ou não-correferente, os homens universitários empregam, preferencialmente, o sujeito nulo. Observa-se que o percentual de uso diminui, quando associado ao sujeito não-correferente, seguindo o princípio que sustenta a hipótese proposta por Lira.

Sintetizando os resultados obtidos

Referente da Oração Anterior: igual ou diferente

Nos dados gerais de sujeito específico definido, a correferencialidade ou a não-correferencialidade mostram que o sujeito nulo prevalece sobre o sujeito lexicalizado tanto quando o sujeito é correferente, com 77%, quando não é correferente, 61%, cf. tabela 25.

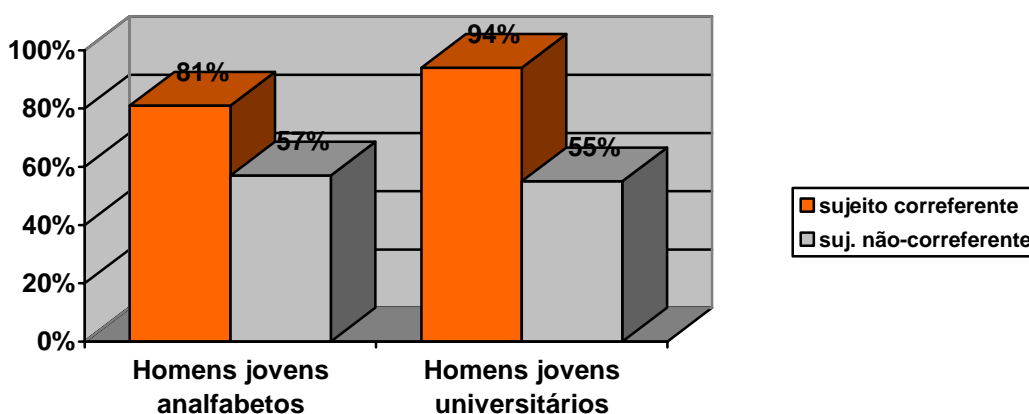
Analisando os resultados de cada grupo de pessoas, observa-se que, quando o sujeito é correferente, predomina o sujeito nulo nos seis grupos de pessoas. E quando o sujeito não é correferente, a manutenção do sujeito nulo ocorre em quatro grupos, com exceção das mulheres analfabetas jovens e das mulheres universitárias jovens. As analfabetas jovens preenchem em 61% o sujeito e universitárias jovens, em 63%, quando o sujeito é não-correferente.

4.2.5.1 Correferencialidade do Sujeito e Condicionamentos Sociais

Os gráficos representam os percentuais de uso da variante *sujeito nulo* em relação a cruzamentos de fatores sociais como a escolaridade, o sexo e a idade dos informantes.

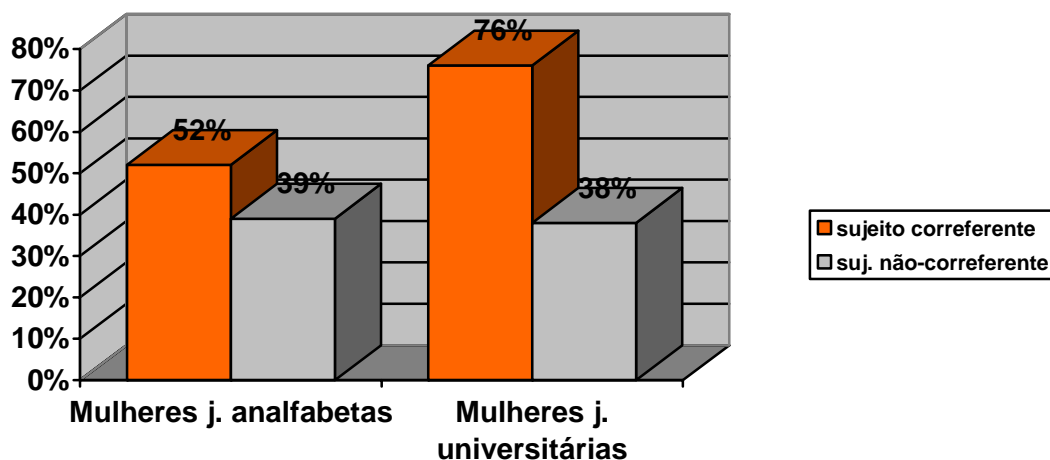
ESCOLARIDADE

Gráfico 23 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado pelos homens jovens



No gráfico 23, observa-se que, entre os homens jovens analfabetos e universitários, o uso do sujeito correferente e do não-correferente ocorre conforme a hipótese formulada: percentual mais elevado de nulo quando o sujeito é correferente e percentual menor, quando o sujeito é não-correferente. Uma sutil diferença perceptível entre os analfabetos e os universitários está no percentual maior (94%) de sujeito nulo dos universitários em relação ao uso dos analfabetos (81%) quando o sujeito é correferente.

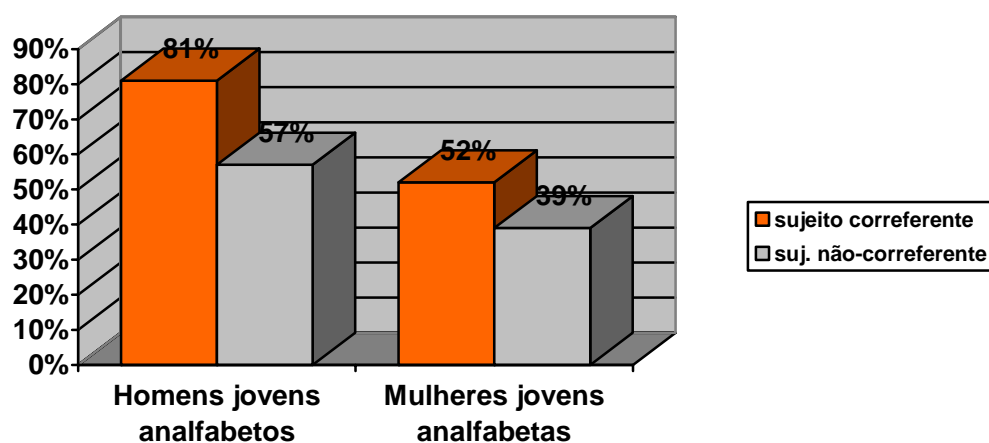
Gráfico 24 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado pelas mulheres jovens



O gráfico 24 mostra apenas uma diferença quanto ao uso do sujeito correferente, pois, as mulheres universitárias empregam um percentual bem mais elevado (76%) de sujeito nulo do que as analfabetas (52%).

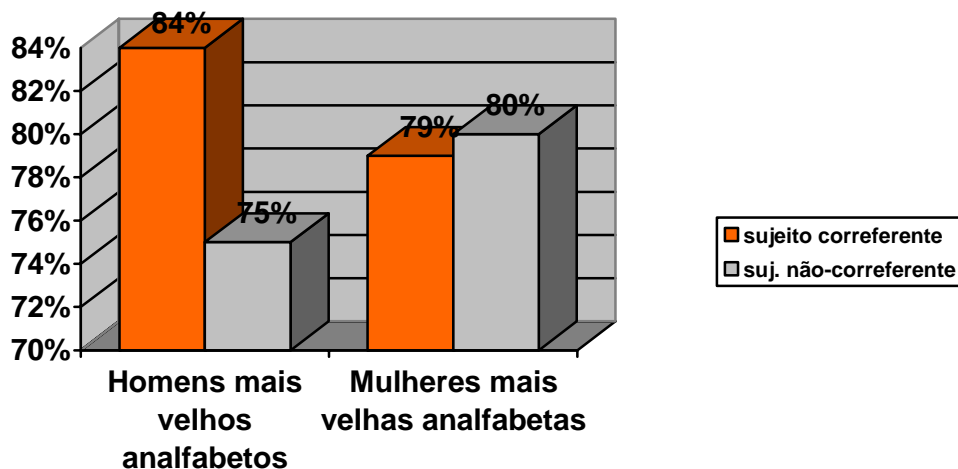
SEXO

Gráfico 25 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



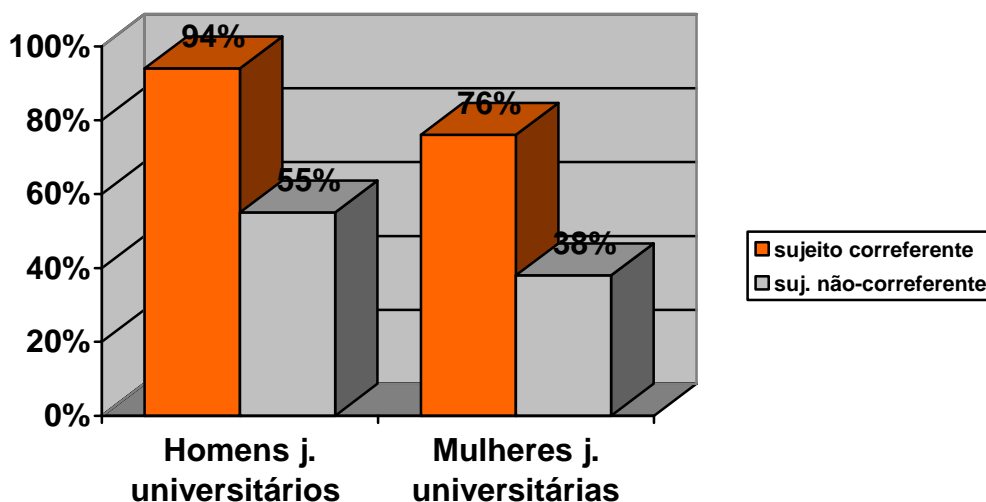
No gráfico 25, evidencia-se que os homens jovens analfabetos empregam preferencialmente o sujeito nulo quando o sujeito é correferente ou não. Já as mulheres jovens analfabetas usam o sujeito preenchido, predominantemente, quando o sujeito é não-correferente. Outro dado que se mostra relevante em relação ao fator sexo é a grande diferença percentual entre o uso do sujeito nulo dos homens e das mulheres jovens analfabetos, quando o sujeito é correferente.

Gráfico 26 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Nos dados apresentados aqui, verifica-se que, quando há correferência, o sujeito nulo é predominante tanto no uso dos homens analfabetos quanto no das mulheres analfabetas. Os homens empregam um pouquinho mais (5%) do que as mulheres. Já o uso ocorre inversamente proporcional quando o sujeito não é correferente.

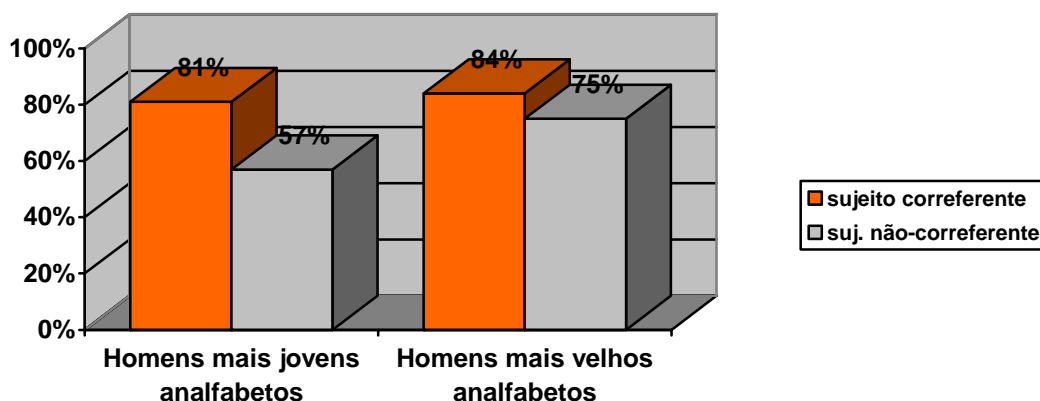
Gráfico 27 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens e mulheres jovens universitários



Em relação aos universitários, cf. gráfico 27, tanto os homens quanto as mulheres empregam mais o sujeito nulo com o sujeito correferente e menos, com o não-correferente. A diferença que se evidencia entre os homens e as mulheres está no uso superior do sujeito nulo, quando correferente, dos homens e do uso inferior do sujeito nulo, quando não-correferente, das mulheres.

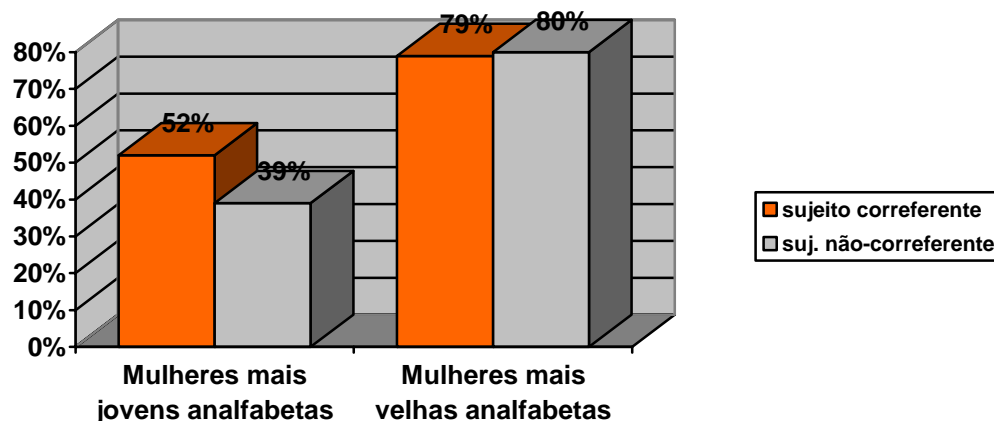
IDADE

Gráfico 28 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por homens analfabetos



No gráfico 28, tanto os homens analfabetos mais jovens quanto os mais velhos empregam predominantemente o sujeito nulo independentemente da correferência do sujeito. A diferença mais evidente entre os mais jovens e os mais velhos está no uso do nulo não-correferente, pois os homens analfabetos mais jovens empregam um percentual bem menor do que os mais velhos.

Gráfico 29 - Sujeito nulo segundo a correferência empregado por mulheres analfabetas



O fator social idade revela que entre as mulheres analfabetas mais jovens e as mais velhas, cf. gráfico 29, há grandes diferenças no uso do sujeito nulo. As mais velhas empregam praticamente o mesmo percentual de sujeito nulo quando o sujeito é correferente (79%) ou não (80%). Já as mais jovens usam mais o preenchido (61%) do que o nulo quando o sujeito não é correferente. Empregam também um percentual mais elevado de sujeito preenchido do que as mais velhas quando o sujeito é correferente.

4.2.6 Emprego do Sujeito Pronominal de 3ª Pessoa (singular e plural) segundo a Distância entre o Elemento Anafórico e o seu Antecedente

Neste estudo sobre a fala urbana itabiense, procurou-se analisar o fator textual-discursivo - *a distância entre o elemento anafórico e seu antecedente*, com o intuito de observar se há uma correlação significativa entre a acessibilidade da referência e a forma de expressão do sujeito pronominal.

Berlinck (2000b) ressalta que os estudos relacionados à expressão variável de complementos verbais (OD e OI) no português do Brasil têm dado ênfase a fatores sintático-semânticos, como a forma verbal, a estrutura da frase projetada pelo verbo, a animacidade do referente do complemento ou sua pessoa gramatical. A relevância destes fatores para a determinação da variação entre as formas de representação de complementos verbais já está consolidada. Porém, pouco se tem explorado, nesses estudos, a possível influência de fatores de natureza discursiva. A referida autora afirma que “essa lacuna é tanto menos compreensível quando se considera que os processos anafóricos se constroem essencialmente no fluxo discursivo” (p. 357).

A mencionada autora sugere que a anáfora pressupõe a existência de um antecedente. E como se dá, no discurso, a sua recuperação? O elemento anafórico funciona como um indicador de “pistas” para auxiliar na recuperação do antecedente. E, como a língua dispõe de uma série de expressões alternativas para expressar a anáfora, é natural questionar-se, quanto à escolha dessas expressões, se é feita aleatoriamente ou se obedece a algum princípio ligado à própria estrutura do discurso.

Segundo Ariel (1988), alguns fatores são considerados relevantes no processo de expressão anafórica, pois afetam a acessibilidade dos antecedentes. Neste estudo, apenas um desses fatores será considerado: *a distância entre o seu antecedente e o elemento anafórico*.

Quanto a esse fator discursivo, Ariel (1988) observa que quanto mais acessível for o referente para o interlocutor, menos informação será necessário que o falante forneça para que o seu interlocutor recupere o referente da expressão anafórica. Sendo assim, a referida autora evidencia que, quando o elemento anafórico está próximo do referente, há tendência à anáfora zero. Considerando uma Hierarquia de Acessibilidade, a autora distribui as expressões anafóricas em três níveis principais: expressões de baixa acessibilidade (nomes próprios e descrições definidas), média acessibilidade (demonstrativos) e alta acessibilidade

(pronomes e anáforas zero). Então, se a anáfora pressupõe a existência de um antecedente, como o elemento anafórico recupera o seu antecedente? E, de um modo geral, se a expressão escolhida pelo falante para representar o elemento anafórico depende do nível de acessibilidade da referência, como a escolha entre *sujeito nulo* e *sujeito lexicalizado* é feita? Aleatoriamente ou obedece a algum princípio ligado à própria estrutura do discurso? Sendo assim, observou-se qual dos dois tipos de sujeito pronominal possui uma maior acessibilidade à referência.

Assim, considerando que a forma verbal de 3ª pessoa do singular apresenta desinência número-pessoal zero e a esta forma verbal outros sujeitos pronominais são atribuídos, espera-se que, quando o elemento anafórico estiver próximo do referente, haja uma tendência à *anáfora zero (sujeito nulo)* e quando estiver mais distante, haja uma tendência ao uso do *sujeito lexicalizado*.

Então, para analisar *a distância entre o elemento anafórico e o seu antecedente*, verificou-se a quantidade de orações que antecede o sujeito pronominal, como mostram os exemplos (61), (62) e (63), retirados dos fragmentos a seguir.

Fragmento 1 Doc. éh...você tem três filhos...né isso?...você falou que...você num teve muita sorte com seus filhos em relação a/ao estudo...por quê?...conte um pouco assim sobre a vida dos seus filhos
 Inf. bom...porque **eles** não quiseram assim depois do/do terceiro ano...**eles** não quiseram assim continuar/fazer uma Faculdade...**φ**já quiseram logo trabalhar...já ser dono de/de si...dois já casaram...só se **eles** ainda co/ainda começarem...né?...que nunca é tarde...mas...por mim...eles...invés de casarem...**eles** já partiam pra uma Faculdade...que era/prá mim é mais interessante mas pra eles não...né?...eitxa
 (Mulher de 38 anos, universitária)

Fragmento 2 Inf. eu acho que...éh::os **evangélicos**...eu acho que **eles** buscam mais as pessoas...apesar de que é assim...que às vezes tem **aqueles evangélicos** que **eles** criticam MUIto...o Catolicismo né?...é exatamente assim na parte de/...de Maria né?...ah...
 Doc. hun
 Inf. mas a Mãe Santíssima...**φ**num sei o que...então **eles** condenam muito isso
 (Mulher de 37 anos, universitária)

Oração imediatamente anterior

(61) Inf. bom...porque **eles** não quiseram assim depois do/do terceiro ano
(**Fragmento 1**)

2ª oração anterior

(62) Inf. só se **eles** ainda co/ainda comecem...né? (**Fragmento 1**)

3ª oração anterior

(63) Inf. então **eles** condenam muito isso (**Fragmento 2**)

No exemplo 64, o verbo está flexionado na 3ª pessoa do plural, porém, como o sujeito é específico indefinido, não há possibilidade de recuperá-lo no discurso. Assim, dados deste tipo não foram computados na análise desse grupo de fatores.

(64) Inf. mas depois que ϕ tamparam a barragem aí
(**Homem de 35anos, analfabeto**)

Para se obter uma visão geral do uso do sujeito nulo e lexicalizado em relação à distância do elemento anafórico, analisaram-se, conjuntamente, todos os dados do sujeito específico dos grupos das pessoas.

Lembrando a hipótese que subjaz ao fator *a distância entre o elemento anafórico e o seu antecedente*: quanto a esse fator discursivo, Ariel (1988) observa que quanto mais acessível for o referente para o interlocutor, menos informação será necessário que o falante forneça, para que o seu interlocutor recupere o referente da expressão anafórica. Ou seja, a referida autora evidencia que, quando o elemento anafórico está próximo do referente, há tendência à anáfora zero. Sendo assim, espera-se que ocorra um percentual mais elevado de sujeito nulo quando o antecedente se encontrar na oração imediatamente anterior como, também, na 2ª oração anterior.

Tabela 32 - Ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos falantes urbanos itabienses e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior ⁴⁶	161/ 74%	56/26%	217
2ª oração anterior	23/ 57%	17/43%	40
3ª oração anterior	8/ 67%	4/33%	12
4 – 7 or. anteriores	2/25%	6/ 75%	8
8 – 11 or. anteriores	1	1	2
Total	195/70%	84/30%	279

Os resultados das análises mostram que existe uma relação discursivo-textual entre o elemento anafórico e o seu antecedente; (i) quanto mais próximo está o antecedente, maior é a frequência de *sujeito nulo* e, (ii) inversamente, o uso do *sujeito lexicalizado* aumenta na medida em que o seu antecedente está mais distante, confirmando, assim, a hipótese inicial. No entanto, deve-se ressaltar que isto não quer dizer que não exista sujeito nulo quando o antecedente estiver mais distante, pois, como mostram os resultados da tabela 32, há ainda casos de sujeito nulo em que o referente está em uma oração mais distante como, por exemplo, na segunda, na terceira e até entre quatro e sete orações anteriores. Assim, pode-se inferir que, para os falantes urbanos itabienses, não há restrições quanto à proximidade do antecedente em relação ao elemento anafórico.

Com o objetivo de identificar se os grupos seguem esse padrão de uso ou se algum deles apresenta comportamento diferenciado, foram investigadas as ocorrências de cada grupo, cf. tabelas 33 – 38.

⁴⁶ Oração imediatamente anterior.

Tabela 33 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens analfabetos [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	17/ 81%	4/19%	21
2ª oração anterior	2	1	3
3ª oração anterior	-	1	1
4 – 7 or. anteriores	1/25%	3/ 75%	4
Total	20/69%	9/31%	29

Apesar do pequeno número de dados em contextos com antecedente mais distante que a oração anterior, os resultados sugerem que os homens mais jovens analfabetos usam o sujeito nulo, preferencialmente, quando o antecedente está na oração imediatamente anterior.

Tabela 34 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens analfabetos [acima de 65 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	56/ 79%	15/21%	71
2ª oração anterior	5/ 100%	-	5
3ª oração anterior	4/ 80%	1/20%	5
8 – 11 or. anteriores	1	1	2
Total	66/80%	17/20%	83

Na tabela 34, os resultados mostram que os homens mais velhos analfabetos usam, predominantemente, o sujeito nulo quando o antecedente está na oração imediatamente anterior, na 2ª oração e na 3ª oração anterior.

Tabela 35 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres analfabetas [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	16/47%	18/ 53%	34
2ª oração anterior	4/44%	5/ 56%	9
3ª oração anterior	2	1	3
4 – 7 or. anteriores	-	1	1
Total	22/47%	25/53%	47

Na tabela 35, os resultados mostram que as mulheres jovens analfabetas empregam o sujeito lexicalizado predominantemente tanto quando o antecedente se encontra na oração imediatamente anterior quanto, na 2ª oração anterior.

Tabela 36 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres analfabetas [acima de 65 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	30/ 81%	7/19%	37
2ª oração anterior	4/ 67%	2/33%	6
3ª oração anterior	2	-	2
4 – 7 or. anteriores	1	1	2
Total	37/79%	10/21%	47

Observa-se, na tabela 36, que o sujeito nulo se mantém quando o antecedente se encontra na oração imediatamente anterior ou na 2ª oração anterior. Isto significa que o uso do sujeito anafórico das mulheres mais velhas analfabetas está de acordo com a hipótese prevista.

Tabela 37 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) das mulheres universitárias [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	26/ 72%	10/28%	36
2ª oração anterior	2/25%	6/ 75%	8
3ª oração anterior	-	-	-
4 – 7 or. anteriores	-	1	1
Total	28/62%	17/38%	45

Na tabela 37, os resultados mostram que há uma tendência maior ao uso do sujeito nulo quando o antecedente está na oração imediatamente anterior e, ao sujeito lexicalizado, apesar do pequeno número de dados, quando está na segunda oração anterior. Ou seja, à medida que o antecedente vai se distanciando do elemento anafórico, as mulheres universitárias empregam mais o sujeito lexicalizado.

Tabela 38 - Distribuição das ocorrências das variantes de sujeito específico de 3ª pessoa (singular e plural) dos homens universitários [20 – 49 anos] e a distância de seu antecedente

DISTÂNCIA DO ELEMENTO ANAFÓRICO	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Or imed anterior	16/ 89%	2/11%	18
2ª oração anterior	6/ 67%	3/33%	9
3ª oração anterior	-	1	1
Total	22/79%	6/21%	28

Já os homens universitários empregam o sujeito nulo, com um percentual mais elevado do que o das mulheres universitárias, quando o antecedente está na oração imediatamente anterior, como também quando o antecedente está na segunda oração anterior. Ainda assim, percebe-se que há uma diminuição no emprego do nulo quando se passa para a 2ª oração anterior, resultado que confirma a hipótese inicial.

Sintetizando os resultados obtidos

Distância entre o Elemento Anafórico e o seu Antecedente

Com os sujeitos de 3ª pessoa (singular e plural), os falantes urbanos itabienses, cf. tabela 32, preferem o uso do sujeito nulo quando o referente do sujeito se encontra na oração precedente, com 74%, como também quando se encontra na 2ª, com 57%, e na 3ª oração anterior, com 67%. Entre 4 - 7 orações anteriores é que predomina o uso do preenchimento do sujeito, com 75% de uso. Este resultado reflete a tendência hipotetizada.

Em relação ao comportamento manifestado em cada grupo de pessoas, pode-se afirmar que, dentre os seis grupos, apenas as mulheres analfabetas jovens não empregaram com predominância o sujeito nulo quando o referente se encontrava na oração imediatamente anterior. Quando se encontrava na 2ª, dois grupos não usaram: as mulheres analfabetas jovens e as mulheres universitárias jovens. Quando se encontrava na 3ª oração anterior⁴⁷, os homens analfabetos com idade acima de 65 anos usaram o sujeito nulo predominantemente. Entre 4-7 orações anteriores⁴⁸, os homens analfabetos jovens obtiveram o percentual de 25% no uso do sujeito nulo, único grupo que empregou o sujeito pronominal com o referente em orações na distância mencionada.

Cumpramos ressaltar que o fato de as mulheres usarem mais o preenchido com antecedente na 1ª (apenas as analfabetas jovens) e na 2ª oração (analfabetas jovens e mulheres universitárias jovens) é significativo, pois pode ser mais um indício de que as mulheres estão mais avançadas na implementação do preenchimento.

⁴⁷ Na 3ª oração anterior, em alguns grupos de pessoas, não houve ocorrência e, em outros, as ocorrências foram insignificativas.

⁴⁸ Com esta distância, em alguns grupos de pessoas, não houve ocorrência e, em outros, o número de ocorrências não foi significativo.

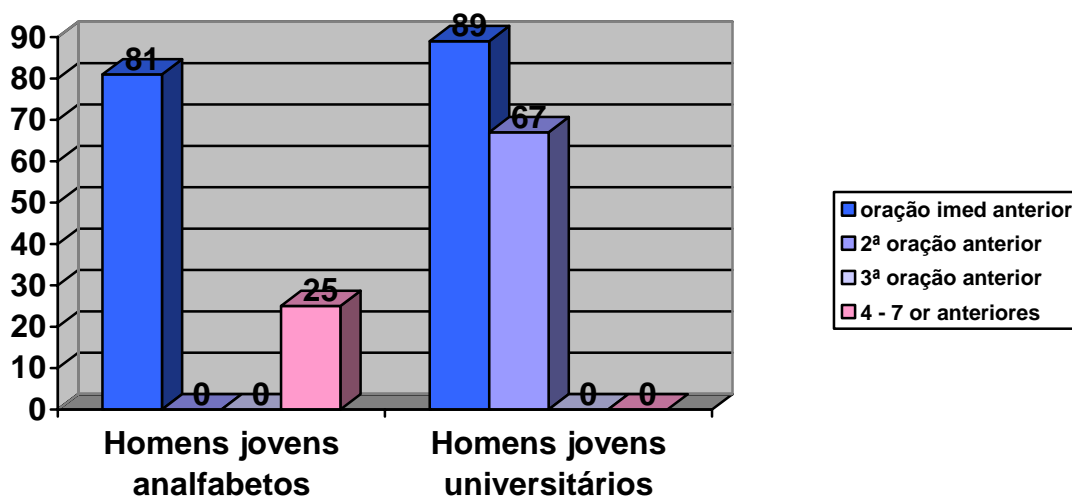
4.2.6.1 Distância entre o Elemento Anafórico e o seu Antecedente e Condicionamentos Sociais

Os gráficos⁴⁹, abaixo, demonstram o resultado dos cruzamentos dos fatores sociais *escolaridade*, *sexo* e *idade* no uso da variante *sujeito nulo* em relação à distância do elemento anafórico.

Vale observar que a hipótese que norteia este grupo de fatores é encontrar um maior percentual da variante *sujeito nulo* quando o elemento anafórico estiver próximo do referente, ou seja, quando o referente estiver na oração imediatamente anterior, e, à medida que o referente vai se distanciando, espera-se uma redução no uso do sujeito nulo (ARIEL, 1988).

ESCOLARIDADE

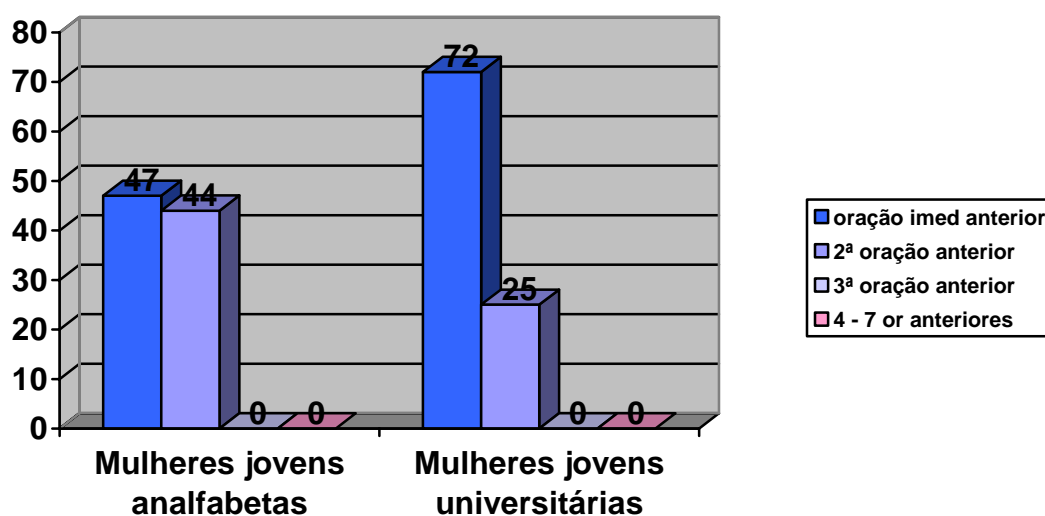
Gráfico 30 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado pelos homens jovens



Percebe-se, no gráfico 30, que os homens jovens analfabetos e universitários empregam mais o sujeito nulo quando o referente está na oração imediatamente anterior. Este comportamento significa que não há diferença entre eles quanto à oração imediatamente anterior. Quando o antecedente se encontra na 2ª oração anterior do sujeito anafórico, o uso do sujeito nulo dos homens jovens universitários corresponde à hipótese formulada.

⁴⁹ Nos cruzamentos dos fatores sociais *escolaridade*, *sexo* e *idade*, os percentuais considerados para a confecção dos gráficos são aqueles obtidos a partir de 6 ocorrências. As inferiores a 6 constam nas tabelas referentes ao fator *Distância do elemento anafórico*.

Gráfico 31 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado pelas mulheres jovens



No gráfico 31, evidencia-se uma diferença significativa no uso do sujeito nulo entre as mulheres jovens analfabetas e as universitárias. Percebe-se que, quando o antecedente se encontra na oração imediatamente anterior, as mulheres jovens analfabetas empregam um percentual menor de sujeito nulo (47%) do que de preenchido enquanto as universitárias empregam um percentual maior de nulo (72%) do que de preenchido. Já quando o antecedente está na 2ª oração anterior, o comportamento no uso do sujeito nulo acontece de maneira inversa, pois, as mulheres jovens universitárias usam bem menos o sujeito nulo (25%) do que as analfabetas (44%).

O grupo de fatores *a distância entre o elemento anafórico e o seu antecedente* parece não ser relevante para as analfabetas jovens, pois os índices são bem próximos, mas afeta as escolhas das universitárias.

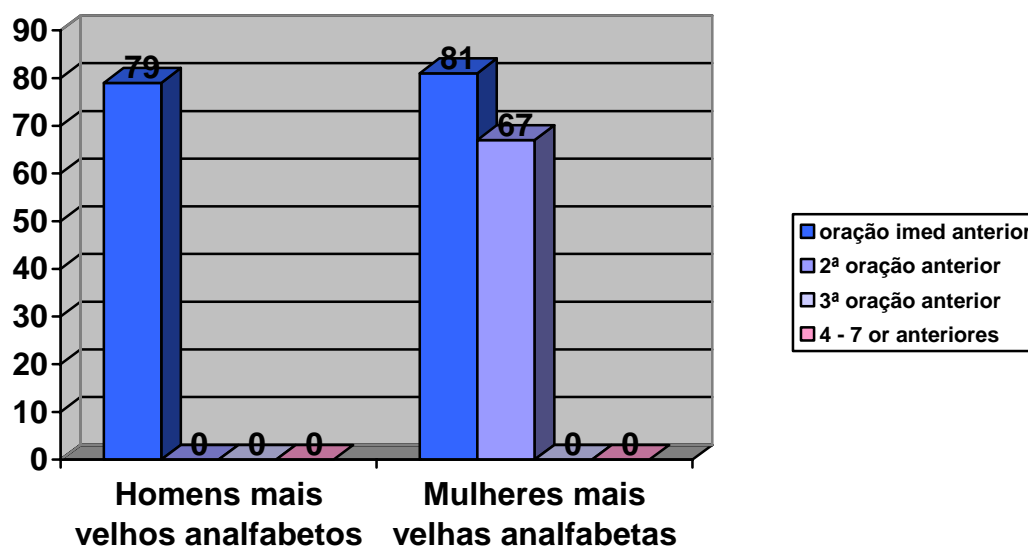
SEXO

Gráfico 32 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



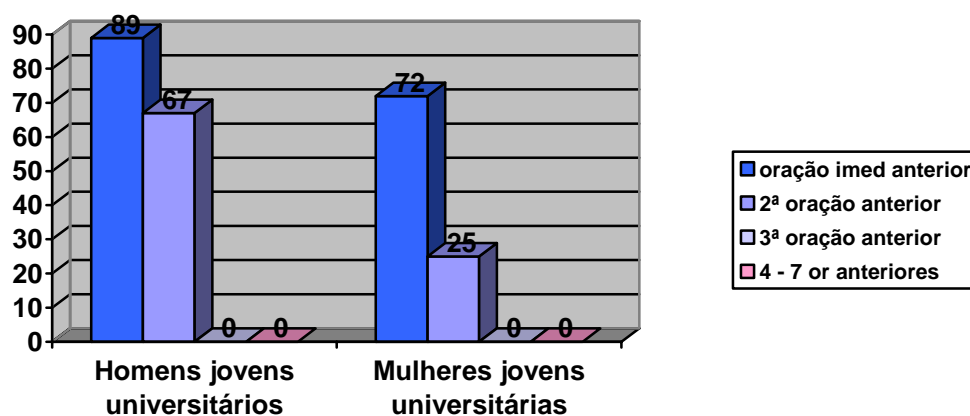
No gráfico 32, a diferença que o fator sexo revela nitidamente é que, em relação à oração imediatamente anterior, enquanto os homens jovens analfabetos esvaziam o sujeito em um percentual elevado de 81%, as mulheres jovens analfabetas usam apenas 47% de sujeito nulo, ou seja, apesar de o sujeito anafórico se encontrar próximo do antecedente, as mulheres empregam bem menos o nulo do que os homens e, ao comparar as variantes usadas pelas mulheres na distância mencionada, preenchem mais o sujeito.

Gráfico 33 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Como se observa no gráfico 33⁵⁰, quando o referente do sujeito se encontra na oração anterior, tanto os homens quanto as mulheres empregam preferencialmente o sujeito nulo. Mas, o fator sexo, neste contexto não é decisivo.

Gráfico 34 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens e mulheres jovens universitários

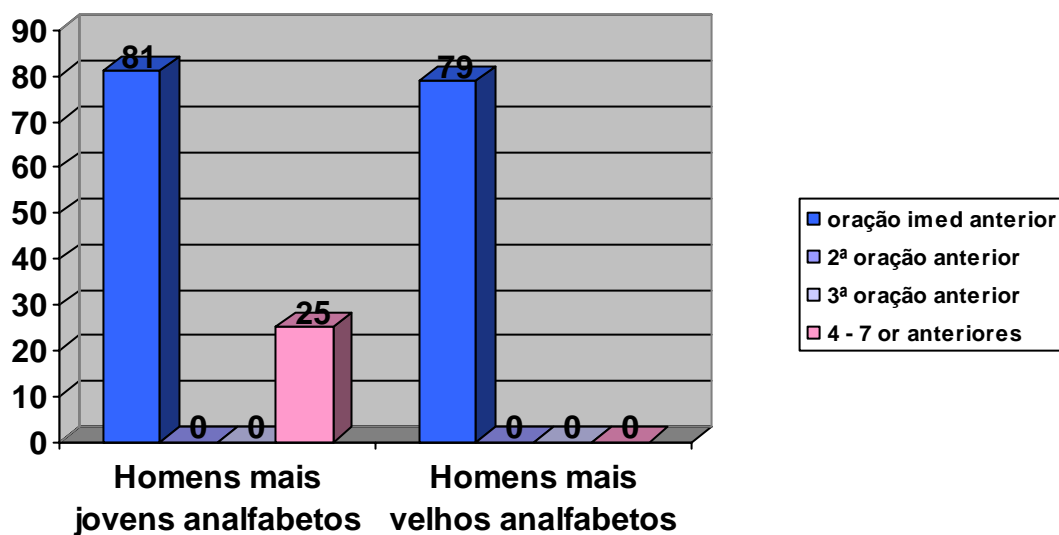


As mulheres e os homens jovens universitários apresentam diferenças significativas no uso do sujeito nulo associado ao antecedente da 2ª oração anterior, pois, enquanto os universitários usam 67% as universitárias empregam apenas 25% de sujeito nulo, isto é, 75% de sujeito preenchido.

⁵⁰ Nas orações anteriores à primeira, dos doze sujeitos pronominais, os homens mais velhos analfabetos usaram cinco sujeitos nulos na 2ª oração anterior (100%), quatro, na 3ª oração anterior (80%), e um sujeito nulo entre 8 – 11 orações anteriores.

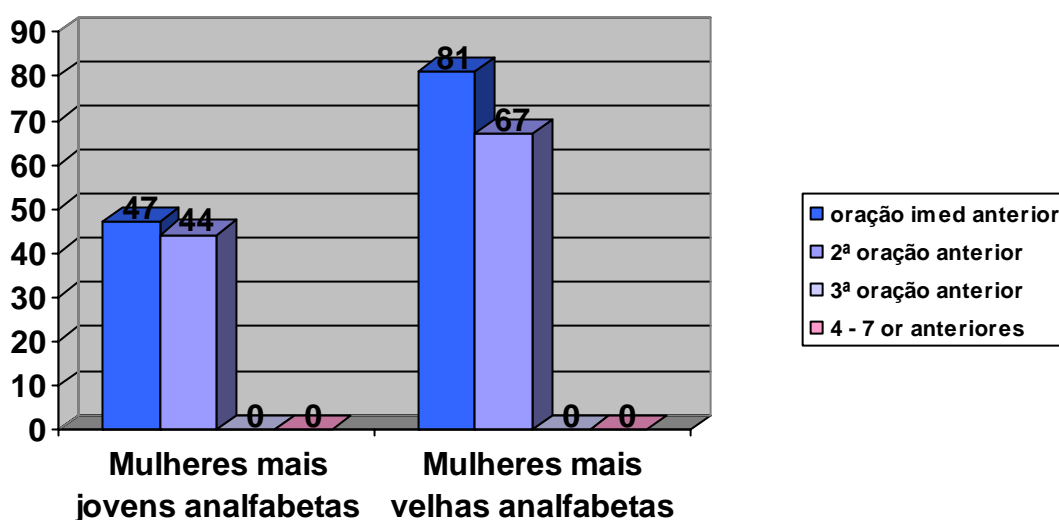
IDADE

Gráfico 35 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por homens analfabetos



Entre os homens analfabetos mais jovens e os mais velhos, o gráfico 35 não apresenta resultados de diferenças nas duas faixas etárias. Ambos usam percentuais aproximados de sujeito nulo associados à oração imediatamente anterior.

Gráfico 36 - Sujeito nulo segundo a distância do elemento anafórico empregado por mulheres analfabetas



Já entre as mulheres analfabetas mais jovens e as mais velhas, o gráfico 36 mostra diferenças no uso do sujeito nulo. Em relação à oração imediatamente anterior, as mais jovens empregam apenas 47% enquanto as mais velhas, 81%. Quanto à 2ª oração anterior, as

mulheres mais velhas usam predominantemente o sujeito nulo e as mais jovens, o sujeito lexicalizado.

4.2.7 Emprego do Sujeito Pronominal segundo a Presença ou a Ausência de Elementos Antepostos ao Sujeito

Analisa-se os resultados referentes a cada grupo de pessoas com o intuito de verificar se elementos como *adjuntos adverbiais*, *elementos topicalizados* e *outros elementos* (aí; e; e aí; só; olha (MD⁵¹); mas (MD); que (MD); parece que; quer dizer que; também; vocativo; graças a Deus; isso) antepostos ao sujeito condicionam o sujeito lexicalizado e, conseqüentemente, se a ausência desses elementos influencia o uso do sujeito nulo (DUARTE, 1997).

Duarte (1997) ressalta que a presença de *adjuntos adverbiais* (cf. mostra 65, ex. de DUARTE) e de *elementos topicalizados* (cf. exemplo 66, ex. de DUARTE) favorecem ligeiramente o sujeito lexicalizado.

(65) **E no outro dia *ele*** saiu de madrugada. ϕ Foi pra lá. ϕ Chegô no lugar que ele encontrô de novo a...o tronco.

(66) **Festa de caraíba *eu*** gostei muito.

E, a ausência de elementos adjuntos (antepostos) ao sujeito (cf. exemplo 67, ex. de DUARTE) ainda favorece o sujeito nulo.

(67) ϕ Peguei avião, né?

Quais são os resultados encontrados na cidade de Itabi-SE?

Inicialmente, são apresentados os resultados de todos os dados do sujeito específico, para se ter uma visão geral do fator lingüístico *presença ou ausência de elementos antepostos*

⁵¹ MD = Marcador Discursivo.

ao sujeito. Em seguida, dos homens analfabetos mais jovens; homens analfabetos mais velhos; das mulheres analfabetas mais jovens; das mulheres analfabetas mais velhas; das mulheres universitárias jovens, e, dos homens universitários jovens.

Tabela 39 - Realização geral do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito⁵²

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	43/ 57%	33/43%	76
Presença de elemento topicalizado	5/28%	13/ 72%	18
Presença de outros elementos	40/44%	50/ 56%	90
Ausência de elemento anteposto	271/ 64%	154/36%	425
Total	359/59%	250/41%	609

Na fala urbana itabiense, evidencia-se que, quando não há elementos antepostos ao sujeito, cf. exemplo (68), as pessoas usam preferencialmente o sujeito nulo, confirmando, assim, a hipótese formulada. E a presença de *elemento topicalizado*, como mostra (69), e de *outros elementos*, como ilustra (70), condiciona o preenchimento do sujeito, isto não ocorrendo apenas em relação à presença de adjunto adverbial, como mostra (71), pois o percentual de uso de 57% favorece o emprego do sujeito nulo.

(68) Inf. **ϕ**nasci aqui no meu Itabi mesmo
(Mulher de 95 anos, analfabeta)

(69) Inf. e essas festas **eu** estou na/na participação
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(70) Inf. ali quando é...quatro e meia...aí assim **eu** vou pra casa
(Homem de 48 anos, analfabeto)

(71) Inf. chega no final de semana às vezes **ϕ**tá tão...cansada
(Mulher de 37 anos, universitária)

⁵² Quanto à análise do sujeito pronominal em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito, o total de ocorrências não coincide com o total de ocorrências de sujeito específico, de cada grupo de pessoas, porque não foram computados os pronomes relativos e as conjunções, quando antepostos ao sujeito. Os referidos dados serão contemplados quando se fizer a análise referente aos *Tipos de Oração*.

Tabela 40 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	10/ 50%	10/ 50%	20
Presença de elemento topicalizado	3/43%	4/ 57%	7
Presença de outros elementos	11/42%	15/ 58%	26
Ausência de elemento anteposto	77/ 87%	12/13%	89
Total	101/71%	41/29%	142

Os resultados apresentados na tabela 40 mostram que quando há elementos antepostos ao sujeito, os homens mais jovens analfabetos usam, predominantemente, o sujeito lexicalizado, e, quando não há, usam o nulo, confirmando a hipótese que subjaz a esse grupo de fatores. Quanto à presença de adjuntos adverbiais, percebe-se que há um equilíbrio, em relação ao uso das variantes do sujeito pronominal.

Tabela 41 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	16/ 76%	5/24%	21
Presença de elemento topicalizado	1	1	2
Presença de outros elementos	5/ 56%	4/44%	9
Ausência de elemento anteposto	52/ 70%	22/30%	74
Total	74/70%	32/30%	106

Na tabela 41, os resultados mostram que independentemente da presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito, os homens mais velhos analfabetos empregam, preferencialmente, o sujeito nulo, não se confirmando, em parte, a hipótese para este grupo de pessoas, pois, esperava-se o uso predominante do sujeito preenchido diante da presença de elementos antepostos ao sujeito.

Tabela 42 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	3/38%	5/ 63%	8
Presença de elemento topicalizado	-	2	2
Presença de outros elementos	5/21%	19/ 79%	24
Ausência de elemento anteposto	39/ 51%	38/ 49%	77
Total	47/42%	64/58%	111

Os resultados apresentados na tabela 42 mostram que a hipótese projetada se confirma em relação à presença de elementos antepostos ao sujeito, pois, como se vê, as mulheres jovens analfabetas empregam preferencialmente o sujeito lexicalizado, mas, quanto à ausência de elementos, a hipótese construída não se confirma, pois se esperava um uso maior de sujeito nulo. O que se observa em relação ao fator referido é que há um uso equilibrado das variantes pelas mulheres jovens analfabetas. Ou seja, o fator “ausência” não é relevante para definir a variação.

Tabela 43 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	5/ 83%	1/17%	6
Presença de elemento topicalizado	-	2	2
Presença de outros elementos	8/ 57%	6/43%	14
Ausência de elemento anteposto	52/ 64%	29/36%	81
Total	65/63%	38/37%	103

A tabela 43 demonstra que as mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos empregam preferencialmente o sujeito nulo independentemente da presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito. Sendo assim, a hipótese se confirma, apenas, em relação à ausência de elementos.

Tabela 44 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	6/ 50%	6/ 50%	12
Presença de elemento topicalizado	1	1	2
Presença de outros elementos	6/ 67%	3/33%	9
Ausência de elemento anteposto	32/48%	35/ 52%	67
Total	45/50%	45/50%	90

Na tabela 44, os resultados revelam um uso inverso ao esperado, pois as mulheres jovens universitárias usam preferencialmente o sujeito lexicalizado quando não há elementos antepostos ao sujeito, e quando há elementos, empregam predominantemente o sujeito nulo.

Vale ressaltar que, em relação à presença de adjunto adverbial, houve um equilíbrio, mas esperava-se um percentual maior de sujeito preenchido.

Tabela 45 - Realização do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito
(Homens universitários [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos antepostos ao sujeito	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de adjunto adverbial	3/33%	6/ 67%	9
Presença de elemento topicalizado	-	3	3
Presença de outros elementos	5/ 63%	3/38%	8
Ausência de elemento anteposto	19/ 51%	18/ 49%	37
Total	27/47%	30/53%	57

Os homens jovens universitários fazem maior uso do sujeito lexicalizado, quando há adjuntos adverbiais antepostos ao sujeito. Quando há a presença de *outros elementos*, empregam preferencialmente o sujeito nulo. Aqui, a expectativa era que o sujeito preenchido fosse a variante predominante.

Percebe-se que há um equilíbrio, em relação ao uso das variantes, quanto à ausência de elementos antepostos. Neste fator, visualiza-se um crescimento no uso do preenchimento do sujeito, não só por parte dos homens universitários, mas também, das universitárias, cf. tabela 44.

Sintetizando os resultados obtidos

Presença ou Ausência de Elementos Antepostos ao Sujeito

Ao analisar a manifestação do sujeito pronominal diante da presença ou da ausência de elementos antepostos ao sujeito, os resultados gerais de sujeito específico definido, cf tabela 39, revelam que a ausência de elementos antepostos ao sujeito mostrou-se condicionante do sujeito nulo (64%). Também prevaleceu o sujeito nulo (57%) com a presença de adjunto adverbial. O sujeito preenchido ocorreu com a presença de elemento topicalizado (72%) e com a presença de outros elementos (56%).

Em relação a cada grupo de pessoas, os resultados revelaram que, na ausência de elementos antepostos ao sujeito, quatro grupos de pessoas usaram, predominantemente, o sujeito nulo, com exceção das mulheres analfabetas jovens, das mulheres universitárias jovens e dos homens universitários jovens, que usaram equilibradamente, com 51%, 48% e 51%, respectivamente.

Quanto à presença de adjunto adverbial anteposto ao sujeito, houve predominância do sujeito nulo em dois grupos, a saber, mulheres analfabetas (83%) e homens analfabetos (76%), ambos com idade acima de 65 anos. Neste mesmo contexto, o uso entre o sujeito nulo e o sujeito preenchido foi equilibrado nos seguintes grupos: homens analfabetos jovens e mulheres universitárias jovens. Já entre os grupos das mulheres analfabetas jovens, com 63%, e entre os dos homens universitários jovens, com 67%, prevaleceu o uso do preenchimento do sujeito na presença de adjunto adverbial anteposto ao sujeito.

Em relação à presença de elemento topicalizado⁵³, prevaleceu, entre os homens analfabetos jovens, o uso do sujeito lexicalizado, com 57%.

A presença de *outros elementos* (aí; e; e aí; só; olha (MD); mas (MD); que (MD); parece que; quer dizer que; também; vocativo; graças a Deus; isso) correlacionou-se ao uso do sujeito nulo em quatro grupos, a saber, homens analfabetos (56%) e mulheres analfabetas (57%), ambos com idade acima de 65 anos; mulheres universitárias jovens (67%) e homens universitários jovens (63%). Entre os dois seguintes grupos, homens analfabetos jovens, com 58%, e mulheres analfabetas jovens, com 79%, houve a predominância no uso do preenchimento do sujeito.

⁵³ Nos demais grupos, o número de ocorrências não foi significativo, entre duas e três, não permitindo uma descrição confiável sobre o contexto em questão.

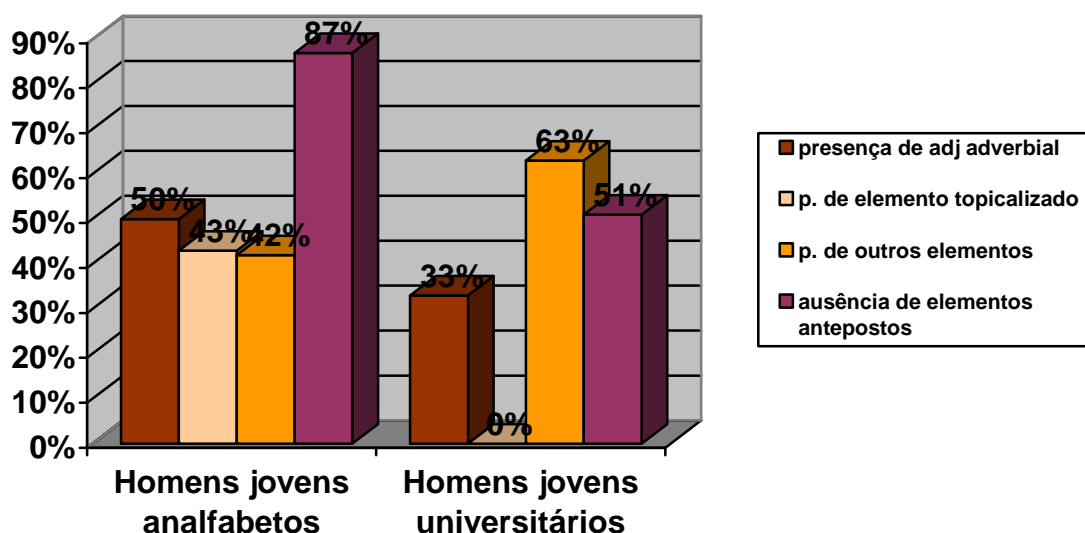
4.2.7.1 Presença ou Ausência de Elementos Antepostos ao Sujeito e Condicionamentos Sociais

Após o cruzamento de fatores sociais como a escolaridade, o sexo e a idade dos informantes, os gráficos abaixo apresentam o resultado do uso da variante *sujeito nulo* em relação à presença ou à ausência de elementos antepostos ao sujeito.

Ressalta-se que a hipótese que fundamenta este grupo de fator é que a ausência de elementos antepostos ao sujeito favorece a manutenção do sujeito nulo (DUARTE, 1997).

ESCOLARIDADE

Gráfico 37 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado pelos homens jovens

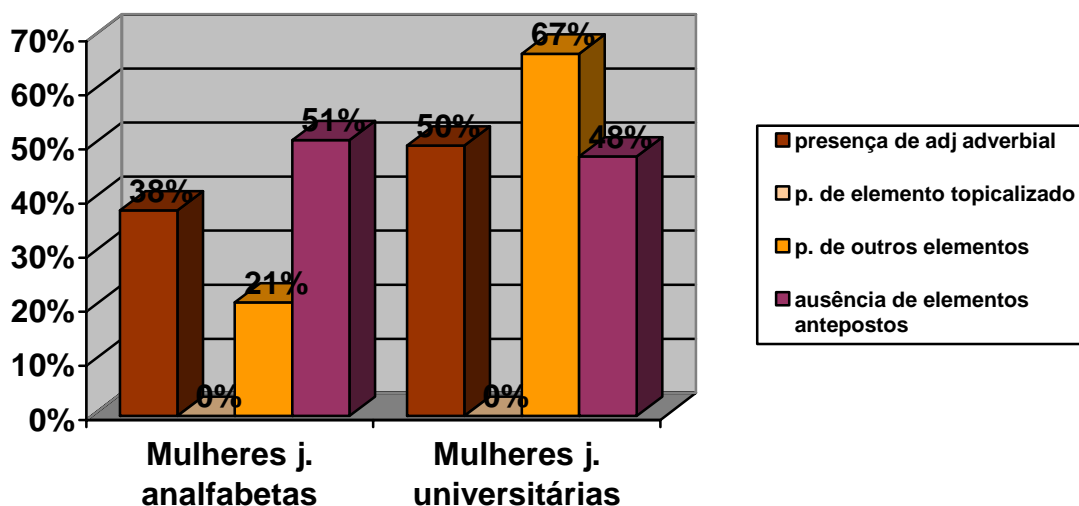


Como se observa no gráfico 37, quando não há elementos antepostos ao sujeito, o grau de escolaridade influencia, inversamente, quanto ao uso do sujeito nulo dos analfabetos e universitários, pois os analfabetos empregam um percentual bem mais elevado (87%) do que os homens universitários (51%). Estes fazem um uso equilibrado das variantes em relação ao fator mencionado.

Quando o contexto envolve a presença de um elemento anteposto, observam-se resultados díspares. Entre os homens, o grau de escolaridade interfere também quanto ao uso das variantes em relação à presença de *adjunto adverbial*, pois, como o gráfico 37 mostra, enquanto os homens analfabetos têm um uso equilibrado das variantes (50%), os universitários empregam um percentual bastante considerável de sujeito preenchido (67%).

Quanto a *outros elementos* antepostos ao sujeito, constata-se, no gráfico 37, que o uso de 63% de sujeito nulo dos universitários não corresponde às expectativas, mas o emprego de 58% de preenchimento do sujeito dos jovens analfabetos corresponde.

Gráfico 38 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado pelas mulheres jovens

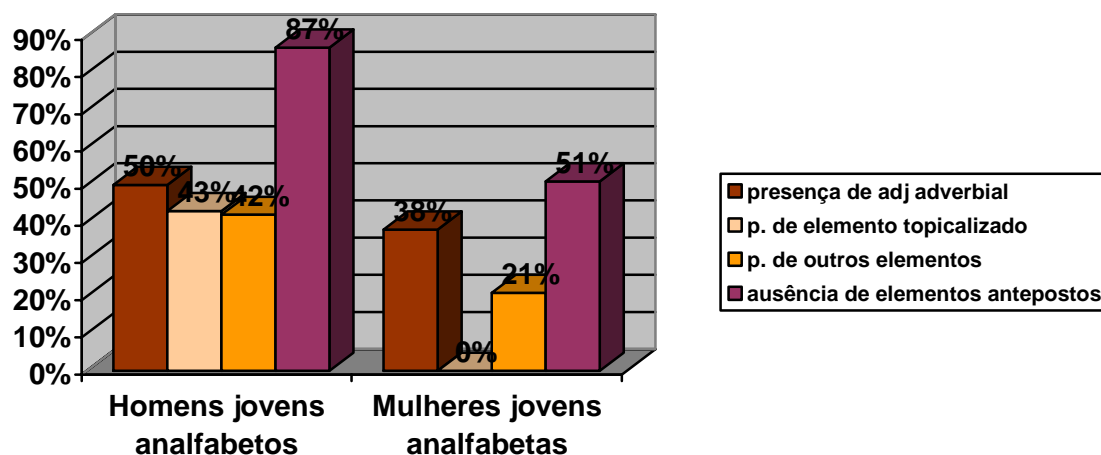


Quando não há elementos antepostos ao sujeito, não há uma diferença considerável, em relação ao uso do sujeito nulo, por parte das analfabetas (51%) e das universitárias (48%), como se vê no gráfico 38. Verifica-se praticamente um equilíbrio no emprego das variantes *sujeito nulo* e *preenchido* tanto das mulheres analfabetas quanto das universitárias.

O gráfico 38 mostra que as mulheres universitárias, inversamente ao uso das analfabetas, empregam mais o sujeito nulo com a presença de *outros elementos* (67%) do que de sujeito lexicalizado. Com este fator, a predominância no uso do sujeito preenchido seria o esperado. Já em relação à presença de *adjunto adverbial*, as universitárias demonstram um uso equilibrado das variantes, porém, de acordo com a hipótese elaborada, deveriam apresentar um percentual maior de preenchimento do sujeito; o uso das mulheres analfabetas (79%) de sujeito lexicalizado corresponde ao esperado.

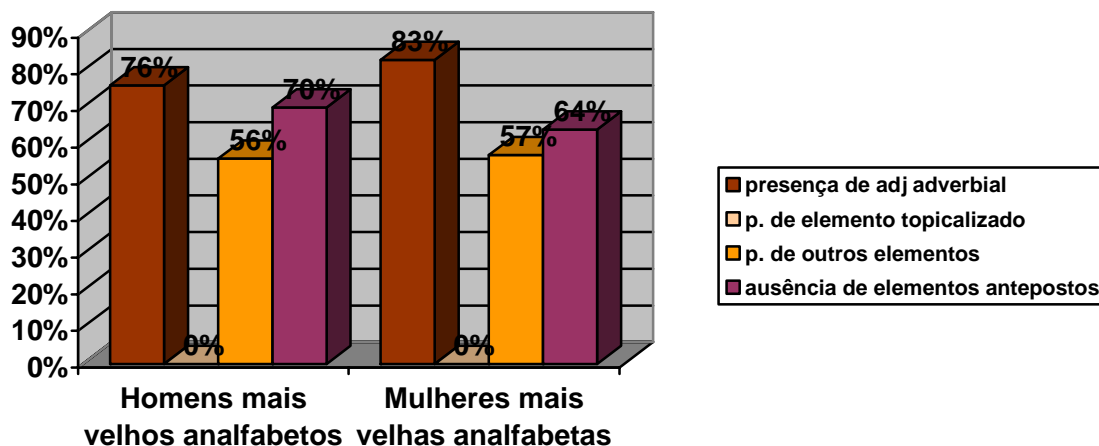
SEXO

Gráfico 39 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



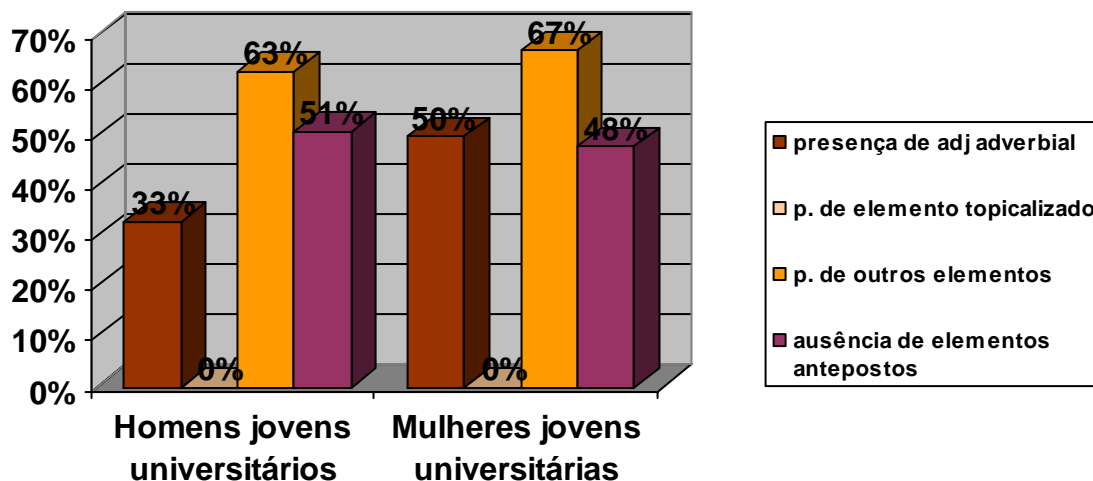
De acordo com os resultados expostos no gráfico 39, o fator sexo se mostra relevante quanto à ausência de elementos antepostos ao sujeito, pelo fato de os homens analfabetos apresentarem um uso de sujeito nulo muito superior (87%) ao das mulheres analfabetas (51%). Em relação à presença de *adjunto adverbial*, lembrando que favorece o preenchimento do sujeito, as mulheres jovens analfabetas preenchem bem mais (62%) do que os homens jovens analfabetos (50%). Quanto à presença de *outros elementos*, percebe-se que ambos empregam bem mais o sujeito lexicalizado, destacando-se o uso maior das mulheres (79%) em relação ao uso dos homens (58%).

Gráfico 40 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



Independentemente da presença ou ausência de elementos antepostos ao sujeito, tanto os homens quanto as mulheres empregam preferencialmente o sujeito nulo. Ambos os grupos de pessoas usam mais o nulo quando há a presença de adjunto adverbial do que diante da ausência de elementos antepostos ao sujeito. Esperaria o contrário, pois, de acordo com a hipótese, a ausência de elementos antepostos ao sujeito favorece o sujeito nulo.

Gráfico 41 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens e mulheres jovens universitários

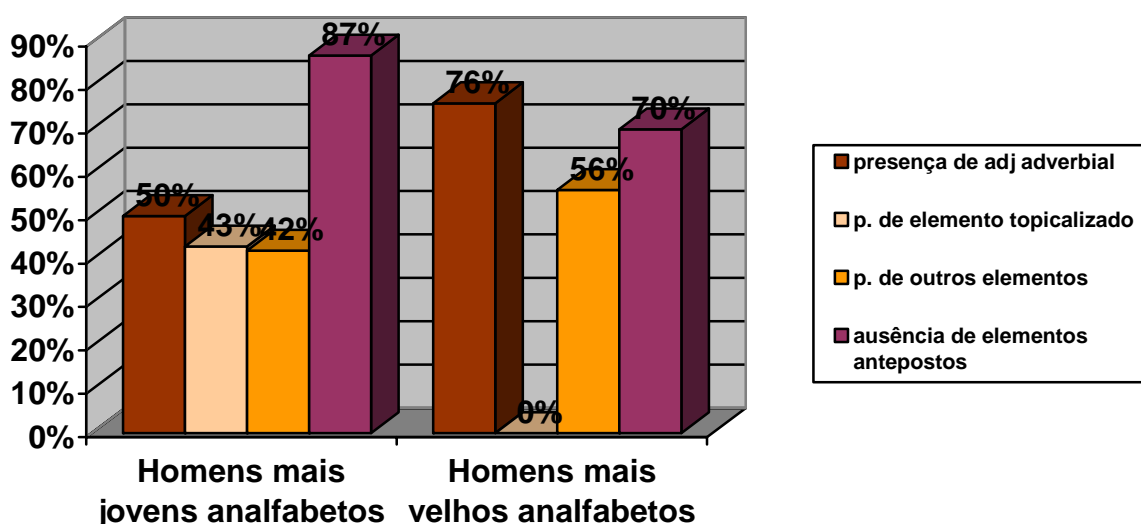


O gráfico 41 revela que a ausência de elementos antepostos ao sujeito não favoreceu o uso do sujeito nulo entre os universitários. Por outro lado, a presença de outros elementos antepostos ao sujeito, que deveria estar associada ao preenchimento do sujeito, favoreceu o uso do sujeito nulo, tanto para os homens (63%) como para as mulheres jovens universitárias (67%). O adjunto adverbial anteposto ao sujeito mostrou-se mais condicionante do sujeito

lexicalizado apenas no uso dos homens universitários (67%), pois as mulheres universitárias obtiveram um percentual equilibrado (50%) no uso do fator referido.

IDADE

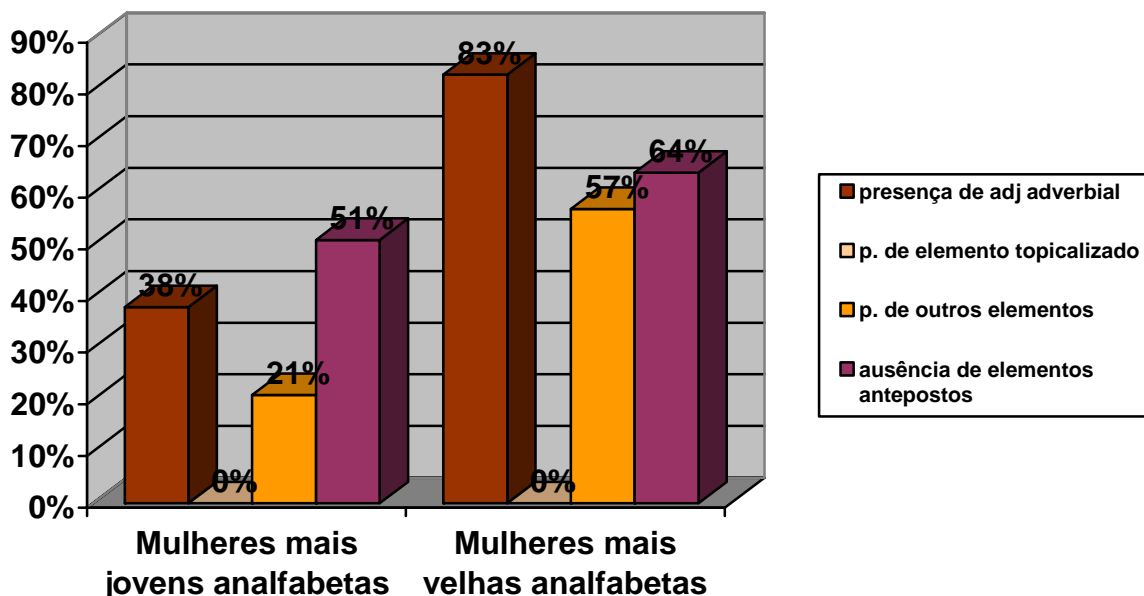
Gráfico 42 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por homens analfabetos



O gráfico 42 mostra que, quando não há elementos antepostos ao sujeito, tanto os homens analfabetos mais jovens como os mais velhos empregam predominantemente o sujeito nulo, confirmando, assim, a hipótese que subjaz a este fator lingüístico. A diferença se dá quanto ao percentual mais elevado (87%) de uso do sujeito nulo dos analfabetos mais jovens comparado ao uso de 70% dos mais velhos.

Em relação à presença de elementos antepostos ao sujeito, percebe-se que não são condicionantes do preenchimento do sujeito, conforme hipótese, para os homens analfabetos mais velhos. Já para os mais jovens, a presença de *elemento topicalizado* e *outros elementos* favorecem o uso do sujeito lexicalizado. O fator presença de *adjunto adverbial* influencia equilibradamente (50%) o uso das variantes, ou seja, não favorece nem o emprego do sujeito preenchido, uso este que seria o esperado, nem do sujeito nulo. Comparando este mesmo fator no uso dos jovens analfabetos e dos analfabetos mais velhos, evidencia-se que os homens analfabetos mais velhos empregam bem mais o sujeito nulo (76%), com o referido fator, do que os analfabetos mais jovens (50%).

Gráfico 43 - Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos antepostos empregado por mulheres analfabetas



No gráfico 43, constata-se que, para as mulheres analfabetas mais velhas, a ausência de elementos antepostos ao sujeito é condicionante do sujeito nulo (64%), confirmando, assim, a hipótese construída. Já para as mulheres analfabetas mais jovens, a ausência de elementos não é condicionante do sujeito nulo, visto que o percentual equilibrado de sujeito nulo (51%) indica quase o mesmo uso de sujeito preenchido (49%).

Quanto à presença de elementos antepostos ao sujeito, há uma nítida diferença no uso das analfabetas mais jovens e das analfabetas mais velhas, pois estas usam predominantemente o sujeito nulo, o que contradiz a hipótese projetada, e aquelas empregam predominantemente o sujeito lexicalizado.

4.2.8 Emprego do Sujeito Pronominal segundo o Tipo de Oração

Nesta seção, examinam-se os sujeitos pronominais em relação ao tipo de oração, visando a um panorama do uso do sujeito nulo e do sujeito preenchido correlacionados com a estrutura sintática. São analisados os seguintes tipos de oração: Principal; Subordinada adverbial; Subordinada substantiva; Subordinada adjetiva; 1ª coordenada; 2ª coordenada, e a Oração absoluta.

A hipótese que subjaz a este grupo de fatores é de encontrar mais sujeito nulo nas orações, 2ª coordenada e substantiva, e, uma maior ocorrência de sujeito preenchido nas orações principal, adverbial, adjetiva (relativa), 1ª coordenada e na absoluta.

Antes de apresentar alguns resultados de pesquisas realizadas nesta área, faz-se necessário explicitar qual a função que cada tipo de oração desempenha em relação à outra oração, tecendo um encadeamento sintático, que é um dos elementos responsáveis pela produção dos sentidos das palavras que compõem o encadeamento.

ESTRUTURA SINTÁTICA

Bechara (2006) ressalta que a coordenação e a subordinação dizem respeito ao valor sintático de independência ou dependência em que se acham as orações dentro do contexto.

Ignácio (2002) alerta que o conceito de independência deve ser entendido do ponto de vista sintático, isto é, uma oração se diz independente em relação a outra quando não exerce qualquer função sintática em relação a essa outra. O autor esclarece que, do ponto de vista semântico, só as orações aditivas se podem classificar como independentes.

As orações consideradas nesta pesquisa estão pautadas nas definições a seguir:

Oração Principal

Rocha Lima (2006) observa que, no período composto por subordinação, há uma *oração principal*, que traz presa a si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.

As diferentes funções sintáticas são exercidas pelo substantivo, pelo adjetivo e pelo advérbio. O mencionado autor ressalta que se as orações subordinadas representam desdobramentos dos vários termos da oração principal, é evidente que figurarão ora com funções próprias do substantivo, ora, do adjetivo, ora, do advérbio. Rocha Lima (2006, p. 285) faz uma demonstração do que seja oração principal.

Se tomássemos a oração:

À chegada do padre, todos lhe pediram a bênção, e ampliássemos o adjunto adverbial (*à chegada do padre*) e o objeto direto (*a bênção*), apresentando estes dois termos sob a forma de orações subordinadas, constituiríamos um período:

[Logo que o padre chegou], [todos lhe pediram] [que ele os abençoasse].

Deste período, extrairíamos as subordinadas (*logo que o padre chegou* – subordinada adverbial temporal) e (*que ele os abençoasse* – subordinada substantiva objetiva direta) e diríamos, então, que a oração principal é: *todos lhe pediram*.

Para Kury (2006), a oração principal é uma oração regente, isto é, que tem uma outra dela dependente.

Ignácio (2002) chama a atenção para o fato de que, mesmo sendo a *oração principal* aquela da qual dependa uma subordinada, isto não impedirá que a oração principal seja também uma oração subordinada, desde que ela dependa de outra. Consequentemente, poderá haver mais de uma oração principal num mesmo período, no qual a que não estiver subordinada a uma outra oração será a principal de primeiro grau e a(s) outra(s), principal(is) de segundo grau. O autor esclarece o seguinte exemplo (72):

(72) *O homem que estava aqui foi embora quando o delegado chegou, para fazer uma batida, e mandou revistar todo mundo.*

Orações principais de primeiro grau:

a) *O homem foi embora* (principal de “que estava aqui” = subordinada adjetiva restritiva, e de “quando o delegado chegou” = subordinada adverbial temporal);

b) *e mandou* (principal de “revistar todo mundo” = subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo).

Oração principal de segundo grau: “quando o delegado chegou” (principal de “para fazer uma batida” = subordinada adverbial final reduzida de infinitivo).

Orações Subordinadas

Ignácio (2002) afirma que uma oração subordinada nada mais é que a expansão, em forma de oração, de um dos termos constituintes (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, agente da passiva – termos substantivos, que têm função substantiva; adjunto adnominal – termo adjetivo; adjunto adverbial – termo adverbial). Dessa forma, a oração que serviu de matriz para a expansão passa a ser a *oração principal*, e o termo expandido passa a ser a *oração subordinada*. Resumindo, uma oração se diz subordinada a uma outra quando exerce uma função sintática em relação a essa outra.

Kury (2006) ressalta que é subordinada a oração que depende de um termo (como um vocativo), ou de uma oração principal, nele ou nela exercendo uma função sintática. Em outras palavras, as orações subordinadas são termos da frase desenvolvidos em oração. Assim, na frase “Desprezo o homem *que mente*.”, a oração subordinada *que mente* equivale ao desdobramento do adjetivo *mentiroso*, e exerce na oração principal a função de adjunto adnominal do substantivo *homem*.

A oração subordinada se classificará, conforme a sua função na oração principal, em:

- 1) SUBSTANTIVA – quando exerce função própria de substantivo (sujeito, objeto, predicativo, complemento nominal, aposto, agente da passiva).
- 2) ADJETIVA – quando exerce função de adjunto adnominal;
- 3) ADVERBIAL - as orações subordinadas adverbiais, que funcionam sempre como adjunto adverbial da oração principal de que dependem, podem apresentar-se desenvolvidas e reduzidas (de infinitivo, de gerúndio, de particípio).

Orações Coordenadas

Bechara (2006) ressalta que as orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designados em cada uma das orações sintaticamente independentes. E acrescenta que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar grupos oracionais ou períodos compostos:

(73) Mário lê muitos livros e aprende pouco.

O autor esclarece que as duas orações são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (Mário lê muitos livros), verifica-se que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa como também ao analisar a segunda. Assim, do ponto de vista sintático, há duas orações coordenadas e que podem figurar isoladamente, cf. ilustra (74).

(74) Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

Kury (2006) ressalta que, quando um período é composto por coordenação, as orações independentes que o formam se dizem COORDENADAS uma a outra. Essa coordenação se estabelece:

1. Por justaposição (= colocação lado a lado), sem qualquer conectivo, separadas as orações independentes coordenadas por uma pausa, que se indica na escrita por vírgula, ponto-e-vírgula ou dois-pontos. Neste caso, as orações se dizem ASSINDÉTICAS, cf ilustra (75).

(75) “Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça”. – “Dei de ombros, saí do quarto”. (Machado de Assis)

2. Com o auxílio de “conjunção coordenativa”; a oração conjuncional se denomina, então, SINDÉTICA, cf ilustra (76).

(76) “Bati-lhe e ela caiu”. (Machado de Assis)

Rocha Lima (2006) faz uma observação quanto à ordem das orações coordenadas: ressalta que nem sempre é indiferente a ordem das orações no período composto por coordenação. As orações coordenadas se dispõem conforme o sentido e a sucessão lógica dos fatos. Por isso, a oração que vem em primeiro lugar – ponto de partida do pensamento – é costume chamar *coordenada culminante*, nomeação esta que, nesta pesquisa, foi substituída por *primeira coordenada*. Sendo a(s) que sucede(m) chamada(s) *segunda coordenada*.

Oração absoluta

A oração absoluta é a única oração de um período simples, isto é, por si só forma um período simples (IGNÁCIO, 2002; KURY, 2006), como ilustram os exemplos (77) e (78) de Ignácio.

(77) Acudam-me!

(78) Pedro e Paulo são irmãos.

O que as pesquisas já realizadas sobre este contexto, ou seja, que consideraram o *tipo de oração* como um dos fatores relevantes para a variação do sujeito pronominal, poderiam revelar? No quadro 14, estão alguns resultados das análises de Averbug (2000).

Quadro 14 - Sujeito pronominal segundo o tipo de oração - Averbug (2000)

TIPO DE ORAÇÃO	Sujeito nulo	Sujeito lexicalizado
Principal	28%	72%
Adverbial	25%	75%
Oração Completiva ou Substantiva	69%	31%
Relativa (Adjetiva)	33%	67%
Inicial/independente/1ª coordenada ⁵⁴	31%	69%
2ª coordenada	68%	32%

Quadro adaptado de Averbug (2000: 88)

Como é observável nos resultados de Averbug, apenas a oração substantiva e 2ª coordenada não favorecem o preenchimento do sujeito.

O que revelam os dados da fala urbana itabiense? A tabela 46 apresenta os resultados.

⁵⁴ Nomenclatura adotada pela autora.

Tabela 46 - Expressão geral do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	53/ 51%	50/ 49%	103
Adverbial	48/ 49%	50/ 51%	98
Substantiva	26/ 57%	20/43%	46
Relativa (Adjetiva)	43/ 63%	25/37%	68
1ª coordenada	62/ 52%	57/48%	119
2ª coordenada	178/ 63%	104/37%	282
Oração absoluta	71/ 53%	63/47%	134
Total	481/57%	369/43%	850

Com exceção das orações *principal* e *adverbial*, nas quais o emprego do sujeito nulo, como mostram (79) e (80), respectivamente, e preenchido, cf. exemplos (81) e (82), respectivamente, apresenta, praticamente, o mesmo percentual, a análise dos dados da fala urbana itabiense mostra que, nas demais orações (*substantiva*, *relativa*, *1ª coordenada*, *2ª coordenada* e *oração absoluta*, como ilustram (83), (84), (85a)/(85b) e (86), respectivamente), percebe-se a preservação do sujeito nulo, resultado este que vai de encontro ao de Averbug (2000).

(79) Inf. ϕ fui-me embora pra lá
(Mulher de 95 anos, analfabeta)

(80) Inf. aí quando ϕ chegava...aí era surra
(Mulher de 33 anos, analfabeta)

(81) Inf. diante destas festas...**eu** tenho uma equipe
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(82) Inf. aí quando **ela** morreu...Henrique já ficou já empregado pra lá
(Homem de 91 anos, analfabeto)

(83) Inf. a contribuição diREta...eu diria que ϕ ainda vai demorar muito pra chegar
(Homem de 48 anos, universitário)

(84) Inf. eu vou ficar com/com a frase bíblica que ϕ diz assim...quando a mão direita der...que a esquerda não saiba...né?
(Rapaz de 29 anos, universitário)

(85a)/(85b) Inf. tenho/tenho/ϕtenho uma motozinha velha...ϕsaio com ela...ϕvou pro rio tomar banho...ϕpasseio com meus filhos
(Homem de 36 anos, analfabeto)

(86) Doc. uhn...éh...N⁵⁵...quem mata...na sua opinião...merece/...a/a pessoa que mata merece ser/ser morta também?...você é a favor ou contra a pena de morte?
Inf. ϕsou a favor
(Mulher de 38 anos, universitária)

Cumpra destacar que, nas orações *relativa (adjetiva)* e *2ª coordenada*, o uso do sujeito nulo obtém o mesmo percentual (63%).

Com o intuito de analisar como se dá a expressão do sujeito pronominal com o tipo de oração nos seis grupos de pessoas, apresentam-se, primeiramente, os resultados dos homens analfabetos mais jovens; homens analfabetos mais velhos; das mulheres analfabetas mais jovens; mulheres analfabetas mais velhas; mulheres universitárias jovens, e, dos homens universitários jovens.

Tabela 47 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	13/ 57%	10/43%	23
Adverbial	15/ 60%	10/40%	25
Substantiva	8/ 73%	3/27%	11
Relativa (Adjetiva)	6/35%	11/ 65%	17
1ª coordenada	16/ 70%	7/30%	23
2ª coordenada	48/ 76%	15/24%	63
Oração absoluta	13/ 72%	5/28%	18
Total	120/ 66%	62/34%	182

Os homens jovens analfabetos obtêm, no conjunto dos tipos de oração, um percentual de uso de sujeito nulo de 66% contra 34% de preenchido. A única oração que favorece o sujeito preenchido na fala dos homens jovens analfabetos é a relativa.

⁵⁵ Letra inicial do nome do informante.

Tabela 48 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	19/ 73%	7/27%	26
Adverbial	8/ 50%	8/ 50%	16
Substantiva	3/ 50%	3/ 50%	6
Relativa (Adjetiva)	12/ 71%	5/29%	17
1ª coordenada	7/ 64%	4/36%	11
2ª coordenada	27/ 73%	10/27%	37
Oração absoluta	13/ 59%	9/41%	22
Total	89/ 66%	46/34%	135

Observa-se, na tabela acima, que o uso do percentual das variantes *sujeito nulo* e *sujeito lexicalizado* correlacionado com o tipo de oração na fala dos homens analfabetos com idade acima de 65, coincidentemente, é o mesmo dos homens jovens analfabetos.

A oração principal, a 2ª coordenada e a relativa são as que mais condicionam o sujeito nulo com os percentuais de 73%, 73% e 71%, respectivamente.

Por sua vez, as orações adverbial e substantiva mantêm um uso equilibrado em relação às variantes.

Tabela 49 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	7/39%	11/ 61%	18
Adverbial	6/32%	13/ 68%	19
Substantiva	2	-	2
Relativa (Adjetiva)	5/ 100%	-	5
1ª coordenada	8/33%	16/ 67%	24
2ª coordenada	21/46%	25/ 54%	46
Oração absoluta	17/45%	21/ 55%	38
Total	66/43%	86/ 57%	152

A oração relativa é a única que as mulheres jovens analfabetas empregam predominantemente com o sujeito nulo.

Tabela 50 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	8/40%	12/ 60%	20
Adverbial	8/ 53%	7/47%	15
Substantiva	6/46%	7/ 54%	13
Relativa (Adjetiva)	2	1	3
1ª coordenada	12/ 60%	8/40%	20
2ª coordenada	37/ 67%	18/33%	55
Oração absoluta	17/ 61%	11/39%	28
Total	90/ 58%	64/42%	154

Para as mulheres analfabetas acima de 65 anos, as orações que mais condicionam o uso do sujeito nulo, considerando a ordem decrescente, são: a 2ª coordenada (67%), a oração absoluta (61%), a 1ª coordenada (60%) e a adverbial (53%). Obedecendo à mesma ordem, as que favorecem o sujeito preenchido são: a principal (60%) e a substantiva (54%).

Tabela 51 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	4/44%	5/56%	9
Adverbial	5/42%	7/58%	12
Substantiva	4/67%	2/33%	6
Relativa (Adjetiva)	6/55%	5/45%	11
1ª coordenada	10/45%	12/55%	22
2ª coordenada	28/52%	26/48%	54
Oração absoluta	7/39%	11/61%	18
Total	64/48%	68/52%	132

Dos tipos de oração analisados, as mulheres jovens universitárias empregam mais o sujeito preenchido (52%) do que o sujeito nulo (48%).

Percebe-se que, para as universitárias, as orações *2ª coordenada*, *relativa* e *substantiva* estão preferencialmente associadas ao sujeito nulo. Já as *1ª coordenada*, *principal*, *adverbial* e *oração absoluta* influenciam no uso do sujeito preenchido.

Tabela 52 - Expressão do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de oração
(Homens universitários [20 – 49 anos])

TIPO DE ORAÇÃO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Principal	2/29%	5/71%	7
Adverbial	6/55%	5/45%	11
Substantiva	3/38%	5/63%	8
Relativa (Adjetiva)	12/80%	3/20%	15
1ª coordenada	9/47%	10/53%	19
2ª coordenada	17/63%	10/37%	27
Oração absoluta	4/40%	6/60%	10
Total	53/55%	44/45%	97

Os homens universitários empregam, no geral, mais o sujeito nulo (55%) do que o preenchido (45%). A oração relativa (80%), a 2ª coordenada (63%) e a adverbial (55%) são as que favorecem o uso do sujeito nulo. Já a principal (71%), a substantiva (63%), a oração

absoluta (60%) e a 1ª coordenada (53%) são as que propiciam o emprego do sujeito preenchido.

Sintetizando os resultados obtidos

Tipo de Oração

No conjunto dos dados de sujeito específico definido relacionado à estrutura sintática da oração, os resultados mostram que, com exceção da principal e da adverbial (que, com estas orações, os falantes urbanos itabienses usaram as variantes de sujeito pronominal de maneira equilibrada), o tipo sintático da oração não afeta o uso predominante do sujeito nulo, cf. tabela 46.

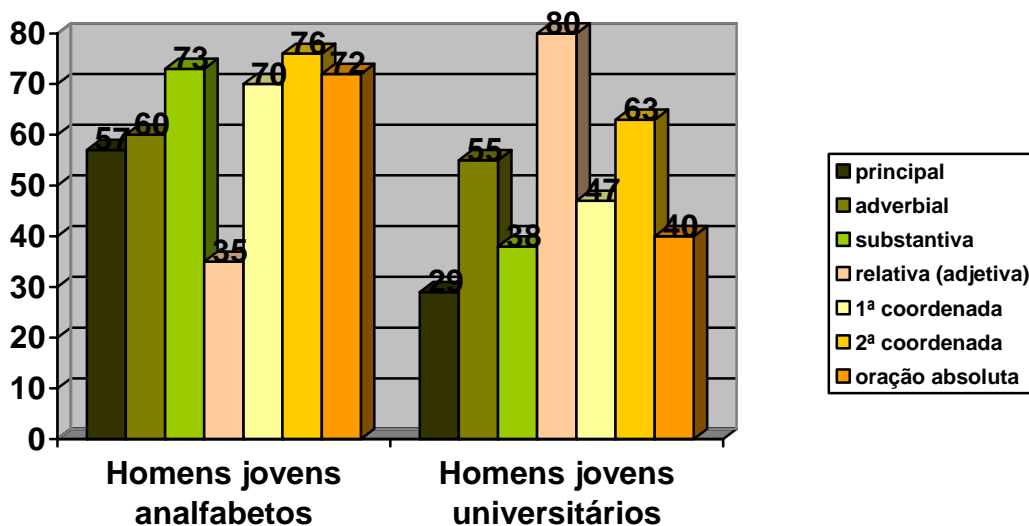
Considerando os resultados de cada grupo de pessoas, pode-se dizer que os homens analfabetos jovens preenchem o sujeito, predominantemente, apenas quando o sujeito se encontra na oração relativa (65%). Nos demais tipos de oração, o uso do sujeito nulo é predominante. Os homens analfabetos com idade acima de 65 anos usam as duas variantes equilibradamente (50%) com a oração adverbial e a substantiva. O uso do sujeito nulo prevalece nos outros tipos de oração. Com exceção da oração relativa, que obtém 100% de frequência no uso do sujeito nulo, as mulheres analfabetas jovens preenchem o sujeito, predominantemente, em todos os outros tipos de oração. As mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos empregam, com predominância, o sujeito preenchido com a oração principal e a substantiva. Nos demais tipos, prevalece o uso do sujeito nulo. As mulheres universitárias jovens usam o preenchimento do sujeito, predominantemente, com a oração principal, adverbial, 1ª coordenada e a oração absoluta. Com a oração substantiva, relativa e a 2ª coordenada, as mulheres universitárias jovens preferem o sujeito nulo. Os homens universitários jovens usam o sujeito preenchido, prioritariamente, com a oração principal, substantiva, 1ª coordenada e a oração absoluta. Com a oração adverbial, relativa e a 2ª coordenada, prevalece o sujeito nulo no uso dos homens universitários jovens.

4.2.8.1 Tipo de Oração e Condicionamentos Sociais

Os gráficos, nesta seção, representam a variação no uso do sujeito nulo, associado ao tipo de oração, levando em conta as diferenças de grau de escolaridade, de sexo e de idade dos informantes.

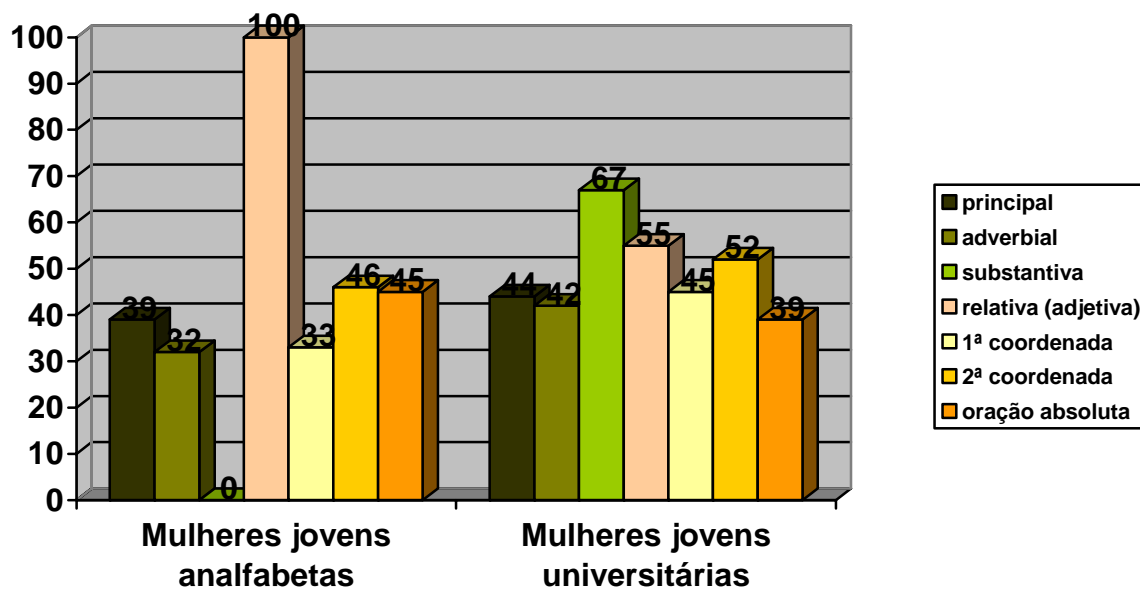
ESCOLARIDADE

Gráfico 44 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado pelos homens jovens



O gráfico 44 demonstra que os homens jovens que nunca frequentaram a escola empregam preferencialmente o sujeito nulo, em mais tipos de oração, do que os homens jovens universitários. Estes usam predominantemente o sujeito nulo com a 2ª coordenada, a relativa e a adverbial. Aqueles empregam com predominância o sujeito nulo nas seguintes orações: 2ª coordenada; adverbial; substantiva; 1ª coordenada; principal; oração absoluta, ou seja, em todas, com exceção das relativas. Nesta, é interessante observar que os universitários empregam o maior percentual de sujeito nulo.

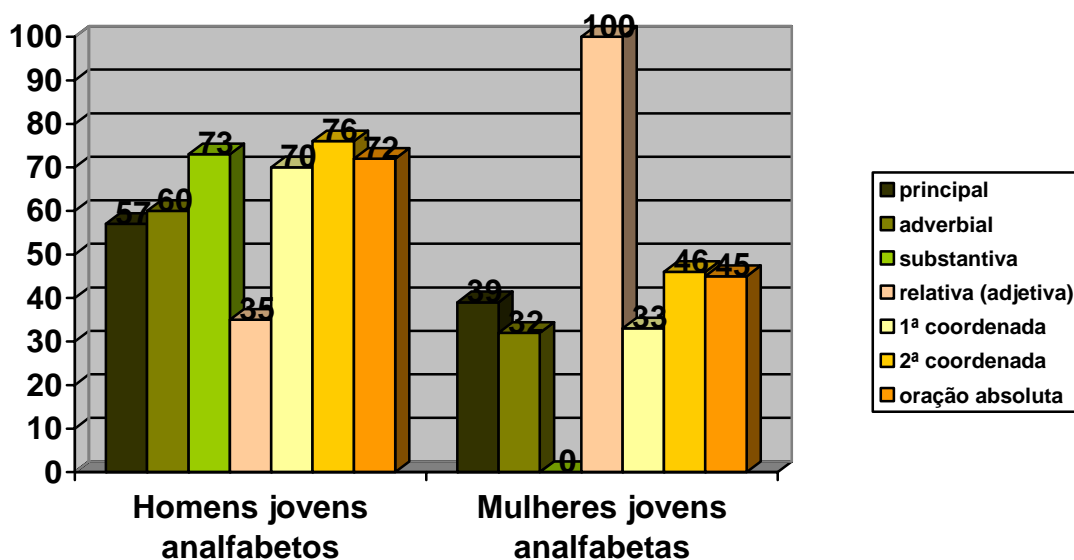
Gráfico 45 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado pelas mulheres jovens



No gráfico 45, os resultados revelam que as mulheres universitárias empregam preferencialmente o sujeito nulo com a relativa e a substantiva. Já as mulheres analfabetas mais jovens usam predominantemente o sujeito nulo apenas com a relativa.

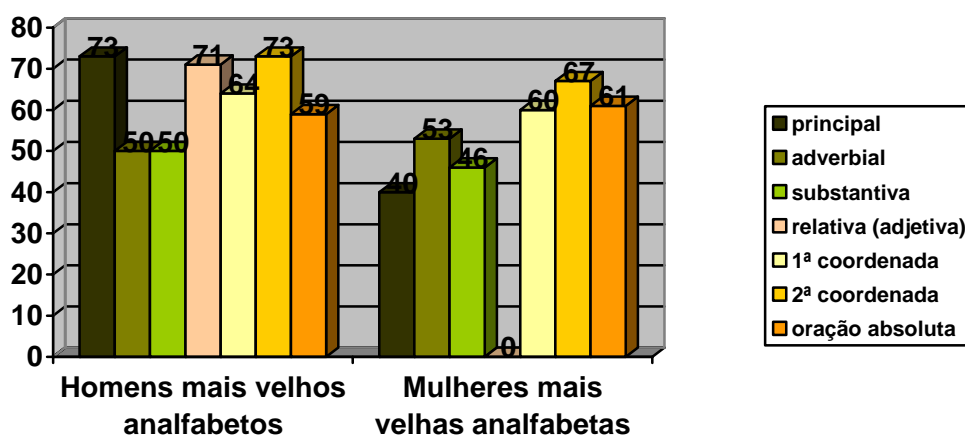
SEXO

Gráfico 46 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



No gráfico 46, pode-se inferir que os homens analfabetos mais jovens usam predominantemente o sujeito nulo com seis dos sete tipos de oração investigados e as mulheres analfabetas mais jovens empregam, apenas com as orações relativas. Isto quer dizer que enquanto os homens analfabetos mais jovens preservam o sujeito nulo, as mulheres analfabetas mais jovens tendem a não preservá-lo.

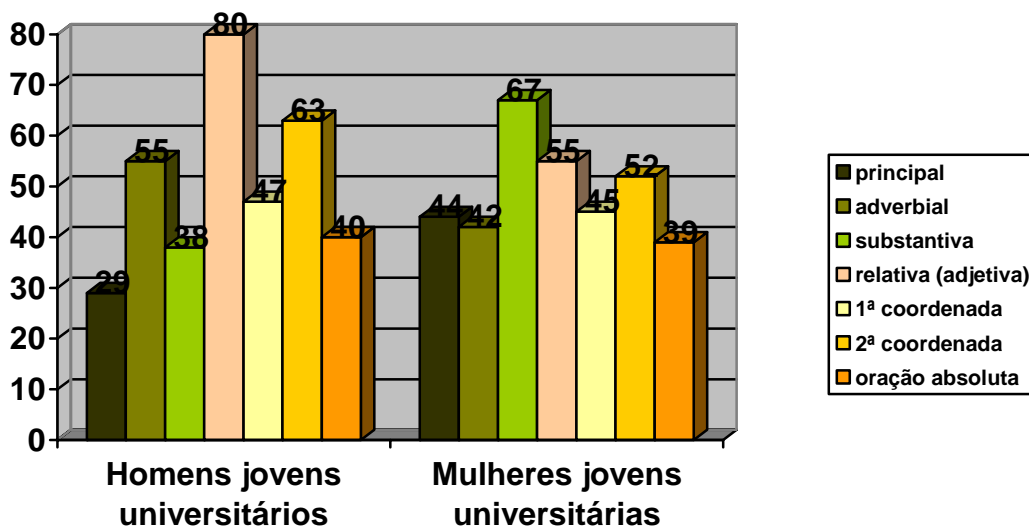
Gráfico 47 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos



A diferença mais evidente entre o grupo dos homens mais velhos analfabetos e das mulheres mais velhas analfabetas se dá em relação ao uso do sujeito nulo em orações

principais, pois, como se percebe, os homens usam 73% e as mulheres 40%. Ou seja, os homens fazem uso de trinta e três pontos percentuais a mais do que as mulheres.

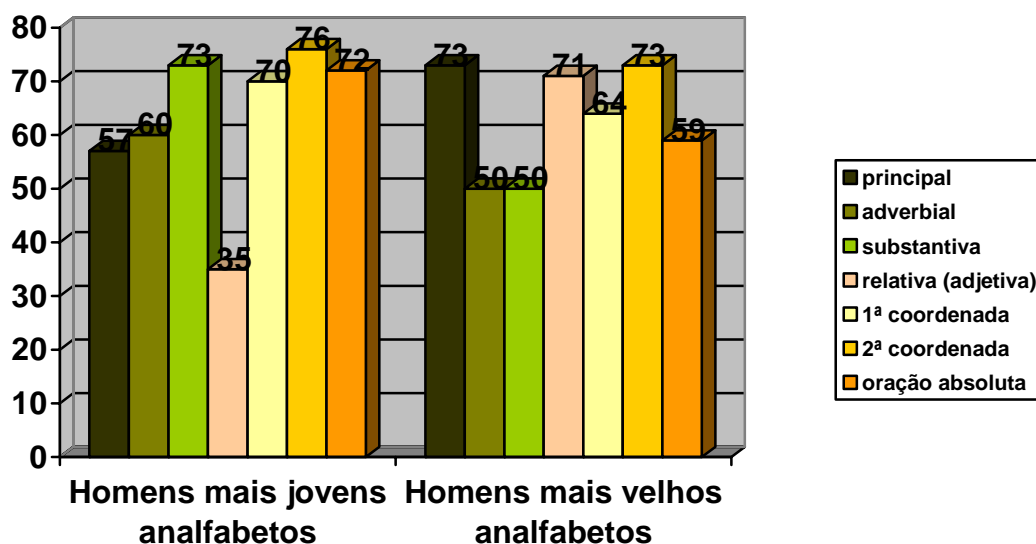
Gráfico 48 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens e mulheres jovens universitários



O gráfico 48 demonstra que há um uso semelhante dos homens universitários e das mulheres universitárias em relação ao tipo de oração usado com as variantes *sujeito nulo* e *lexicalizado*. Os homens universitários empregam o sujeito nulo com três tipos de oração, a saber, *2ª coordenada*, *relativa*, *adverbial* e as mulheres universitárias empregam o sujeito nulo também com três tipos, *2ª coordenada*, *relativa*, *substantiva*. A diferença apresentada pelo fator sexo reside nos percentuais de uso, pois, como é observável, (i) os homens usaram 63% de sujeito nulo com a *2ª coordenada* e as mulheres, 52%; (ii) os homens empregaram 80% de sujeito nulo com as orações relativas e as mulheres, 55%; (iii) os homens usaram 55% de sujeito nulo com as orações adverbiais e as mulheres, 42%, e, (iv) as mulheres empregaram 67% de sujeito nulo com as orações substantivas e os homens, 38%.

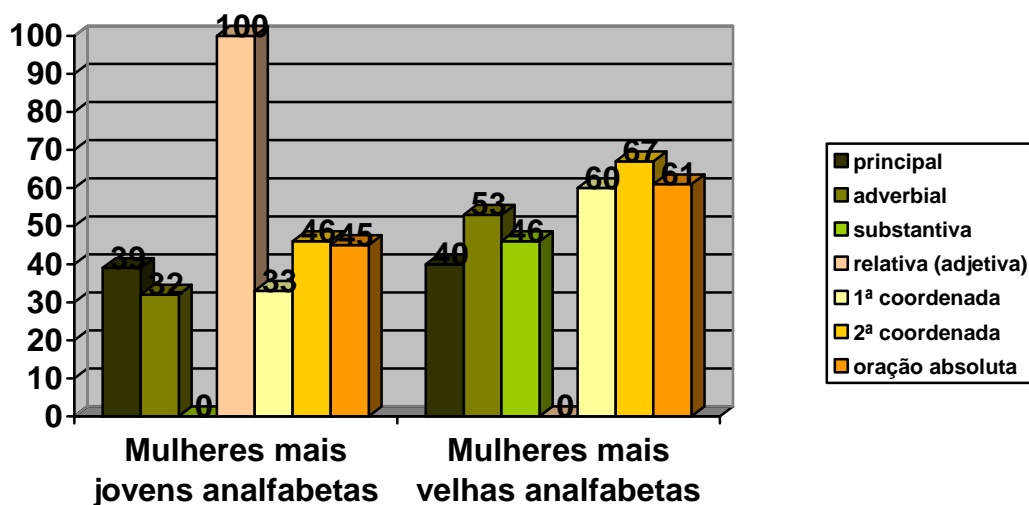
IDADE

Gráfico 49 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por homens analfabetos



O gráfico 49 mostra que, com exceção da oração relativa no emprego dos homens analfabetos mais jovens e das orações adverbial e substantiva, que apresentaram resultado equilibrado entre as variantes no uso dos homens analfabetos mais velhos, as demais orações são usadas com predominância do sujeito nulo pelos homens analfabetos mais jovens e pelos mais velhos.

Gráfico 50 - Sujeito nulo segundo o tipo de oração empregado por mulheres analfabetas



No gráfico 50, percebe-se que enquanto as mulheres analfabetas mais velhas usam preferencialmente o sujeito nulo com quatro tipos de oração, a saber, 2ª coordenada,

adverbial, 1ª coordenada e oração absoluta, as mulheres analfabetas mais jovens empregam predominantemente o sujeito nulo com apenas um único tipo de oração, a relativa.

4.2.8.2 Emprego do Sujeito Pronominal *versus* Tipo de Oração e Correferência

Duarte (1995) ressalta que a terceira pessoa associada à estrutura subordinada com sujeitos correferentes é um condicionamento importante à preservação do sujeito nulo. Porém, nota-se que quando cai a faixa etária, cai também significativamente o percentual de sujeito nulo neste contexto. A autora mencionada afirma que “isso mostra que estamos perdendo a permeabilidade à “anaforicidade” e tornando opcional um procedimento obrigatório nas línguas conhecidas tradicionalmente como *pro-drop*” (p. 64).

Desta maneira, cruzou-se a correferência (oração correferente e não-correferente) com os tipos de oração para verificar, principalmente, se, nos dados de Itabi-SE, as orações subordinadas correferentes são condicionantes do sujeito nulo, cf. tabela 53.

Tabela 53 - Cruzamento de correferência com o tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	CORREFERÊNCIA					
	CORREFERENTE			NÃO-CORREFERENTE		
	VARIANTES			VARIANTES		
	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências
	N/%	N/%		N/%	N/%	
Principal	18/ 82%	4/18%	22	4/36%	7/ 64%	11
Adverbial	8/ 80%	2/20%	10	9/ 53%	8/47%	17
Substantiva	3/ 75%	1/25%	4	8/ 67%	4/33%	12
Relativa (Adjetiva)	33/ 100%	-	33	3/33%	6/ 67%	9
1ª coordenada	8/44%	10/ 56%	18	11/ 79%	3/21%	14
2ª coordenada	52/ 80%	13/20%	65	24/ 62%	15/38%	39
Oração absoluta	10/ 50%	10/ 50%	20	11/ 85%	2/15%	13
Total	132/ 77%	40/23%	172	70/ 61%	45/39%	115

Como se vê na tabela 53, considerando o conjunto das orações correferentes, obtém-se um percentual elevado de sujeito nulo (77%) na fala urbana itabiense. Todas as orações subordinadas (adverbial, substantiva e relativa) correferentes favorecem o sujeito nulo. Cumpre observar o uso categórico de sujeito nulo com a oração relativa. Além destas, a

principal e a 2ª coordenada são condicionantes à preservação do sujeito nulo. A oração absoluta mantém um equilíbrio entre as duas variantes *sujeito nulo* (50%) e *preenchido* (50%). E, finalmente, ainda quanto às orações correferentes, verifica-se que a única que não favorece o sujeito nulo é a 1ª coordenada com 56% de sujeito preenchido.

Cumprе salientar que Duarte (1995, p. 33) afirma que

o aparecimento em nosso sistema de estruturas incompatíveis com o ‘figurino’ *pro-drop*, começando pelo uso do pronome pleno em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes e chegando à construção com duplo sujeito, ambas absolutamente ausentes nas línguas *pro-drop* românicas (justamente porque são a maior evidência de desobediência ao Princípio “Evite Pronome”) são conseqüências da mudança e sinalizam uma mudança paramétrica⁵⁶ em progresso.

Pelo visto na tabela 53, as estruturas subordinadas que possuem sujeitos correferentes na fala urbana itabiense ainda estão exercendo uma função compatível com a desempenhada em línguas *pro-drop*, obedecendo, assim, ao Princípio “Evite Pronome”.

Em relação às orações não-correferentes, levando em conta todos os tipos de oração, verifica-se também a predominância do sujeito nulo (61%). As únicas que não favoreceram o sujeito nulo foram a oração principal e a relativa com 64% e 67%, respectivamente, de sujeitos preenchidos.

Sintetizando os resultados obtidos

Correferência do Sujeito com o Tipo de Oração

Os dados de sujeito específico definido em cruzamento com o tipo de oração, cf. tabela 53, revelam que, quando o sujeito é correferente, com exceção da 1ª coordenada, o sujeito nulo prevalece em todos os tipos de oração. A oração relativa correferente obteve 100% de sujeito nulo, ou seja, o uso foi categórico.

⁵⁶ Mudança em relação ao parâmetro *pro-drop*, no sentido de que o sujeito pronominal no português do Brasil está se tornando preenchido.

Em relação ao sujeito não-correferente, os resultados sobre o sujeito específico definido mostram que apenas em dois tipos de oração (a principal e a relativa) predominou o uso do sujeito preenchido.

4.3 Sujeito Específico Indefinido no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense

Ressalta-se que o sujeito específico indefinido, considerado neste estudo, como já foi apresentada a definição na subseção 3.5 *O papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal*, é aquele que possui, para o ouvinte/leitor, uma referência parcialmente conhecida ou como aquele que possui uma referência conhecida apenas para o falante/escritor ou totalmente desconhecida não só para o ouvinte/leitor, mas também, para o próprio falante/escritor. Ou seja, o sujeito refere-se a situações concretas, mas o ouvinte/leitor não tem clareza sobre parte da identidade do referente ou sobre a identidade total do referente.

Na tabela 54, apresenta-se o resultado das variantes de sujeito *específico indefinido*. Em seguida, a tabela 55 mostra o percentual total de uso das variantes de sujeito pronominal de cada grupo de pessoas, a saber: (a) homens analfabetos mais jovens; (b) homens analfabetos mais velhos; (c) mulheres analfabetas mais jovens; (d) mulheres analfabetas mais velhas; (e) mulheres universitárias jovens, e, por último, (f) homens universitários jovens.

Tabela 54 - Emprego geral do sujeito pronominal específico indefinido

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
3ª p. s. ele/ela	14/ 88%	2/12%	16
1ª p. p. nós	30/48%	33/ 52%	63
1ª p. p. a gente	18/27%	49/ 73%	67
2ª p. p. vocês	-	1	1
3ª p. p. eles/elas	42/ 95%	2/5%	44
Total	104/ 54%	87/46%	191

Na amostra do sujeito específico indefinido, os falantes urbanos itabienses empregam a variante sujeito nulo predominantemente sobre o sujeito lexicalizado. Percebe-se que a 3ª pessoa do singular e do plural são as formas mais resistentes ao sujeito preenchido. Observa-se o uso quase categórico de sujeito nulo associado à 3ª pessoa do plural. Em relação ao

emprego do sujeito específico indefinido *nós*, evidencia-se que há um equilíbrio no uso das duas variantes. Os resultados revelam que *a gente* é o sujeito específico indefinido lexicalizado de uso predominante.

Na tabela 55, a seguir, estão expostos os percentuais de uso total das variantes de sujeito pronominal específico indefinido dos seis grupos de pessoas.

Tabela 55 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito específico indefinido

GRUPOS DE PESSOAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	12/ 71%	5/29%	17
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	27/ 66%	14/34%	41
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	16/41%	23/ 59%	39
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	30/ 75%	10/25%	40
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	1/8%	12/ 92%	13
Homens universitários [20 – 49 anos]	18/44%	23/ 56%	41
Total	104/ 54%	87/46%	191

Constata-se na tabela 55 que a referência específica indefinida é condicionante do sujeito nulo no uso dos seguintes grupos de pessoas: homens analfabetos jovens (71%), homens analfabetos mais velhos (66%) e mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos (75%). Já as mulheres universitárias jovens, os homens universitários jovens e as mulheres analfabetas jovens usam preferencialmente o sujeito preenchido, com os respectivos percentuais 92%, 56% e 59%. Isto significa que os jovens, com exceção dos homens analfabetos jovens, estão liderando o uso da forma inovadora, o sujeito preenchido.

Da tabela 56 a 61, são apresentados os percentuais de uso correspondentes aos seis grupos de pessoas em relação às pessoas gramaticais.

4.3.1 Pessoa Gramatical

Tabela 56 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>ele/ela</i>	-	1	1
<i>nós</i>	3/ 100%	-	3
<i>a gente</i>	1/20%	4/ 80%	5
<i>eles/elas</i>	8/ 100%	-	8
Total	12/ 71%	5/29%	17

Os resultados mostram que os homens mais jovens analfabetos fazem uso de quatro formas pronominais de sujeito específico indefinido. Consta-se, na tabela acima, que o uso do sujeito nulo prevalece sobre o sujeito lexicalizado. A 3ª pessoa do plural, assim como no sujeito específico, apresenta resistência à lexicalização. Observa-se, também, que, apesar do número reduzido de dados, o sujeito lexicalizado *a gente* é empregado predominantemente.

Tabela 57 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>ele/ela</i>	9/ 100%	-	9
<i>nós</i>	9/41%	13/ 59%	22
<i>a gente</i>	-	1	1
<i>eles/elas</i>	9/ 100%	-	9
Total	27/ 66%	14/34%	41

No geral, os homens analfabetos mais velhos empregam o sujeito específico indefinido como sujeito nulo. O uso categórico de sujeito nulo na 3ª pessoa do singular e plural mostra a resistência desta pessoa gramatical à lexicalização. A tabela mostra que a forma *nós* é usada pelos homens analfabetos mais velhos predominantemente como sujeito lexicalizado.

Tabela 58 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>ele/ela</i>	1	-	1
<i>nós</i>	10/40%	15/ 60%	25
<i>a gente</i>	4/36%	7/ 64%	11
<i>eles/elas</i>	1	1	2
Total	16/41%	23/ 59%	39

As duas formas pronominais que obtiveram um maior uso *nós* e *a gente* foram empregadas preferencialmente como sujeito lexicalizado pelas mulheres analfabetas mais jovens.

Tabela 59 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>ele/ela</i>	4/ 80%	1/20%	5
<i>nós</i>	1	-	1
<i>a gente</i>	6/46%	7/ 54%	13
<i>vocês</i>	-	1	1
<i>eles/elas</i>	19/ 95%	1/5%	20
Total	30/ 75%	10/25%	40

As mulheres analfabetas mais velhas usam, predominantemente, apenas a forma *a gente* como sujeito preenchido. O sujeito correspondente à terceira pessoa do singular e do plural mantém-se resistente à lexicalização como já se observou com o sujeito específico definido.

Tabela 60 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>a gente</i>	1/8%	12/92%	13
Total	1/8%	12/92%	13

Das formas de sujeito específico indefinido empregadas pelos falantes urbanos itabienses (cf. tabela 54), a única usada pelas mulheres universitárias é a forma *a gente*, cujo uso é quase categórico na forma lexicalizada.

Tabela 61 - Distribuição das ocorrências de Sujeito específico indefinido segundo a pessoa gramatical (Homens universitários [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>nós</i>	7/58%	5/42%	12
<i>a gente</i>	6/25%	18/75%	24
<i>eles/elas</i>	5/100%	-	5
Total	18/44%	23/56%	41

A tabela 61 mostra que os homens universitários usam, no geral, o sujeito específico indefinido com preenchimento (56%). O sujeito *a gente* é o que possui maior percentual de lexicalização. As formas *nós* e *eles/elas* são empregadas, predominantemente, como sujeito nulo.

Sintetizando os resultados obtidos

Nos dados de sujeito específico indefinido, cf. tabela 54, o sujeito nulo (54%), também, prevalece sobre o preenchimento do sujeito (46%). A 3ª pessoa do singular (88%) e a 3ª pessoa do plural (95%) são as pessoas gramaticais que lideram o uso do sujeito nulo, obtendo a 1ª pessoa do plural *nós* um uso equilibrado nas duas variantes. A ordem do maior ao menor uso do sujeito nulo de referência indefinida com as terceiras pessoas gramaticais mencionadas ocorreu, também, com o sujeito nulo de referência definida. A diferença do uso

do sujeito nulo nas duas referidas pessoas gramaticais dos dois tipos de referência é que na referência indefinida o emprego do nulo é bem maior, com vinte e dois pontos percentuais a mais, na 3ª pessoa do plural, e com dezoito pontos percentuais a mais, na 3ª pessoa do singular.

A primeira pessoa do plural *a gente*, com 73%, (cf. emprego geral exposto na tabela 54) é a que mais preenche o sujeito, assim como ocorreu em relação ao sujeito específico definido.

Analisando o uso do sujeito específico indefinido nos seis grupos de pessoas, cf. tabela 55, constatou-se que o emprego do sujeito nulo ocorreu, predominantemente, em três grupos, a saber, homens analfabetos mais jovens (71%) e mais velhos (66%); mulheres analfabetas mais velhas (75%). E os outros três grupos preferiram o preenchimento do sujeito, a saber, mulheres analfabetas mais jovens (59%); mulheres universitárias jovens (92%) e homens universitários jovens (56%).

Cumprir observar que, em relação ao sujeito de referência indefinida⁵⁷, houve contextos em que o uso do sujeito nulo foi categórico. Ao elencar as pessoas gramaticais que foram utilizadas nas entrevistas de cada grupo, acompanhadas dos percentuais de uso do sujeito nulo, o uso categórico de sujeito nulo será evidenciado.

A pessoa gramatical *ele/ela*, de referência indefinida, apareceu na fala dos seguintes grupos de pessoas, homens analfabetos mais velhos (**100%**) e mulheres analfabetas mais velhas (80%).

A pessoa gramatical *nós*, de referência indefinida, apareceu na fala dos seguintes grupos de pessoas, homens analfabetos mais jovens (**100%**) e mais velhos (41%), mulheres analfabetas jovens (40%) e homens universitários jovens (58%).

A pessoa gramatical *a gente*, de referência indefinida, apareceu na fala dos seguintes grupos de pessoas, homens analfabetos mais jovens (20%), mulheres analfabetas jovens (36%) e mais velhas (46%), mulheres universitárias (8%) e homens universitários jovens (25%).

A pessoa gramatical *eles/elas*, de referência indefinida, apareceu na fala dos seguintes grupos de pessoas, homens analfabetos mais jovens (**100%**) e mais velhos (**100%**), mulheres analfabetas mais velhas (95%) e homens universitários jovens (**100%**).

Após o elencamento, constata-se que o contexto de maior resistência do sujeito nulo de referência indefinida é a terceira pessoa do plural, seguida da terceira pessoa do singular.

⁵⁷ Cumprir informar que as pessoas gramaticais que obtiveram um uso de uma ou até duas ocorrências não foram elencadas, pelo fato de os dados não representarem um percentual confiável.

4.3.2 Emprego do Sujeito Pronominal Indefinido *versus* Tipo de Oração e Correferência**Tabela 62** - Cruzamento de correferência de sujeito específico indefinido com o tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	CORREFERÊNCIA					
	CORREFERENTE			NÃO-CORREFERENTE		
	VARIANTES			VARIANTES		
	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências
	N/%	N/%		N/%	N/%	
Principal	9/ 64%	5/36%	14	8/ 50%	8/ 50%	16
Adverbial	13/ 87%	2/13%	15	13/ 52%	12/48%	25
Substantiva	2	-	2	3/43%	4/ 57%	7
Relativa (Adjetiva)	8/ 100%	-	8	1/13%	7/ 88%	8
1ª coordenada	7/ 78%	2/22%	9	8/38%	13/ 62%	21
2ª coordenada	22/ 79%	6/21%	28	9/30%	21/ 70%	30
Oração absoluta	2	-	2	7/ 50%	7/ 50%	14
Total	63/81%	15/19%	78	49/40%	72/60%	121

A tabela 62 mostra que, quando o sujeito específico indefinido é correferente, nas orações *principal*, *adverbial*, *relativa*, *1ª coordenada* e *2ª coordenada*, prevalece o uso do sujeito nulo na fala urbana itabiense. Nas orações *substantiva* e *oração absoluta*, apesar de apenas duas ocorrências, o resultado da análise revela também a preservação do sujeito nulo. Sendo assim, a hipótese se confirma, pois se esperava que, com o sujeito correferente, prevalecesse o uso do sujeito nulo.

Em relação ao sujeito específico indefinido não-correferente, com exceção das orações *principal*, *adverbial* e *absoluta*, nas quais os índices apontam um equilíbrio de emprego das variantes, as demais orações influenciaram na predominância do uso do sujeito preenchido. A predominância no preenchimento do sujeito é um resultado esperado pelo fato de o sujeito não ser correferente. Neste sentido, o sujeito específico indefinido contrasta com o definido, que não revelou um comportamento tal como hipotetizado.

Sintetizando os resultados obtidos

Correferência do Sujeito com o Tipo de Oração

Os dados de sujeito específico indefinido em cruzamento com o tipo de oração, cf. tabela 62, revelam que, quando o sujeito é correferente, o sujeito nulo prevalece em todos os tipos de oração. A oração relativa correferente obteve 100% de sujeito nulo, assim como ocorreu em relação ao sujeito específico definido.

Quanto ao sujeito não-correferente, os resultados sobre o sujeito específico indefinido mostram que houve um aumento significativo de preenchimento do sujeito, pois, com exceção dos usos equilibrados, em todos os tipos de oração prevaleceu o sujeito preenchido.

4.4 Sujeito Genérico no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense

Retomando a definição, que já foi mencionada na subseção 3.5 *O papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal*, do que se está classificando como sujeito genérico, cumpre ressaltar que se considera o *sujeito pronominal Genérico* aquele que é usado para denotar a classe ou espécie de um modo geral (QUIRK; GREENBAUM *et al*, 1985), possuindo como referência ‘qualquer indivíduo humano’, ‘as autoridades’, ou ‘um grupo particular de indivíduos que o falante deseja identificar-se’ (HALLIDAY e HASSAN, 1976). Ou seja, não há um referente individuado, único, já que ‘qualquer indivíduo humano’ pode servir como referente.

A tabela 63, a seguir, apresenta os sujeitos pronominais genéricos identificados na fala urbana itabiense, distribuídos em percentuais de uso das variantes - *sujeito nulo*, *sujeito lexicalizado*.

Tabela 63 - Emprego geral do sujeito pronominal genérico

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
1ª p. s. eu	3/ 60%	2/40%	5
2ª p. s. você	3/14%	18/ 86%	21
3ª p. s. ele/ela	30/ 71%	12/29%	42
1ª p. p. nós	9/ 75%	3/25%	12
1ª p. p. a gente	16/ 53%	14/47%	30
3ª p. p. eles/elas	25/ 69%	11/31%	36
Total	86/ 59%	60/41%	146 ⁵⁸

O percentual de uso de 59% de sujeito nulo de referência arbitrária mostra que esta variante é a forma predominante, na expressão do sujeito genérico, confirmando a hipótese subjacente ao grupo de fatores.

A referência genérica constitui, de fato, um contexto de resistência ao sujeito preenchido, com exceção da forma *você*.

Pelo total de ocorrências de cada forma pronominal, percebe-se que a 3ª pessoa do singular *ele/ela* (42) foi a mais utilizada, seguida da 3ª pessoa do plural *eles/elas* (36). A forma *você* (21) é a quarta mais usada. O emprego de *você* como sujeito lexicalizado é quase categórico. Duarte (1995) já chama a atenção para o avanço no uso da forma ‘*você*’ como sujeito de referência arbitrária.

Vale destacar que o sujeito de 3ª pessoa do singular e plural é usado, predominantemente, como sujeito nulo, seguindo o mesmo padrão de uso do sujeito específico e do específico indefinido.

Como se observa na tabela 63, os sujeitos genéricos identificados na fala urbana itabiense - **eu** - **você** – **ele/ela** – **nós** – **a gente** – **eles/elas** - são ilustrados em (87), (88) e (89).

⁵⁸ Cumpre esclarecer que o total de ocorrências do sujeito *genérico* não está coincidindo com o total – 149 - apresentado na tabela 3, devido a três ocorrências de sujeito genérico que não foram codificadas quanto à pessoa gramatical, por serem impossíveis de identificá-las.

- (87) Inf. porque...é uma coisa/...é uma práxis política...certo?...infelizmente...os políticos brasileiros...e por que não dizer da grande maior/maioria dos países do mundo...eles não entram éh/éh...na política visando o bem-estar do outro e sim o bem-estar de si próprio...**eles** só estão preocupados com o eu...a partir do momento que **ϕ**estou no poder...**eu** vou fazer meios de criar um caixa...DOis...**ϕ**vou fazer meio de juntar alguma coisa para no futuro próximo e numa próxima eleição **eu** ter como investir na minha próxima candidatura e assim vai aí...mensalões e mensalinhos o que vem/o que vem acontecendo é a corrupção né?...a corrupção de uma forma degradante para a sociedade brasileira...porque é muito dinheiro que...se desvia...dinheiro que acabaria com muitos problemas e dentre eles **ϕ**poderíamos citar tantas mortes de crianças no Nordeste...mortes prematuras...tanto /éh/éh...tantos problemas sociais e...por aí **a gente** pode até incluir...a questão da/da/...da violência...será que com esse dinheiro que...deputados...sena/éh...e OUtros...outros políticos estão desviando...será que com esse dinheiro não se faria muita coisa por esse país?...pela sociedade brasileira?...infelizmente a corrupção é um problema que eu diria que...não se/não se pode precisar o seu início e jamais **ϕ**podemos prever o seu fim...
(Homem de 48 anos, universitário)

- (88) Doc. falar mal dos outros é o que?...hun...é o que?
Inf. falar o que::ÉH o que acontece na vida dos outro e **ϕ**fica comentando a um e a outro
Doc. o que que é verdade pra você?...o que é verdade pra você?...o que que você considera como verdade?
Inf. a verdade é o que **você** faz mesmo e...**você** fala a verdade que **você** fez...mesmo
(Mulher de 38 anos, universitária)

- (89) Doc. tem/tem que pegar...agarrar onde?...em que parte da/da/?
Inf. {nas orelha...quando **você** corre...assim...o/a/o/corre dois três quatro...que **ele** num vai só...**ϕ**pega no rabo...aí o outro passa pra frente...**ϕ**voa na cabeça...e quando **ele** tá só...a gente imparea (parelha) o cavalo e **ϕ**pula na cabeça
Doc. CREdo...que coRAgem...
(Homem de 70anos, analfabeto)

Nos exemplos (87) e (88), os sujeitos pronominais destacados, nulos e lexicalizados, se referem a ‘qualquer indivíduo humano’.

No exemplo (89), os sujeitos pronominais de 3ª pessoa do singular, nulos e lexicalizados, se referem a qualquer cavaleiro que sai atrás do boi, no mato, para derrubá-lo.

Antes de apresentar o emprego do sujeito genérico, distribuído em pessoas gramaticais, são apresentados os resultados gerais das variantes de sujeito genérico

empregadas em cada grupo de pessoas, a saber: homens analfabetos mais jovens; homens analfabetos mais velhos; mulheres analfabetas mais jovens; mulheres analfabetas mais velhas; mulheres universitárias jovens, e, por último, homens universitários jovens.

Tabela 64 - Uso total de cada grupo de pessoas do sujeito genérico

GRUPOS DE PESSOAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	1	-	1
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	14/ 58%	10/42%	24
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	2/ 50%	2/ 50%	4
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	1	-	1
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	35/ 64%	20/36%	55
Homens universitários [20 – 49 anos]	33/ 54%	28/46%	61
Total	86/ 59%	60/41%	146

Os resultados apresentados na tabela 64 demonstram que o emprego do sujeito genérico na cidade de Itabi-SE é ainda pouco freqüente na fala dos homens analfabetos jovens, com uma ocorrência, e das mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos (apenas houve uma ocorrência), como também na das mulheres analfabetas jovens, com apenas quatro ocorrências.

Os falantes que mais produziram o sujeito genérico, seguindo a ordem decrescente, foram os homens universitários, as mulheres universitárias e os homens analfabetos com idade acima de 65 anos. Destes três grupos de pessoas, todos usaram o sujeito nulo preferencialmente.

4.4.1 Pessoa Gramatical

Tabela 65 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>eles/elas</i>	1	-	1
Total	1	-	1

A tabela 65 mostra que houve, apenas, uma ocorrência de sujeito genérico – sujeito nulo, 3ª pessoa do plural. Talvez, o assunto da entrevista não tenha favorecido o uso de genéricos.

Tabela 66 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIAS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>você</i>	1/20%	4/ 80%	5
<i>ele/ela</i>	5/ 71%	2/29%	7
<i>a gente</i>	8/ 67%	4/33%	12
Total	14/ 58%	10/42%	24

Das seis formas pronominais empregadas como sujeito genérico (cf. tabela 63), os homens mais velhos fazem uso de três formas, e em duas, o sujeito nulo é a variante que obtém o emprego numericamente superior.

Apesar do número reduzido de ocorrências da forma *você*, esta é a que se apresenta com o sujeito lexicalizado predominantemente.

Tabela 67 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>a gente</i>	2/50%	2/50%	4
Total	2/50%	2/50%	4

Como se percebe na tabela 67, as mulheres analfabetas jovens usam apenas o *a gente* como sujeito genérico, e, mesmo assim, houve somente quatro ocorrências. As variantes *sujeito nulo* e *sujeito lexicalizado* foram empregadas equilibradamente com a forma genérica *a gente*.

Tabela 68 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>ele/ela</i>	1	-	1
Total	1	-	1

Na tabela 68, a identificação de uma única ocorrência de sujeito genérico pode indicar que as mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos dêem preferência ao uso do sujeito pronominal de uma maneira mais restrita, isto é, com referência específica definida, cf. tabela 11, e com referência específica indefinida, cf. tabela 59, ou que o tema da conversação não tenha favorecido o uso de sujeito genérico.

Tabela 69 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>você</i>	1/11%	8/ 89%	9
<i>ele/ela</i>	19/ 79%	5/21%	24
<i>a gente</i>	4/40%	6/ 60%	10
<i>eles/elas</i>	11/ 92%	1/8%	12
Total	35/ 64%	20/36%	55

As mulheres jovens universitárias fazem uso de quatro formas pronominais, das seis empregadas, no geral, como sujeito genérico (cf. tabela 63), sendo o sujeito nulo o uso preferencial.

Os resultados revelam que o emprego predominante do sujeito nulo ocorre com a 3ª pessoa do singular e do plural. E, o sujeito lexicalizado é empregado, preferencialmente, com as formas *você* e *a gente*.

Tabela 70 - Distribuição das ocorrências de Sujeitos Genéricos
segundo a pessoa gramatical
(Homens universitários [20 – 49 anos])

PESSOAS GRAMATICAIIS	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
<i>eu</i>	3/ 60%	2/40%	5
<i>você</i>	1/14%	6/ 86%	7
<i>ele/ela</i>	5/ 50%	5/ 50%	10
<i>nós</i>	9/ 75%	3/25%	12
<i>a gente</i>	2/ 50%	2/ 50%	4
<i>eles/elas</i>	13/ 57%	10/43%	23
Total	33/ 54%	28/46%	61

Os resultados apresentados na tabela 70 mostram que os homens jovens universitários fazem uso das seis formas pronominais empregadas, no geral, como sujeito genérico (cf. tabela 63), havendo um equilíbrio no uso do sujeito nulo e, lexicalizado.

As formas empregadas, preferencialmente, como sujeito nulo são: *eu*, *nós*, *eles/elas*. E, como sujeito lexicalizado são: *você*, *ele/ela*, *a gente*.

Sintetizando os resultados obtidos

Os resultados gerais de sujeito genérico apresentados na tabela 63 evidenciam que o sujeito nulo (59%), também, é a variante predominante na fala urbana itabiense. As pessoas gramaticais mais usadas como sujeito nulo são: a 1ª pessoa do plural *nós*, com 75%, a 3ª pessoa do singular, com 71%, a 3ª pessoa do plural, com 69%, a 1ª pessoa do singular, com 60% e a 1ª pessoa do plural *a gente*, com 53%. Já a pessoa gramatical *você* obtém um percentual bem elevado (86%) de lexicalização.

Com exceção dos grupos dos homens analfabetos mais jovens e das mulheres analfabetas mais velhas, que houve, apenas, uma ocorrência de sujeito genérico em cada grupo, nos quatro restantes, os homens analfabetos mais velhos (58%), as mulheres universitárias jovens (64%) e os homens universitários jovens (54%) empregaram o sujeito nulo com predominância e as mulheres analfabetas mais jovens, com a realização de apenas quatro ocorrências, manifestaram um uso equilibrado das variantes, 50% em cada.

Analisando os usos dos quatro grupos de pessoas, pode-se dizer que as pessoas gramaticais mais utilizadas como sujeito nulo são: (i) a 3ª pessoa do singular, com usos de 50% entre os homens universitários jovens; 71% entre os homens analfabetos mais velhos e 79% entre as mulheres universitárias jovens; (ii) a 3ª pessoa do plural, com 92% entre as mulheres universitárias jovens e 57% entre os homens universitários jovens.

A pessoa gramatical *você*, que foi usada por três grupos de pessoas, é a mais preenchida como sujeito genérico. Os grupos que a utilizaram são: os homens analfabetos mais velhos (80%), as mulheres universitárias jovens (89%) e os homens universitários jovens (86%).

A *gente* é a pessoa gramatical que se manifesta com equilíbrio no uso das duas variantes sujeito nulo e sujeito preenchido, pois, tanto entre as mulheres analfabetas mais jovens e os homens universitários jovens, houve 50% de uso e, entre os homens analfabetos mais velhos, predomina o uso do sujeito nulo (67%) e, entre as mulheres universitárias jovens, prevalece o uso do sujeito preenchido (60%).

As pessoas gramaticais *eu* e *nós* apareceram, apenas, na fala dos homens universitários jovens, com uso predominante do sujeito nulo, 60% e 75%, respectivamente.

Sintetizando os resultados gerais sobre a Especificidade

Na amostra de sujeito pronominal da fala urbana itabiense, constatarem-se 852 ocorrências de sujeito específico definido, 199, de sujeito específico indefinido e 149, de sujeito genérico, totalizando 1.200 ocorrências. Com os três tipos de sujeito mencionados, o sujeito pronominal foi realizado, predominantemente, com o sujeito nulo, obtendo os seguintes percentuais de frequência 57%, 56% e 60%, respectivamente, cf. tabela 3.

Analisando a especificidade do sujeito no uso dos seis grupos de pessoas, ou seja, revelando como o uso do sujeito pronominal de cada grupo se comporta diante da especificidade, pode-se traçar o seguinte percurso: em relação ao sujeito específico definido, apenas as mulheres analfabetas jovens (57%) e as mulheres universitárias jovens (52%) priorizam o preenchimento do sujeito. Quanto ao sujeito específico indefinido, além das mulheres analfabetas jovens (59%) e das mulheres universitárias jovens (92%), os homens universitários jovens também preferem o sujeito preenchido (56%). Em se tratando do sujeito de referência genérica⁵⁹, tanto as mulheres universitárias jovens (64%) quanto os homens universitários jovens (54%) e os homens analfabetos com idade acima de 65 anos (58%) privilegiam o uso do sujeito nulo.

Em síntese, pode-se dizer que os resultados que corroboraram a hipótese da hierarquia entre os sujeitos de referência definida, indefinida e genérica (obtendo, em cada tipo, uma frequência de sujeito nulo que vai do menos ao mais) são os homens jovens analfabetos, as mulheres mais velhas analfabetas e as mulheres jovens universitárias, que seguem, pelo menos, parcialmente.

⁵⁹ Cumpre informar que houve apenas quatro ocorrências de sujeito pronominal genérico entre as mulheres analfabetas jovens (duas de sujeito nulo e duas de sujeito preenchido); uma ocorrência de sujeito nulo entre os homens analfabetos jovens e uma de sujeito nulo entre as mulheres analfabetas mais velhas.

4.4.2 Emprego do Sujeito Genérico *versus* Tipo de Oração e Correferência**Tabela 71** - Cruzamento de correferência de sujeito genérico com o tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	CORREFERÊNCIA					
	CORREFERENTE			NÃO-CORREFERENTE		
	VARIANTES			VARIANTES		
	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências	SUJ NULO	SUJ LEX	Total de ocorrências
	N/%	N/%		N/%	N/%	
Principal	13/ 68%	6/32%	19	3/30%	7/ 70%	10
Adverbial	5/ 50%	5/ 50%	10	8/ 50%	8/ 50%	16
Substantiva	1	-	1	2/33%	4/ 67%	6
Relativa (Adjetiva)	10/ 91%	1/9%	11	6/46%	7/ 54%	13
1ª coordenada	4/ 67%	2/33%	6	3/33%	6/ 67%	9
2ª coordenada	22/ 88%	3/12%	25	9/45%	11/ 55%	20
Oração absoluta	-	-	-	1	-	1
Total	55/76%	17/24%	72	32/43%	43/57%	75

Os resultados da tabela 71 mostram que, com exceção da oração adverbial, contexto em que se observa um uso equilibrado das variantes, quando o sujeito genérico é correferente, os falantes urbanos itabienses empregam preferencialmente o sujeito nulo. E quando o sujeito genérico não é correferente, também com exceção da adverbial, as pessoas da cidade de Itabi-SE empregam predominantemente o sujeito preenchido.

Sintetizando os resultados obtidos

Correferência do Sujeito com o Tipo de Oração

Os dados de sujeito genérico em cruzamento com o tipo de oração, cf. tabela 71, revelam que, quando o sujeito é correferente, o sujeito nulo prevalece em todos os tipos de oração. A oração relativa correferente (91%) foi a que obteve a maior frequência no uso do sujeito nulo.

Em relação ao sujeito não-correferente, os resultados evidenciam que houve um aumento significativo de preenchimento do sujeito, pois, com exceção do uso equilibrado, em todos os tipos de oração prevaleceu o sujeito preenchido.

4.5 Especificidade e Condicionamentos Sociais

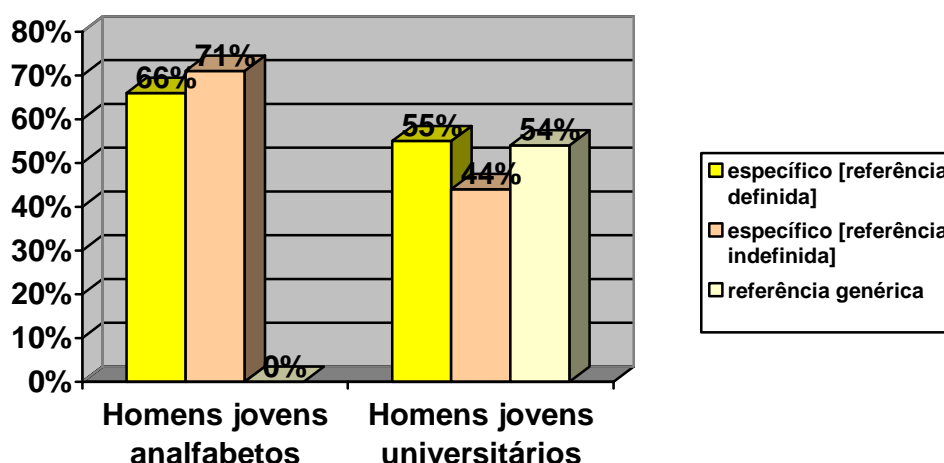
Nesta seção, apresentam-se, via gráfico, os resultados referentes ao uso do sujeito nulo associado à especificidade, ou seja, levando em consideração a referência específica definida, a específica indefinida e a genérica, cruzando com a escolaridade, o sexo e a idade dos informantes.

A hipótese que subjaz à análise do papel da especificidade na realização variável do sujeito pronominal é que, à medida que se preenche o sujeito de referência definida, esvazia-se o sujeito de referência arbitrária, ou seja, o de referência genérica (GALVES, 1987).

Se a especificidade puder ser avaliada como um *continuum*, e levando em conta a afirmação de Galves (1987), espera-se que o preenchimento do sujeito seja mais acentuado com os sujeitos de referência [específica definida] e tenda a diminuir gradualmente quando passa para a referência [específica indefinida] e desta para a referência [genérica]. Assim, espera-se que haja uma maior ocorrência de sujeito lexicalizado entre os específicos definidos; uma menor entre os genéricos, e, uma ocorrência intermediária entre os específicos indefinidos.

ESCOLARIDADE

Gráfico 51 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado pelos homens jovens



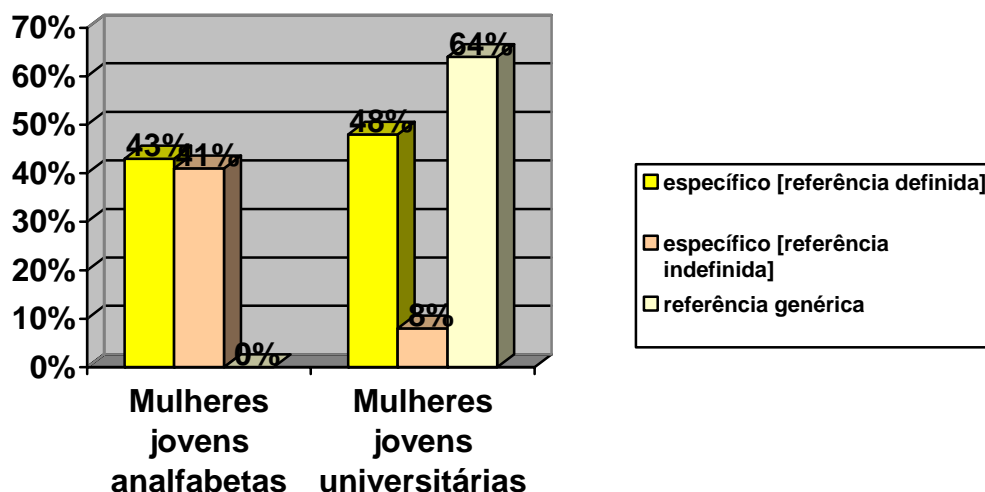
No gráfico 51, tanto os homens jovens analfabetos quanto os homens universitários empregam mais o sujeito nulo do que o lexicalizado com o sujeito específico [referência

definida]. Vale ressaltar que os homens jovens analfabetos produzem o sujeito nulo onze pontos percentuais a mais do que os homens jovens universitários.

Se o sujeito é específico indefinido, apenas os homens jovens analfabetos empregam preferencialmente o sujeito nulo (71%) contra 56% de sujeito lexicalizado por parte dos homens jovens universitários.

Ao verificar se a hipótese se confirma, ou seja, se os dois grupos de pessoas usam o sujeito nulo seguindo a hierarquia de menos para mais nulo: definido < indefinido < genérico, constata-se que os homens jovens analfabetos seguem a hierarquia, mas os homens jovens universitários, não.

Gráfico 52 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado pelas mulheres jovens

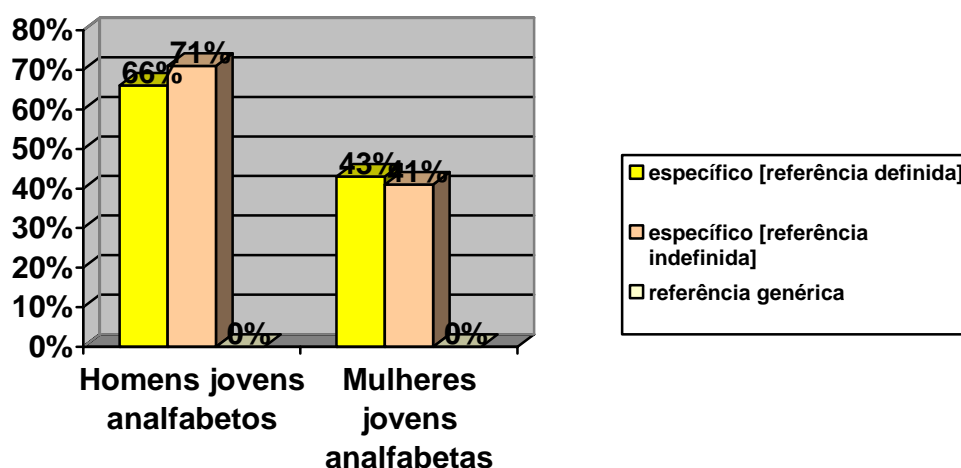


O gráfico 52 mostra que tanto o sujeito específico definido quanto o indefinido são usados pelas mulheres jovens analfabetas e universitárias, preferencialmente, com o sujeito preenchido. A diferença entre ambas está no percentual de uso do sujeito específico indefinido, pois, enquanto as mulheres jovens analfabetas empregam 59% de preenchimento do sujeito, as mulheres jovens universitárias empregam 92%.

Observa-se que as mulheres jovens analfabetas não usam o sujeito nulo seguindo a hierarquia proposta, mas as mulheres jovens universitárias seguem, pelo menos parcialmente.

SEXO

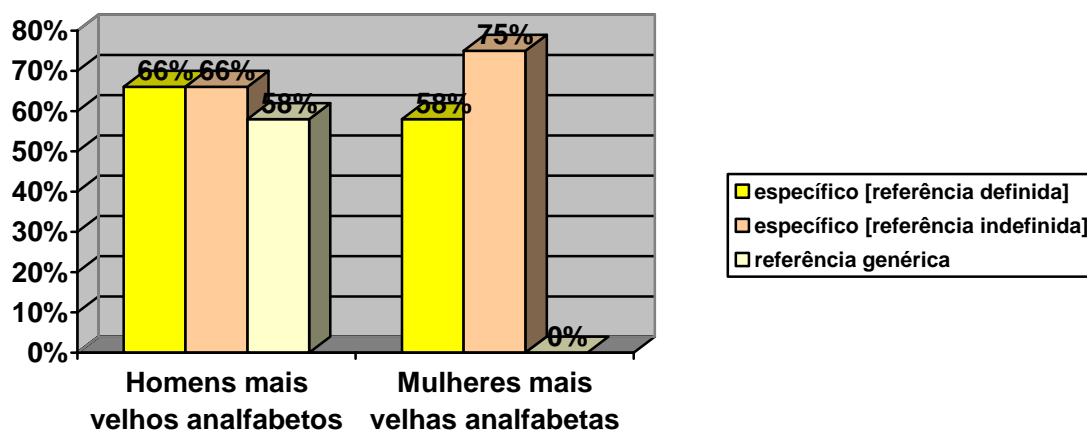
Gráfico 53 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



No gráfico 53, percebe-se que a grande diferença entre homens jovens analfabetos e mulheres jovens analfabetas é que, enquanto estas preenchem predominantemente o sujeito seja ele específico definido ou indefinido, os homens jovens analfabetos empregam preferencialmente o sujeito nulo.

Evidencia-se que os homens jovens analfabetos seguem a hierarquia, mas as mulheres jovens analfabetas, não.

Gráfico 54 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos

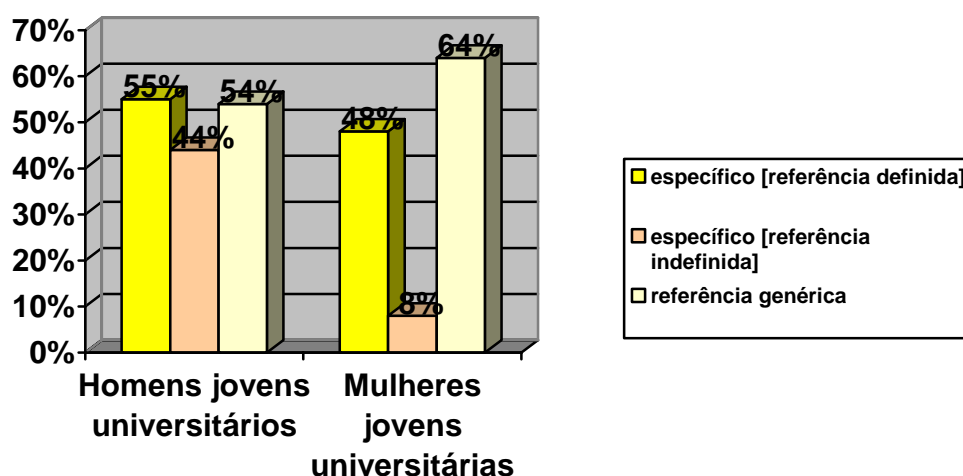


Nos dados apresentados aqui, evidencia-se que, no uso do sujeito nulo de referência definida, os homens mais velhos analfabetos empregam mais o nulo, com oito pontos

percentuais a mais, do que as mulheres mais velhas analfabetas. No entanto, em relação ao sujeito nulo de referência indefinida, são as mulheres que usam mais, com nove pontos percentuais a mais, do que os homens.

A hierarquia proposta para o uso do sujeito nulo em relação à especificidade é seguida apenas pelas mulheres mais velhas analfabetas.

Gráfico 55 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens e mulheres jovens universitários



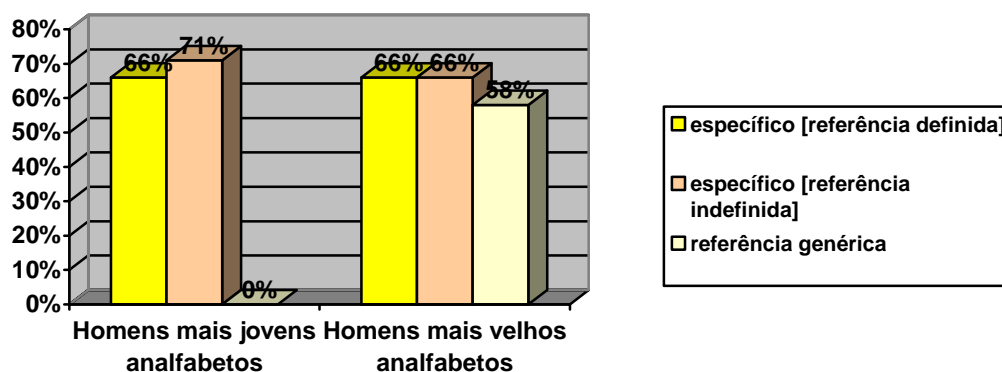
Os resultados apresentados no gráfico 55 revelam que quando a referência é definida e genérica os homens jovens universitários preferem o uso do sujeito nulo. Já as mulheres jovens universitárias priorizam o uso do sujeito nulo apenas quando a referência é genérica.

Quanto ao sujeito específico indefinido, constata-se que há uma diferença profunda entre o uso dos homens jovens universitários e o das mulheres jovens universitárias, pois, enquanto os homens empregam 44% de sujeito nulo, as mulheres empregam apenas 8%.

O *continuum* no uso do sujeito nulo é constatado, parcialmente, apenas no grupo das mulheres jovens universitárias.

IDADE

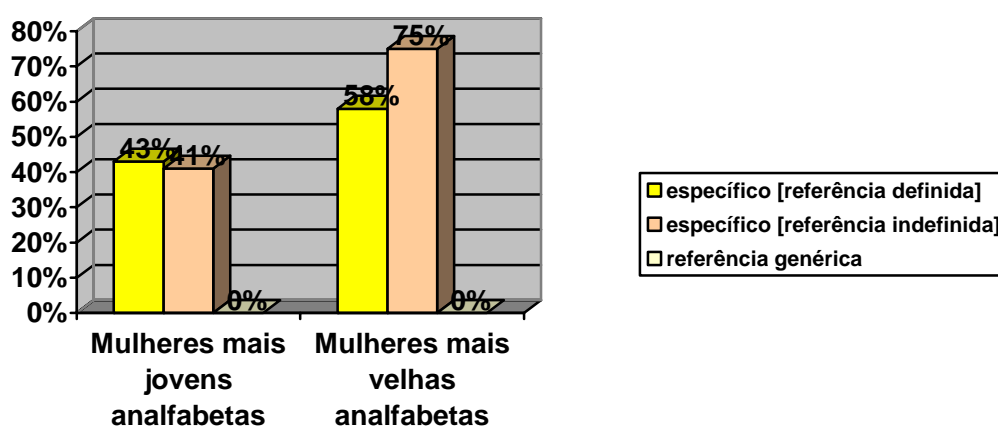
Gráfico 56 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por homens analfabetos



Visualiza-se no gráfico 56 que, quando a referência é definida e indefinida, tanto os homens analfabetos mais jovens quanto os mais velhos usam preferencialmente o sujeito nulo.

Cumprir observar que o *continuum* no uso do sujeito nulo é evidenciado apenas entre o grupo dos homens mais jovens analfabetos.

Gráfico 57 - Sujeito nulo segundo a especificidade empregado por mulheres analfabetas



No gráfico 57, em relação ao sujeito específico definido e indefinido, as duas faixas etárias demonstram que as mulheres analfabetas mais jovens preferem o preenchimento do sujeito e as mais velhas, o sujeito nulo.

Vale ressaltar que apenas as mulheres mais velhas analfabetas confirmam a hipótese da hierarquia entre os sujeitos de referência diferente.

4.6 Duplo Sujeito no Conjunto dos Dados da Fala Urbana Itabiense

Constitui-se um Duplo Sujeito quando há uma correferência entre o tópico e o pronome pessoal reto como mostram (90), (91), (92) e (93).

- (90) “Claro que estou ficando velho e, por conseguinte, começando a ter caturrices. (Pretendo, aliás, ser um velho altamente caturra, embora tomando ousadia com as moças amigas das minhas netas). Mas, descontando a caturrice, estou certo de que vocês reagem de forma parecida a uma porção de coisas, não é possível que eu seja o único incomodado. Por exemplo, vocês já notaram que, depois do advento da Nova República, só se usa sujeito duplo? Antigamente era apenas um recurso estilístico - meio rebarbativo, tipo concurso de oratória de centro acadêmico da faculdade de direito, mas recurso. Agora não. Agora é norma, começando pelo Dr. Sarney e descendo pela hierarquia abaixo. Nenhum deles diz “*a democracia é*”; todos dizem “*a democracia, ela é*”. Se fosse só com democracia, até daria para atribuir ao natural acanhamento deles em relação a essa palavra, mas é com tudo mais: “*o governo, ele não tem*”, “*a Aliança Democrática, ela não pretende*”, “*o Nordeste, ele se dispõe*” e assim por diante. Como o homem é da Academia e é chegado a uma canetada, fico com medo de que vire regra baixada por decreto-lei”.

(João Ubaldo Ribeiro, O Globo, 14.06.1987).

- (91) Inf. **a hipótese do/do Cê A...ela** já tá QUase descartada
(Mulher de 47 anos, universitária)

- (92) Doc. o que que você acha...então...do governo de Lula?...qual é a sua opinião em relação ao governo de Lula?...o que que ele tem feito pelo social?...o que tem feito REalmente pelo social?...o que que é o social pra você?

Inf. *eu* diria que...**Lula**...é...**ele** não/não/...não entrou...para ser o santo milagreiro...

(Homem de 48 anos, universitário)

- (93) Inf. *eu*...acredito que existe um Deus...pela beleza pelo/por tudo de bom que existe...bom e ruim que é/...**ele** não quer as coisas ruins...**φ**permite às vezes que **a gente** faça alguma coisa...**pra gente** ter noção que **φ**está errado e...**φ**ir ao conserto...mas da/**a católica**...eu acho **ela**...pouco assim por dinheiros...tudo...**eu** vejo nela por essa parte assim...se **a gente** for observar direitinho assim...mas não que **eu** deixe assim de acreditar no Deus...que **eu** acredito que existe...mas **eu** num costume muito ir à igreja não assim

(Rapaz de 39 anos, universitário)

Já nos exemplos (94), (95), (96), não se constituem sujeitos duplos, porque não há uma correspondência entre o tópico e o pronome pessoal reto.

- (94) essas coisa tudo **eu** gosto
- (95) dessas internacional...a que **eu** gosto também...mais né?
- (96) os novo eu num/...de nenhum dele **eu** gosto não

Os primeiros estudos sobre o duplo sujeito, no PB, foram feitos por Pontes (1987). A autora afirma que das chamadas “construções de tópico”, o tipo mais freqüente na análise dos seus dados de língua oral é aquele em que o tópico e o sujeito pronominal são correferentes, conhecido como deslocamento à esquerda do verbo (doravante DE).

Duarte (1995) salienta que o duplo sujeito é uma construção atípica em línguas do grupo *pro-drop*, e, embora a ocorrência de DE inclua, necessariamente, o emprego do pronome, não se encaixando, pois, dentro do conceito sociolinguístico de regra variável, seu estudo é fundamental para a confirmação da hipótese de que a língua portuguesa, de fato, está se afastando do grupo das línguas chamadas *pro-drop*. Ou seja, a autora, por considerar as construções de duplo sujeito típicas de línguas *não-pro-drop*, procura relacioná-las ao processo de implementação⁶⁰ da mudança no sentido do preenchimento do sujeito.

Se a língua portuguesa é tida como *pro-drop*, ou seja, o sujeito nulo é identificado pela flexão verbal como em outras línguas românicas como o italiano e o espanhol, então, espera-se que não haja estruturas de duplo sujeito na fala urbana itabiense.

A descrição da existência ou não do fenômeno auxiliará, também, na descrição do encaixamento⁶¹ ou não do processo do preenchimento do sujeito.

Em seus dados gerais (1.756) da fala espontânea carioca, Duarte (1995) identifica 86 ocorrências de construções com duplo sujeito (sendo 76 ocorrências de referência definida e 10, de referência arbitrária), cf. os exemplos (97), (98), (99), (100), (101) e (102).

- (97) **A Clarinha**,⁶² **ela**, cozinha que é uma maravilha.

⁶⁰ De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (2006), o processo de implementação corresponde às razões para mudanças ocorrerem em certa língua em uma dada época.

⁶¹ Segundo Weinreich, Labov & Herzog (2006), o encaixamento é o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social.

(98) Então o **Instituto de F.**, **ele**, manda os piores professores...**Os melhores**, **eles**, dão aula no curso de M.

(99) A **população neotrentina**, **ela**, é meio flutuante porque os homens saem muito para trabalhar na construção civil.

(100) Eu acho que o **povo brasileiro**, **ele**, tem uma grave doença.

(101) Não vou falar de bermuda, porque **os alunos**, hoje em dia no verão **eles**, vêm assistir aulas com bermuda de qualquer tamanho...

(102) Eu conheço duas (moças) **que**, **elas**, não sabem ficar sozinhas.

Pelos exemplos apresentados por Duarte (1995), constata-se três tipos de ocorrência de duplo sujeito, a saber: (i) *com a retomada do SN pelo pronome pessoal*, como mostram, acima, (97), (98), (99) e (100); (ii) *com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome*, cf. (101); (iii) *com o sujeito duplicado em orações relativas*, como ilustra (102).

Duarte (1995) observa que a pausa não é característica da estrutura de DE, como ilustram as frases acima, parecendo ocorrer com maior frequência quando há elementos intervenientes entre o SN e o pronome.

A autora relaciona as ocorrências de duplo sujeito com a Perda do Princípio “Evite Pronome” pelo PB e esclarece que “as construções com DE de sujeito são exclusivas de línguas *não-pro-drop*, uma vez que, numa língua *pro-drop*, retomar por um pronome um sujeito que acaba de ser mencionado seria no mínimo negar o papel da flexão rica” (p. 101).

No quadro 15, a seguir, está a distribuição das 86 ocorrências segundo a referência e a faixa etária dos informantes de Duarte (1995).

⁶² Duarte (1995) ressalta que este sinal indica que não há pausa na fala entre o SN deslocado e o pronome. Quando houver, usará a vírgula.

Quadro 15 - Duplo sujeito *versus* referência e faixa etária - Duarte (1995)

Referência	Grupo 1 ⁶³	Grupo 2 ⁶⁴	Grupo 3 ⁶⁵	Total
1ª p. s.	5	5	7	17
1ª p. p.	-	2	2	4
3ª p. s.	4	12	18	34
3ª p. p.	2	7	12	21
Ref. arbitrária	1	-	9	10
Total	12/14%	26/30%	48/56%	86/100%

Ao apresentar os resultados expostos no quadro, Duarte ressalta que há um significativo implemento no uso da construção com duplo sujeito pelo grupo 3, que é o mais jovem, tanto em frequência quanto em variedade.

A autora mostra que, em seus dados, as ocorrências de *duplo sujeito na terceira pessoa* são as mais frequentes. Chama a atenção para a retomada de pronomes na fala dos mais jovens, cf. ilustra (103), e não apenas SNs, como ocorre na fala dos mais velhos.

(103) Eu acho que **eles** hoje decididamente **eles** se vestem; não aceitam opinião dos pais.

Em relação ao uso do *duplo sujeito com referência arbitrária*, como mostram (104), (105) e (106), segundo Duarte, uso característico dos mais jovens, a autora destaca os seguintes pronomes, por ordem de maior ocorrência: **você**, **a gente**, **eles**.

(104) **Você**, quando você viaja, **você** passa a ser turista. Então você passa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil.

(105) E **a gente**, não sei se por comodidade, né, **a gente** não acreditava que isso pudesse acontecer.

(106) Aí **eles** parece que **eles** estão na escuta disso, né?

Em relação à estrutura de *duplo sujeito com a primeira pessoa do singular*, a autora esclarece que foram computadas apenas duas ocorrências sem elementos intervenientes,

⁶³ Grupo 1 (59 a 74 anos)

⁶⁴ Grupo 2 (entre 45 e 53 anos)

⁶⁵ Grupo 3 (entre 25 e 32 anos)

ocorrências estas que não deixariam dúvidas se se tratavam de repetições do pronome provocadas por indecisão. Aqui estão os exemplos de Duarte.

(107) **Eu, eu** sinto demais isso, né?

(108) Mas, **eu, eu** disse:

A autora observa que nos demais casos há sempre um adjunto, cf. (109), ou oração entre os pronomes, com a ocorrência ou não de pausa.

(109) **Eu às vezes eu** peço a ele pra ir comprar o jornal pra mim ...

Quanto ao *duplo sujeito de 1ª pessoa do plural*, Duarte (1995) ressalta que o curioso é que se trata de uma forma recente, usada, em seus dados, pelo grupo intermediário (entre 45 e 53 anos) e pelo grupo mais jovem (entre 25 e 32 anos), com preferência pelo uso da expressão *a gente*, como mostram os exemplos da autora (110), (111), (112) e (113).

(110) **Nós**, quer dizer, nós que eu digo é a Escola de Belas Artes, **nós** viemos daquele prédio que você deve conhecer...

(111) **A gente** na faculdade de Letras, **a gente** não tem condição de ...

(112) E acho que **o brasileiro a gente** tem aquela fama de acomodado, né?

(113) **Eu e a Paula, a gente** ficava (dizendo): “Herodes tinha razão!”

Duarte (1995) justifica o uso do *a gente* na retomada do sujeito composto, alegando que este tipo de construção “mostra a solução encontrada por um sistema que rejeita o pronome *nós* e, naturalmente, a desinência *-mos* a que ele se relaciona” (p. 111).

A mencionada autora adverte que as construções com DE não foram encontradas nem no italiano, nem no espanhol. A ausência da estrutura, em italiano, se justifica pelo fato de a concordância presente nas formas verbais ser ‘rica’, trazendo os seus traços de número e pessoa.

Ao apresentar a espanhóis, italianos e portugueses algumas sentenças construídas com duplo sujeito dos dados analisados que constituíram a sua tese, Duarte (1995) afirma que a rejeição a este tipo de construção foi unânime. A autora ressalta que, quando o pronome duplica um referente [- animado], como em (114), a seguir, os informantes interpretaram o SN como um complemento topicalizado e o pronome [+ animado] seria o sujeito.

(114) Eu acho que **um trabalho sério, ele**, teria que começar por aí. (p. 25)

Duarte (1995), citando Barnes (1986) e Blanche-Benveniste (1993), esclarece que o francês, ao contrário do italiano e do espanhol, é uma língua que se caracteriza pelo uso de construções com DE, tornando-se mais freqüente o aparecimento da estrutura em questão quanto mais informal for o discurso. Barnes (1986) gravou uma conversa informal de três falantes franceses de nível universitário durante seis horas e foram identificados três tipos de *duplo sujeito*:

- a) construções com a retomada do SN por um pronome pessoal;
- b) construções com o demonstrativo: o SN é retomado por um demonstrativo, sendo os mais usados *ce* ou *ça*, aos quais Barnes (1986) se refere como impessoais.
- c) construções com sujeitos de primeira pessoa do singular ou do plural.

4.6.1 Resultado de Duplo Sujeito na Cidade de Itabi - SE

Qual o resultado encontrado na fala urbana itabiense?

Se Duarte (1995) relaciona as ocorrências de *duplo sujeito* com a Perda do Princípio “Evite Pronome” pelo PB, mas se nas amostras analisadas, cf. tabelas 1 e 3, o resultado revelou que a variante predominante do sujeito pronominal é o sujeito nulo, então espera-se, naturalmente, encontrar um uso menos freqüente do *duplo sujeito* na comunidade de fala urbana itabiense, se comparada com o uso encontrado por Duarte (1995). Como são, principalmente, as mulheres analfabetas jovens, seguidas das mulheres universitárias jovens que estão liderando o emprego da forma inovadora, o sujeito preenchido, desta maneira, espera-se encontrar um maior percentual no uso do duplo sujeito na fala destes dois grupos de pessoas.

A seguir, estão todas as ocorrências de duplo sujeito encontradas na fala urbana itabiense.

HOMENS ANALFABETOS, pertencentes à faixa etária [**acima de 65 anos**]

Dos quatro informantes que constituem este grupo, três não expressaram o duplo sujeito. O falante de 68 anos usou, dentre as cinquenta ocorrências, uma única estrutura de sujeito duplo, como mostra (115).

(115) Inf. **tio Duardo** quando **ele** ia cavar tanque...

MULHERES ANALFABETAS, pertencentes à faixa etária [**20-49 anos**]

Neste grupo, não houve nenhuma ocorrência de Duplo sujeito, durante as 50 ocorrências de sujeito pronominal. Após, uma mulher de 48 anos usou uma única ocorrência, como ilustra (116).

(116) Inf. {de dez ano...eu dez ano...mulher...era GORda...gorda...gorda...eu
 conto a Lange...Lange...minha filha...quando eu era pequeninha...eu era
 gorda...Vlu...**eu** quando...**eu** vejo...uma menina aí...eu me lembro...de
 mim ((sorriu))...
 Doc. {((sorriu))
 Inf. que era gorda

MULHERES ANALFABETAS, pertencentes à faixa etária [**acima de 65 anos**]

No grupo de quatro mulheres, duas não empregaram a estrutura de Duplo sujeito. Uma mulher de 81 anos expressou duas vezes, cf. mostra (117) e (118), durante e após, respectivamente.

(117) Doc. {a senhora já falou pra eles?
 Inf. não...**φ**nunca falei assim
 Doc. AH::
 Inf. não...**as menina elas** sabe que **eu** tenho porque...**eu** pago uma pessoa pa me
 ensinar
 Doc. ah::a senhora coloca?

(118) Doc. e quer dizer que...ele foi embora e nunca/nunca escreveu?...nunca deu notícia?

Inf. ele...no começo ele deu notícia...depois... ϕ num deu mais... ϕ sabe?

E, uma mulher de 90 anos expressou a estrutura de Duplo sujeito, apenas, durante as 50 ocorrências de sujeito pronominal, cf. (119).

(119) Inf. {e ϕ tinha gado...e aí os bandido tomaro conta e ϕ mandaro recado ϕ pedindo que era pra ele mandar dinheiro...que ele disse que ϕ num mandava...e ϕ pegava o gado e ϕ matava...aí Joãozinho esse...ele ajuntou um maior/...uma porção de gente aqui...

MULHERES UNIVERSITÁRIAS, pertencentes à faixa etária [20-49 anos]

Dentre as 50 ocorrências de sujeito pronominal, apenas uma mulher de 32 anos não empregou a estrutura de Duplo sujeito. Desta informante, após as 50 ocorrências, foi identificada uma única estrutura, de 1ª pessoa do singular, cf. o exemplo (120).

(120) Inf. e...eu talvez eu valorize mais...esse lado

A mulher de 37 anos, durante as 50 ocorrências de sujeito pronominal, usou uma única vez a estrutura de Duplo sujeito, como mostra (121).

(121) Inf. porque o professor ele tem tudo isso né?

Houve duas ocorrências, como mostram (122) e (123), após as 50.

(122) Inf. os evangélicos...eu acho que eles buscam mais as pessoas

(123) Inf. que às vezes tem aqueles evangélicos que eles criticam MUITO...o Catolicismo né?

A informante de 38 anos empregou, apenas, uma vez, cf. ilustra (124).

(124) Inf. porque a água...ela é uma coisa necessidade para/...para a gente

E, finalmente, a mulher de 47 anos usou, durante as 50 ocorrências, cinco estruturas de Duplo sujeito, como mostram (125), (126), (127), (128) e (129).

(125) Inf. olhe...a filha...que ϕ é a mais velha...ela não trabalha

(126) Inf. e o terceiro...ele...está como eletricista

(127) Inf. o eletricista ele fez um cursinho no SENAI

(128) Inf. o mais novo...ele mora em Aracaju

(129) Inf. a hipótese do/do Cê A...ela já tá QUase descartada

HOMENS UNIVERSITÁRIOS, pertencentes à faixa etária [20-49 anos]

O informante de 29 anos não realizou nenhuma ocorrência de duplo sujeito dentre as cinquenta ocorrências de sujeito pronominal. Mas, após, empregou duas estruturas de duplo sujeito, como ilustram (130) e (131).

(130) Inf. quando não ϕ posso resolver hoje ϕ resolvo amanhã...e assim vai...agora a morte ela é/...

(131) Inf. é...agora resta saber se quem está lá do outro lado...se ϕ vai querer mudar realmente como a gente quer que mude...né?...como realmente traz...vamos dizer assim...de praxe...a pedagogia...ela é o que?...ela é um curso muito bom

Outro falante também de 29 anos, expressou apenas uma ocorrência da estrutura de duplo, cf. exemplo (132).

(132) Inf. porque o homem...ele é/ele é...domesticado...domesticado não...adestrado pela religião...a religião tem um poder...importantíssimo na história da religião

Com o informante de 39 anos, não houve nenhuma ocorrência de duplo sujeito dentre as cinquenta ocorrências de sujeito pronominal. Porém, após, usou uma estrutura de duplo sujeito, como ilustra (133).

- (133) Inf. *eu...acredito que existe um Deus...pela beleza pelo/por tudo de bom que existe...bom e ruim que é/...**ele** não quer as coisas ruins...**φ**permite às vezes que **a gente** faça alguma coisa...**pra gente** ter noção que **φ**está errado e...**φ**ir ao conserto...mas da/**a católica**...eu acho **ela**...pouco assim por dinheiros...tudo...**eu** vejo nela por essa parte assim...se **a gente** for observar direitinho assim...mas não que **eu** deixe assim de acreditar no Deus...que **eu** acredito que existe...mas **eu** num costume muito ir à igreja não assim*

O informante de 48 anos expressou durante as cinquenta ocorrências de sujeito pronominal quatro estruturas de duplo sujeito, como mostram (134), (135), (136), (137).

- (134) Inf. ***o professor...ele** deve ter esse compromisso...de...éh/éh...de uma forma...éh...procurar...dar a sua contribuição através do conhecimento né?*
- (135) Inf. *infelizmente...**os políticos brasileiros**...e por que não dizer da grande maior/maioria dos países do mundo...**eles** não entram éh/éh...na política visando o bem-estar do outro e sim o bem-estar de si próprio*
- (136) Inf. **eu* diria que...**Lula**...éh...**ele** não/não/...não entrou...para ser o santo milagreiro...*
- (137) Inf. **eu* acho que **o Lula**...ele...não/...em determinados aspectos... **ele** está fazendo o seu trabalho...*

Na tabela, a seguir, está o resultado das estruturas de duplo sujeito expressas pelos falantes urbanos itabienses, durante e/ou após as 50 ocorrências de sujeito pronominal. Ou seja, na extensão total das entrevistas.

Tabela 72 - Distribuição do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o grupo de pessoas

GRUPOS DE PESSOAS	Durante as 50 ocorrências de sujeito pronominal	Após as 50 ocorrências de sujeito pronominal	Total de ocorrências
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	-	-	-
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	1	-	1
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	-	1	1
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	2	1	3
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	6	4	10
Homens universitários [20 – 49 anos]	5	3	8
Total	14	9	23

Como se observa na tabela 72, o uso do duplo sujeito está ocorrendo com pouca frequência. O resultado encontrado satisfaz as expectativas. Os falantes analfabetos praticamente não empregam este tipo de construção, principalmente os homens. O implemento do uso se dá entre os universitários jovens, com destaque para as mulheres.

Transformando o total de ocorrências em percentuais de uso dos grupos de pessoas, verifica-se o seguinte resultado, cf. tabela 73.

Tabela 73 - Percentuais de uso do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o grupo de pessoas

GRUPOS DE PESSOAS	DUPLO SUJEITO
	N/%
Homens analfabetos [20 – 49 anos]	-
Homens analfabetos [acima de 65 anos]	1/4,5%
Mulheres analfabetas [20 – 49 anos]	1/4,5%
Mulheres analfabetas [acima de 65 anos]	3/13%
Mulheres universitárias [20 – 49 anos]	10/ 43%
Homens universitários [20 – 49 anos]	8/ 35%
Total	23

Percebe-se com o percentual de 43% que as mulheres jovens universitárias estão no estágio mais avançado de uso do duplo sujeito, seguidas dos homens jovens universitários. Ou

seja, pelo fato de os universitários estarem em contato maior com variados meios de comunicação como, por exemplo, televisão, rádio, *internet* etc, isto, talvez, possa ser o elemento favorecedor da vantagem de uso do *duplo sujeito*.

A seguir, são examinados os *tipos de retomadas do SN*, isto é, se ocorrem (i) com a retomada do SN pelo pronome pessoal; se, (ii) com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome, ou se, (iii) com o sujeito duplicado em orações relativas. Além das análises mencionadas, verifica-se quais são as pessoas gramaticais que são empregadas na retomada do SN, como também qual é a mais freqüente.

4.6.1.1 Tipos de retomadas do SN encontrados na fala da cidade de Itabi – SE

Tabela 74 - Percentuais de uso do duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o tipo de retomada

TIPO DE RETOMADA	DUPLO SUJEITO
	N/%
Com a retomada do SN pelo pronome pessoal	13/56%
Com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome	8/35%
Com o sujeito duplicado em oração relativa	1/4,5%
Com o sujeito duplicado após a oração relativa	1/4,5%
Total	23

De acordo com os resultados apresentados na tabela 74, a construção do *duplo sujeito com a retomada do SN pelo pronome pessoal*, cf. exemplos 117, 119, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134 e 136 é o tipo de ocorrência predominante na fala urbana itabiense, seguido do *duplo sujeito com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome*, como ilustram 115, 116, 118, 120, 122, 133, 135 e 137. Dos outros dois tipos de duplo sujeito, *com o sujeito duplicado em oração relativa*, cf. o exemplo 123, e *com o sujeito duplicado após a oração relativa*, cf. o exemplo 125, praticamente não houve uso.

A seguir, na tabela 75, são apresentadas as pessoas gramaticais empregadas na retomada do SN e a mais freqüente usada na construção do duplo sujeito na fala urbana itabiense.

Tabela 75 - As pessoas gramaticais empregadas na retomada do SN na fala urbana itabiense

PESSOAS GRAMATICAIIS	N/%
3ª pessoa do singular	17/74%
3ª pessoa do plural	4/17%
1ª pessoa do singular	2/9%
Total	23

Como mostra a tabela 75, as retomadas do SN ocorrem com o uso de três pessoas gramaticais *eu*, *ele* e *eles*, sendo a 3ª pessoa do singular a mais empregada na construção do duplo sujeito.

Vale observar que, nos dados de Duarte (1995), o predomínio também é de 3ª pessoa.

Na fala urbana itabiense, não houve nenhuma ocorrência de retomada do sujeito com o pronome de 1ª pessoa do plural, *nós* ou *a gente*, como foi registrada nos dados de Duarte (1995).

Na tabela 76, é apresentado o duplo sujeito na fala urbana itabiense segundo o uso das pessoas gramaticais e a faixa etária.

Tabela 76 - Duplo sujeito *versus* pessoas gramaticais e a faixa etária na fala urbana itabiense

PESSOAS GRAMATICAIIS	FAIXA ETÁRIA		Total de ocorrências
	[20 – 49 anos]	[acima de 65 anos]	
	N/%	N/%	
1ª p. s.	2	-	2
3ª p. s.	14/82%	3/18%	17
3ª p. p.	3	1	4
Total	19/83%	4/17%	23

Os resultados apresentados na tabela 76 confirmam mais uma vez o uso do duplo sujeito pelos falantes mais jovens, mas, cf. tabela 73, esses jovens se restringem aos falantes universitários, que priorizam a retomada do SN com o emprego da 3ª pessoa do singular (82%, cf. tabela 76).

O duplo sujeito na fala urbana itabiense se realiza predominantemente com a pausa ou sem a pausa?

A tabela 77, a seguir, mostra os resultados referentes ao uso da pausa/não-pausa nos tipos de construções.

Tabela 77 - Distribuição do duplo sujeito segundo o tipo de retomada e o uso da pausa/não-pausa na fala urbana itabiense

TIPO DE RETOMADA	Uso com pausa	Uso sem pausa	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Com a retomada do SN pelo pronome pessoal	9/ 69%	4/31%	13
Com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome	6/ 75%	2/25%	8
Com o sujeito duplicado em oração relativa	-	1	1
Com o sujeito duplicado após a oração relativa	1	-	1
Total	16/ 70%	7/30%	23

Como se evidencia na tabela 77, o maior emprego do duplo sujeito na fala urbana itabiense ocorre com o uso da pausa (70%), com uma frequência maior (75%) no uso do duplo sujeito *com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome*, como mostram (138) e (139) e com 69% de frequência no uso *com a retomada imediata do SN pelo pronome pessoal*, cf. ilustram (140) e (141).

(138) Inf. infelizmente...**os políticos brasileiros**...e por que não dizer da grande maior/maioria dos países do mundo...**eles** não entram éh/éh...na política visando o bem-estar do outro e sim o bem-estar de si próprio

(139) Inf. {de dez ano...eu dez ano...mulher...era GORda...gorda...gorda...eu conto a Lange...Lange...minha filha...quando eu era pequeninha...eu era gorda...Vlu...**eu** quando...**eu** vejo...uma menina aí...eu me lembro...de mim ((sorriu))...

Doc. {((sorriu))

Inf. que era gorda

(140) Inf. **o mais novo...ele** mora em Aracaju

(141) Inf. **o professor...ele** deve ter esse compromisso...de...éh/éh...de uma forma...éh...procurar...dar a sua contribuição através do conhecimento né?

Pode-se inferir que a análise sobre os dados de duplo sujeito na fala urbana itabiense mostra que o uso deste tipo de construção não atinge todos os grupos de pessoas, restringindo-

se apenas aos jovens universitários. As retomadas do SN são feitas com o uso das 1ª pessoa do singular, 3ª pessoa do singular, predominantemente, e 3ª pessoa do plural. Além dos três tipos de retomadas mencionados por Duarte (1995), houve uma única ocorrência *com o sujeito duplicado após a oração relativa*, cf. exemplo (142).

(142) Inf. olhe...a filha...que ϕ é a mais velha...ela não trabalha

Constatou-se também que a maior ocorrência de duplo sujeito está relacionada ao uso da pausa, predominantemente, em construções *com a presença de elementos intervenientes, interrupção por adjunto, entre o SN e o pronome*, seguidas das construções *com a retomada do SN pelo pronome pessoal*.

Como na fala urbana itabiense predomina o sujeito nulo, o duplo sujeito é pouco produtivo e o uso da duplicação do sujeito com a 1ª pessoa do plural não foi incorporada. Sendo assim, este resultado vai ao encontro da hipótese que foi formulada.

Sintetizando os resultados obtidos

Duplo sujeito

O duplo sujeito é caracterizado como típico de línguas *não-pro-drop* (DUARTE, 1995). Em sua tese, a referida autora procura relacionar este tipo de construção, no PB, ao processo de implementação⁶⁶ da mudança no sentido do preenchimento do sujeito.

Examinando se, no português falado na cidade de Itabi-SE, há esta mesma relação, isto é, se o preenchimento do sujeito supera o uso do sujeito nulo e, em decorrência disto, o duplo sujeito teria um espaço garantido, constatou-se que, como os falantes, no geral, empregam mais o sujeito nulo do que o sujeito preenchido, este tipo de construção não é muito recorrente, totalizando vinte e três ocorrências.

Fazendo uma descrição das ocorrências de duplo sujeito em cada grupo de pessoas, os resultados mostraram que o duplo sujeito não foi encontrado entre o grupo dos homens analfabetos jovens; foi usado com pouca frequência pelos três grupos seguintes: homens

⁶⁶ No sentido de descrever as causas e efeitos de uma dada mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006).

analfabetos com idade acima de 65 anos, uma ocorrência; mulheres analfabetas jovens, uma ocorrência; mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos, três ocorrências, e, o duplo sujeito já se manifesta com uma frequência maior entre os grupos de pessoas universitárias jovens como o das mulheres universitárias jovens, dez ocorrências, e o dos homens universitários jovens, oito ocorrências.

Sintetizando os resultados gerais

Diante das análises expostas, pôde-se evidenciar que, nos resultados gerais do sujeito pronominal, isto é, sem a distribuição dos dados de acordo com faixa etária, grau de escolaridade e sexo, em todos os contextos analisados, o sujeito nulo é a opção preferida pelos falantes urbanos itabienses. Na análise qualitativa, ou seja, investigando as ocorrências de sujeito pronominal entre os grupos de pessoas, seguindo a orientação metodológica estabelecida neste estudo, constata-se que as pessoas mais velhas analfabetas (homens e mulheres), como também os homens analfabetos mais jovens, são grupos de pessoas que resistem ao uso do preenchimento do sujeito. Os resultados aqui apresentados revelaram que a mudança em termos quantitativos e qualitativos, no que diz respeito à realização do sujeito pronominal na cidade de Itabi, manifesta-se, principalmente, entre as mulheres analfabetas jovens, seguidas das mulheres universitárias jovens e, com menos frequência que os dois grupos anteriores, os homens universitários jovens já usam o sujeito preenchido em contextos que seriam propícios ao sujeito nulo.

Na fala urbana itabiense, os principais mecanismos de identificação do sujeito nulo são: a) pela desinência verbal; b) pela ligação do elemento anafórico com o referente que se encontra na oração imediatamente anterior (74%) ou na 2ª oração anterior (57%) ou, ainda, na 3ª oração anterior (67%); c) pela forma verbal flexionada da 3ª pessoa do plural (70%), e, d) pela forma verbal não-flexionada da 3ª pessoa do plural (92%).

O PB é uma língua de sujeito nulo diferente de outras línguas românicas (cf. GALVES, KATO, FIGUEIREDO SILVA, NEGRÃO), já que parece apresentar um sistema de nulos variável e um sistema de identificação que seja, talvez, misto, pois ainda parece haver resquícios de nulos identificados pela concordância e há nulos identificados por meio de correferência com um tópico discursivo.

5. A FALA URBANA ITABIENSE DIALOGANDO COM A FALA DE TRÊS COMUNIDADES RURAIS

Pelo título deste estudo - *A realização variável do sujeito pronominal na fala urbana itabiense*, evidencia-se que se analisa a fala das pessoas de uma zona urbana e não, de uma zona rural. Mas, pelo fato de os resultados sobre a variável sujeito pronominal, na cidade de Itabi-SE, não serem compatíveis com as tendências gerais de estudos realizados sobre a variedade urbana (LIRA, 1982; TARALLO, 1983; LIRA, 1988; DUARTE, 1995), supõe-se que se deva levar em conta o número de habitantes (2.638) como também, as características da cidade e comparar os resultados com outros realizados em comunidades menores como, rurais, por exemplo, na tentativa de encontrar uma explicação.

Itabi, como já foi apresentado na seção 2. *Breves considerações sobre a cidade de Itabi-Sergipe*, é uma cidade razoavelmente pequena, com apenas 2.638 habitantes, que faz com que, apesar de ter adquirido oficialmente o status de cidade desde 25 de novembro de 1953, ainda possua algumas características que se aproximam de uma comunidade rural como: (i) a inexistência de infra-estrutura indispensável em qualquer cidade grande como, por exemplo, semáforo, que orientaria o tráfego de pedestre e automotivo; rodoviária, transporte urbano como ônibus circular ou coletivo, táxi; hospital, supermercado, livraria ou venda de jornal, além de outros; (ii) uma outra característica de Itabi, que não é bem típica de zona urbana, é que, normalmente, grupos de pessoas se reúnem para conversar na frente das casas, sentam-se no chão da calçada ou em cadeiras; (iii) quando algum morador pretende se referir à *parte central da cidade*, a nomeação atribuída a este referente é *rua*⁶⁷. Por exemplo, para perguntas populares e recorrentes como: “cadê papai?”; “você vai pra onde?”; “onde a banda vai tocar hoje?”, são obtidas as seguintes respostas “tá na *rua*”; “vou pra *rua*”; “na *rua*”, respectivamente. Assim, por se assemelhar a uma região não urbana, buscou-se algum estudo que tivesse analisado o sujeito pronominal em uma região rural para ser comparado ao da fala de Itabi e, a partir desse confronto, poder verificar se há, também, alguma semelhança entre os estudos, ratificando, assim, os resultados encontrados na fala dos moradores da cidade de Itabi-SE.

⁶⁷ No estudo de Almeida (2005), coincidentemente, em uma das comunidades rurais, a de Matinha, com a qual o estudo da fala urbana itabiense será comparado, foi encontrada a mesma acepção para a palavra *rua*, cf. exemplo na p. 81, Doc.: e as crianças assim quando geralmente ficam doentes faz o quê? Inf: leva pra rua. Leva pra rua. Essa semana eu tava com um menino doente aqui, eu tive que ir no carro de cinco hora (...). (inf. 2, f, jovem). A autora, fazendo menção ao uso da palavra rua, explica que “levar pra rua”, em Feira de Santana, significa levar para o centro da cidade.

O estudo, com o qual o da fala urbana dialogará, a partir de agora, focalizou o sujeito nulo realizado em três comunidades rurais do interior da Bahia (ALMEIDA, 2005). Isto não quer dizer que outros trabalhos que tenham alguma contribuição a dar fiquem impossibilitados de serem incluídos na discussão. Ou seja, deve-se ressaltar que, na comparação com alguns resultados de Almeida, quando houver necessidade de algum complemento na discussão travada, resultados de outros trabalhos serão inseridos.

Almeida (2005) descreve o sujeito nulo em uma variedade de língua pouco estudada, o português popular falado em comunidades rurais baianas. A autora observa que o tema sujeito nulo é um dos fenômenos mais bem descritos no português do Brasil em variedades urbanas, tanto na modalidade oral quanto escrita, mas não em variedades rurais, sendo esta uma lacuna que precisa ser preenchida para que se chegue a generalizações cada vez mais fíéis sobre o PB.

Os dados que constituem o *corpus* de Almeida (2005) foram distribuídos em três faixas etárias, a saber: 18 – 38 anos → Faixa 1;

39 – 58 anos → Faixa 2;

59 em diante → Faixa 3.

Vale ressaltar que, quanto ao nível de escolaridade, os informantes das comunidades tinham, no máximo, quatro anos, o curso primário. Almeida chama a atenção para o fato de que não foi possível encontrar idosos com mais de dois anos de escolarização.

Dentre as características das três comunidades rurais, aqui estão algumas:

a) As comunidades de Bananal e Barra dos Negros (C1 – BB), remanescentes de quilombos, estão localizadas a 18km a oeste da cidade de Rio de Contas, Chapada Diamantina, Bahia. Esta comunidade é bastante pobre, possuindo, em cada um dos dois núcleos rurais, aproximadamente, 400 habitantes. É a que apresenta os mais baixos índices de escolarização entre as três;

b) A comunidade de Mato Grosso (C2 – MG), de moradores descendentes de portugueses, está situada a 18km de Rio de Contas, no alto da serra, possuindo uma população estimada em 2.000 habitantes⁶⁸;

c) A comunidade de Matinha (C3 – MT) da qual, em períodos anteriores, a grande maioria da população era de afro-descendentes, fica situada no município de Feira de Santana - BA. Alguns dizem que este povoado se originou de um antigo quilombo.

⁶⁸ Informação sobre a população enviada, via e-mail, pela autora.

Nos resultados gerais, ou seja, no conjunto dos dados das três comunidades rurais, Almeida (2005)⁶⁹ identifica os seguintes percentuais de uso do sujeito nulo: de 7.641 ocorrências de sujeito pronominal de referência definida, encontrou 41% de sujeito nulo contra 59% de sujeito preenchido.

Ao analisar o sujeito pronominal específico, Almeida (2005) ressalta que o seu objetivo era o de verificar até que ponto o PB, especificamente a variedade rural, mantém ou não sujeitos nulos referenciais. Os resultados da autora mostram que a 3ª pessoa do singular apresenta os maiores índices de sujeito nulo nas três comunidades, com 51% na C1; 54% na C2 e 59% na C3. A autora alerta para o fato de que “mesmo havendo variação, realmente há ainda nulos específicos em PB” (p. 104) e que a distribuição entre o uso do sujeito nulo e do preenchido nas comunidades foi equilibrada, havendo uma pequena diferença de percentual da C3 para a C1, de oito pontos percentuais e de cinco, em relação à C2. Almeida observa que, especificamente em relação à 3ª pessoa do singular, houve uma nítida preferência pelo sujeito nulo em detrimento do preenchido. Chama a atenção também, em nota de rodapé, para o fato de que o índice de sujeito nulo, identificado pela autora, é maior do que percentuais encontrados por outros pesquisadores em dialetos urbanos.

Almeida (2005), ao discutir a sugestão de Duarte, a seguir, ressalta que, para Duarte (1995), as ocorrências de sujeito nulo identificadas pela concordância são residuais em PB e (citando este trecho de Duarte) “sugerem um período de transição – de língua *pro-drop* para língua *não-pro-drop*” (p. 23). E afirma Almeida (2005: 107)

Concordo com Duarte quando ela diz que parece haver resquícios de sujeitos nulos identificados pela concordância, pois ao cruzar sujeito e morfologia, percebe-se a identificação de *cv*s através desta e tal fato é mais claro na C2 e C3, que apresentam os maiores índices de escolarização, além de não apresentar a mesma história de contato lingüístico. No entanto, acho que o PB, apesar da sugestão encontrada nos dados de Duarte, não esteja deixando de ser uma língua *pro-drop*. Penso que ainda é “cedo” para se fazer tal afirmativa, mesmo que todos os contextos de sujeitos definidos sejam de variação. É necessário, ainda, se fazer mais estudos com as variedades populares, pois ao se levar em consideração dados do tipo que estou apresentando, fica evidenciado que o PB ainda apresenta *cv*s na posição de sujeito. Na verdade, os dados aqui analisados estão mostrando que o PB parece ser de uma língua *pro-drop* diferente das outras línguas românicas, ou *semi-pro-drop*, como já proposto por diversos autores.

⁶⁹ Cumpro esclarecer que a autora incluiu em seus dados, além do sujeito pronominal, também, os sintagmas nominais. Apenas com os sujeitos pronominais, os resultados da fala urbana itabiense serão comparados.

Como se vê, no cômputo geral, Almeida identifica ainda um percentual elevado de nulo (41%), mas, o da fala urbana itabiense (57%), cf. tabela 3, ainda é mais elevado, com uma diferença de 16% pontos percentuais a mais.

Retomando a seguinte parte do trecho de Almeida citado, “No entanto, acho que o PB, apesar da sugestão encontrada nos dados de Duarte, não esteja deixando de ser uma língua *pro-drop*. Penso que ainda é “cedo” para se fazer tal afirmativa, mesmo que todos os contextos de sujeitos definidos sejam de variação” (p. 107), cumpre ressaltar que o estudo sobre a fala dos moradores da pequena cidade de Itabi ratifica tal constatação. No geral, além de os percentuais de sujeito nulo serem elevados na fala urbana itabiense, foi identificado contexto em que não há variação como, por exemplo, a 3ª pessoa do plural, em grupos de falantes analfabetos (homens e mulheres) pertencentes à faixa etária acima de 65 anos, manifestando no referido contexto, um uso categórico de sujeito nulo, índice este que vai de encontro às tendências gerais.

Supõe-se que os percentuais elevados de sujeito nulo se devam ao fato de que esses dois grupos de pessoas quase não têm acesso à mídia, pois, quando entrevistados, informaram que pouco ouvem rádio⁷⁰ e, dos oito informantes que compõem os dois grupos, apenas uma mulher possui televisão. No uso do sujeito pronominal desta informante, foi constatada a maior ocorrência de preenchimento do sujeito dentre os que compõem o seu grupo. Como as outras pessoas que integram os dois grupos não possuem televisão e manifestaram um comportamento que contrasta com o da informante, é possível que a comunicação veiculada pela TV tenha influenciado na produção de sujeito preenchido dessa mulher, pois, como é evidente, a televisão tem um poder muito grande na difusão de padrões de comportamento lingüístico. Outro fator que pode ter contribuído para a manutenção do sujeito nulo na fala dos analfabetos (homens e mulheres) mais velhos é o fato de que essas pessoas pouco mantiveram contatos com pessoas de outras regiões mais urbanizadas, pois muitos se deslocaram de Itabi até Aracaju apenas para fazer uma rápida visita a alguém da família ou em caso de uma necessidade médico-hospitalar.

⁷⁰ Vale informar que os quatro homens analfabetos pertencentes à faixa etária acima de 65 anos não possuem televisão; das mulheres, apenas uma possui; um único homem tem rádio por meio do qual ouve programas de jornalismo, esporte e outras programações variadas; das quatro mulheres, duas possuem rádio, ouvindo uma, raramente, a transmissão da missa e de orações evangélicas e a outra (a que mais usou o sujeito preenchido), além de ouvir programas religiosos, também, tem acesso a programações diversificadas.

A partir de agora, são apresentados nos quadros abaixo resultados do sujeito nulo de referência definida segundo a pessoa gramatical⁷¹ de algumas pesquisas (DUARTE, 1995; ALMEIDA, 2005), que serão comparados com os resultados da fala urbana itabiense, para verificar o que as faixas etárias indicam em relação à direção do processo variável de realização do sujeito pronominal no PB.

Quadro 16 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Duarte (1995) - RJ⁷²

Faixa Etária/ Pessoa Gramatical	Jovens [25 – 35 anos]	Intermediários [36 – 45 anos]	Mais velhos [acima de 46 anos]
1ª pessoa	21%	21%	33%
2ª pessoa	8%	6%	20%
3ª pessoa	29%	35%	50%

Quadro 17 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Duarte (1995) - PE⁷³

1ª pessoa	60%
2ª pessoa	73%
3ª pessoa	73%

Almeida (2005) identifica os seguintes percentuais de sujeito⁷⁴ nulo, juntando-se as ocorrências das três comunidades rurais da Bahia, cf. p. 142-143.

Quadro 18 - Sujeito nulo nas três comunidades rurais – pesquisa de Almeida (2005) - BA

Faixa Etária	
Faixa 1 18 – 38 anos	42%
Faixa 2 39 – 58 anos	37%
Faixa 3 59 em diante	41%

Diante dos resultados de sujeito nulo encontrados em cada faixa etária, Almeida (2005: 143) afirma que

⁷¹ As três pessoas do singular.

⁷² Resultados referentes à fala espontânea, cf. gráfico 3.1., p. 48.

⁷³ Os resultados, “com coordenadas”, referentes ao português europeu, coloquial, não estão distribuídos por faixa etária, cf. tabela 1.1., p. 8.

⁷⁴ Os resultados são referentes somente ao cômputo geral do sujeito pronominal.

O interessante aqui é o fato de que, diferentemente do que outros estudos de orientação variacionista afirmam, parece não haver mudança em curso⁷⁵, em direção ao preenchimento. Ou há um processo de mudança em alguns contextos, mas não em toda a forma de expressão do sujeito nulo.

Agora, serão apresentados os resultados de Almeida de sujeito nulo e pessoa gramatical por faixa etária e por comunidade (cf. p. 152).

Quadro 19 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C1)

Faixa Etária/ Pessoa Gramatical	Faixa 1 18 – 38 anos	Faixa 2 39 – 58 anos	Faixa 3 59 em diante
1ª pessoa	33%	27%	37%
2ª pessoa	0%	0%	50% ⁷⁶
3ª pessoa	60%	44%	53%

Quadro 20 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C2)

Faixa Etária/ Pessoa Gramatical	Faixa 1 18 – 38 anos	Faixa 2 39 – 58 anos	Faixa 3 59 em diante
1ª pessoa	45%	39%	32%
2ª pessoa	20%	0%	0%
3ª pessoa	59%	55%	50%

Quadro 21 - Sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular – pesquisa de Almeida (2005) – BA (C3)

Faixa Etária/ Pessoa Gramatical	Faixa 1 18 – 38 anos	Faixa 2 39 – 58 anos	Faixa 3 59 em diante
1ª pessoa	38%	36%	46%
2ª pessoa	50% ⁷⁷	33% ⁷⁸	0%
3ª pessoa	62%	53%	66%

Ao apresentar os dados de sujeito nulo de referência definida e pessoa gramatical por faixa etária e por comunidade, Almeida ressalta que os jovens⁷⁹ apresentam os maiores

⁷⁵ Em nota de rodapé, Almeida (2005) esclarece que Paiva *et al* (2003) dizem que “o estudo da mudança no tempo aparente está baseado no pressuposto de que diferenças linguísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes. O comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio de língua (...)” (p. 14).

⁷⁶ Vale ressaltar que o percentual de 50% é baseado em duas ocorrências, sendo uma de sujeito nulo.

⁷⁷ Cumpre informar que o percentual de 50% é baseado em quatro ocorrências, sendo duas de sujeito nulo.

⁷⁸ Vale ressaltar que o percentual de 33% é baseado em seis ocorrências, sendo duas de sujeito nulo.

⁷⁹ No entanto, em (C3), o maior índice está com o grupo mais velho.

índices de sujeito nulo na 3ª pessoa do singular nas três comunidades, 60% (C1); 59% (C2) e 62% (C3), e, em decorrência destes resultados encontrados, a referida autora (2005: 153) afirma que

Apesar dos jovens fazerem mais uso de um mecanismo de identificação da **cv** que leva em conta um referente externo, todos o usam, como também todos fazem uso da identificação do sujeito nulo via morfologia. Isso pode indicar que um mecanismo de identificação não foi substituído por outro, já que em alguns contextos esse mecanismo é a flexão e em outros é através da correferência com um antecedente, mesmo que os informantes da C1, principalmente os mais velhos, o façam, via flexão, de forma mais restrita, já que o paradigma usado por eles é um pouco mais reduzido.

Nos quadros 22 e 23, estão os resultados correspondentes às três pessoas gramaticais do singular, distribuídos por faixas etárias, da fala dos moradores da cidade de Itabi-SE para se fazer um estudo comparativo com os resultados de Duarte (1995) e de Almeida (2005).

Quadro 22 - Percentuais de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular na fala dos moradores mais jovens da cidade de Itabi-SE

FAIXA ETÁRIA [20 – 49 anos]			
	Pessoas Gramaticais		
	1ª p.s.	2ª p.s. ⁸⁰	3ª p.s.
Homens analfabetos	65%	-	71%
Mulheres analfabetas	46%	10%	45%
Mulheres universitárias	42%	-	73%
Homens universitários	45%	-	78%

Em relação à faixa etária correspondente às pessoas mais jovens, percebe-se que, na 3ª pessoa do singular, com exceção das mulheres analfabetas, os demais grupos sociais empregam predominantemente o sujeito nulo. Os índices variam de 71% a 78%, sendo este último referente aos homens universitários. Evidencia-se no quadro acima que, dos quatro grupos de pessoas jovens, os homens analfabetos são os únicos que usam com predominância o sujeito nulo na 1ª pessoa do singular. Assim, na 1ª pessoa do singular, prevalece o preenchimento do sujeito no uso das mulheres analfabetas, universitárias como também dos homens universitários.

⁸⁰ O sinal (-) marcado para a 2ª p. s. nos quadros 22 e 23 indica que houve, apenas, entre uma e duas ocorrências de sujeito pronominal.

Quadro 23 - Percentuais de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais do singular na fala dos moradores mais velhos da cidade de Itabi-SE

FAIXA ETÁRIA [acima de 65 anos]			
	Pessoas Gramaticais		
	1ª p.s.	2ª p.s.	3ª p.s.
Homens analfabetos	42%	42%	78%
Mulheres analfabetas	48%	-	72%

Quanto à faixa etária correspondente às pessoas mais velhas, os resultados revelam que há uma aproximação no uso por parte dos homens e das mulheres, em relação à 1ª e 3ª pessoa do singular. Na 1ª pessoa, ambos empregam o sujeito preenchido preferencialmente. E, na 3ª pessoa, empregam predominantemente o sujeito nulo, sendo 72% para as mulheres analfabetas e 78% para os homens analfabetos.

Comparando os percentuais obtidos nas duas faixas etárias, evidencia-se que, com exceção das mulheres analfabetas mais jovens, os demais grupos de pessoas jovens, cf. quadro 22, e os dois grupos de pessoas mais velhas, cf. quadro 23, empregam o sujeito nulo na 3ª pessoa do singular com índices que variam de 71% a 78%.

Em relação à 1ª pessoa do singular, pode-se inferir que, com exceção dos homens analfabetos mais jovens, cf. quadro 22, e das mulheres analfabetas mais velhas (pois apresentam um percentual equilibrado, cf. quadro 23), os demais grupos de pessoas estão priorizando o preenchimento do sujeito.

Pode-se estabelecer uma comparação aproximada entre as duas **faixas etárias** [25 – 35 anos] e [36 – 45 anos], consideradas por Duarte, e a [20 – 49 anos] da fala urbana itabiense. Os resultados mostram uma diferença considerável no uso do sujeito nulo dos falantes urbanos itabienses e os do Rio de Janeiro. Comparando a faixa etária [acima de 46 anos], do estudo de Duarte, com a da fala urbana itabiense [acima de 65 anos], também, percebe-se que não há uma equivalência no uso do sujeito nulo, pois os usos de cada região estão muito distantes. No entanto, quanto aos resultados mostrados por Duarte (1995) sobre o PE, percebe-se que há grandes semelhanças.

Em relação aos resultados de Almeida (2005) comparados aos da fala urbana itabiense, verifica-se que os percentuais de uso correspondentes às pessoas gramaticais do singular se aproximam, sendo, ainda, principalmente em relação à 3ª pessoa, os índices manifestados na fala urbana itabiense um pouco mais elevados.

Almeida (2005) verificou a ocorrência de sujeito nulo quando o verbo está na 3ª pessoa do singular independentemente do sujeito, ou seja, se é de 2ª p.s.; de 3ª p.s.; de 1ª p.p. (nós ou a gente); de 2ª p.p.; de 3ª p.p.; independentemente do tipo de sujeito, se específico ou arbitrário, e, também, com o verbo e sujeito na 3ª pessoa do singular, encontrando os seguintes percentuais nas três comunidades:

Tabela 78 - Percentuais de sujeito nulo quando o verbo está na 3ª pessoa do singular independentemente do sujeito e com o verbo e sujeito na 3ª pessoa do singular – nas três amostras

COMUNIDADE/SUJEITO NULO	Sujeito nulo com verbo na 3ª pessoa do singular independentemente do sujeito	Sujeito nulo com sujeito e verbo com traços de 3ª pessoa do singular
	Só os pronominais	Só os pronominais
C1 - BB	44%	62%
C2 - MG	48%	63%
C3 - MT	58%	69%

Adaptada de Almeida (2005:96)

A autora esclarece que, com as formas verbais que não apresentam marcas morfológicas de pessoa nem de número, esperava-se que houvesse, categoricamente, sujeito preenchido. No entanto, os percentuais encontrados são suficientes para que se possa afirmar que estes contextos ainda abrigam sujeitos nulos e que estes não são mais identificados pela flexão, já que, como foi dito acima, não há marcas morfológicas para identificá-los. Almeida (2005), ainda comentando os seus resultados, chama a atenção para o fato de que, na ausência da flexão, a identificação é feita via ligação do sujeito nulo com um sujeito pronominal correferencial ou com um antecedente topicalizado, não necessariamente localizado na oração precedente. Assim, conclui a autora, apesar de haver um verbo com morfologia de [– número] e [– pessoa], o sujeito nulo é identificado, porque os sujeitos são correferentes, isto é, o referente do sujeito nulo encontra-se na oração imediatamente anterior ou porque está relacionado com um tópico discursivo.

Ao se levar em consideração todos os dados do sujeito, isto é, inclusive os genéricos, cf. tabela 1, para que se tenha uma visão geral do uso do sujeito nulo, os resultados da fala urbana itabiense demonstram que os maiores percentuais de sujeito nulo se encontram, primeiramente, na 3ª pessoa do plural (80%) e do singular (71%), seguidas da 1ª pessoa do plural (53%) e do singular (51%).

Verificando, a seguir, mais especificamente cada tipo de sujeito, ou seja, específico de referência definida, específico de referência indefinida e genérico, são investigadas as pessoas gramaticais dos tempos verbais que não explicitam as marcas de pessoa.

Pessoas gramaticais não-explicitas nas desinências verbais

Como foi exposto na subseção 1.2 *Definição e emprego do sujeito pronominal segundo a tradição gramatical*, Rocha Lima (2006) justifica a elipse do sujeito pronominal na língua portuguesa por serem explícitas as desinências verbais. Apenas quando o sentido não distingue, isto é, nas formas da 1ª e 3ª pessoas do singular do imperfeito, e do mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; presente, imperfeito e futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal, o autor sugere a expressão do sujeito para evitar a ambigüidade. Desta maneira, espera-se encontrar um percentual mais elevado de sujeito preenchido em todos os tempos verbais mencionados e nas pessoas gramaticais nas quais a forma verbal coincide.

A tabela 79 apresenta os resultados encontrados na fala urbana itabiense.

Tabela 79 - Sujeito pronominal específico: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal

TEMPO VERBAL	PESSOA GRAMATICAL							
	EU		VOCÊ		ELE/ELA		A GENTE	
	S. N. ⁸¹	S. L. ⁸²	S. N.	S. L.	S. N.	S. L.	S. N.	S. L.
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Pret. imperfeito (ind)	34/ 44%	43/ 56%	1	1	22/ 58%	16/ 42%	-	1
Infinitivo pessoal	17/ 85%	3/ 15%	-	2	2	2	-	-
Fut do pret	-	2	-	-	-	-	-	-
Pret. imperf (subj.)	-	-	-	-	1	-	-	-
Fut. (subj.)	-	1	-	2	1	-	-	-
Pres. (subj.)	-	-	-	-	1	-	-	-
Total	51	49	1	5	27	18	-	1

Apesar de os tempos verbais e as pessoas gramaticais examinadas serem favorecedoras do sujeito preenchido, a tabela mostra que os falantes urbanos itabienses empregam mais o sujeito nulo (79 ocorrências) do que o preenchido (73 ocorrências). Usam, preferencialmente, o sujeito nulo com a 1ª pessoa do singular do infinitivo pessoal (85%) e a 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo (58%). Já com a 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito (indicativo) o resultado revelou uma tendência ao uso do sujeito preenchido. A questão que se pode formular é: por que se usa em uma mesma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo o sujeito nulo com a 3ª pessoa do singular e o sujeito preenchido com a 1ª pessoa do singular? Talvez a resposta para o uso do sujeito nulo com a 3ª pessoa do singular esteja no referente do elemento anafórico, conforme afirma Duarte (1995). As análises realizadas na fala urbana itabiense confirmam o que Duarte postula, pois, quando o sujeito é o mesmo que o da oração anterior, o sujeito nulo é a variante preferida, com 77% (cf. tabela 25).

Outro dado que se mostra condicionante do sujeito nulo é a 1ª pessoa do singular do infinitivo pessoal (85%). Como praticamente não houve ocorrência com a 3ª pessoa do singular, não se pode estabelecer uma análise comparativa entre a 1ª e 3ª pessoa do singular.

Cumpram-se para o fato de que, mesmo no resultado que favoreceu o sujeito preenchido, a 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, ainda se observa um

⁸¹ Sujeito Nulo

⁸² Sujeito Lexicalizado

número razoavelmente considerável no uso de sujeito nulo (44%), apesar da não existência de marca morfológica de pessoa.

Como se dá a realização do sujeito pronominal específico indefinido e do genérico nas pessoas gramaticais e tempos verbais referidos?

As tabelas 80 e 81 demonstram os resultados.

Tabela 80 - Sujeito pronominal específico indefinido: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal

TEMPO VERBAL	PESSOA GRAMATICAL			
	ELE/ELA		A GENTE	
	S. N.	S. L.	S. N.	S. L.
	N/%	N/%	N/%	N/%
Pret. imperfeito (ind)	3/ 100%	-	7/30%	16/ 70%
Infinitivo pessoal	-	-	4	3
Pret. imperfeito (subj.)	-	-	1	-
Pres. (subj.)	-	-	-	1
Total	3	-	12	20

A 1ª pessoa do plural, *a gente*, do pretérito imperfeito do indicativo do sujeito específico indefinido propicia o uso do sujeito preenchido.

Vale ressaltar que 20 ocorrências foram registradas com o sujeito preenchido e 15, com o sujeito nulo. Como nessas pessoas gramaticais dos tempos referidos coincide a forma verbal, então, esperava-se um uso menor de sujeito nulo do que o expresso, o que não se verificou.

Tabela 81 - Sujeito pronominal genérico: Cruzamento de pessoa gramatical com tempo verbal

TEMPO VERBAL	PESSOA GRAMATICAL					
	VOCÊ		ELE/ELA		A GENTE	
	S. N.	S. L.	S. N.	S. L.	S. N.	S. L.
	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%	N/%
Pret. imperf (ind)	1	1	-	-	-	-
Infinitivo pessoal	-	3/100%	-	1	-	3/100%
Pret. imperf (subj.)	-	-	1	-	-	-
Fut. (subj.)	-	1	-	-	-	-
Pres. (subj.)	-	-	1	1	-	-
Total	1	5	2	2	-	3

Em relação ao sujeito genérico com os tempos verbais que propiciam o preenchimento do sujeito nas pessoas gramaticais em que coincidem as formas verbais, verifica-se que, das 13 ocorrências, 10 foram realizadas com o sujeito preenchido. Este uso corresponde às expectativas propostas.

Devido a estes processos de identificação diferentes, isto é, que a identificação do sujeito nulo pode ser feita via flexão verbal ou, na ausência de marcas morfológicas, por meio da correferencialidade (o referente do sujeito nulo encontra-se na oração imediatamente anterior), Almeida (2005) afirma que há, hoje, em relação ao PB, duas grandes discussões dentro dos estudos que tratam do sujeito nulo.

A primeira é se há ainda a categoria vazia na posição de sujeito na gramática ‘ativa’ ou se são meros ‘resíduos’ de gramáticas anteriores. A segunda discussão, dentre aqueles que acreditam que o PB é ainda *pro-drop*, se dá em torno da forma ou formas de licenciamento e identificação da categoria vazia sujeito.

Existem alguns autores (TARALLO, 1996; DUARTE, 1995) que acreditam que o PB está deixando de ser uma língua *pro-drop*.

Tarallo (1996)⁸³ foi um dos primeiros pesquisadores a chamar a atenção para o fato de que, diferentemente do português europeu, o português brasileiro sofreu uma grande reversão em suas estratégias de pronominalização ao final do século XIX, abrindo espaço para sujeitos lexicais e objetos nulos. Tarallo (1996: 51) afirma que

⁸³ Essas idéias de Tarallo já aparecem em sua Tese de Doutorado (1983).

enquanto o PB favorece o preenchimento da posição de sujeito em detrimento da posição de objeto, o PE favorece a retenção dos clíticos (objetos diretos preenchidos) à expensa dos sujeitos. Em outras palavras, uma pergunta como (10) abaixo, na qual dois tópicos conversacionais são introduzidos em sequência, um na posição de sujeito e o outro na posição de objeto, seria respondida diferentemente por falantes dos dois dialetos. O falante do PB muito provavelmente reteria uma forma pronominal na posição de sujeito e apagaria o objeto; em oposição, o falante do PE muito provavelmente deixaria o sujeito vazio e preencheria a posição de objeto.

(10) Paulo viu Maria ontem?

(11) Sim, *ele* viu (e⁸⁴). (SUJEITO PREENCHIDO/OBJETO VAZIO = PB)

(12) Sim, (e) *a* viu. (SUJEITO VAZIO/OBJETO PREENCHIDO = PE)

Para se ter uma visão do fato de que, no PB, enquanto o objeto direto está se esvaziando, o sujeito está se tornando preenchido, Tarallo (1996), cf. quadro 24, mostra os seguintes percentuais da retenção pronominal.

Quadro 24 - Porcentagem da retenção pronominal no sujeito e objeto direto - Tarallo (1996)

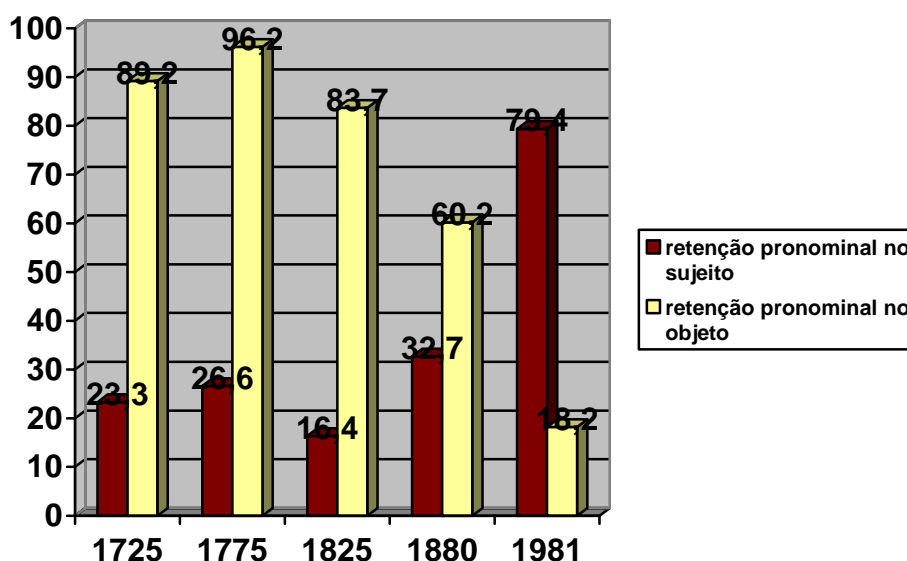
TEMPO/ FUNÇÃO	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Adaptado de Tarallo (1996:84)

Com o intuito de proporcionar uma visualização mais ampla do aumento gradual na retenção do pronome na posição de sujeito e da perda do pronome na posição de objeto, os dados da tabela acima serão transformados em gráfico.

⁸⁴ (e) = empty = vazio.

Gráfico 58 - Porcentagem da retenção pronominal no sujeito e objeto direto - Tarallo (1996)

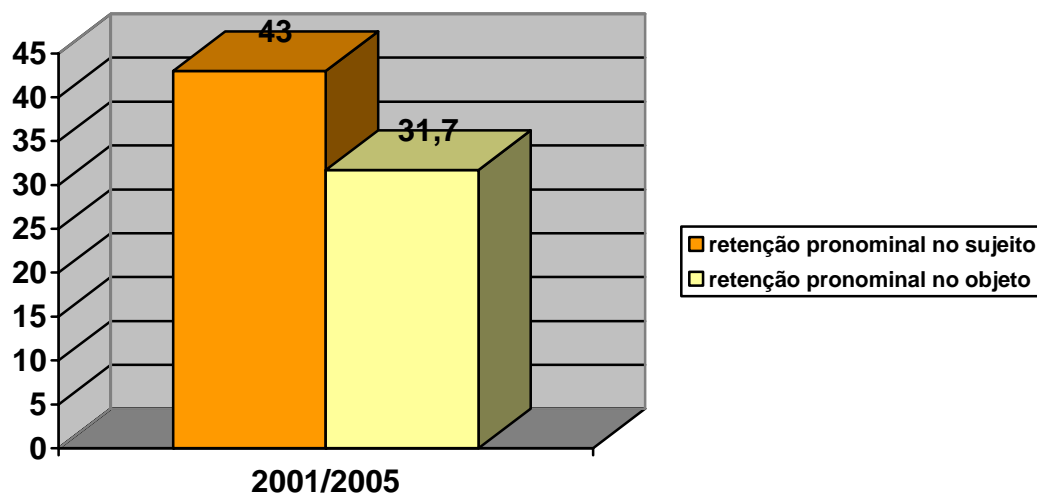


No gráfico acima, constata-se uma mudança de hierarquia da retenção pronominal que passa de objeto direto > sujeito para sujeito > objeto direto.

Duarte (1995), como já foi dito em seção anterior, também faz uma pesquisa em tempo real, ou seja, de caráter diacrônico, e encontra resultados, cf. gráfico 1, que confirmam os de Tarallo, pois mostram a perda gradual do sujeito nulo, que apresentava, em 1845, 80% de esvaziamento do sujeito e, em 1992, apenas 26% de sujeito nulo. Isto quer dizer que, de 20% de retenção pronominal na posição de sujeito, passou para 74%, nos respectivos anos.

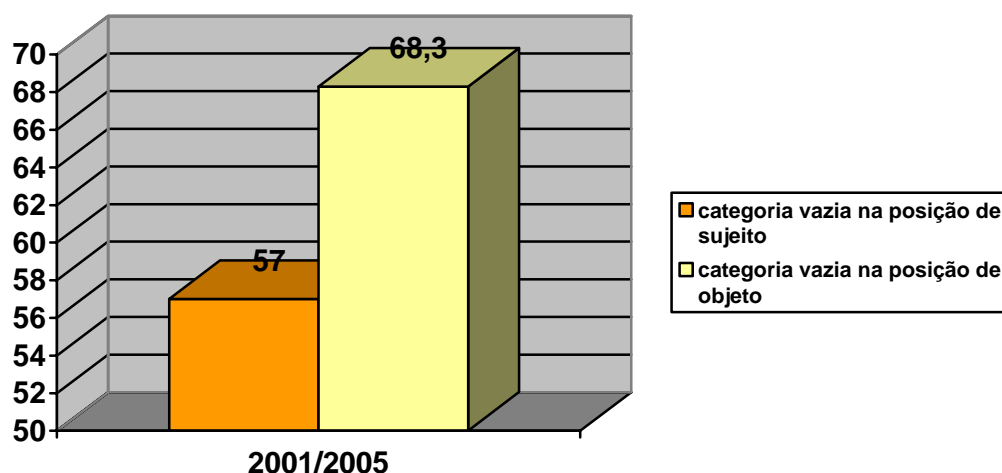
É interessante salientar que, em relação ao estudo de Tarallo (1996) sobre a perda gradual da retenção pronominal na posição de objeto, Matos (2005) identificou em seus resultados da pesquisa - *A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses*, também, percentuais elevados no uso do objeto nulo (68,3%) contra 31,7% de objeto preenchido, corroborando, assim, os resultados encontrados por Tarallo (1996). Porém, o comportamento inverso que está ocorrendo em variedades urbanas do PB, - simultaneamente esvaziamento pronominal na posição de objeto direto e maior retenção pronominal na posição de sujeito - não está acontecendo com o português falado na cidade de Itabi-SE, pois, tanto o esvaziamento pronominal na posição de objeto quanto na posição de sujeito continuam prevalecendo sobre o preenchimento dos referidos fenômenos lingüísticos, como mostra o gráfico 59.

Gráfico 59 - Percentuais da retenção pronominal na fala de Itabi-SE⁸⁵



Como se constata no gráfico acima, a retenção maior ocorre em relação ao sujeito pronominal, mas o processo de preenchimento do sujeito não está em um estágio tão avançado se forem considerados os percentuais de Tarallo (1996) do ano de 1981 (79,4%) e os de Duarte (1995), cf. gráfico 1, do ano de 1992 (74%). Assim, na fala urbana itabiense, predominantemente, há esvaziamento tanto na posição de objeto quanto na posição de sujeito, cf. gráfico 60.

Gráfico 60 - Percentuais das categorias vazias sujeito e objeto na fala de Itabi-SE



Figueiredo Silva (1996), que trata da posição do sujeito no português brasileiro, ressalta que o sujeito nulo ainda existe na gramática do PB, “mas que a falta do traço de

⁸⁵ Vale esclarecer que, em 2001, foram coletados os dados dos informantes analfabetos e, em 2005, dos informantes escolarizados.

pessoa na morfologia verbal torna impossível, fora do contexto, um sujeito nulo com interpretação definida” (p.137). A autora identifica, em sua pesquisa, alguns casos de sujeito nulo em encaixada com referência definida e também sem um correferente na oração anterior, construções estas que, para Figueiredo Silva, são ou muito marginais ou agramaticais em PB, como ilustra (143).

(143) *A Maria disse que **cv**; vendi o carro.

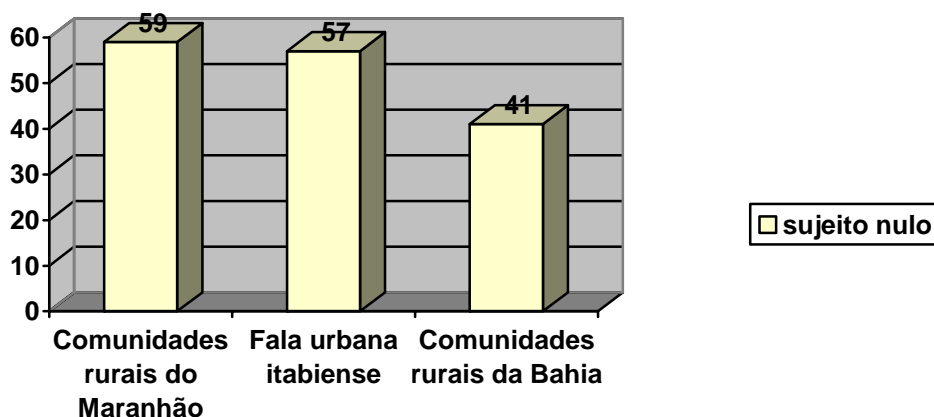
No entanto, segundo a autora, é possível ainda encontrar sujeito nulo em contextos apropriados, como em orações matrizes ou em encaixadas com sujeitos que possuam dependência referencial, como em (144)

(144) Eu_i, A Maria disse que **cv**; vendi o carro muito caro.

Os resultados de Cunha (2003)⁸⁶ sobre o uso do sujeito pronominal nas comunidades rurais do Maranhão, apresentados por Almeida (2005), são: 59% de sujeito nulo de referência definida contra 41% de sujeito preenchido.

Como se evidencia, o percentual de sujeito nulo (59%) identificado nas comunidades do Maranhão é mais elevado do que o encontrado na fala urbana itabiense, 57% de sujeito nulo contra 43% de preenchido, e do que os de Almeida (2005), 41% de sujeito nulo contra 59% de sujeito preenchido. O uso do sujeito nulo dos moradores de Itabi está mais próximo do emprego do nulo nas comunidades rurais do Maranhão, cf. gráfico a seguir.

⁸⁶ Almeida (2005), em nota de rodapé, observa que como o tema sujeito nulo não é muito trabalhado com amostras de fala rural, só teve acesso a uma única pesquisa (CUNHA, 2003), que trata deste tema, tendo por base amostras de fala de pessoas da zona rural do Maranhão, especificamente de comunidades quilombolas. Cumpre acrescentar que não tive acesso a este estudo pelo fato de ter sido descoberto já próximo à finalização da minha pesquisa.

Gráfico 61 - Percentuais de sujeito nulo em pequenas comunidades

Almeida (2005) chama a atenção para o fato de que, embora a flexão não mais identifique sujeitos nulos como em outros momentos da história do PB, ainda os licencia. Observa que, certamente, na formação do PB, principalmente do Português Popular Brasileiro (doravante PPB), formas morfológicas foram reduzidas, o que levou a uma diminuição do sujeito nulo e a uma reestruturação do sistema de licenciamento e identificação dos sujeitos nulos⁸⁷, o que levou o PB a ser uma língua de sujeito nulo parcial ou uma língua ‘*semi-pro-drop*’. A referida autora supõe ser possível que os motivos que levaram ao preenchimento nas variedades urbanas e rurais não tenham sido os mesmos, o que, ressalta Almeida, poderia explicar, talvez, as diferenças de comportamento existentes hoje.

Almeida (2005: 159-160), comentando sobre a direção do processo que envolve o uso da variante sujeito nulo, afirma que,

Pelos resultados quantitativos, não se pode dizer que essa variante esteja caminhando em direção ao preenchimento categórico da posição de sujeito, pois são os jovens que apresentam os maiores índices de *cvs*. Pode-se dizer que ela permanece, de certa forma, estável, ao se levar em consideração a distribuição por geração. (...) Ficou evidenciado também que parece não haver um único mecanismo de identificação das categorias vazias na posição de sujeito. Essa identificação parece ser realizada, às vezes, através da flexão, o que pode ser um resquício de uma gramática anterior ou uma aquisição periférica, e, na maioria das vezes, é recuperado por algum tipo de ligação com elementos, preferencialmente, em sentenças anteriores ou através de um tópico discursivo que pode estar mais alto.

⁸⁷ Apesar da manutenção de alguns contextos de identificação via flexão.

Quanto ao fator sexo, Almeida (2005) informa que não houve grandes diferenças entre o comportamento de homens e mulheres, destacando que, na C2, houve uma sutil diferença, pois os homens apresentaram um índice de sujeito nulo levemente maior, 47% contra 36% das mulheres.

Cunha (2003), trabalhando com dialetos rurais do Maranhão, observa que há mais nulos quando as comunidades são mais isoladas, sendo os jovens os que mais fazem uso da categoria vazia, demonstrando assim que não está havendo uma mudança gramatical de uma geração para outra, ou mudança em curso. Cunha (2003) alega que o maior uso do sujeito nulo pelos jovens deve-se ao fato de eles representarem a faixa mais escolarizada das comunidades. Almeida (2005) expõe as suas dúvidas em relação a essa influência da escolarização no uso maior do sujeito nulo, porque, em seus dados, a escolaridade não influenciou de forma significativa no maior ou menor uso de nulos. Abaixo, estão os resultados de Almeida (2005) sobre o sujeito nulo de referência definida.

Na C1, analfabetos: 36%

4º ano primário: 40%

Na C2, analfabetos: 40%

alfabetizados: 41%

Na C3, analfabetos: 46%

alfabetizados: 42%

Na comunidade 3, como houve uma inversão, a autora observa que é “mais um motivo para não mais se levar em consideração a ‘hipótese’ sobre a influência da escolarização no uso de nulos como um todo” (p. 156).

Abaixo estão expostos os resultados de uso do sujeito nulo de referência definida dos moradores da cidade de Itabi-SE, distribuídos de acordo com a escolaridade, a idade e o sexo (fatores sociais analisados). Vale ressaltar que, ao analisar os dados por grupo de pessoas, sem sobreposição de categorias, esta divisão proporciona uma visão panorâmica das variantes usadas pelos analfabetos e escolarizados (formação universitária); pelos mais jovens e mais velhos, e, pelos homens e pelas mulheres.

Homens mais jovens analfabetos: 66%

Homens mais velhos analfabetos: 66%

Mulheres jovens analfabetas: 43%

Mulheres mais velhas analfabetas: 58%

Mulheres jovens universitárias: 48%

Homens jovens universitários: 55%

Diante dos resultados encontrados, pode-se depreender que, com exceção das mulheres jovens analfabetas, são os falantes analfabetos (homens e mulheres) os que mais produzem o sujeito nulo e que são as mulheres jovens (analfabetas e universitárias) que estão liderando a mudança, isto é, que estão preenchendo mais o sujeito, sobretudo as analfabetas.

Foi considerado o conjunto dos dados do sujeito específico de referência definida para verificar, no total de ocorrências, qual fator social – escolarização, sexo, idade - influenciaria mais no uso do sujeito nulo. Os resultados revelaram que as mulheres⁸⁸ empregam 50% de sujeito nulo, os homens⁸⁹, 63%; os mais jovens empregam 54% e os mais velhos, 62%; os analfabetos usam 59% de sujeito nulo e os escolarizados, 51%. Sendo assim, pode-se inferir que os fatores sociais que mais atuam na preservação do sujeito nulo na fala da cidade de Itabi são: o sexo masculino (63%), a faixa etária [acima de 65 anos] (62%) e os não-escolarizados (59%).

Nos dois estudos em comparação, o de Almeida (2005) e o da fala urbana itabiense, o que se observa é que os analfabetos da cidade de Itabi também empregam mais o sujeito nulo do que os escolarizados e que o percentual, bem mais elevado do que os encontrados por Almeida, beira os 60%.

No quadro 25, são apresentados os resultados de estudos referentes ao traço semântico do antecedente do sujeito para serem comparados com os da fala urbana itabiense.

⁸⁸ Vale ressaltar que Duarte (1995) encontrou na fala espontânea (informantes universitários) do Rio de Janeiro 25% de sujeito nulo no uso das mulheres.

⁸⁹ Na fala espontânea do Rio de Janeiro, Duarte (1995) identificou 34% de sujeito nulo no uso dos homens.

Quadro 25 - Frequência do sujeito nulo de referência definida em alguns estudos segundo a animacidade

PESQUISAS	TRAÇO SEMÂNTICO DO ANTECEDENTE	
	[- animado]	[+ animado]
ALMEIDA (2005) – BA	74% (C1); 89% (C2); 96% (C3)	42% (C1 e C2); 47% (C3)
DUARTE (1995) – RJ	44%	32% ⁹⁰
DUARTE (1995) – PE	93%	69%
MATOS (2009) – SE	92%	66%

Almeida (2005), ao comparar os seus resultados com os de Duarte (1995), aponta para os seguintes fatos: (i) nas três comunidades rurais, os percentuais de sujeito nulo são bem maiores do que os encontrados por Duarte; (ii) o comportamento das comunidades rurais é muito próximo ao que ocorre no PE, pois, explicando Almeida, com exceção da C1, os índices foram próximos ou acima de 90%, afirmando, em nota de rodapé, que estes índices se aproximam do índice encontrado por Lira (1982), 93%.

As duas observações feitas, acima, por Almeida (2005) sobre a animacidade do sujeito são confirmadas, também, na fala urbana itabiense.

Quanto à correferência do sujeito, os resultados de Duarte (1995) – RJ mostram que, na fala espontânea do Rio de Janeiro, as pessoas usam 32% de sujeito nulo quando há correferência e 12% quando o sujeito não é correferente.

Almeida (2005), que apresentou o resultado já realizando o cruzamento da correferencialidade com tipos de oração, aponta para o número reduzido de sujeito nulo (de referência definida) quando não há correferencialidade: 9% (C1); 10% (C2) e 8% (C3) nas relativas; 13% (C1); 8% (C2) e 30% (C3) nas raízes; 0% (C1); 14% (C2) e 13% (C3) nas adjuntas; 12% (C1); 13% (C2) e 23% (C3) nas completivas. A referida autora, concluindo sobre os reduzidos percentuais de nulo encontrados em orações não-correferentes, afirma que “nem sempre o antecedente da *cv* vem na sentença anterior” (p. 132).

Dos tipos de oração que possuem sujeitos correferentes, o sujeito nulo mostrou-se mais produtivo, nas três comunidades, com as orações relativas: 89% (C1); 86% (C2) e 93% (C3) de sujeito nulo. Almeida observa que, nas outras orações, essa relevância não foi muito grande, apesar de ser razoável nas completivas, com o percentual de 50% de sujeito nulo na comunidade 1.

⁹⁰ O emprego de 68% indica um favorecimento amplo do sujeito preenchido.

Considerando todos os tipos de oração, os falantes urbanos itabienses empregam, preferencialmente, o **sujeito nulo** (77%), **quando o sujeito é o mesmo que o da oração anterior**, como mostra (145), e, **usam, também, o sujeito nulo** (61%), **quando o sujeito da oração anterior é diferente**, como mostram (146) e (147).

- (145) Inf. se *o banheiro* está sujo ou se ϕ está limpo...entendeu?
(Rapaz de 29 anos, universitário)

- (146) Inf. e ϕ tinha gado...e aí os bandido tomam conta e ϕ mandam recado ϕ pedindo que *era pra ele* mandar dinheiro...que *ele* disse que ϕ num mandava...e ϕ ⁹¹pegava o gado e ϕ matava...
(Mulher de 90 anos, analfabeta)

- (147) Doc. Ah Minuca...não...num sei quem é não...então
Inf. *você* sabe quem ϕ é...que *ele* é...gen/cunhado de Domingo
(Homem de 91 anos, analfabeto)

No exemplo 146, o referente do sujeito da oração anterior, *em itálico*, é o pai da informante (o fazendeiro) e o sujeito da oração não-correferente é o bandido. É ele que pegava o gado e matava. Então, como se vê, os sujeitos não são iguais e, mesmo assim, o sujeito não-correferente é nulo. Em 147, o sujeito da oração precedente é *você* e da subsequente é *ele*. Assim, os dois são diferentes e o não-correferente é nulo também.

Em relação à oração relativa, quando o sujeito é correferente, isto é, quando o sujeito possui o mesmo referente que o da oração anterior, os falantes urbanos itabienses usam 100% de sujeito nulo, cf. tabela 53. Ou seja, neste contexto, não houve variação.

Cumpramos salientar que, constata-se, no estudo sobre a fala urbana itabiense, uma tendência à redução ao emprego do sujeito nulo em contexto não-correferente.

Quanto à distância entre o elemento anafórico e o seu antecedente⁹², como já foi demonstrado na tabela 32, os falantes urbanos itabienses empregam o sujeito nulo desde quando o referente está na oração precedente (74%), na 2ª oração anterior (57%), na 3ª oração anterior (67%)⁹³ até quando o referente se encontra mais distante ainda, como entre quatro e

⁹¹ Cumpramos observar que, em uma sentença como a ilustrada, se o interlocutor não estiver atento ao diálogo, provavelmente, terá dificuldade de captar, de imediato, os sentidos transmitidos pelo texto oral.

⁹² Este fator discursivo não foi investigado por Duarte (1995) nem por Almeida (2005).

⁹³ O percentual de uso não corresponde às expectativas, pois é um percentual mais elevado do que quando o referente se encontra mais próximo.

sete orações anteriores (25%), salientando que as análises mostram que existe uma relação discursivo-textual entre o elemento anafórico e o seu referente: (a) o referente mais próximo do anafórico corresponde à realização maior do sujeito nulo (74%); (b) o referente mais distante do anafórico corresponde à realização maior do sujeito lexicalizado (75%).

Almeida (2005: 141-142), abordando os contextos lingüísticos de variação do sujeito pronominal afirma que

Uma questão observada é a de que parece haver ainda sujeitos nulos identificados pela concordância. No entanto, esse não é mais o principal mecanismo de identificação das categorias vazias em posição de sujeito, pois a mesma é feita em diversos contextos através da ligação da categoria vazia com um elemento, principalmente, da sentença anterior ou através de um tópico em contextos mais altos. Assim, apesar dos dados com o sujeito de referência definida nos levarem a pensar que há muitas restrições no uso do sujeito nulo em PB, no que diz respeito a duas das três pessoas do discurso (1ª e 2ª), tenho razões para crer, não só por conta dos percentuais, que o PB é uma língua de sujeito nulo diferente de outras línguas românicas (cf. Galves, Kato, Figueiredo Silva, Negrão).

Quanto ao tempo verbal, Almeida (2005) observa que não se mostrou um dos contextos mais relevantes na atuação do sujeito de referência definida.

Os percentuais de sujeito nulo (do estudo de Almeida) apresentados aqui estão na ordem de maior favorecimento para o menor nos tempos verbais.

Pretérito perfeito: 45% (C1); 45% (C2) e 51% (C3)

Presente: 33% (C1); 39% (C2) e 41% (C3)

Locuções verbais: 36% (C1); 41% (C2) e 47% (C3)

Pretérito imperfeito do indicativo: 40% (C1); 36% (C2) e 42% (C3)

A mencionada autora esclarece que os tempos do subjuntivo, apesar de poucos dados, foram os que apresentaram os mais altos índices de preenchimento.

Os resultados da fala urbana itabiense são comparados aos de Almeida (2005), para verificar se há alguma semelhança nos percentuais. Aqui estão os tempos verbais de maior favorecimento ao sujeito nulo:

Pretérito perfeito: 65%

Presente: 53%

Locuções verbais: 50%

Pretérito imperfeito do indicativo: 50%

Como se vê, os percentuais de uso do sujeito nulo dos falantes urbanos itabienses ainda são mais elevados, embora a hierarquia dos tempos verbais se mantenha a mesma.

Duarte (1995), nos dados de fala espontânea, ressalta que o pretérito perfeito (39%) foi o tempo que mais favoreceu o sujeito nulo, seguido do pretérito imperfeito (27%) e do presente (26%).

Almeida (2005) ressalta que, ao examinar o tipo de verbo com o sujeito de referência definida e arbitrária, não obteve resultados relevantes, pois havia um equilíbrio entre o número de nulos para os vários tipos de verbo. A autora faz uma ressalva quanto ao verbo *ser*, de ligação, que se mostrou influenciador, na faixa jovem, com 56% de sujeito nulo, na C3; 51%, na C2, e, 44%, na C1. Almeida chama a atenção para o fato de que o tipo de verbo exerceu uma influência um pouco maior com os sujeitos de referência arbitrária do que com os de referência definida. Acrescenta que, a exemplo do que aconteceu com os de referência definida, o verbo *ser*, também, foi o que mais favoreceu o sujeito nulo.

Na fala urbana itabiense, no resultado geral de sujeito específico, os três tipos favoreceram o sujeito nulo.

Pode-se dizer que os resultados dos seis grupos de pessoas mostraram que, apenas, os homens (analfabetos mais jovens, 68%; analfabetos mais velhos, 69%; universitários jovens, 62%) priorizam o uso do sujeito nulo com o verbo *de ligação*. Com este tipo de verbo, as mulheres analfabetas jovens usam 50% de sujeito preenchido, as mulheres analfabetas mais velhas, 53% e as universitárias jovens, 61%.

Em relação ao tipo de oração, Almeida (2005) apresenta os resultados do sujeito nulo de referência definida encontrados nas três comunidades rurais e lembra que, para Ferreira (2000), não há mais sujeito nulo em oração absoluta/independente.

Quadro 26 - Percentuais do sujeito nulo de referência definida segundo o tipo de oração – nas três amostras das comunidades rurais

COMUNIDADE/ TIPO DE ORAÇÃO	(C1 – BB)	(C2 – MG)	(C3 – MT)	Total por tipo de oração
ABSOLUTA	27%	32%	37%	31%
COORDENADA	67%	75%	76%	72%
RAIZ	24%	18%	33%	26%
ADJUNTA	21%	25%	29%	25%
RELATIVA	35%	41%	49%	41%
COMPLETIVA	30%	22%	31%	28%
ESPECIAL (introduzidas por porque)	32%	16%	20%	22,5%

Adaptado de Almeida (2005: 119)

Embora Ferreira (2000) aponte para a não existência de sujeito nulo em oração absoluta/independente, Almeida (2005) encontra 31%, cf quadro 26, correspondendo ao mesmo percentual encontrado por Averbug, cf. quadro 14. Na fala urbana itabiense, o percentual de sujeito nulo correlacionado à oração absoluta é de 53% (cf. tabela 46).

Sobre os resultados apresentados no quadro 26, Almeida chama a atenção para o fato previsível de as sentenças coordenadas com sujeitos correferentes apresentarem os maiores percentuais de sujeito nulo, confirmando-se, assim, a sua previsão: 67% (C1); 75% (C2) e 76% (C3).

Na fala urbana itabiense, os resultados referentes ao cruzamento de correferência com o tipo de oração (cf. tabela 53) mostram que o sujeito nulo associado à 2ª coordenada obteve uma frequência de 80%, percentual mais elevado do que o encontrado por Almeida, no entanto, os maiores percentuais de sujeito nulo na fala urbana itabiense se manifestaram com a oração relativa (100%), seguida da oração principal (cf. tabela 53).

Mesmo afirmando que a sentença raiz ou oração principal é um dos contextos favorecedores do sujeito preenchido, Almeida (2005), diante dos resultados encontrados, ressalta que ainda há ocorrências de sujeito nulo no referido contexto, sugerindo que este uso vai contra as tendências gerais. Almeida esclarece que alguns autores, como Ferreira (2000), dizem não ser mais possível sujeito nulo em sentenças raízes no PB, exceto, como coloca Ferreira, em respostas a perguntas. No entanto, Almeida afirma que o sujeito nulo encontrado em seus dados de sentenças raízes, além de ocorrências em contextos de respostas a perguntas, também inclui ocorrências que não foram produzidas no contexto referido.

Vale ressaltar que, na fala urbana itabiense, com a oração principal, o percentual ainda foi elevado, 51% de sujeito nulo (cf. tabela 46).

Quanto às orações relativas, especialmente quando o *que* relativo exerce a função de sujeito, como, nos exemplos (148) e (149) de Almeida:

(148) Tenho uma tia *que* mora lá... (inf. 2)

(149) O bicho *que* morde é muriçoca (inf. 3)

A autora (2005: 127-128) afirma que

As relativas em que o pronome sujeito é relativizado são um importante contexto de manutenção da categoria vazia, mesmo porque esse *que* já exerce a função de sujeito. Essa questão é importante porque se as restrições de uso do sujeito nulo nessa variedade fossem iguais a de algumas variedades urbanas descritas, haveria muito mais categorias plenas nas relativas. Ou ainda: se o processo de mudança do PB de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito expreso estivesse bastante adiantado, ou, em outros termos, se as restrições ao uso da *cv* na posição de sujeito fossem outras, haveria, provavelmente, muitos sujeitos plenos nesses contextos.

Em relação às orações relativas, nos dados gerais da fala urbana itabiense, houve um percentual bastante elevado de sujeito nulo (63%).

Duarte (1995), nos dados da fala espontânea carioca, encontra 7% de sujeito nulo com a oração relativa.

Almeida (2005) também verificou se a presença ou a ausência de elementos antepostos ao sujeito influencia em um maior preenchimento do sujeito ou no esvaziamento da categoria. Os resultados da autora revelaram que, na ausência de elementos antepostos ao sujeito, tanto na C1, quanto na C2 e na C3, a preferência foi pelo sujeito nulo com 69%, 66% e 58%, respectivamente. Almeida afirma que o verbo em primeira posição absoluta é um contexto de maior manutenção do sujeito nulo do que contextos que apresentam algum elemento antes do verbo. Isto é, nos resultados de Almeida, assim como nos da fala urbana itabiense, com 64%,

cf. tabela 39, também, a ausência de elementos antepostos ao sujeito favorece o sujeito nulo. Cumpre acrescentar que, além da ausência de elementos antepostos ao sujeito, que favorece o nulo, também a presença de adjunto adverbial é outro contexto favorecedor, com 57% de sujeito nulo.

A partir de agora, serão apresentados alguns resultados sobre o sujeito de referência arbitrária.

No quadro 27, está o resultado geral da análise de Almeida (2005) referente aos dados de sujeito nulo de referência arbitrária por comunidade.

Quadro 27 - Percentuais de sujeito nulo de referência arbitrária de acordo com as pessoas gramaticais nas três amostras das comunidades rurais

COMUNIDADE/PESSOA GRAMATICAL	(C1 – BB)	(C2 – MG)	(C3 – MT)
Eu	83%	100%	75%
Tu	75%	-	-
Você	38%	13%	29%
Ele	100%	100%	100%
A gente	50%	28%	25%
Eles	65%	96%	83%
Total por comunidade	72%	83%	87%

Adaptado de Almeida (2005: 115)

A autora atenta para os elevados percentuais de sujeito nulo, principalmente para a 3ª pessoa do singular, na qual se observou um uso categórico nas três comunidades.

Almeida (2005: 116), comparando o sujeito nulo com o preenchido, ambos de referência indeterminada, afirma

Se se opõe o número de indeterminação quando o sujeito é nulo e quando é preenchido se vê que a estratégia para indeterminar através da categoria vazia é muito mais produtiva do que indeterminar com pronomes realizados foneticamente. Segundo Galves (1987/2001), o PB, como língua de sujeito nulo, tem uma particularidade, o sujeito nulo de uma sentença com tempo com referência indeterminada. Fato impossível em PE.

O exemplo (150), abaixo, de Almeida, ilustra sentenças com sujeito nulo com tempo de referência indeterminada.

(150) *Tem um rio aqui tomem, o povo gosta muito. Aqui se fala muito da Ponte do Coronel, acha bom, mas é porque a gente já tá acostumado aqui com água, com tanque aí, a gente quase num liga não, mas os povo de fora adora muito. (BB. F.1.f,P, inf. 4).*

Almeida (2005), explicando o exemplo (150), ressalta que, na primeira sentença grifada, há ainda a presença do *se* indeterminador, mas que esses casos são raros na amostra; na segunda, afirma a autora, apenas o sujeito nulo exerce essa função.

Quanto ao uso do *você* para indeterminação⁹⁴, Almeida (2005) observa que esta forma mostrou-se bastante produtiva entre os informantes da C1, superando o uso do *você* de referência determinada, 114 ocorrências contra 15, respectivamente. A referida autora acrescenta que, nas outras comunidades, o *você* foi empregado muito pouco, mesmo na C3, que é uma comunidade rural mais urbanizada, pois fica próxima a um centro urbano médio, Feira de Santana, e, nesta cidade, ocorrem muitos contatos intralingüísticos.

Almeida (2005), referindo-se a Duarte, Kato e Barbosa (2001), explica que as mencionadas autoras mostraram que é o *você* a estratégia preferida de indeterminação no dialeto urbano analisado por elas (40%), seguida de sujeito nulo (24%) e do *a gente* (22%). Já a estratégia preferida de indeterminação do sujeito na variedade rural da Bahia é o sujeito nulo, com 72% (C1); 83% (C2) e 87%(C3), percentuais já apresentados no quadro 27. Orlandi *et al* (1989) também mostra que o sujeito nulo é a estratégia preferida de indeterminação do sujeito na variedade rural. Confirmando os resultados de Almeida e Orlandi, na fala urbana itabiense, cf. tabela 3, a estratégia preferida de indeterminação do sujeito é o sujeito nulo (60%).

Ressalta-se, porém, que os resultados de Cunha (2003) vão contra a tendência mostrada por Almeida e Orlandi, pois, a autora identifica o sujeito pleno como estratégia preferida de indeterminação do sujeito na variedade rural do Maranhão.

Agora, serão apresentados os resultados de Almeida (2005) de sujeito nulo de referência arbitrária⁹⁵, de acordo com o grau de escolaridade.

⁹⁴ Almeida (2005) chama a atenção para o fato de que essa estratégia foi utilizada principalmente em contexto de receita.

⁹⁵ Cumpre observar que Almeida (2005: 157) não apresentou os percentuais de sujeito nulo de referência arbitrária da comunidade 3, em relação à escolaridade.

Na C1, analfabetos: 66%

4º ano primário: 80% (são, exclusivamente, os jovens)

Na C2, analfabetos: 85%

alfabetizados: 79%

Em relação ao percentual elevado de sujeito nulo de referência arbitrária entre os analfabetos, Almeida (2005) alega que é possível que isto ocorra devido ao fato de eles manterem “um menor contato com os dialetos urbanos, nos quais são utilizadas outras formas plenas de indeterminação do sujeito” (p. 157). Acrescenta que, também, os jovens da comunidade 1, não mantiveram muito contato com outras regiões.

E quais são as formas pronominais plenas de indeterminação empregadas em dialetos urbanos?

O quadro 28, a seguir, apresenta as formas pronominais lexicalizadas empregadas pelos falantes de alguns Estados brasileiros como sujeito genérico.

Quadro 28 - Formas pronominais lexicalizadas empregadas como sujeito genérico alguns Estados brasileiros

PESQUISAS	SUJEITO ARBITRÁRIO ou GENÉRICO
KATO & TARALLO (1986)	⁹⁶ ‘eu’ – ‘você’ – ‘nós’ – ‘a gente’ – ‘eles’
⁹⁷ DUARTE (1995) – (FU) ⁹⁸ – RJ	‘você’ – ‘nós’ – ‘a gente’ – ‘eles’
⁹⁹ LAPERUTA (2002) – Londrina-PR	‘você’ – ‘3ª p. s.’ – ‘a gente’ – ‘3ª p. p.’
¹⁰⁰ VASCONCELLOS (2005) – SP	‘ele’ – ‘eles’

Observa-se no quadro 28, que, nos estudos, algumas pessoas gramaticais não eram empregadas para representar o sujeito genérico.

⁹⁶ No referido trabalho, comentado por Duarte (1995), houve apenas uma ocorrência do uso da forma pronominal ‘eu’ como mostra o exemplo de Kato & Tarallo: **Eu** só vou melhorar essa questão social se **eu** melhorar a minha.

⁹⁷ Duarte (1995) esclarece que, embora o sujeito de referência [+ arb] não seja o foco principal de sua pesquisa, os dados encontrados foram analisados com o intuito de investigar se a tendência ao preenchimento do sujeito de referência definida, também, atinge o sujeito indeterminado.

⁹⁸ FU – Falantes Universitários.

⁹⁹ Laperuta (2002) destaca que as formas ‘eu’ [+ arbitrária] e ‘nós’ [+ arbitrária] não foram encontradas em sua amostra. Estas duas formas pronominais se referiam apenas a pessoas definidas.

¹⁰⁰ Vasconcellos analisou apenas a forma pronominal ‘ele’ (singular e plural).

E quais são as formas pronominais de indeterminação empregadas em dialetos rurais?

Almeida (2005), juntando-se as ocorrências das três comunidades rurais da Bahia, identifica os seguintes percentuais de sujeito nulo de referência genérica: 81% na F1; 71% na F2 e 83% na F3. A autora ressalta que, comparando estes índices com os encontrados para o sujeito de referência definida, com o sujeito de referência genérica, os percentuais de sujeito nulo são bem mais elevados.

Abaixo, estão as formas encontradas por Almeida (2005) nas três comunidades do interior da Bahia.

Quadro 29 - Pessoas gramaticais que atuam como sujeito arbitrário em cada faixa etária nas três comunidades rurais

Pessoas gramaticais/Faixas etárias	(C1 – BB)			(C2 – MG)			(C3 – MT)			Total de ocorrências
	F3	F2	F1	F3	F2	F1	F3	F2	F1	
Eu ¹⁰¹	-	12	-	-	-	5	7	1	-	25
Tu	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4
Você	23	85	6	1	6	1	1	11	2	136
Ele	94	45	109	50	62	73	40	121	92	686
A gente	46	31	62	3	31	30	1	14	21	239
Eles	7	26	15	33	13	24	10	21	17	166

Adaptado de Almeida (2005: 154)

A autora observa que, apenas¹⁰² com a 1ª pessoa do plural, *nós*, não houve nenhum caso de sujeito arbitrário.

Como foi apresentado no quadro 29, seis formas pronominais são usadas para indeterminar o sujeito, que aparecerão lexicalizadas ou não. A 3ª pessoa do singular foi a única forma que obteve 100% de sujeito nulo nas três faixas etárias das três comunidades. Ou seja, os falantes das comunidades rurais não empregam a pessoa gramatical *ele* como forma plena. Mas, como a questão é verificar quais são as formas plenas utilizadas pelos falantes das comunidades rurais para serem comparadas com as urbanas e verificar se na variedade rural o uso de formas plenas é menor, foram subtraídas as ocorrências de sujeito nulo, cf. tabela 3.14 (Almeida, 2005: 154), e a quantidade de sujeitos plenos será apresentada no quadro 30.

¹⁰¹ Almeida (2005) chama a atenção para o fato de que a 1ª pessoa do singular ‘*eu*’ apareceu indeterminada sempre em contexto de receita.

¹⁰² Cumpre acrescentar que, também, não houve nenhuma ocorrência com a forma pronominal *vocês*.

Quadro 30 - Formas plenas que atuam como sujeito arbitrário em cada faixa etária nas três comunidades rurais

Pessoas gramaticais/Faixas etárias	(C1 – BB)			(C2 – MG)			(C3 – MT)			Total de ocorrências
	F3	F2	F1	F3	F2	F1	F3	F2	F1	
Eu	-	2	-	-	-	-	1	1	-	4
Tu	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Você	9	59	3	1	5	1	-	8	2	88
A gente	26	14	29	3	21	22	1	11	15	142
Eles	3	9	5	1	-	2	2	5	1	28
Total	38	84	38	5	26	25	4	25	18	263

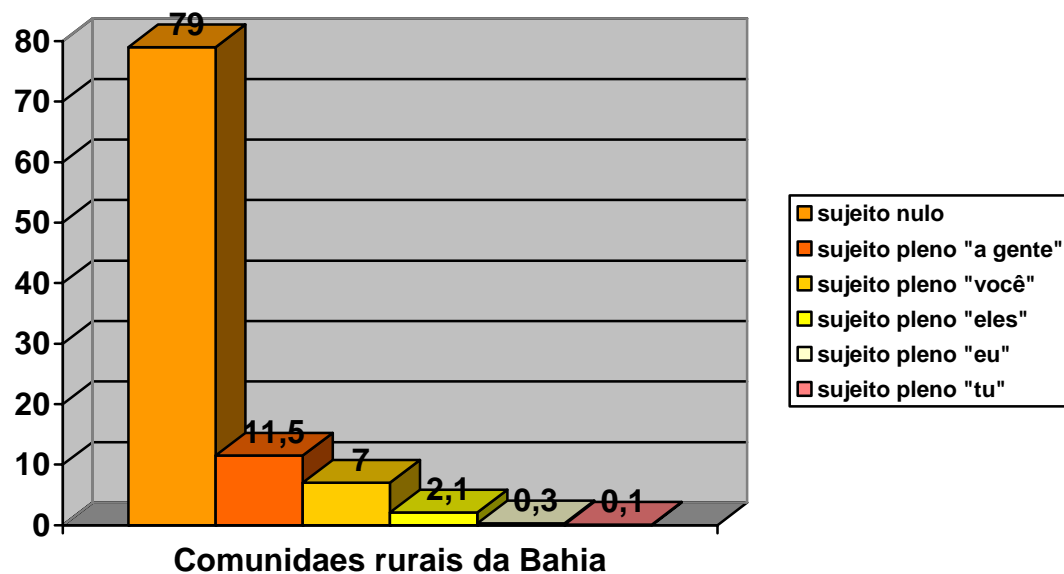
Adaptado de Almeida (2005: 154)

Comparando o quadro 29 com o 30, é nítido o decréscimo no número de ocorrências quando se leva em conta apenas as formas plenas para o sujeito arbitrário, pois, como é perceptível, não houve nenhuma ocorrência com a 3ª pessoa do singular. Na 1ª p.s., houve apenas quatro; só uma ocorrência com o *tu*, sendo a forma pronominal *a gente* a mais utilizada, seguida de *você* e de *eles*. Então, há cinco formas pronominais empregadas lexicalmente como sujeito arbitrário, mas, apenas três foram mais utilizadas, principalmente a forma *a gente*.

O gráfico 62, cf. adaptação da tabela 3.6 de Almeida (2005: 115), demonstra as estratégias preferidas de indeterminação do sujeito no conjunto dos dados das comunidades rurais do interior da Bahia.

Cumpramos observar que, das 1.256 ocorrências de sujeito de referência arbitrária identificadas nas três comunidades rurais da Bahia, 993 foram de sujeito nulo, obtendo no uso uma frequência de 79%. Os 21% de forma plena foram distribuídos entre os empregos das pessoas gramaticais, como mostra o gráfico 62, a seguir.

Gráfico 62 - Estratégias preferidas de indeterminação do sujeito nas comunidades rurais da Bahia



Como se vê, a estratégia preferida de indeterminação do sujeito nas comunidades rurais é o sujeito nulo, seguido, com um emprego bem mais reduzido, das formas plenas: *a gente* (11,5%), *você* (7%), *eles* (2,1%), *eu* (0,3%) e *tu* (0,1%).

E o que mostram os resultados sobre o sujeito arbitrário na fala urbana itabiense?

De acordo com a distribuição das ocorrências de sujeito pronominal apresentada na tabela 3, na fala urbana itabiense, houve 149 dados de sujeito genérico, sendo 89 ocorrências de sujeito nulo, obtendo uma frequência no uso de 60%. Os 40% restantes foram distribuídos entre os 60 dados de sujeito preenchido, obtendo para cada pessoa gramatical, cf. quadro 31, os seguintes percentuais de uso: *você* (12%), *a gente* (9,3%), *ele* (8%), *eles* (7,4%), *nós* (2%) e *eu* (1,3%).

Quadro 31 - Formas plenas que atuam como sujeito arbitrário na fala dos moradores da cidade de Itabi-SE

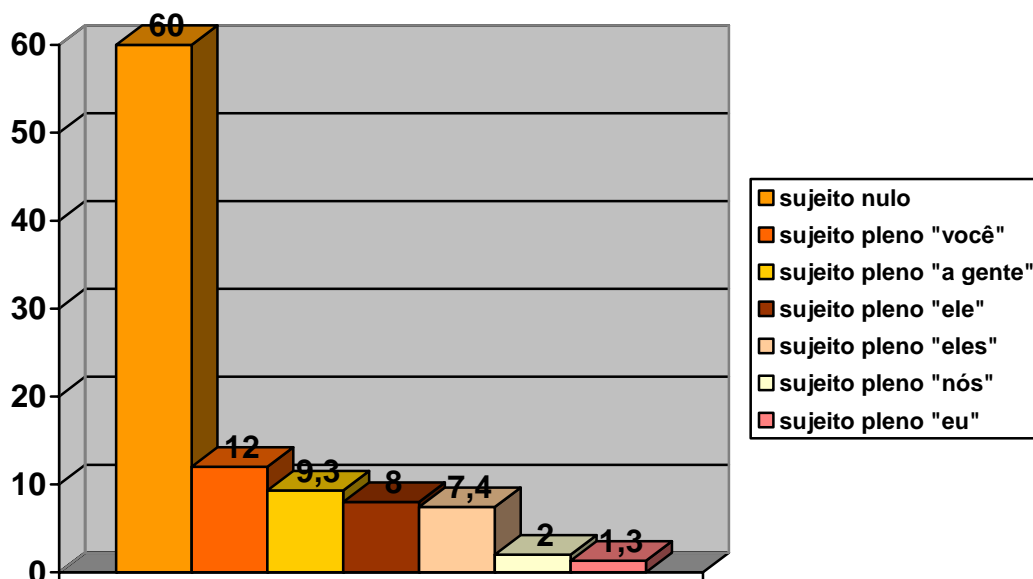
PESSOAS GRAMATICAIIS	Percentuais	Total de ocorrências
<i>Você</i>	12%	18
<i>A gente</i>	9,3%	14
<i>Ele</i>	8%	12
<i>Eles</i>	7,4%	11
<i>Nós</i>	2%	3
<i>Eu</i>	1,3%	2
Total	40%	60

No quadro 31, observa-se que, dentre as formas plenas mais utilizadas como sujeito de referência arbitrária na fala urbana itabiense, *você* (12%) é a preferida, seguida, conforme a ordem decrescente, de *a gente* (9,3%), *ele* (8%) e de *eles* (7,4%).

Percebe-se que só não houve ocorrência do sujeito pronominal *vocês*. As demais pessoas gramaticais foram usadas para representar o sujeito pronominal de referência arbitrária. Observa-se que até a forma pronominal “eu”, que representa o ser que fala, já está se referindo a um indivíduo qualquer. Ou seja, o sujeito pronominal que parecia ter uma referência bem definida está se tornando, também, mais uma forma pronominal de referência genérica.

Para se obter uma visualização melhor entre os usos das estratégias preferidas de indeterminação do sujeito no conjunto dos dados da fala urbana itabiense, o gráfico 63 mostra os percentuais obtidos em cada estratégia.

Gráfico 63 - Estratégias preferidas de indeterminação do sujeito na fala urbana itabiense



Nos gráficos 62 e 63, as estratégias de preferência de indeterminação do sujeito das comunidades rurais da Bahia e da cidade de Itabi-SE foram apresentadas, e, os resultados revelaram que, coincidentemente, o sujeito nulo é a estratégia preferida nos dois estudos mencionados, 79%, no conjunto dos dados das comunidades rurais e 60%, na fala urbana itabiense, estratégia esta diferente da preferida em grandes centros urbanos, que é a forma plena *você* (DUARTE, 1995).

Os gráficos 62 e 63 mostraram que, tanto na fala urbana itabiense como nas comunidades rurais da Bahia, a frequência no uso das formas plenas para indeterminar o sujeito ainda é baixa e as que obtêm uma frequência maior são: *você* e *a gente*, com 12% e 9,3%, em Itabi, e, 7% e 11,5%, nas comunidades rurais.

Síntese do Estudo Comparativo

Sintetizando, pode-se dizer que, na análise comparativa entre alguns dos resultados da fala urbana itabiense e alguns dos resultados da fala das comunidades rurais, as semelhanças identificadas apontam para a existência de muitos contextos que ainda favorecem a produção do sujeito nulo, o que não aconteceu com os resultados de Duarte (1995). Ainda é importante ressaltar que os falantes urbanos itabienses empregam, no geral, bem mais o sujeito nulo,

sobretudo os analfabetos (homens e mulheres com idade acima de 65 anos e os homens jovens), do que os moradores das comunidades rurais da Bahia.

Como se vê, em relação ao sujeito pronominal, os analfabetos (homens e mulheres, com exceção das mulheres jovens) da cidade de Itabi utilizam a variante conservadora, e, considerando as posições dos gramáticos normativistas, falam um português culto, ou seja, que está de acordo com a norma culta prescrita na Gramática Normativa (CUNHA, 1986; BECHARA, 2006; KURY, 2006; ROCHA LIMA, 2006).

Se os analfabetos urbanos itabienses produzem mais o sujeito nulo do que os escolarizados (que têm formação universitária), de quem se esperaria um percentual mais elevado de sujeito nulo, pelo fato de, certamente, terem passado por um processo de estandarização da língua, pode-se, assim, formular a seguinte questão: o que é a norma? Apenas para ratificar a indagação, ressalta-se que Almeida (2005) também expõe as suas dúvidas em relação a essa influência da escolarização no uso maior do sujeito nulo, porque, em seus dados, a escolaridade não influenciou de forma significativa no maior ou menor uso de nulos. A autora observa que é “mais um motivo para não mais se levar em consideração a ‘hipótese’ sobre a influência da escolarização no uso de nulos como um todo” (p. 156).

Tentando responder à pergunta elaborada, pode-se dizer que a normatização de uma língua sempre se coloca como uma tentativa de padronização do uso de prestígio, uso que deverá ser acatado por todos aqueles que queiram se expressar de acordo com esse padrão, quer no âmbito oral quer no âmbito escrito. Embora a chamada *gramática normativa* de uma língua seja, por excelência, a que representa a força centrípeta do idioma, procurando estabelecer ordem naquilo que alguns poderiam considerar como um verdadeiro caos, não se pode, de forma alguma, desconsiderar o fato de que a língua é uma entidade em constante mutação. O povo, seu falante, é o responsável direto por exercer o que, em oposição à força centrípeta da *gramática*, se conhece como a força centrífuga da língua, e, do uso que aquele faz do idioma, de forma verdadeira e efetiva surge o verdadeiro padrão de uso em uma sociedade que está em constante modificação.

Leite (2007: 23) afirma que

A língua é uma norma porque é um fato social. (...) O fato social é pleno de normatividade. Logo, sendo a língua um fato social, um objeto cultural, é por natureza normativa, no sentido de sua atualização ser, obrigatoriamente, do modo esperado, ou seja, do modo como todos os falantes a realizam historicamente. As variações e as mudanças ocorrem dentro desse quadro do “socialmente obrigatório”, em escala crescente, isto é, da variação para a

mudança, de acordo com a imposição do grupo de falantes, para cada fenômeno lingüístico.

Faraco (2008) ressalta que norma designa o conjunto de fatos lingüísticos que caracterizam o modo como as pessoas normalmente falam, incluindo os fenômenos de variação. E que os diferentes grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso próprio. Sendo assim, em uma diversificada e estratificada sociedade como a brasileira haverá muitas normas lingüísticas como, por exemplo, normas características de comunidades rurais, de grupos juvenis urbanos, normas características de populações de periferias urbanas, e assim por diante. O autor afirma que “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas lingüísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (p. 43).

Para o autor, a expressão norma culta/*standard* designa o conjunto de fenômenos lingüísticos que ocorrem habitualmente no uso das pessoas letradas em situações mais monitoradas de fala e escrita. O autor ressalta que esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a atribuir à norma culta/*standard* “um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social” (p. 73). A norma culta/*standard* adquire um privilégio social tão acentuado que passa a ser representada, no imaginário dos falantes, como uma variedade superior.

Faraco (2008) afirma que “essa representação os leva, inclusive, a confundir essa norma com a língua, ou seja, a imaginar que a norma mais monitorada é a língua. E que todas as demais variedades são deturpações, corrupções, degradações da língua verdadeira” (p. 73).

O referido autor (2008: 73-74), refutando o que imaginam os falantes em relação a outras variedades consideradas não-cultas, afirma que

Qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. (...) A norma dita culta é apenas uma dessas variedades, com funções socioculturais bem específicas. Seu prestígio não decorre de suas propriedades gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela.

Como bem se posicionou sobre o tema, em um vídeo, acoplado em um dos totens do Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz, o professor Ataliba Teixeira de Castilho ressalta que toda organização da sociedade humana é condicionada a uma norma. E, em se tratando da língua, que é um fato social e, por isso, sujeita aos valores sociais, há, também, uma norma lingüística.

Em relação ao sujeito pronominal, a tradição gramatical prescreve uma norma, cf. consta na subseção 1.2 *Definição e emprego do sujeito pronominal segundo a tradição gramatical*, que é a omissão do sujeito em verbos que possuem a identificação da pessoa via desinência verbal. No entanto, como se sabe, no português falado no Brasil, o sujeito pronominal lexicalizado não é uma forma estigmatizada, pois os interlocutores, em uma conversa, o empregam e o escutam sem qualquer atribuição valorativa depreciativa.

O fato de, nos resultados gerais sobre a fala urbana itabiense, as mulheres analfabetas jovens e os universitários jovens (homens e mulheres) empregarem, em alguns contextos, mais o sujeito lexicalizado do que os homens analfabetos (jovens e com idade acima de 65 anos) e do que as mulheres analfabetas com idade acima de 65 anos, deve indicar que o preenchimento do sujeito faz parte da norma lingüística dos falantes mais jovens, com exceção dos homens analfabetos jovens.

Aqui, a seguinte pergunta é pertinente: por que o preenchimento do sujeito não faz parte da norma lingüística dos homens analfabetos jovens? Por que este grupo de pessoas não seguiu o comportamento lingüístico dos três grupos de jovens? Talvez a explicação esteja no fato de que os seus contatos sejam mais restritos do que os dos outros três grupos de jovens, pois, assim como os analfabetos mais velhos (homens e mulheres), dois, dos quatro informantes analfabetos jovens, também não possuem televisão¹⁰³; apenas um, dos quatro, não tem rádio¹⁰⁴; dois, dos quatro, são trabalhadores rurais (trabalham “alugado”); dos outros dois, um é funcionário público (jardineiro) e o outro, que era moto-taxista, está aposentado por não possuir uma saúde plena.

Já as quatro mulheres analfabetas jovens, que lideram o preenchimento do sujeito, são “donas de casa”; três delas possuem TV e rádio. A única que não tem TV, também, não possui rádio. As que possuem TV, assistem a programas de auditório exibidos aos domingos e a novelas; uma, além dos programas referidos, assiste, também, ao Jornal Nacional e a programas de natureza religiosa. As três mulheres analfabetas jovens ouvem, no rádio,

¹⁰³ Vale acrescentar que os dois que têm TV, às vezes, assistem aos programas de auditório exibidos aos domingos, e, um, dos dois, também às vezes, assiste a novelas.

¹⁰⁴ Os programas de rádio como os religiosos, os sertanejos, a Voz do Brasil, e, de músicas variadas são os que normalmente os três informantes analfabetos jovens ouvem.

músicas variadas e notícias. Apenas uma, das três, que, além do que as outras duas escutam, ouve programas religiosos. A informante que não possui TV informou na entrevista que assiste a novelas em casa de parente ou de amigos. A partir do perfil sociolingüístico traçado, que hipótese poderia ser formulada que justificasse o uso predominante do sujeito nulo pelos homens analfabetos jovens? Parece que o fato de os homens analfabetos jovens, praticamente, não assistirem a novelas, pois só um, às vezes, assiste, talvez seja um dos fatores que estejam contribuindo para a manutenção do sujeito nulo, pois a novela apresenta, em geral, uma fala urbana, em situações mais ou menos informais, em que a forma preenchida de sujeito geralmente aparece.

Em relação ao fato de, na fala urbana itabiense, pessoas analfabetas, como homens jovens e mais velhos e mulheres mais velhas preservarem o sujeito nulo, vale formular o seguinte questionamento: como prescrever a omissão do sujeito em verbos que possuam a desinência de pessoa tal como prevê a norma culta da língua portuguesa, se pessoas que não tiveram acesso à escola usam, predominantemente, o sujeito nulo? Sendo assim, este conceito fica sem fundamento, ou seja, sem aplicabilidade na realidade lingüística itabiense constatada. Outro fato que se pode questionar é que, como se sabe, as variantes de sujeito pronominal *sujeito nulo* e *sujeito preenchido* não são formas estigmatizadas, então, por que uma norma específica?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito na *Introdução*, esta pesquisa teve como objetivo principal fazer uma descrição da realização do sujeito pronominal na fala dos habitantes da cidade de Itabi-SE. Para a elaboração deste estudo, foram consideradas mil e duzentas e vinte e três ocorrências de sujeito pronominal da fala de vinte e quatro moradores de ambos os sexos, analfabetos e escolarizados (formação universitária), distribuídos em duas faixas etárias: de 20 a 49 anos e acima de 65 anos.

Cumpre ressaltar que a variabilidade do sujeito pronominal em uso no seio da comunidade de fala urbana itabiense foi investigada seguindo a orientação teórica da Sociolinguística, a qual atua nas fronteiras entre língua e sociedade, mostrando que há uma correlação entre fatores lingüísticos e extralingüísticos que motivam e sistematizam o emprego das variantes. Das variantes em jogo, este estudo revelou que o sujeito nulo é a predominante: tanto o sujeito específico de referência definida, com um percentual de 57%, como o sujeito específico de referência indefinida, com um percentual de 56%, ou ainda, quanto o uso do sujeito de referência genérica, com um percentual de 60%, cf. tabela 3.

Considerando os resultados obtidos em pesos relativos para as mil e duzentas ocorrências de sujeito pronominal, pode-se afirmar, cf. subseção 4.1. *Grupos de fatores considerados relevantes para o sujeito nulo*, que o sujeito nulo tem como contextos favorecedores os seguintes fatores lingüísticos e sociais em pesos relativos, segundo o grau de relevância:

a 3ª pessoa do singular, com .66; a 3ª pessoa do plural, com .60; a primeira pessoa do plural *nós*, com .56;

o sujeito correferente, com .64;

a ausência de elementos antepostos ao sujeito, com .55;

o traço semântico do antecedente [- animado], com .88;

o sexo masculino, com .54; os analfabetos, com .55;

as desinências verbais de pessoas do plural como da 2ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: vocês), com .92; 3ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: eles/elas), com .89; 3ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: eles/elas), com .56;

o sujeito específico indefinido, com .65; o sujeito genérico, com .63;

a 2ª coordenada, com .57; a oração relativa, com .56; a oração substantiva, com .53; a oração adverbial, com .52.

Contudo, como foi mencionado na *Introdução*, o modelo da teoria da variação e mudança lingüísticas criado por Labov tem por objetivo responder como ocorre a mudança lingüística. Sendo assim, em relação ao português, pode-se formular o seguinte princípio: se o português é tido como uma língua *pro-drop*, ou seja, de sujeito nulo, mas, se há contextos em que o sujeito nulo não é favorecido, então, o processo de mudança da língua portuguesa ocorre justamente aí nesses contextos. E, em se tratando do português falado em Itabi-SE, pode-se depreender, diante dos resultados referentes aos pesos relativos, que o encaixamento da mudança do sujeito nulo em direção ao preenchimento do sujeito está começando:

com as mulheres, com .54;

principalmente as mais jovens (analfabetas, mais intensamente, e universitárias), em contextos como a 2ª p. p. (vocês), com .97; a 2ª p. s. (você), com .79; 1ª p. p. (a gente), com .74;

com sujeito não-correferente, com .65;

com a presença de elementos antepostos ao sujeito, com aproximadamente¹⁰⁵ .65;

quando o traço semântico do antecedente é [+ animado], com .57;

com as desinências verbais de pessoas do plural: de 2ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: vocês), com .90; de 1ª p. p. não-flexionada (pessoa gramatical: nós), com .88; de 1ª p. p. flexionada (pessoa gramatical: nós), com .57;

com o sujeito específico definido, com .56;

em orações principais, com .59; 1ª coordenada, com .58, e absolutas, com .57 de sujeito preenchido.

Cumprе ressaltar que a análise descritiva do tema proposto não se esgota com este estudo; seria desejável ampliar a amostra, a partir de uma estratificação mais detalhada, como também, aprofundar a análise das variáveis lingüísticas que se mostraram mais relevantes. O estudo desses aspectos, assim como a análise de outros fenômenos variáveis nessa mesma amostra, constitui possibilidades de desenvolvimentos futuros desta pesquisa.

¹⁰⁵ Vale esclarecer que o peso relativo .65 é o resultado da soma dos três pesos correspondentes à presença dos três tipos de elementos antepostos ao sujeito (cf. resultado do 3º fator selecionado, apresentado no quadro 6) dividido por três.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia**. 2005. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas-SP, 2005.
- ARIEL, Mira. Referring and accessibility. **Journal linguistics**. Cambridge University Press: 1988.
- AVERBUG, M. C. G. **Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, RJ: 2000.
- BARNES, B. K. An empirical study of the syntax and pragmatics of left dislocations in spoken French. In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (Org.). **Studies in romance linguistics**. Dordrecht: Foris, 1986. (p. 207-224).
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995 [1966].
- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. (p. 95 – 112).
- . Brazilian Portuguese V S order: a diachronic analysis. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2000a. (p. 175 – 194).
- . A expressão do complemento dativo anafórico no português brasileiro: o papel de um fator discursivo. **Estudos lingüísticos**. V. 29, UNESP-Assis, 2000b.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. **Quelques caractéristiques grammaticales des “sujets” employés dans le français parlé des conversations**. Mimeo. 1993.
- CÂMARA JR. J. Mattoso. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CARVALHO, G. A. de. **A realização do sujeito na fala do araguiense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2005.
- CUNHA, C. F. da. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- CUNHA, Stela. **Terras de preto no Maranhão**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2003.
- DE OLIVEIRA, Marilza. Mudanças fonológicas explicam o enfraquecimento da morfologia verbal no PB? In: **Anais do Boletim da ABRALIN**. II Congresso Internacional da ABRALIN: Fortaleza, 2001.
- DIK, Simon. **The theory of functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas: 1995.

-----. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1996.

-----. A aquisição do sujeito pronominal no português de contato. In: RONCARATI & MOLLICA (Org.) **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (1997).

DUARTE, M. E. L. *et al.* **Sujeitos indeterminados em PE e PB**. Comunicação apresentada... 2001.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA, Marcelo Barra. **Argumentos nulos em português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP: Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz. (Org.) **Introdução à lingüística II: Princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004.

GALVES, Charlotte C. A sintaxe do português brasileiro. **Ensaio de lingüísticas**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG. Nº 13, 1987.

-----. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1996. (p. 387-408).

-----. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. & HASSAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. **Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica**. Franca/SP: Ribeirão Gráfica, 2002.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. SEPLAN/PR, 2000.

KATO, M. A. & TARALLO, F. Anything YOU can do Brazilian Portuguese. In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (Org.). **Studies in romance linguistics**. Dordrecht: Foris, 1986. (p. 343-358).

KATO, M. A. & TARALLO, F. **Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects**. UNICAMP, 1988.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 2006.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

-----. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

-----. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

-----. **Padrões sociolingüísticos**. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola, 2008.

LAPERUTA, M. **A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina-Norte do Paraná**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2002.

LEITE, Marli Quadros. **O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma**. São Paulo: Paulistana; Humanitas, 2007.

LIRA, Solange de Azambuja. **Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese**. Unpublished Ph. D. Dissertation, University of Pennsylvania, 1982.

-----. O sujeito pronominal no português falado e escrito. **Ilha do Desterro**. Florianópolis: UFSC, n.º 20, 1988. (p. 31-43).

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso da lingüística neste século**. Lisboa: Colibri, 1998.

MATEUS, M.^a Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MAPA de Sergipe. Disponível em: <<http://www.viagemdeferias.com/mapa/sergipe.gif>>. Acesso em: 28 fev. 2009.

-----. Disponível em: <<http://www.sergipegas.com.br/mapas.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2003.

MATOS, Maria Zelma Meneses de Santana. **A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2005.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MENON, O. P. da S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras** n° 44. Curitiba: Editora da UFPR, 1995. (p. 91 – 106).

NEVES, Maria Helena de Moura. A referência e sua expressão. In: CASTILHO, A. T. de; MORAES, M. A. C. R. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L.. (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro** - Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato. São Paulo: FAPESP: Campinas: Pontes, 2007. (p. 241-278).

- ORLANDI, Eni *et al.* **Vozes e contrastes:** discurso na cidade e no campo. São Paulo: Córtes, 1989.
- PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- PAIVA, M. da C. de *et al.* Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, M. da C. de & DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Faperj, 2003.
- PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais.** Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP). São Paulo: Humanitas (FFLCH – USP), 1997.
- PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil.** Campinas: Pontes, 1987.
- QUIRK, Randolph; GREENBAUM, S. *et al.* **A comprehensive grammar of the English language.** London and New York: Longman, 1985.
- RAZKY, A. O atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.
- ROBERTS, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1996.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística:** teoría y análisis. España: Alambra, 1989.
- SILVA, G. M. de O. & PAIVA, M. da C. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. de O. & SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- TARALLO, F. **Relativization strategies in spoken brazilian Portuguese.** Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, Philadelphia: Penn, 1983.
- **A Pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.
- **Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX.** In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.). **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1996.
- VASCONCELLOS, João Antonio de. **O parâmetro “pro-drop” e o pronominal “ele” no português brasileiro do século XIX.** 2005. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP, São Paulo: 2005.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (Org.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin e London: University of Texas Press, p. 1-188, 1968.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. (Tradução de Marcos Bagno) São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXO A¹⁰⁶ - Ficha social sobre o informante

Data da aplicação:

Local da entrevista:

Início da entrevista:

Término da entrevista:

1- Nome completo:

2- Endereço:

3- Nome por que é conhecido (a):

4- Sexo:

5- Idade:

6- Escolaridade: () não – escolarizado
() universitário

7- Profissão:

8- Renda:

9- Estado civil:

10- Local de nascimento:

11- * Com que idade chegou à cidade de Itabi?¹⁰⁷

12- * Quantos quilômetros são da sua localidade de nascimento até Itabi?

13- Já viajou? Para onde? Por quanto tempo?

14- Você costuma assistir à televisão?

15- A que programa(s) de TV você assiste?

16- Você costuma ouvir rádio?

17- Quais são os programas de rádio que você ouve?

18- Você vai à missa? Ao culto?

19- Pratica alguma atividade física? Qual?

20- Naturalidade do pai:

Profissão:

¹⁰⁶ Este Anexo I é uma adaptação da ficha individual sobre o informante do pesquisador Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, cujo trabalho desenvolvido é: **O Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará: Abordagem Metodológica**, como também do **RELATÓRIO FINAL: Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1986. V. III.

¹⁰⁷ * Perguntas para informantes nascidos em outras localidades.

21- Naturalidade da mãe:

Profissão:

22- Naturalidade do esposo (a):

Profissão:

23- Observações:

ANEXO B - Proposta de Roteiro da Entrevista Espontânea

- 1- Qual é o seu passatempo?
- 2- Que assunto mais lhe preocupa no momento e por quê? (Política, futebol, religião, situação financeira, amor, injustiça).
- 3- O que mais lhe deixa irritado(a)? Por quê?
- 4- Por que existem ricos e pobres?
- 5- Qual é o conceito de vida, para você?
- 6- Quem mata outra pessoa merece ser morta também? Por quê?
- 7- Quais os tipos de brincadeiras de que você mais gostava, quando era criança?
- 8- Em que a luz elétrica contribuiu para você? E para a cidade?
- 9- Quais são as utilidades da água?
- 10- Se você tivesse que fazer uma escolha entre a água e o fogo, qual escolheria? Por quê?
- 11- Conte algum fato que marcou a sua infância ou adolescência.
- 12- Conte algum fato que tenha acontecido na cidade de Itabi que você nunca esqueceu.

ANEXO C - Sujeito específico definido: resultados referentes a grupos de fatores não selecionados pelo VARBRUL

Emprego geral do sujeito específico segundo o tempo verbal

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente (ind.)	167/ 53%	148/47%	315
Pret. perfeito	160/ 65%	87/35%	247
Pret. imperfeito (ind)	63/ 50%	62/ 50%	125
Pret. mais-que-perf.	-	-	-
Fut. do pres.	1	-	1
Fut. do pret.	-	2	2
Presente (subj.)	1	-	1
Pret. imperf. (subj.)	1	-	1
Fut. do subj.	1	4	5
Infinitivo pessoal	19/ 73%	7/27%	26
Gerúndio	14/ 78%	4/22%	18
Loc. verbal c/gerúndio ¹⁰⁸	18/ 50%	18/ 50%	36
Loc. verbal c/infinitivo ¹⁰⁹	34/ 51%	33/49%	67
Loc. verbal c/particípio	2	3	5
Imperativo afirm.	-	1	1
Total	481/57%	369/43%	850

Emprego de Sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	39/ 66%	20/34%	59
Pret. perfeito	44/ 77%	13/23%	57
Pret. imperfeito (ind)	6/35%	11/ 65%	17
Fut. (subj.)	-	1	1
Infinitivo Pessoal	8/ 89%	1/11%	9
Gerúndio	5	1	6
Loc. verbal c/gerúndio	5/ 56%	4/44%	9
Loc. verbal c/infinitivo	12/ 55%	10/45%	22
Total	119/ 66%	61/34%	180

¹⁰⁸ Cumpre ressaltar que a locução verbal mereceria uma análise do tempo do verbo auxiliar. Isto será verificado em trabalhos que serão desenvolvidos posteriormente.

¹⁰⁹ Idem.

Emprego de Sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	26/ 79%	7/21%	33
Pret. perfeito	42/ 74%	15/26%	57
Pret. imperfeito (ind)	12/46%	14/ 54%	26
Fut. (subj.)	1	2	3
Loc. verbal c/gerúndio	3	2	5
Loc. verbal c/infinitivo	3/33%	6/ 67%	9
Loc. verbal c/particípio	2	-	2
Total	89/ 66%	46/34%	135

Emprego de Sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	18/36%	32/ 64%	50
Pret. perfeito	16/39%	25/ 61%	41
Pret. imperfeito (ind)	17/46%	20/ 54%	37
Infinitivo Pessoal	3	2	5
Gerúndio	5	1	6
Loc. v. c/gerúndio	3	-	3
Loc. v. c/infinitivo	3	4	7
Loc. v. c/particípio	-	1	1
Pret. imperf (subj.)	1	-	1
Imperativo afirm	-	1	1
Total	66/43%	86/57%	152

Emprego de Sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	22/44%	28/ 56%	50
Pret. perfeito	41/ 68%	19/32%	60
Pret. imperfeito (ind)	20/ 65%	11/35%	31
Infinitivo Pessoal	3	2	5
Gerúndio	2	-	2
Loc. verbal c/gerúndio	2	1	3
Loc. verbal c/infinitivo	-	3	3
Total	90/58%	64/42%	154

Emprego do sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	29/49%	30/51%	59
Pret. perfeito	11/48%	12/52%	23
Pret. imperfeito (ind)	8/57%	6/43%	14
Fut do pret	-	2	2
Pres. (subj.)	1	-	1
Fut. (subj.)	-	1	1
Infinitivo pessoal	1	1	2
Gerúndio	-	2	2
Loc. verbal c/gerúndio	3/23%	10/77%	13
Loc. verbal c/infinitivo	11/79%	3/21%	14
Loc. verbal c/particípio	-	1	1
Total	64/48%	68/52%	132

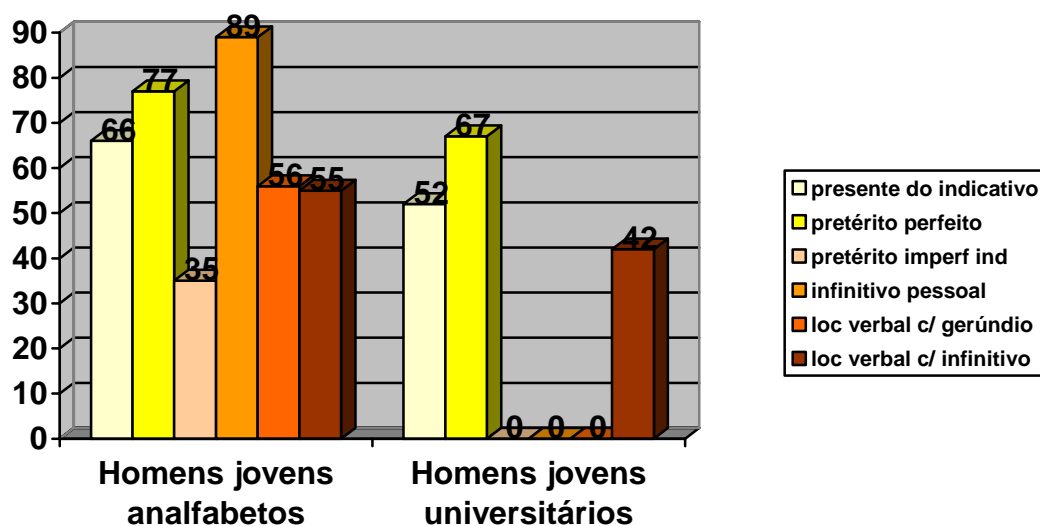
Emprego de Sujeito pronominal específico segundo o tempo verbal
(Homens universitários [20 – 49 anos])

TEMPO VERBAL	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Presente do ind	33/52%	31/48%	64
Pret. perfeito	6/67%	3/33%	9
Fut do pres	1	-	1
Infinitivo pessoal	4	1	5
Gerúndio	2	-	2
Loc. verbal c/gerúndio	2	1	3
Loc. verbal c/infinitivo	5/42%	7/58%	12
Loc. verbal c/particípio	-	1	1
Total	53/55%	44/45%	97

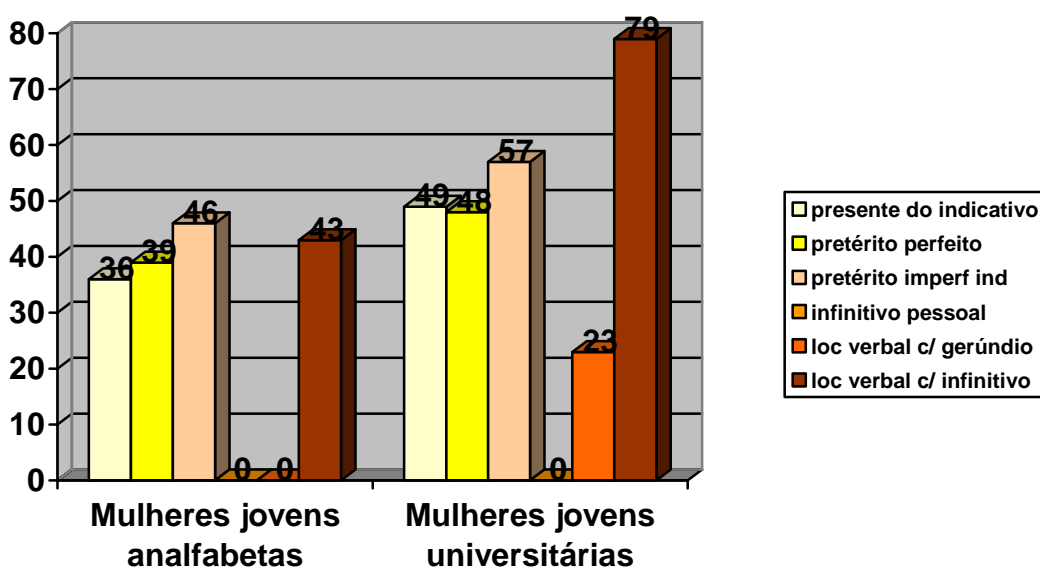
Tempo Verbal e Condicionamentos Sociais

ESCOLARIDADE

Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
pelos homens jovens

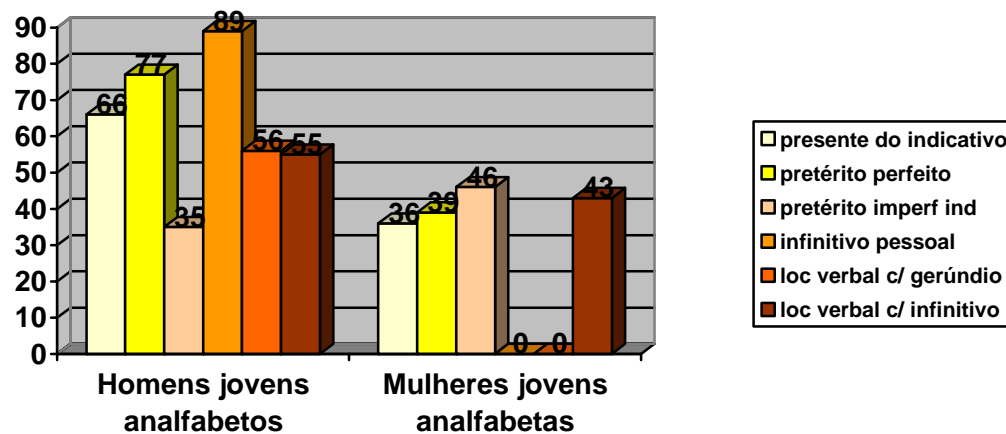


Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
pelas mulheres jovens

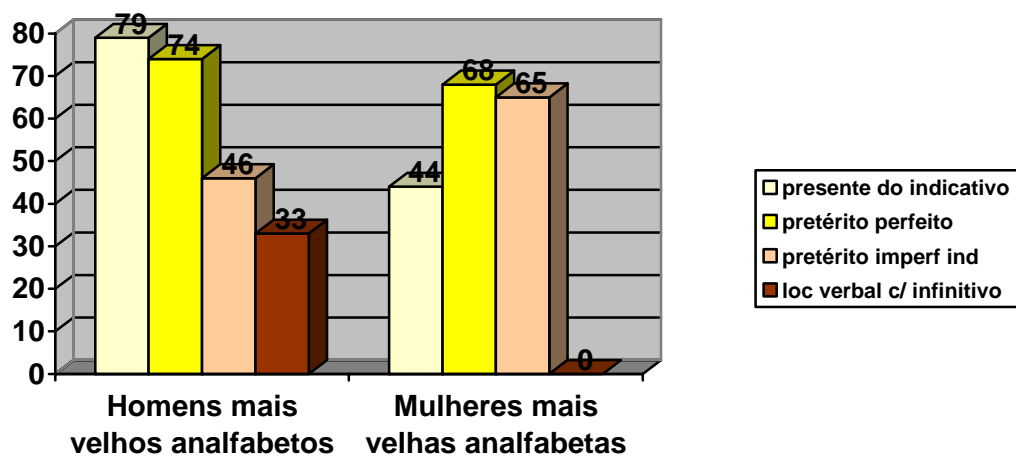


SEXO

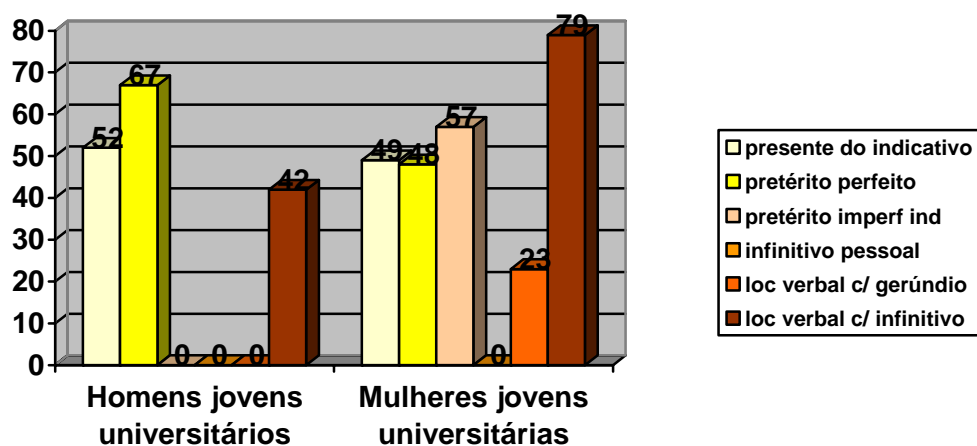
Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
por homens e mulheres jovens analfabetos



Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
por homens e mulheres mais velhos analfabetos

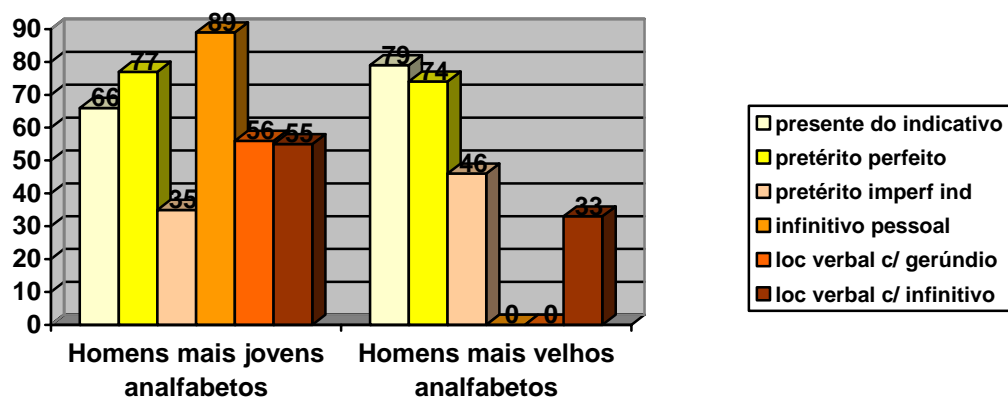


Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
por homens e mulheres jovens universitários

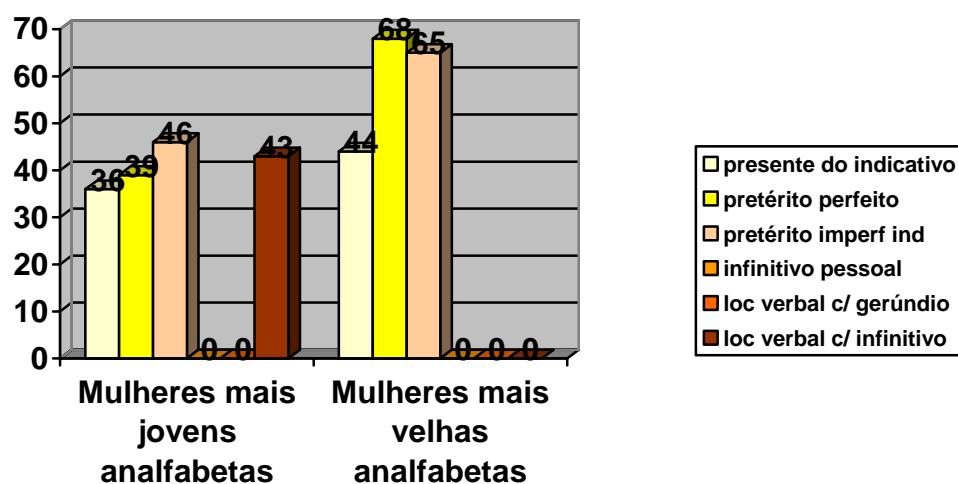


IDADE

Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
por homens analfabetos



Sujeito nulo segundo o tempo verbal empregado
por mulheres analfabetas



Tipo de Verbo e Sujeito Pronominal

Emprego geral do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo

TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	242/ 52%	225/48%	467
De ligação	77/ 57%	57/43%	134
Intransitivo	163/ 65%	88/35%	251
Total	482/57%	370/43%	852

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	55/ 59%	38/41%	93
De ligação	15/ 68%	7/32%	22
Intransitivo	50/ 75%	17/25%	67
Total	120/66%	62/34%	182

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	35/ 57%	26/43%	61
De ligação	18/ 69%	8/31%	26
Intransitivo	36/ 75%	12/25%	48
Total	89/66%	46/34%	135

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	32/40%	49/ 60%	81
De ligação	10/ 50%	10/ 50%	20
Intransitivo	24/47%	27/ 53%	51
Total	66/43%	86/57%	152

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	49/ 56%	39/44%	88
De ligação	9/47%	10/ 53%	19
Intransitivo	32/ 68%	15/32%	47
Total	90/58%	64/42%	154

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

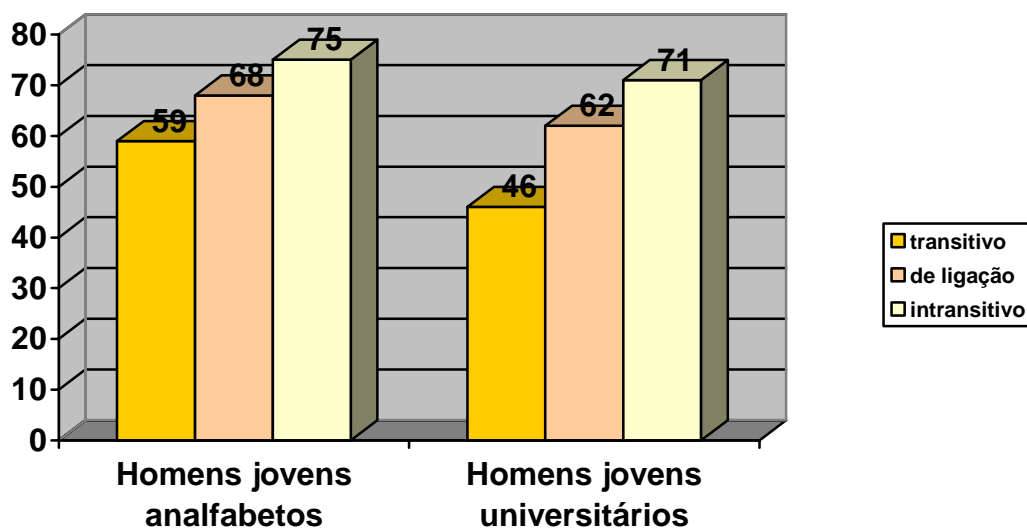
TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	46/ 51%	44/ 49%	90
De ligação	7/39%	11/ 61%	18
Intransitivo	11/46%	13/ 54%	24
Total	64/48%	68/52%	132

Emprego do Sujeito pronominal específico segundo o tipo de verbo
(Homens universitários [20 – 49 anos])

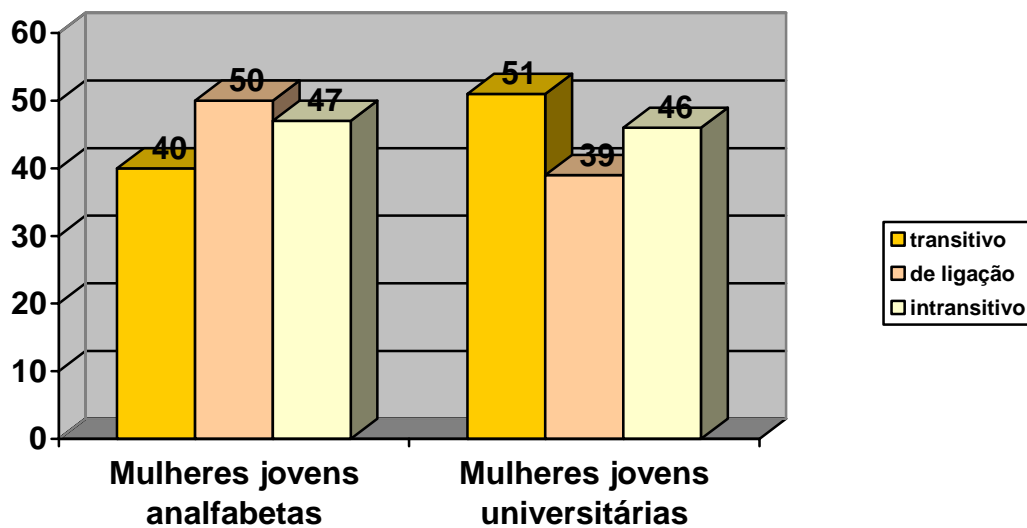
TIPO DE VERBO	VARIANTES		Total de ocorrências
	SUJEITO NULO	SUJEITO LEXICALIZADO	
	N/%	N/%	
Transitivo	25/46%	29/ 54%	54
De ligação	18/ 62%	11/38%	29
Intransitivo	10/ 71%	4/29%	14
Total	53/55%	44/45%	97

ESCOLARIDADE

Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado pelos homens jovens

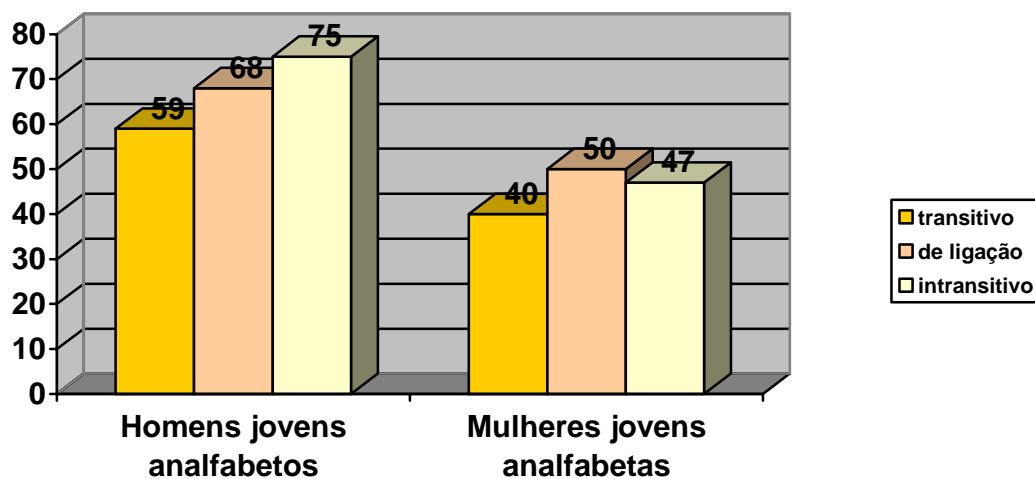


Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado pelas mulheres jovens

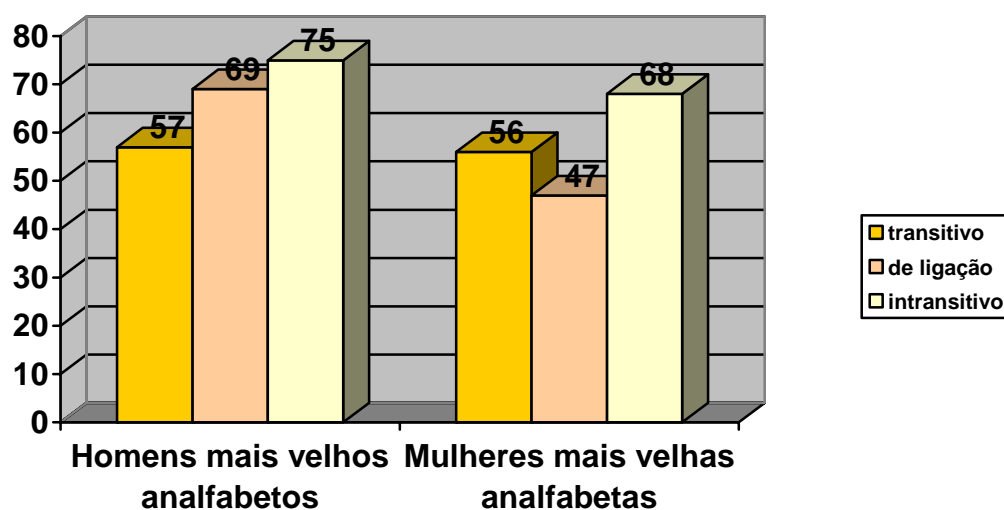


SEXO

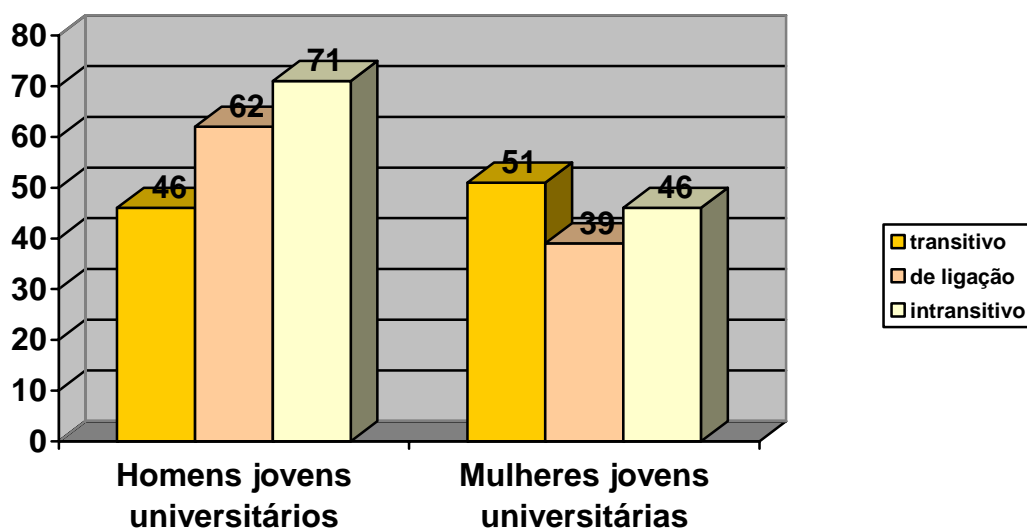
Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos

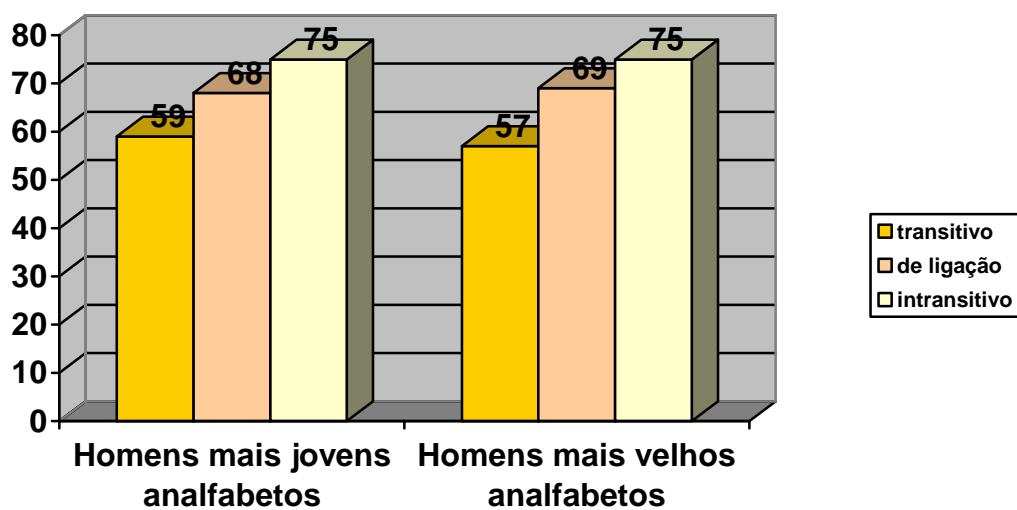


Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado por homens e mulheres jovens universitários

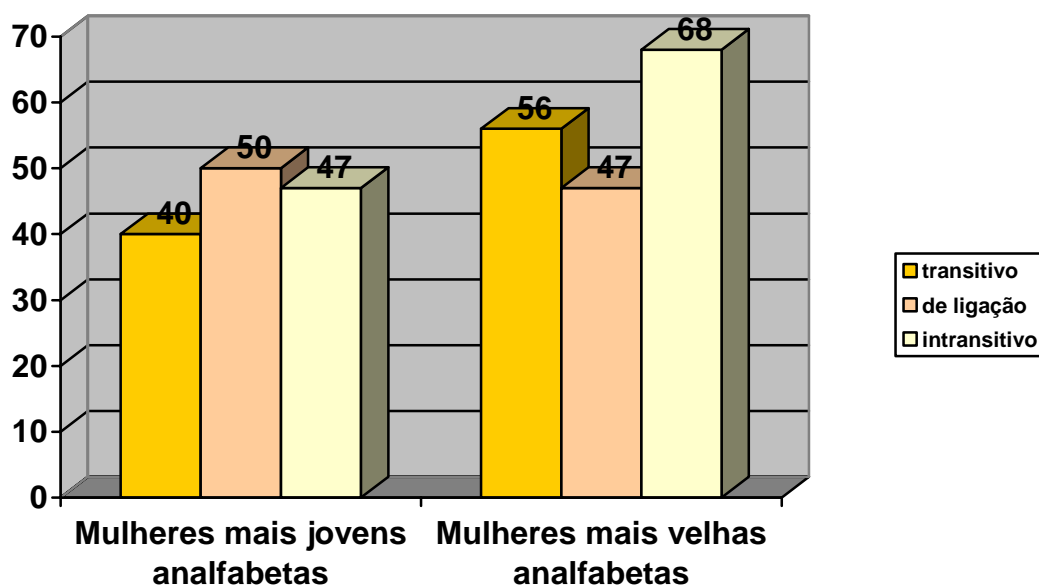


IDADE

Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado por homens analfabetos



Sujeito nulo segundo o tipo de verbo empregado por mulheres analfabetas



Emprego do Sujeito Pronominal segundo a Presença ou a Ausência de Elementos entre o Sujeito e o Verbo

Realização geral do sujeito pronominal específico em relação à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	38/ 54%	33/46%	71
Presença de pronome átono	17/ 61%	11/39%	28
Presença de negação mais pronome átono	1	1	2
Presença de advérbio	8/40%	12/ 60%	20
Presença de palavra denotativa	25/ 60%	17/40%	42
Presença de palavra denotativa mais pronome átono	-	1	1
Presença de palavra denotativa mais negação	-	1	1
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	393/ 57%	294/43%	687
Total	482/57%	370/43%	852

Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Homens analfabetos [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	8/ 80%	2/20%	10
Presença de pronome átono	4	-	4
Presença de palavra denotativa	6/ 75%	2/25%	8
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	102/ 64%	58/36%	160
Total	120/66%	62/34%	182

Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Homens analfabetos [acima de 65 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	4/ 57%	3/43%	7
Presença de pronome átono	2	3	5
Presença de advérbio	-	1	1
Presença de palavra denotativa	3/ 50%	3/ 50%	6
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	80/ 69%	36/31%	116
Total	89/66%	46/34%	135

Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Mulheres analfabetas [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	6/43%	8/ 57%	14
Presença de pronome átono	4/ 50%	4/ 50%	8
Presença de advérbio	4/ 67%	2/33%	6
Presença de palavra denotativa	2	3	5
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	50/42%	69/ 58%	119
Total	66/43%	86/57%	152

Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Mulheres analfabetas [acima de 65 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	11/ 55%	9/45%	20
Presença de pronome átono	4	1	5
Presença de negação + pronome átono	1	1	2
Presença de advérbio	3	2	5
Presença de palavra denotativa	2	1	3
Presença de palavra denotativa + pronome átono	-	1	1
Presença de palavra denotativa + negação	-	1	1
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	69/ 59%	48/41%	117
Total	90/58%	64/42%	154

Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Mulheres universitárias [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	5/ 50%	5/ 50%	10
Presença de pronome átono	2	1	3
Presença de advérbio	1/17%	5/ 83%	6
Presença de palavra denotativa	5/ 50%	5/ 50%	10
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	51/ 50%	52/ 50%	103
Total	64/48%	68/52%	132

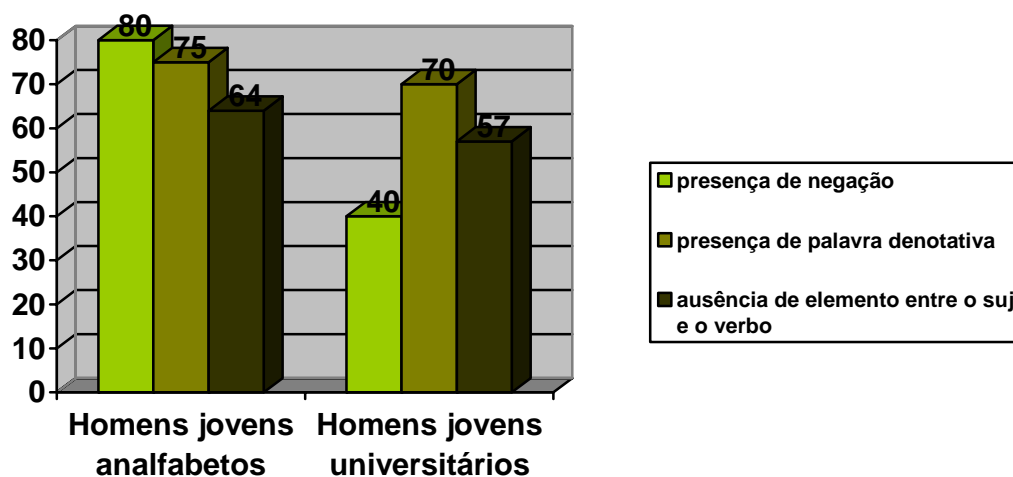
Realização do sujeito pronominal específico em relação
à presença ou ausência de elementos entre o sujeito e o verbo
(Homens universitários [20 – 49 anos])

PRESENÇA ou AUSÊNCIA de elementos entre o sujeito e o verbo	<i>Sujeito nulo</i>	<i>Sujeito lexicalizado</i>	Total de ocorrências
	N/%	N/%	
Presença de negação	4/40%	6/ 60%	10
Presença de pronome átono	1	2	3
Presença de advérbio	-	2	2
Presença de palavra denotativa	7/ 70%	3/30%	10
Ausência de elemento entre o sujeito e o verbo	41/ 57%	31/43%	72
Total	53/55%	44/45%	97

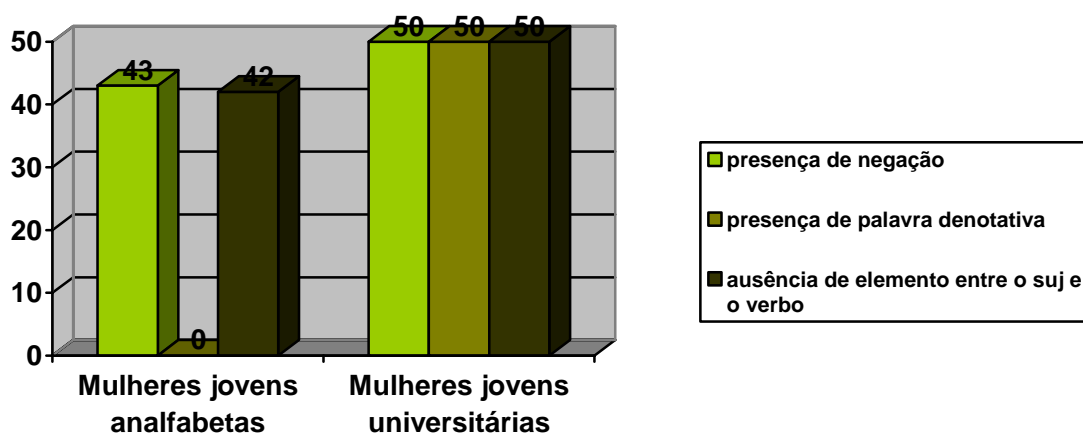
Presença ou Ausência de Elementos entre o Sujeito e o Verbo e Condicionamentos Sociais

ESCOLARIDADE

Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado pelos homens jovens

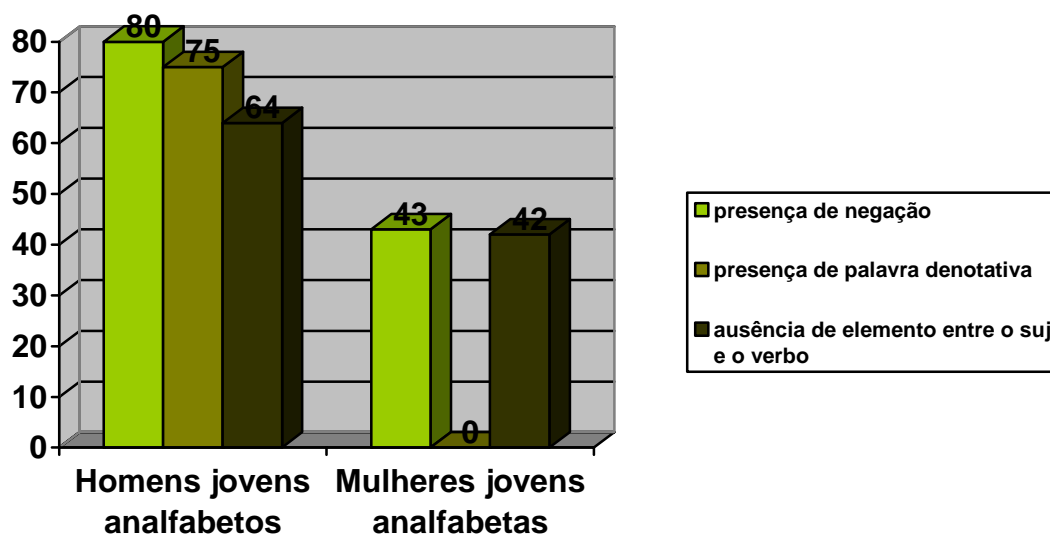


Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado pelas mulheres jovens

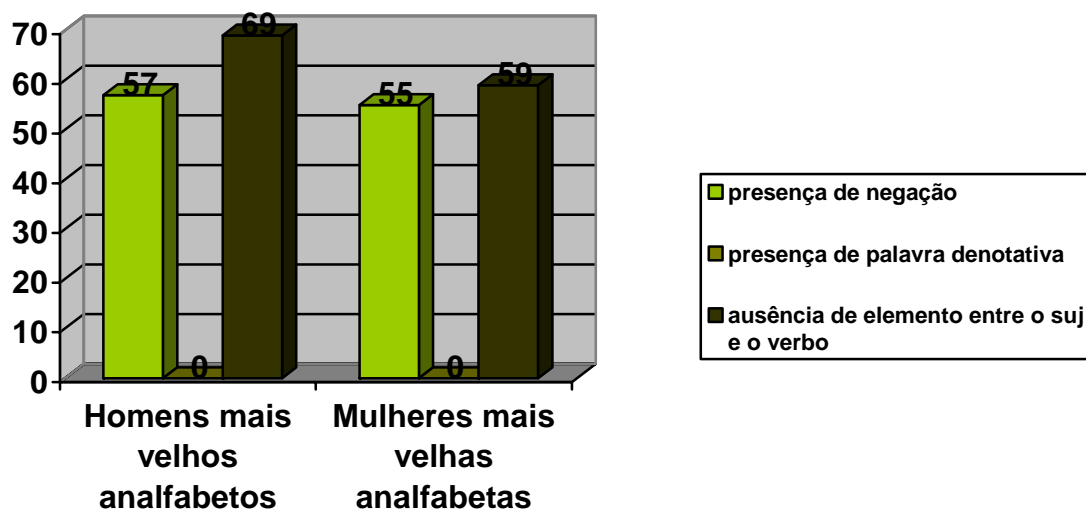


SEXO

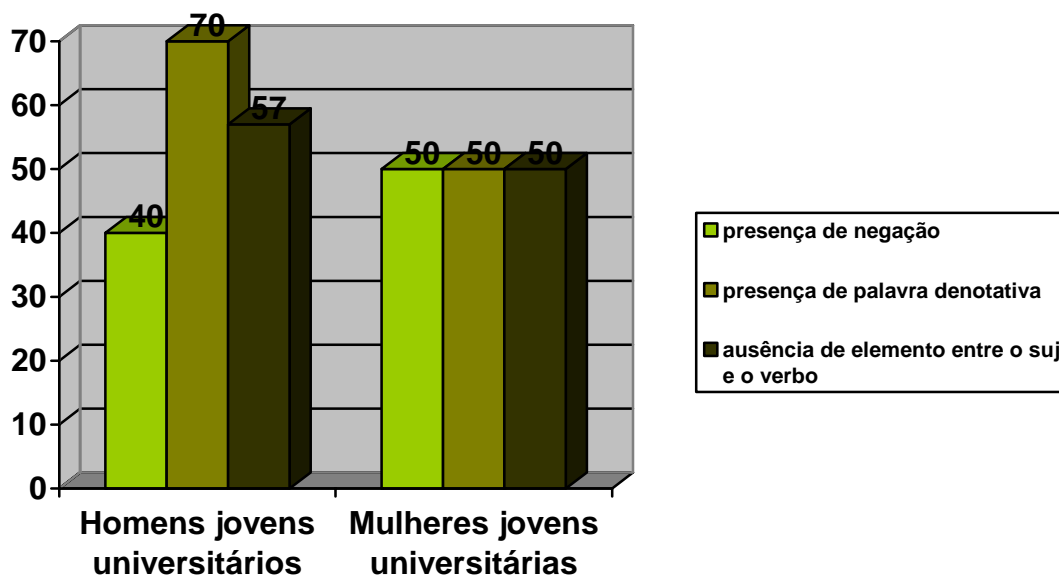
Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado por homens e mulheres jovens analfabetos



Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado por homens e mulheres mais velhos analfabetos

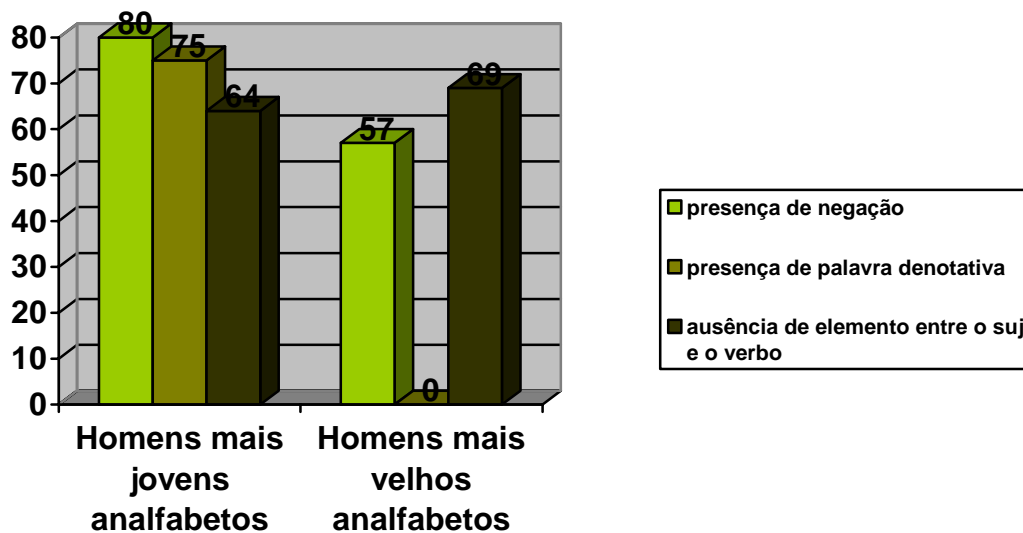


Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado por homens e mulheres jovens universitários



IDADE

Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado por homens analfabetos



Sujeito nulo segundo a presença ou a ausência de elementos entre o sujeito e o verbo empregado por mulheres analfabetas

